

Jude Deveraux



*Wild and beautiful, she was
a woman like no other...
a prize only one man
could claim...*

The Conquest

Jude
Deveraux

Author of
the
New York
Times
bestseller
*The
Summerhouse*

*The
Conquest*

Jude Deveraux

A Conquista

Peregrine 2

Realização: **GRH**

Revisão Inicial: Kelly

Revisão Final: Maristela/Marlene

Formatação: Ana Paula G.

Comentário da Revisora Kelly

Duas famílias rivais. Duas pessoas destinadas ao ódio. Uma relação que não poderia dar certo.

Um homem que não sabia odiar e uma mulher consumida pelo ódio, formam os personagens principais de Jude Deveraux.

Uma história envolvente com um dos casais mais diferentes já vistos em romances, um boêmio conquistador e uma garota-garoto protagonizam uma bela história de amor e provam que o amor é capaz de vencer até o mais antigo ódio.

Comentário da Revisora Maristela

O que posso falar desse livro, para que vocês possam ter uma ideia do que vão ler... LINDO! LINDO!! LINDO!!! Adoro livros Históricos, com homens rudes, seguros, e TDB (tudo de bom), este foge à regra... O mocinho além de tudo isso é.. .apaixonante... fofo... sem igual! Conquista a mocinha, a família e ao leitor!! É uma verdadeira lição ao que realmente importa na vida!!! Leiam, e vejam que tenho razão!!!

Comentário da Revisora Marlene

Concordo com a Maristela, o livro é muito bonito e o mocinho foge à regra. Esse é um homem que encanta pois apesar de ser forte e corajoso é muito doce com a mocinha.



Resumo

A encantadora Zared Peregrine era o orgulho da família, um tesouro que seus ferozes irmãos querem proteger a todo o custo de seus eternos inimigos, os Howard. Os Peregrine já tinham sofrido suficientes perdas nas mãos destes inimigos. Os irmãos de Zared a tinham treinado na arte da guerra, e a tinham vestido como um menino. No castelo Peregrine, ninguém sabia que o jovem Peregrine era uma mulher...

Até que o Cavaleiro Tearle Howard volta de seu retiro na França, e não lhe custa muito dar-se conta que Zared é uma garota e além disso, muito formosa.

Agora, como o furor da inimizade entre suas famílias, Tearle quer ganhar o coração de Zared e salvá-la da escuridão e da obsessão de morte de seus irmãos.

Capítulo Um

Inglaterra 1447

O antigo castelo, que a distância parecia velho e necessitado de restauração, emergia rodeado por um fosso. No terreno a sua frente, diferentes homens se exercitavam com espadas e lanças. Alguns deles lutavam de pé e outros a cavalo.

Dois homens assistiam o treinamento; ambos robustos, musculosos e aparentando uma intensa concentração. Eram os irmãos sobreviventes da família Peregrine; os outros haviam morrido em uma luta antiga entre eles e os Howard e que duravam três gerações.

— Onde está Zared? — gritou Rogan, o mais velho. O sol brilhava sobre seus cabelos avermelhados que herdara de seu pai.

— Está na casa, — Severn gritou olhando para o irmão. — Vi Zared se afastar — acrescentou sem usar o pronome “ela” para que os homens que o

rodeavam não soubessem que Zared era uma mulher.

Rogan concordou e voltou a olhar seus homens que lutavam a pouca distância dele.

Por causa dos Howard, de sua covardia, já tinha perdido quatro irmãos e há dois anos antes, esteve a ponto de perder sua esposa. Não pretendia perder também sua irmã, e este era o motivo pelo qual sempre se preocupava em saber onde se encontrava.

Olhou zangado para os combatentes: — Acaso são mulheres que estão lutando com tão pouco vigor? Venham e mostrarei como se faz.

Pegou a espada de um deles e passou ao ataque, em poucos minutos pôs o adversário de joelhos e aborrecido olhou para o homem. Levantou a espada para voltar a atacá-lo, mas a deixou cair no chão e se afastou.

Como podia proteger sua família, proteger a pouca terra que tinha ficado aos Peregrine se os homens que lutavam para ele eram tão fracos?

Montou em seu cavalo para ir ao castelo, mas Severn o deteve. — Vai procurá-la? — perguntou em tom belicoso ao irmão quando ficaram sozinhos. Estava aborrecido pelo fato de seu irmão não acreditar em sua afirmação de que Zared estava segura.

— É desobediente — replicou Rogan. Três semanas antes Zared tinha decidido ir nadar e se afastara a cavalo sozinha, sem escolta e desprotegida. Aos dezessete anos acreditava, como todos os jovens, que não corria nenhum perigo.

— Irei procurá-la — disse Severn, com intenção de aliviar seu irmão mais velho de pelo menos uma parte das responsabilidades que o sobrecarregava.

Rogan concordou e Severn esporeou seu cavalo. Severn também conhecia o modo de pensar de sua irmã; ele também tinha sentido sobre seus próprios ombros o peso do ódio que sua família sentia pelos Howard. Com o passar dos anos os viu matar um após outro, os membros de sua família. Antes tinha morrido seu irmão mais velho, depois os Howard deixaram morrer de

fome sua mãe e sua madrasta. Assistiu a dor de Rogan quando sua primeira mulher e depois a segunda foram capturadas pelos Howard.

Desde que Zared, única menina entre tantos irmãos, havia nascido da mãe de Severn, toda a família se uniu para protegê-la. Desde o início haviam procurado uma maneira de que ninguém soubesse que havia nascido dos Peregrine uma frágil e vulnerável mulher, em vez disso fizeram correr a notícia que tinha vindo ao mundo o sétimo filho varão.

Depois da morte de sua mãe, que morreu de fome, ocorrida em um dos castelos assediados pelos Howard, Zared tinha sido criada por seus seis irmãos. Haviam-na educado como se fosse um filho varão, vestindo-a como um moço, pondo em suas mãos uma espada na idade de quatro anos, e nunca lhe concederam o luxo de acreditar ser uma fraca e delicada juvenzinha.

Mas agora parecia que os irmãos estavam pagando por tudo isso: Zared agia como qualquer moço de dezessete anos; parecia impaciente em deixar o castelo, convencida de ter o direito de fazê-lo. Estava armada com sua espada, escondia sua adaga nas botas e estava convencida de estar em condições de se autoprotger dos Howard.

Severn e Rogan tentavam fazê-la entender que por mais que ela gostasse de pensar ser forte e capaz com as armas, na realidade era somente uma frágil moça.

Liana, a esposa de Rogan, havia dito algo a respeito de sua irmã, mas Severn pensava que Liana sempre tinha algo a dizer sobre tudo.

— Como podem criá-la com uma espada nas mãos e depois, de um dia para outro, dizer que se sente em um salão para bordar e pensar que ela ficará satisfeita?— Milady tinha perguntado. — Hoje é exatamente o que querem fazer com ela.

Ao se lembrar dessas palavras, Severn fez uma careta e pensou pela enésima vez que Rogan deveria ter repreendido sua esposa cuja língua era muito grande.

Agora que ele e seu irmão não tinham tantas preocupações, ocupavam-se constantemente de Zared para ter certeza de que não se afastasse sozinha.

Quando seu cavalo passou pela ponte levadiça, Severn sorriu. Nos últimos dias tinha pensado em uma maneira de tirar Zared do perigo constante de ser observada pelos Howard e ao mesmo tempo encontrar uma rica esposa para si. Já havia informado Rogan sobre seus projetos e agora só faltava dizê-lo a Zared. Ao pensar em qual seria a reação da jovem, seu sorriso se acentuou. Embora vestisse e se comportasse como um moço, ela tinha um modo muito feminino de demonstrar sua alegria pelas pequenas coisas. E Severn sabia que seu projeto agradaria sua irmãzinha.

Certamente e acima de tudo, deveria dizer a Liana o que pretendia fazer e não existiam dúvidas que sua cunhada criaria alguma dificuldade, mas saberia como dominá-la. — Sei fazer melhor do que Rogan — murmurou, porque achava que seu irmão era muito terno com a mulher — Pergunte a Liana — havia dito Rogan, quando Severn falou de seus projetos a propósito de Zared. Perguntar alguma coisa a uma mulher? — Falarei. — disse a si mesmo decidido, enquanto desmontava do cavalo e se dirigia aos aposentos de Liana.

Zared estava imóvel perto da porta, com a face apoiada contra a tosca muralha de pedra, observava em silêncio as damas de Liana. Riam, lançavam gritos e murmuravam entre si, ocupadas em livrar-se de seus vestidos de seda. Às vezes Zared podia escutar um desses murmúrios: estavam falando dos homens que moravam no castelo e quando ouviu o nome de Ralph endireitou-se levemente. Ralph era um jovem cavalheiro que Rogan tinha contratado recentemente e nenhum homem antes a interessara tanto. Bastava encontrá-lo para que seu coração se sobressaltasse e pulsasse mais rápido que de costume e suas bochechas se avermelhassem.

— Quer provar este vestido?

Zared não compreendeu imediatamente que essas palavras eram dirigidas a ela.

Quem falava era uma das mais belas damas de Liana. Tinha o cabelo preso em uma rede de ouro, usava um vestido de veludo e estendia para Zared um vestido de seda cor esmeralda. Embora os homens dos Peregrine não soubessem o segredo sobre o sexo de Zared, as damas de Liana conheciam a verdade.

Zared estendeu a mão para pegar o vestido, mas o deixou cair imediatamente. — Não — com todo o desprezo que era capaz. — Não gosto de frivolidades.

Em vez de parecerem ofendidas, as damas lançaram um olhar de piedade.

A jovem fez o melhor que pode para assumir uma atitude ativa e depois disso deu as costas e se afastou. Os vestidos femininos não a interessavam, nem se importava em conversar ou fofocar.

Desceu depressa as escadas de pedra e quando chegou ao térreo parou porque ouvira a voz de Liana e logo um profundo suspiro.

Desde que seu irmão mais velho se casara há alguns anos, muitas coisas haviam mudado na casa dos Peregrine.

A comida era melhor, as camas mais limpas e em toda parte havia mulheres. Mas Liana não havia conseguido mudar Zared. Nenhum de seus argumentos conseguiu induzir o marido e os cunhados a fazer com que de algum modo a moça mudasse. Zared continuava a convencer a todos que era o mais jovem dos irmãos Peregrine, isso a protegia.

Zared acreditava que nunca desejaria uma vida de mulher. Não queria ser como Liana, sempre isolada dentro dos muros do castelo, jamais podendo sair sozinha e galopar através dos campos. As mulheres como Liana e suas damas deviam sentar e esperar que um homem fosse até elas. No entanto, se queria sair e cavalgar ela o fazia e não esperava que nenhum homem a ajudasse montar ou a acompanhasse.

Mas de vez em quando, só de vez em quando, esperava poder ser tão atraente como uma mulher. Um dia, enquanto treinava o uso das armas com Ralph, havia passado ao seu lado uma das damas de Liana e o jovem cavalheiro se virou para olhá-la.

Zared sentiu que a cólera a invadia e golpeou Ralph na cabeça fazendo-o cair, provocando a risada dos presentes. Desde aquele dia Ralph nunca mais se exercitou com ela, nunca mais foi sentar-se ao seu lado e quando podia, não permanecia no mesmo aposento que ela estava. Severn dizia que Ralph

se comportava assim porque acreditava que ela era um moço e talvez fosse verdade, mas a jovem sentia-se saudosa.

Depois de uma semana, Zared pensou em pedir a Liana um vestido feminino, mas decidiu não fazê-lo. Vestir esse adorno seguramente atrairia a atenção de Ralph, mas isso não seria do agrado de seus irmãos que não permitiriam que saísse do castelo sozinha. A atenção de um homem era digna de perder sua liberdade?

Enquanto refletia, não percebeu que o tom das vozes da sala vizinha se elevava.

—Não pode pensar uma coisa dessas — dizia Liana em tom exasperado.

Zared compreendeu que a cunhada estava falando com Severn e sabia que os dois não combinavam. Liana sempre conseguia obter tudo o que desejava de Rogan e isto deixava Severn furioso. Cada vez que se dirigia à cunhada, suas palavras eram cheias de hostilidade.

— É minha irmã e a levarei comigo— estava dizendo Severn, em tom zangado. — Não necessito de sua permissão.

Zared aguçou o ouvido e escutou.

O tom de voz de Liana voltou a se acalmar, como se tratasse de fazer raciocinar o idiota da aldeia. — Mal pode protegê-la aqui e quer expô-la aos olhares de todos?

— Será meu escudeiro. Eu a protegerei.

— Enquanto estará ocupado em cortejar Lady Anne? E Zared dormirá com os outros escudeiros? Ou em sua tenda, onde se deitará com mulheres de má vida? Zared não é Volante, que permanece nos arredores enquanto está na cama com outras mulheres.

Zared conteve a respiração. Liana havia passado dos limites.

Volante era uma bela mulher que durante um tempo tinha ocupado um quarto acima da cozinha. Casou-se, mas seu marido velho e impotente, tinha

permitido que vivesse com Severn ou fingia que não sabia que entre os dois havia uma relação.

Quando ele morreu, Severn pediu Volante em matrimônio, mas ela tinha recusado sua oferta dizendo que o amava e que sempre o amaria, porém não estava disposta a casar com um homem tão pobre. Voltou para a casa de seu marido e depois de um ano se casou com um homem gordo e estúpido, porém rico. Logo em seguida pediu a Severn que voltasse para ela, mas ele a repeliu e na casa Peregrine o nome de Volante nunca mais foi pronunciado.

Zared não podia ver seu irmão de onde estava, mas não duvidava que nesse momento tremia de raiva.

— Severn — prosseguiu Liana em tom de súplica. — Rogo que me escute.

— Não, não a escutarei. Devo ir em busca de uma esposa. Não quero, porque vi até que ponto uma esposa pode mudar um homem, mas devemos melhorar nossas finanças se quisermos ganhar a guerra contra os Howard, se...

— Cala-se!— interrompeu-o Liana com um grito. — Já não aguento mais! Falam sempre dos Howard. Nunca ouvi falar de outra coisa, desde que entrei nesta família. Aqui se come pensando nos Howard, se vai para cama pensando nos Howard. Não consigo me livrar deles. Como pode permitir que sua irmã seja exposta a perigos, só porque odeia essa gente?

Outra vez Zared conteve o fôlego. Severn teria golpeado a esposa de Rogan? Se o fizesse, Rogan o mataria. E, por outro lado, como Liana podia falar de maneira tão frívola de seus inimigos? Como podia esquecer o que os Howard fizeram aos Peregrine no decorrer de três gerações?

A moça voltou a respirar normalmente somente quando ouviu a voz de seu irmão.

Evidentemente tinha conseguido controlar-se. Ela sabia do que estavam falando. Um mês antes havia chegado um mensageiro portador de um convite para o grande torneio que ocorreria na ocasião do matrimônio de Lady Catherine Marshall. Os prêmios em disputa eram valiosíssimos, entre eles estava uma grande esmeralda, mas o mensageiro deu a entender que o

mais rico dos prêmios era representado pela filha mais nova de Marshall, Lady Anne. Com dezoito anos, recém-chegada da França depois de um longo período passado na corte desse país, seu pai procurava para ela um bom marido inglês.

Durante o jantar, depois da partida do mensageiro, Severn tinha anunciado sua intenção de participar do torneio e quando retornasse para casa traria a rica Lady Anne como esposa.

Neste momento, entre ele e Liana instalou-se uma grande discussão. A jovem mulher o tinha acusado de presunçoso. Como poderia pensar que uma jovem de maneiras refinadas e culta pudesse escolher um homem como ele, mau vestido e sujo, só porque sabia desmontar alguns toscos cavaleiros? Severn replicou que se Rogan foi capaz de casar-se com uma mulher rica, ele também faria o mesmo. Liana o contradisse informando-o ter sido ela quem escolheu Rogan e que duvidava que Anne escolheria um homem negligente e presunçoso como Severn e para piorar, notoriamente apaixonado por outra mulher. O jovem se levantou e Rogan teve que segurá-lo para evitar que agredisse a sua esposa.

Desde aquele dia, na casa Peregrine não havia mais paz e Zared pensava que as contínuas discussões eram imputáveis exclusivamente a Liana.

Administradora por natureza, a jovem começou a preparar Severn para o torneio.

Ordenou que angariassem novos arreios e mantas bordadas para os cavalos, projetou a barraca do cunhado, até a decoração de seus capacetes. No entanto, quanto mais fazia projetos, mais Severn se opunha a aprová-los. Depois de três semanas de discussões, disse a Liana que se fosse necessário, carregaria Lady Anne em seu cavalo, obrigando-a casar-se com ele.

— Deveria fazê-lo —replicou Liana— a força será o único meio com que poderá contar, depois que ela se aproximar o suficiente e dar-se conta do horrível aroma que você emana.

Severn decidira partir dentro de dois dias e recusara a levar consigo as coisas que ela havia preparado para ele, afirmando: — Irá me querer como sou.

— Jamais será sua esposa!— exclamou Liana.

E agora estava dizendo para sua cunhada que queria levar consigo a sua irmã na qualidade de escudeiro. Ante a ideia de ver o mundo, de escutar música, de degustar alimentos refinados, a jovem sorriu.

— Zared não pode acompanhá-lo— disse Liana. — Esqueceu que apesar do seu disfarce sempre será uma mulher? O que aconteceria se descobrissem? O que faria para manter esses homens ébrios afastados dela? Ninguém a pedirá em matrimônio se ela perder sua virgindade.

Matrimônio?— pensou Zared. Ninguém nunca lhe falara de matrimônio.

O tom de voz de Liana era suave. — E os Howard? Poderão ficar sabendo que dois dos familiares dos Peregrine participarão do torneio. Não acredita que tentarão capturar um? E é obvio que procurarão o mais jovem, o menos robusto!

— Os Howard não se atreverão a ofender o rei que estará presente.

— Eles atacam durante a viagem!— replicou Liana, encolerizada. — Severn, rogo que me escute. Não ponha em perigo a vida da menina. Não permita que seu rancor por Volante cause a morte de sua irmã.

Zared se deu conta que estava apertando os punhos e que as unhas penetravam nas palmas. Teria que aparecer e gritar para Liana que parasse de protegê-la, pois se um homem a assaltasse, saberia fazer uso de sua adaga.

Como Liana podia pensar que ela era fraca e tivesse necessidade de ser protegida como uma frágil mulherzinha? Era um homem, não uma mulher!

— Quero dizer...— disse para si em um murmúrio e com horror sentiu os olhos cheios de lágrimas. Era uma mulher, mas estava em condições de defender-se.

— Virá comigo— prosseguiu Severn e o tom de sua voz fez Zared compreender que o jovem punha fim à discussão.

A moça se separou da parede em que estava apoiada e se afastou antes que o irmão a visse.

— Que vão todos ao diabo!— exclamou a meia voz. Momento antes estava no campo de treinamento, com Rogan gritando para segurar mais alto a espada e depois ouvia as palavras de Liana: segundo esta, ela era muito fraca para defender-se de um homem ébrio! Era um homem, não uma mulher.

Continuou a descer as escadas até que alcançou o pátio, onde encontrou o cavalo de Severn, esperando o seu dono. Zangada com a família inteira que a fazia duvidar de sua própria identidade, saltou sobre o cavalo e saiu pela ponte levadiça, surda aos gritos que se levantaram por todos os lados.

Cavalgou o mais depressa que pôde, sem se preocupar com a direção que tomava.

O castelo de Peregrine e suas terras desapareceram as suas costas, mas ela continuou a fustigar o cavalo, que passou a correr cada vez mais veloz. Tendo percorrido várias milhas, percebeu que três cavaleiros a estavam seguindo. Virou-se e compreendeu imediatamente que se tratava dos homens de Howard, porque traziam suas cores e emblemas.

O coração disparou no peito. Rogan a advertira: os Howard os estavam observando e esperavam a ocasião de atacar o primeiro Peregrine que saísse do castelo desprotegido.

Durante toda sua vida a protegeram contra os Howard: desde que ela nascera, haviam inculcado a noção de que os Howard eram traidores e vis. Algumas gerações anteriores, um Duque Peregrine velho e meio bobo, casou-se pela segunda vez com uma bela jovem pertencente à família dos Howard. A jovem ambiciosa tinha convencido o marido ancião a modificar o próprio testamento deixando tudo, o dinheiro, o título e as propriedades para ela e para o seu adoentado filho, um menino que, segundo comentavam, não era do duque.

Assim conseguira que ele deserdasse seus próprios filhos, fazendo-o acreditar que na realidade nunca se casou com sua primeira esposa. O ancião que alternava dias de lucidez mental e dias de confusão, pediu que lhe

trouxessem os registros onde figuravam os matrimônios celebrados na paróquia. Os registros não foram encontrados e todas as testemunhas das bodas haviam morrido, alguns deles recentemente.

O velho duque, morrendo em meio à grande sofrimento, tinha declarado bastardos os filhos de seu primeiro matrimônio, deixando cada um de seus bens para a família da segunda esposa.

Depois disso, os Peregrine e os Howard lutaram pela propriedade e as ricas terras passaram a ser controladas pelos Howard; com o correr dos anos as perdas foram grandiosas para ambas as partes, enquanto o ódio recíproco se fazia cada vez mais profundo.

Depois de virar-se para olhar os homens que a seguiam, Zared começou a galopar mais depressa do que nunca tinha feito em toda a sua vida, tendo a cabeça inclinada sobre o pescoço do cavalo, enquanto a crina do animal fustigava-lhe o rosto. Percorrendo a toda velocidade um atalho, ultrapassou carroças, pessoas, animais, mas de repente se deu conta que seu animal estava esgotado, perdia terreno e que seus perseguidores estavam por alcançá-la.

Já estavam a pouca distância, quando a moça pensou em se salvar penetrando no bosque que estava diante dela; sua montaria tropeçou em um fosso, fazendo-a cair na terra e rolar no pó do caminho. Quando parou e olhou para cima, viu os três homens de pé com a espada contra a sua garganta .

— É o mais jovem dos Peregrine— disse um dos homens, como se não acreditasse em sua própria sorte. — Pagarão muito bem por esta captura.

— Deixe de pensar no dinheiro e se apresse em amarrá-lo, não tem como escapar.

O segundo homem agarrou seu braço e a obrigou a se levantar, observando: — É magro.

A moça se libertou do apertão.

— Não faça brincadeiras ou te farei provar a minha adaga. A um Howard pouco importa se um Peregrine é entregue vivo ou morto.

— Cale-se!— ordenou o primeiro comparsa. — Coloque o moço no seu cavalo e vamos embora, antes que seus irmãos cheguem.

O nome dos Peregrine acalmou ambos os jovens; um deles colocou Zared no cavalo e saltou detrás dela.

Zared conseguiu pensar somente que a luta estava por recomeçar e que antes de seu término teria perdido algo importante. Fechou os olhos para não mostrar que estavam cheios de lágrimas de tristeza.

Tinha que encontrar um modo desses homens continuarem a acreditar que era um moço. Não queria pensar no que poderia acontecer se tivessem percebido que ela era uma mulher.

Tearle Howard estendeu as pernas largas e musculosas, bocejou e se deitou sobre a suave relva que crescia à beira do arroio.

O sol estava morno e os insetos zumbiam lentos. A sua esquerda ouvia o murmúrio dos homens de seu irmão. Desejava tirar um cochilo e passar o dia ao sol, mas as vozes dos homens o impediam de dormir, recordando a obsessão do mais velho dos Howard.

Até dois meses antes vivera na França, na corte de Felipe, o Bom. Criado por sua mãe, viveu em um ambiente culto e refinado, assimilando o melhor da música, da dança e da arte. Aos vinte e seis anos tinha começado a pensar com curiosidade em sua família que nunca tinha conhecido, encontrando-a raramente até que Oliver pedira ao irmão caçula que voltasse para a Inglaterra; sentiu-se contente e perplexo. Havia feito a viagem em companhia agradável e saudara com alegria seu irmão e sua cunhada.

A alegria entretanto, tinha diminuído quando descobriu que Oliver queria induzi-lo a lutar com uma família de nome Peregrine. Oliver horrorizou-se quando percebeu que ninguém tinha ensinado seu irmão a odiar os Peregrine desde a infância. Segundo ele, os que pertenciam a essa família eram diabos na terra e deviam ser eliminados de qualquer maneira. Tearle horrorizou-se

ao compreender que seus irmãos mais velhos tinham sido sacrificados nessa luta absurda.

— Não acredita que chegou o momento de pôr fim a esta guerra?— perguntou para Oliver. — Pelo que sei, a causa desta luta consiste no fato que nossas propriedades pertencem a eles. Se nós possuímos terras das quais eles se sentem extorquidos, seria mais lógico que fossem os Peregrine a nos atacar em vez de sermos nós a combatê-los sem descanso como fazemos.

Aquelas palavras tinham encolerizado Oliver que lhe deu um faiscante olhar carregado de rancor, e naquele momento o jovem duvidou da saúde mental do irmão.

Nunca tinha conseguido compreender a verdadeira causa de Oliver com respeito aos Peregrine, mas depois de ter ouvido algumas intrigas que circulavam pelo castelo suspeitou que o ódio tinha algo a ver com Jeanne, a mulher de aspecto cansado que era a esposa de seu irmão mais velho.

Em todo caso esse ódio estava muito enraizado para que Tearle ousasse pensar em combatê-lo. Assim tentava evitar o quanto podia seu irmão mais velho, a vida no castelo não era fácil e também o aborrecia. Oliver dedicava todas suas energias no ódio pelos Peregrine e não se beneficiava com as coisas mais gratificantes da vida, como a música ou as companhias agradáveis.

Assim, neste dia Tearle estava feliz porque, longe de seu irmão, podia folgar ao sol.

— Vá vigiar os Peregrine — tinha ordenado seu obsessivo irmão.— Vá com os homens e observe-os.

— Colocou seus homens nos arredores do seu castelo?— Perguntou Tearle. — Controla tudo o que fazem?— Conta até quantos repolhos compram no mercado?

— Não critique o que não conhece— replicou Oliver enquanto seus olhos se entrecerraram. — Há dois anos o mais velho deles foi à aldeia acompanhado por sua esposa. Sim, eu sabia e pude capturá-los. Capturei a esposa, mas ela...— interrompeu-se e olhou ao longe.

— O que fez?— perguntou Tearle interessado .

— Não me recorde esse dia. Vá e observe as pessoas que combato. Vendendo-as, entenderá.

A visão do castelo em ruínas não o impressionara. Era evidente que trataram de repará-lo o melhor que podiam, mas não conseguiam dissimular a pobreza do lugar. De uma colina um pouco distante, Tearle tinha observado com uma luneta os três Peregrine sobreviventes que se exercitavam com seus homens no uso das armas. O mais jovem deles era um mocinho.

Por três dias Tearle permaneceu observando os treinamentos, ao final decidiu que já os conhecia bem. Além dos dois homens e o moço, notara dois jovens que pareciam pouco peritos no uso das armas, como se não as conhecessem.

— Seus meio-irmãos — havia dito Olivier em tom depreciativo. — Sim, eu sei...

— Você os mataria — concluía Tearle em tom cansado.

— Preste atenção, não desafie muito minha paciência — Criticou Oliver.

Os Peregrine, apesar de sua pobreza, acolhiam seus irmãos ilegítimos, mas Oliver, com toda sua riqueza, ameaçava constantemente colocar Tearle porta afora.

Prudentemente Tearle não enfrentou seu irmão por isso.

Ao quinto dia o jovem sentiu que observar os Peregrine já não lhe interessava.

Estava fora de forma quanto às armas e gostaria de unir-se a eles no treinamento.

— Poderia lutar com o loiro— pensou observando Severn, que derrubou no chão outro homem. Passou a luneta a um de seus homens e se afastou. Devia encontrar um modo de livrar-se do cargo de espião.

Percebeu que estava a ponto de dormir quando ouviu o ruído dos cascos dos cavalos se afastando. Os homens de seu irmão se foram e ele se levantou de repente.

Levantou a luneta do chão onde a atirou e observou. Os Peregrine estavam muito inquietos. O mais velho, Rogan, estava montando e gritando a todo pulmão. O segundo irmão já estava galopando. Mas nenhum dos dois e nem os seus homens sabiam que caminho seguir, por isso se afastaram em direções diferentes.

— Deve se tratar do moço — murmurou Tearle. Só uma só vez o vira fugir dos irmãos protetores, mas não mencionou aos homens de Oliver pensando: — Provavelmente o moço vai se encontrar com alguma bela na aldeia, então o deixe fazer.

E os homens ficariam ocupados até que o moço voltasse são e salvo.

Correu em direção ao seu cavalo, saltou na sela e seguiu os homens de Oliver que evidentemente deviam ter visto a direção que o moço havia tomado. Demorou bastante para alcançá-los e no primeiro momento pensou ter chegado muito tarde. Viu o cavalo que sabia ser de Severn e que os homens já estavam conduzindo o prisioneiro em direção à propriedade dos Howard.

Sentiu-se perdido: a captura do moço voltaria a abrir as hostilidades entre as duas famílias e os Howard estariam do lado dos agressores. Deus! Oliver e sua obsessão.

Os dois homens, ante a presença de Tearle pararam hesitantes, seus rostos estavam triunfantes e esperavam sua aprovação. Montado diante de um deles estava o moço e Tearle não ousou olhá-lo, mas olhou surpreso os dois comparsas.

— Capturamos, Milord. — disse um deles. — Devemos levá-lo onde está o seu irmão ou o matamos aqui mesmo?

Tearle só conseguiu abrir a boca. Não davam conta de que haviam capturado uma moça? Não sabiam a diferença entre um moço e uma moça?

— Milord.— insistiu o homem. — Os Peregrine estarão aqui em uns minutos.

O jovem recuperou o controle. Os Peregrine não se limitariam a conversar ao perceber que sua irmãzinha fora capturada.

— Eu mesmo o levarei ao meu irmão — disse e adicionou para si — E deixarei a jovem livre.

Os homens vacilavam.

Franzindo as sobrancelhas, Tearle lhes atirou uma bolsa com moedas.

— Tomem isto. Ocupar-me-ei pessoalmente deste Peregrine.

Os olhos dos comparsas se iluminaram. Haviam obtido o que queriam, não se interessavam em saber qual a sorte Tearle reservava ao prisioneiro.

Um deles se aproximou de Tearle e com maneiras bruscas pôs Zared na sela de seu cavalo. O jovem vendo que os pulsos da moça estavam atados, sobressaltou-se.

— Vão! — ordenou aos homens. — Vão, antes que os surpreendam.

Os dois comparsas vacilaram um instante, depois esporearam os cavalos em direção às terras dos Peregrine. Tearle rodeou a fina cintura da moça, atraíu-a para si e partiu a galope em direção ao bosque.

Capítulo Dois

Tearle se perdeu no bosque, abandonando os atalhos que os habitantes das aldeias tinham percorrido por séculos e penetrou em um espesso bosque de carvalhos. Em certo ponto um ramo pendente ameaçou golpear Zared e o jovem a protegeu com o braço. Ao inclinar-se para afastar um segundo ramo, aproximou o rosto de seu pescoço e sentiu em sua face os suaves cabelos dela.

Cavalgando, não pôde deixar de sorrir. Oliver acreditava que soubesse tudo sobre o propósito dos Peregrine, mas certamente nunca imaginou que o mais

jovem deles era na realidade uma moça. Os Peregrine tinham feito bem em manter o segredo; Oliver parecia particularmente fascinado pelas mulheres Peregrine. Quando entrou em uma clareira escondida, parou o cavalo e saltou da sela, atraindo consigo a jovem.

Esta ainda tinha as mãos atadas atrás das costas e estava sozinha à mercê de seu inimigo, mas em seus olhos não havia temor.

Tearle pôs as mãos em seus ombros e a olhou. A túnica suja que vestia cobria até as coxas e suas pernas estavam embainhadas em estreitas meias, calçava suaves botas que lhe chegavam até o joelho. Seus cabelos escuros, com reflexos avermelhados visíveis ainda na penumbra do bosque, chegavam até os ombros frisando-se nas pontas e a juvenzinha usava um minúsculo gorro adornado lateralmente por uma pluma.

Pela primeira vez desde que deixara a França, o jovem sentiu-se interessado pela vida. A moça a sua frente era verdadeiramente estranha, lembrou-se do modo que a viu treinar com os irmãos no uso das armas: impropriamente sentiu o impulso de voltar a colocá-la na sela e conduzi-la ao castelo de sua família. A mansão era imensa e teria sido fácil escondê-la.

Zared, enquanto isso, observava o homem que lhe segurava os ombros: um homem alto com os olhos e cabelos negros, os inconfundíveis traços dos Howard. Os homens que a tinham capturado se dirigiram a ele chamando-o de “Milorde”, portanto devia ser o irmão caçula de Oliver que tinha permanecido tanto tempo ausente do castelo da família.

Ouvira falar dele, disseram que era um inútil e por isso o afastaram junto com sua mãe, também indesejável. Olhando-o percebeu que o que ouviu devia ser certo: durante o trajeto apertou-a para assegurar-se que era cheinha o suficiente para ser assada e agora seus olhos negros a examinavam como se quisesse devorá-la.

Era um homem perigoso, e teria se defendido se suas mãos não estivessem amarradas. Enquanto continuava olhando-a como um homem faminto, a moça tentava planejar uma fuga.

Por certo não estaria em condições de fugir dos homens dos Howard, mas era provável que o conseguisse com esse louco. Se o convencesse a desamarrar-lhe as mãos, poderia usar a adaga que estava escondida em uma de suas botas. Com essa arma talvez pudesse lutar e derrotá-lo. Era robusto sim, mas poderia ser lento como seu irmão e talvez sua superioridade em vez de músculos, poderia ser atribuída a gordura.

— Como se chama?— perguntou-lhe.

—Peregrine!— disse ela. Se o homem não a desamarrasse, se pretendia matá-la, não morreria como se fosse uma covarde.

— Falo de seu nome e não de seu sobrenome — replicou em tom cortês.

Que truque era esse? Perguntou Zared. Esse homem queria fazê-la acreditar que nele não havia maldade?

— Meus irmãos o matarão, disse — Literalmente o farão em pedaços.

Tearle sorriu levemente: — Sim, eu não duvido.— Assim dizendo tirou uma adaga adornada de pedras preciosas e Zared involuntariamente retrocedeu um passo.

— Não quero fazer-lhe nenhum mal —disse Tearle, falando como se fala a um bichinho selvagem invadido pelo terror.

Se ele acreditava que ela confiava nas afirmações de um Howard, na verdade era um tolo e um louco.

Pegou-a pelos ombros e a fez girar, depois usou a adaga para cortar a corda que lhe amarrava as mãos, enquanto isso ela colocou em prática um velho truque, fingiu tropeçar, caiu de joelhos e tirou a adaga da bota e a deslizou entre sua manga.

— Está ferida?— perguntou Tearle. — Temo que os homens de meu irmão tenham sido muito rudes com você.— Pôs novamente as mãos em seus ombros, atraiu-a para ele e incapaz de conter-se, beijou-a delicadamente nos lábios.

Zared se sentiu ultrajada! Nunca antes tinha sido beijada por um homem e não conseguia suportar que esse homem, esse diabo e inimigo o tivesse feito. Extraiu a adaga de sua manga e a afundou em suas costelas.

Tearle se separou dela, observou o sangue que começava a manchar a curta túnica de veludo que vestia e olhou-a, surpreso.

— Morte a todos os Howard! — exclamou Zared e assim dizendo se dirigiu ao cavalo.

— É livre— sussurrou ele. — Não tinha nenhuma intenção de fazê-la prisioneira.

Zared saltou no cavalo e virou, lançando um olhar. Tinha empalidecido e sua ferida parecia sangrar abundantemente. Esporeou o cavalo e rumando para fora da clareira, começou a galopar através do bosque com a cabeça inclinada.

Só quando saiu da espessura das árvores, percebeu que a guerra entre os Peregrine e os Howard havia recomeçado pelo simples feito que talvez houvesse matado o mais jovem da família.

Continuou a cavalgar. Não, não o matara, estava segura. Somente o ferira sem tocar em algum órgão vital. Entretanto, seria verdade? Voltou a ver o rosto pálido dele. E se ele morresse sangrando?

Os homens da família Howard compreenderiam imediatamente que o assassino era um Peregrine. Tornariam a atacar e por sua culpa morreriam outros Peregrine. Era possível que desta vez Oliver Howard conseguisse fazer desaparecer da terra todos os Peregrine.

No limite do bosque ela parou. Deveria voltar e se assegurar que esse homem não morresse. Mas o que aconteceria se enquanto isso o ferido se recuperasse? Ele a capturaria novamente e a conduziria até Oliver.

Zared tomou a cabeça entre as mãos e refletiu por um momento. Desde que chegou ao mundo, seus irmãos tinham tomado todas as decisões por ela. Sabia que tanto Rogan como Severn ficariam furiosos se um Howard capturasse sua irmãzinha e por certo teriam matado o mais jovem dessa

família. Devia voltar para onde estavam seus irmãos e contar o que tinha acontecido?

Por outro lado, se a capturaram, a culpa era somente dela. Tanto Rogan como Severn a advertiram porque sabiam que os homens dos Howard estavam sempre à espreita.

Devia voltar para a clareira. Devia encontrar um modo para que a ferida do homem parasse de sangrar e que não morresse, senão ambas as famílias recomeçariam a guerra.

Preparou-se com a espada e se fosse necessário, se tentasse dominá-la, prenderia suas mãos e pés. Faria o necessário para evitar mais complicações.

Tearle observou com pesar a moça que se afastava, pensando que não tornaria a vê-la.

Olhou o ponto onde o sangue continuava a sair e levantou a túnica para examinar a ferida. As costelas desviaram a adaga e tinha suficiente experiência para saber que poderia ter sido gravemente ferido.

Olhou ao redor e percebeu que a juvenzinha levava seu cavalo. Teria que voltar para casa a pé?

Calculou quanto tempo os dois homens levariam para chegar até Oliver, e quanto tempo seria necessário para agrupar um número de homens e sair à procura do irmão e do prisioneiro.

Tearle refletiu longamente. Seu irmão o encontraria dentro de quatro horas e naquele lapso de tempo poderia ficar tranquilo, a ferida teria deixado de sangrar.

Arrastou-se até os pés de uma árvore e pouco a pouco o torpor o dominou, adormecendo-o.

Zared saltou da sela e deixou o cavalo a pouca distância da clareira. Depois, com a mão na adaga, caminhou deslizando como uma gata até o ponto onde tinha deixado o homem.

Vendo-o deitado no chão, pensou que estivesse morto...sim, era muito tarde para salvá-lo.

Tearle a ouviu chegar e conteve o sorriso. Oliver dizia que os Peregrine eram cruéis e desumanos: bem, esta jovem representava a exceção. Somente deveria evitar assustá-la e decidiu que fingiria dormir, para retê-la ao seu lado o maior tempo possível. Fez um leve movimento, emitindo um gemido de dor.

Ante aquele gemido, Zared estremeceu, respirando aliviada. O homem, portanto, não estava morto. Avançou prudentemente, sempre com a adaga na mão, tocou-o com um pé. O homem emitiu outro lamento e murmurou: — Um sacerdote, vá procurar um sacerdote.

Diante daquelas palavras, a moça se esqueceu da prudência e pensou que devia salvá-lo. Ajoelhou-se ao seu lado, abriu a túnica e examinou a ferida. Percebeu que em suas costelas não havia muita carne, só pele e músculos, mas parecia ter perdido muito sangue. Observou o rosto do ferido e viu que estava contraído de dor. Como um Howard podia ser tão fraco a ponto de sucumbir a uma ferida tão superficial? Havia visto muitas vezes, feridas parecidas no corpo de seus irmãos e eles continuavam a lutar por um dia inteiro antes de curá-la.

E esse homem por um pequeno corte, pedia nada menos que um sacerdote.

Rasgou a túnica dele em várias tiras e o mesmo fez com a camisa de linho que o cobria, logo pôs uma das tiras na ferida e tratou de envolver seu tórax.

O homem era um peso inerte e levantá-lo era impossível, seria mais fácil levantar um cavalo morto. Inclinou-se sobre ele e o moveu com suavidade. Pôs-lhe as mãos ao redor do pescoço e puxou-o para si, fazendo alavanca com seus ombros, mas o homem não se moveu, parecia totalmente inconsciente de sua presença.

— Acorde!

O homem estremeceu, sem abrir os olhos. — Estou tentando enfaixá-lo, tem que se levantar.

— Deve me ajudar...— sussurrou finalmente Tearle, em tom destrozado.

Olhou-o desgostosa, inclinou-se novamente sobre ele e o ajudou a levantar-se.

Parecia muito fraco e finalmente caiu sobre ela. Embora com dificuldade, a jovem conseguiu enfaixá-lo.

— Agora se deite— disse. Esse homem parecia muito tolo, tinha que dizer-lhe as coisas mais simples. Teve que ajudá-lo inclusive a retomar a posição anterior.

— Assim estará melhor— prosseguiu. — A ferida não é profunda. Fique aqui e tente descansar. Logo seu irmão chegará, não está muito longe das terras dos Peregrine — Moveu-se para levantar-se, mas ele tomou sua mão.

— Não me abandonará, certo? Morrerei se me deixar.

— Não morrerá — replicou Zared em tom desdenhoso, não podendo deixar de pensar que os Howard o enviaram a França, não por ser perigoso, mas somente porque era um fraco e teria levado vergonha à família.

— Vinho...— sussurrou o jovem. — No alforje de minha sela há uma garrafa de vinho.

Zared apertou os dentes, seus irmãos a estavam procurando e ela estava ali, servindo de enfermeira para um Howard. A contra gosto se dirigiu para o cavalo, do alforje tirou uma pesada moringa de couro e estendeu ao ferido. Este entretanto, estava muito fraco para sentar-se sem ajuda e nem estava em condições de levar a garrafa aos lábios.

Esse era um inimigo? Esse homem assustado e fraco era um inimigo a temer?

Afastou a garrafa dos lábios e disse: — Devo ir agora, deixarei a garrafa perto e....

— Fique — disse o ferido, tomando novamente a mão. — Rogo que fique ao meu lado. Tenho medo.

Zared levantou os olhos para o céu. Estava sentada no chão e o jovem literalmente agachado junto dela.

— Morrerei, se você não ficar.

— Não, não morrerá! — balbuciou a jovem: — Deveria ter um pouco de coragem. A ferida parou de sangrar e eu preciso ir. Meus irmãos estão me procurando e é melhor que não me encontrem... aqui, claro.

— Entendo...quer dizer...em companhia de um Howard. Sabe que sou um Howard, certo?

— Sabemos muitas coisas dos Howard. São nossos inimigos.

Tearle suspirou e apoiando-se ainda mais nela disse: — Eu, certamente, não sou seu inimigo.

— É um Howard, não tem como não ser um inimigo de um Peregrine.

— Entretanto, voltou para estar ao meu lado.

— Fiz isto para evitar um posterior encontro entre nossas famílias. Se tivesse morrido, seu irmão teria assaltado meus queri.....— Dizendo assim Zared tentou se separar, mas ele não o permitiu.

— Voltou somente por esse motivo?

— E por qual outro motivo você acredita que voltei?

O jovem tomou-lhe a mão e a levou aos lábios. — Talvez saiba tudo sobre nós, mas nós não sabemos muito dos Peregrine. Não sabíamos que o menor deles era uma jovem, uma jovem deliciosa...— Roçou com os lábios o dedo da mão e depois outro. — Por acaso não voltou por causa do meu beijo, há pouco?

Antes que Zared desse conta do significado das palavras transcorreram alguns minutos, depois disso começou a rir. Sem cessar de fazê-lo, conseguiu libertar-se de seu abraço, levantou-se e inclinou a cabeça para olhá-lo.

— Acredita que um beijo é importante para mim? Acredita que um beijo de um Howard seria suficiente para me fazer esquecer que sua família matou quatro de meus irmãos? Tem de mim uma opinião muito medíocre, se pensa que posso trair a minha família por algo que um Howard possa me dar! Poderia lhe cortar a garganta neste momento, mas sua morte provocaria outra briga e não quero que isso aconteça. — Seu sorriso se transformou em cólera. — Vocês Howard são menos que nada para mim. Não demonstrei o que o seu beijo significava para mim?— E assim dizendo indicou a bandagem que cobria sua ferida.

Saiu do seu lado e olhou-o com desprezo. — Talvez eu gostasse do beijo de um homem, mas o de um ser fraco, sem espinha dorsal como você? Estou certa que Oliver Howard se envergonha de seu jovem irmão, e nesse caso tem razão.

Aproximou-se do cavalo e saltou na sela. — Deixarei o cavalo no limite do bosque, não quero que meus irmãos me vejam cavalgando um de seus animais. Não falarei da atitude de seus homens e nem da sua, que se atreveu a me tocar. Mataram por muito menos que isso.

Lançou-lhe um último olhar: —Nem sequer os Howard merecem um meio homem como você é.

Tearle deu um saltou e ficou em pé enquanto a jovem saía em seu cavalo. Mas não conseguiu alcançá-la, já tinha desaparecido entre as árvores.

Ele, Tearle Howard, um homem fraco? Na França tinha participado de torneios desde sua adolescência... ganhando sempre.

As mulheres caíam em seus braços... suspiravam por seus beijos ou algo mais, e esta moça-garoto tinha afirmado que ele não era um homem! Como se tivesse sido beijada por outro... como se fosse uma perita em beijos. Sabia dela que era perita em armas e... que sabia muito de cavalos. Devia ser uma mulher para saber julgar se um beijo era dado por um homem, ou não... deveria...

De repente interrompeu seu silencioso desabafo e começou a rir em voz baixa.

Talvez lhe parecesse muito fraco de verdade. Porém tinha sido agradável tê-la perto.

Quando a sentiu perto de seu peito pensou que certamente devia enfaixar os seios para parecer um moço.

Mas sua tentativa era inútil, porque tudo nela dizia que era uma mulher. Como acreditar no contrário?

Um moço certamente não teria retornado para assegurar-se que seu inimigo não tinha morrido.

Tearle se apoiou no tronco de uma árvore e fechou os olhos um momento. Que estranha essa moça...era toda paixão e fúria, no entanto era doce. Certamente não percebia o quanto podia agradar aos homens... era tão diferente das outras mulheres que amavam flertar e fazer promessas. A jovem Peregrine jamais seria uma coquete e nunca zombaria de ninguém, sempre diria o que pensava.

O jovem se afastou da árvore, pensando que provavelmente nunca mais a veria.

Começou a caminhar. Possivelmente encontraria os homens de seu irmão. Se havia alguém que pudesse conhecer os planos dos Peregrine, esse alguém era Oliver. Ele ficaria feliz ante a ideia de que seu irmão caçula sentisse interesse pela família Peregrine.

Zared olhou pela janela e começou a observar as pessoas que se moviam lá embaixo. Assustara seus irmãos e como castigo fora encerrada na torre, a pão e água.

Quando chegou ao castelo coxeando, Severn a repreendeu duramente, gritando por uma hora. A reação de Rogan foi pior, foi ele quem a encerrou.

Ante as recriminações de Severn, a moça se limitou a murmurar que havia desejado fazer uma cavalgada... o cavalo do irmão a desmontara e se viu obrigada a voltar a pé.

Afirmou que sentia muito ter perdido o cavalo de Severn, mas que as coisas poderiam ter sido muito piores. Somando tudo, dois dias na torre não era um castigo tão terrível. Só temia que seus irmãos não permitissem que participasse do torneio. E jurou que, se por culpa dos Howard tivesse que renunciar a essa alegria, mataria com suas próprias mãos o chorão, fraco e covarde Tearle.

Sobressaltou-se: alguém estava abrindo a porta e virando-se, viu Liana que entrava segurando uma cesta coberta com um pano. A moça conteve um sorriso: Liana, apesar de parecer superficial, era boa e sem dúvida tinha pensado que Zared havia morrido, depois de dois dias de jejum.

— Trouxe algo para comer — disse a jovem mulher, — embora não mereça, porque pôs em perigo toda a família.

— Estou envergonhada — replicou Zared, estendendo a mão para a cesta. — É muito bondade sua me trazer comida quando não mereço isso.— Dizendo isto se sentou na borda da mísera cama.

— Não podia deixá-la morrer de fome. — disse Liana, sentando-se e olhando ao redor. — Este quarto é simplesmente horrível.

Zared não achava sua prisão insuportável: é certo que havia alguns insetos e ratos, mas tudo era tolerável. Observou sua cunhada. Sabia que Liana tinha o poder de decidir enviá-la ou não ao torneio, porque Rogan escutava sua esposa e se ela dissesse que a moça poderia ir, ele consentiria.

— Acha que chegou o momento de me casar?— perguntou Zared mordendo um pedaço de carne.

Liana a olhou, estupefata: — Eu pensei, mas não acreditava que você ou seus irmãos poderiam pensar.

— Ultimamente tenho refletido — replicou Zared. — Talvez fosse bom que tivesse uma casa minha e filhos. Talvez fosse bom me afastar um pouco daqui.— Agitou a mão e prosseguiu — E dos Howard.

— Oh Zared... Nada me daria uma alegria tão grande. Se tivesse uma família sua, a vida seria muito diferente. Isso ajudaria também seus irmãos a

esquecer seu ódio com os Howard, se entrasse para alguma outra família.

— Sim... neste caso, tem alguém em mente para me propor por marido?

— Não — respondeu Liana devagar. — Estamos tão isolados, aqui...nunca vemos ninguém. Mas talvez minha madrastra possa nos ajudar.

— Talvez Severn encontre alguém no torneio — disse Zared, embora o assunto a importasse muito pouco. — Ou talvez eu mesma possa procurar alguém por lá.

— Você pensa que se fosse ao torneio na qualidade de escudeiro, poderia encontrar um marido sozinha?

Zared pensou que a cunhada não só era boa, mas também inteligente e exclamou:

— Liana, eu te peço. Permita que eu vá. Nunca estive em lugar nenhum. Eu gostaria muito de conhecer pessoas que não sejam parentes ou dependentes de meus irmãos.

O rosto de Liana refletia a tortura da indecisão. — É perigoso para você. Os Howard...

— Ora!— exclamou Zared, levantando-se. — Os Howard! Esses covardes sem espinha dorsal! Não merecem, sinceramente, serem levados em consideração.

— O que sabe dos Howard para chamá-los de covardes? O que aconteceu quando se afastou montada no cavalo de Severn? Em sua calça havia sangue, mas você não estava ferida.

— Deve ter sido sangue do cavalo... provavelmente se feriu caindo — Zared respondeu depressa.

— Não estou muito segura de que essa seja a verdade.

— O que poderia ter acontecido então? Acredita que acaso fui capturada pelos Howard?— Assim dizendo, Zared riu. — Bem, segundo você,

capturaram-me e logo me soltaram, seguindo os impulsos de seus ternos corações. Que ideia mais divertida!

— Eu a vi usar a adaga— disse Liana em voz baixa. — Poderia ter fugido depois da captura.

Zared atravessou o quarto, tomou um pedaço de pão e começou a comê-lo dizendo:

— Este pão é delicioso. Quando me casar, espero ser uma dona de casa pelo menos a metade do que você é. Desde que encontre um marido, ou se Severn me encontrar um. Estou segura de que o fará.

— Está bem, guarde seu segredo — disse Liana. A jovem mulher tinha vivido o suficiente com os Peregrine para saber que não revelavam nada sobre eles mesmos, a menos que fossem obrigados a fazê-lo. Suspirou resignada. — É óbvio que Severn escolherá um homem que seja capaz de lutar contra os Howard, um homem que tenha sobre seus ombros anos de experiência — Olhou a sua cunhada e prosseguiu: — Mas você necessita de mais amor do que guerra.

— Amor?— repetiu a moça em tom desdenhoso. — Tenho meus irmãos, meu Deus, não necessito de outro amor.

Liana olhou a sua graciosa cunhada. Estava certa que um dia Zared amaria um homem. Se não sabia muito dos Peregrine, sabia que eram pessoas apaixonadas, odiavam com paixão, lutavam com paixão e amavam com paixão. A moça não dava importância e não se preocupava com o homem que desposaria, mas se casasse com um homem indigno de seu respeito, merecedor de seu desprezo, Zared o odiaria a ponto de o pobre ter bons motivos para temer por sua vida.

Liana sabia que se dissesse a Rogan para não enviar Zared ao torneio, seu marido a escutaria, mas algo a detinha. Zared estaria mais segura em sua casa, mas o que aconteceria se sua paixão se transformasse em ódio? Mais ódio pelos Howard que a impediam de afastar-se de sua casa-prisão e inclusive ódio por ela, Liana.

— Permanecerá sempre ao lado de Severn? — perguntou em voz baixa, pensando se voltaria a ver sua cunhada.

— Oh, sim, sim! — exclamou Zared, iluminando-se pela alegria.

— Como desejaria poder ir também! Providenciarei alguns vestidos para você, de cor verde e azul. Seria tão bela caso se preocupasse um pouco consigo. Oh Zared, um torneio é tão belo. Conceda seu favor a um cavaleiro e ele...

— Preferiria lutar — interrompeu Zared. — Preferiria montar a cavalo, segurar uma lança e desmontar um adversário. Eu não gostaria de ficar sentada me contentando somente em olhar.

— Sim, acredito.— Liana pôs ambas as mãos sobre seu grande ventre. Faltava pouco tempo para o nascimento de seu segundo filho para que pudesse se afastar do castelo.

Possivelmente era melhor que não visse a jovem irmã de seu marido nas funções de escudeiro, preocupada em limpar os estábulos, manter limpos os cavalos e mover-se entre os duelistas para oferecer novas lanças.

A jovem mulher se levantou: — Não acredito que seja a melhor coisa que se possa fazer, mas talvez esteja suficientemente segura. É possível que seu irmão tenha razão e Oliver Howard não ouse atacá-los enquanto o rei está presente. Direi a Severn que pode contar com seu escudeiro...— Assim dizendo se dirigiu para a porta e Zared perguntou: — Liana, quando se encontrou com Oliver Howard, que aspecto ele tinha? É de verdade um grande combatente?

Liana sorriu: — Não, não é nada. É maior que seus irmãos e tende a engordar. Porém, ele não precisa combater, porque é muito rico e pode contratar quantos homens desejar.

— E seu irmão?

— Irmão? Nunca ouvi falar de um irmão. Temo não conhecer os Howard como sua família conhece. O que sabe deste irmão?

— Nada, nada. Só que...— Olhou Liana e prosseguiu: — Vi muito pouco do mundo e conheço somente meus irmãos.

Sorriu orgulhosa: — São fortes, belos e ninguém pode vencê-los em batalhas. São homens muito incomuns? Ou existem muitos homens como eles?

Liana refletiu um instante antes de responder: — Não acredito que existam muitos homens como seus irmãos. Zared, deve saber que em um homem, não é importante que seus braços sejam fortes, apenas. Não se escolhe um marido só por sua força física. Existem qualidades como a inteligência, a generosidade e o que mais importa é que ame sua esposa e seus filhos.

— E proteja a sua família dos inimigos.

— Sim, também isto é importante, mas....— Liana não sabia explicar àquela jovem que existia um modo de viver diferente do que tinha conhecido. Até aquele momento Zared tinha vivido em uma guerra privada contra outra família. Para protegê-la, tinham-na criado como um moço. Não sabia o que significava sentar-se ao sol ao lado de um belo jovem tocando o alaúde e cantando para sua companheira. Nenhum homem nunca beijara sua mão, dizendo que a luz do sol fazia brilhar seus cabelos. Zared nunca compartilhou sorrisinhos com as amigas, não flertou e nem fez o que normalmente todas as jovens faziam. Ela era perita em espadas e cavalos, era capaz de cantar canções pitorescas em coro com os homens. Mas não sabia distinguir o cetim do brocado ou o arminho do vison. E o que era pior, sem contar os seus irmãos, não conhecia nenhum homem.

— Não encontrará um marido que se pareça com seus irmãos, — disse-lhe com voz doce.

— Nesse caso nunca me casarei— replicou Zared com a segurança da juventude.— Permanecerei virgem até o fim de meus dias.

Essas palavras fizeram Liana rir e o menino que levava se moveu bruscamente: permanecer virgem, um Peregrine? Não estava mau como brincadeira. A jovem sabia, muito melhor do que Severn e Rogan, que o dia que descobrisse seus impulsos sexuais, seria impossível detê-la. Se Severn

não a vigiasse no torneio, e se encontrasse um homem atraente capaz de chamar sua atenção...

Preferia não pensar nas possíveis consequências; se um homem ousasse tocar sua irmãzinha, os dois irmãos Peregrine o matariam, quem quer que ele fosse.

— Estou convencida de que estou cometendo um engano, deixando-a ir ao torneio.

— Tudo correrá bem, — replicou Zared. — Obedecerei Severn, permanecerei ao seu lado e não me meterei em nenhuma confusão. Eu juro, Liana. Tem minha palavra de Peregrine.

A jovem mulher sorriu e suspirou ao mesmo tempo. — Os Peregrine nasceram para meter-se em confusões. Estou certa que tanto você como seu irmão provocarão uma das suas. Jure-me que Severn não matará ninguém e que não voltará para casa esperando um filho.

Zared abriu a boca. — Um filho?

— Jure-me isso ou de outra maneira não a deixarei partir.

Zared fez uma careta. Sua cunhada não entendia nada. Severn ia em busca de esposa, não para matar alguém. Quanto a ela, conheceria lugares novos. Além disso, as pessoas pensavam que ela era um rapaz, por isso nenhum homem pensaria em engravidá-la. Por um momento pensou no jovem Howard e no beijo que lhe dera. Ele havia percebido que era uma mulher, mas provavelmente isso tinha acontecido porque ele mesmo era como metade mulher, que desmaiava com um pequeno corte!

— Eu juro — disse para a cunhada.

— Muito bem. Esta noite trate de dormir bem, porque amanhã partirá com seu irmão.

Zared sorriu, feliz. — Sim, certo e obrigado Liana, muito obrigado. Honrarei o nome dos Peregrine.

— Não diga isso, ou pensarei que quer dizer que pretende voltar para casa com uma dúzia de cabeças trespassadas nas lanças. Boa noite, Zared. Rezarei todo dia por você— E com estas palavras Liana se foi, fechando a porta as suas costas.

Zared permaneceu imóvel uns instantes e logo saltou de alegria, tocando com as mãos o teto do quarto. Tinha a clara sensação que no dia seguinte sua vida mudaria.

Capítulo Três

Durante dois dias inteiros Tearle escutou Oliver, que continuava falando dos Peregrine. A maior parte do que dizia o jovem já conhecia, entretanto, fingia escutar com interesse. De qualquer maneira soube que a garota por ele libertada se chamava Zared e que segundo Oliver, esse “moço” nunca estaria à altura de seus irmãos.

Na tarde do segundo dia Oliver foi informado do fato que Severn Peregrine participaria do torneio dos Marshall, e que queria a mão de Lady Anne.

A notícia o tinha alegrado: — Eu o farei prisioneiro lá.

— Na presença do rei?— perguntou Tearle com um bocejo. — Não acredito que o pai de Anne apreciaria muito uma coisa similar em suas terras.

— Anne, você disse?— perguntou Oliver, curioso. — Conhece essa mulher?

— Só de vista. Viveu na França por certo período.

— Então, você também irá ao torneio?

— Para espiar de que maneira fazem a corte?

— Claro — Os olhos de Oliver brilhavam. Observará e me informará a respeito deles.

— Eles?— Tearle sobressaltou-se. — Quem irá ao torneio, além do irmão de Rogan?

— O moço que será seu escudeiro, — riu Oliver. —Severn não pode se permitir um verdadeiro escudeiro, por isso se fez acompanhar do mais jovem da família. Certamente farão um papelão: são sujos, toscos e os Marshall são pessoas muito refinadas. Como eu gostaria de assistir a humilhação dos Peregrine!

— Irei— disse Tearle.

Oliver sorriu: — Lutará com ele. Como queria assistir essa cena! Um Howard desmontando um Peregrine. O rei e o mundo inteiro verão que um Howard...

— Não lutarei com ele— Tearle o interrompeu. Sabia que caso se apresentasse como um Howard, nunca teria a ocasião de entreter-se com a mais jovem dos Peregrine, então decidiu que se apresentaria com nome falso. Antes que Oliver pudesse replicar e conhecendo a obsessão do irmão, prosseguiu: — Eu os vigiarei, é claro. Na Inglaterra ninguém sabe de minha volta e por isso me apresentarei sob o nome de Smith, assim poderei vigiar melhor os Peregrine.

Oliver olhou o jovem e sua expressão mudou.

— Não estava certo que compreendesse — disse — Mas sabia que o bom sangue não mente.

Tearle devolveu o olhar com um sorriso. Não estava arrependido por enganar seu irmão, seu ódio pelos Peregrine não merecia nenhum respeito. E prometeu protegê-los, procurar uma maneira para que nada de mau lhes acontecesse, que ninguém fizesse brincadeiras como atirar pedras nos telhados, ou cortar as correias das montarias.

Encontraria um modo de protegê-los do ódio dos Howard.

— Não tem por que duvidar de mim— disse — Eu nunca mudei.

Oliver ficou carrancudo, mas sorriu. — Já o vi. Sempre foi digno do nome dos Howard. Quando partirá?

— Agora —respondeu Tearle, levantando-se. Não queria continuar escutando mais frases venenosas de Oliver, mas sobretudo tinha pressa para encontrar Anne Marshall.

Quando disse ao irmão que apenas a conhecia, havia mentido. Na realidade a conhecia há muito tempo: a teve em seus joelhos quando somente era uma menina, secou suas lágrimas quando estava triste, contou-lhe histórias de fantasmas antes de dormir, recebendo as recriminações de sua mãe porque a menina despertava gritando a noite.

Anne, quando cresceu, havia confortado Tearle, no momento em que perdeu sua mãe.

Pensava que caso fosse se apresentar no torneio com falso nome, antes teria que encontrar Anne para informá-la de seu plano.

Sentado na muralha do jardim, Tearle observava Anne e suas damas passearem.

Uma das damas, segundo o costume, lia em alta voz. Tearle muitas vezes zombou de sua amiga por sua paixão pela cultura: estava sempre imersa em livros.

Apoiou-se em um dos ramos da velha macieira e sorriu. As damas com seus vestidos coloridos e seus penteados adornados de joias e véus, ofereciam uma visão muito agradável, mas Anne destacava-se entre todas: era uma bela entre as belas. Pequena de estatura, por vaidade sempre se rodeava de mulheres mais altas. Parecia uma joia preciosa e as mulheres que a dominavam com sua estatura, pareciam o engaste dessa joia.

Estava certo de que se aproximasse do muro, Anne teria dado conta de sua presença. Suas companheiras provavelmente não teriam levantado o olhar, mas a ela nada escapava: era tão inteligente quanto bela, além disso sua língua era afiada como uma espada. Várias vezes ele manteve discussões com ela e nunca saía vitorioso.

Quando a jovem o viu demonstrou surpresa, mas somente por um momento. Estava surpresa, mas não assustada, porque os homens não a assustavam. Tearle sorriu e ela desviou o olhar para outro lado.

Pouco depois se despediu de suas damas, encarregando-as de várias tarefas e virando-se para muro, olhou para cima.

Tearle com um salto ficou ao seu lado, tomou a frágil mão entre as suas e a beijou, dizendo: — A lua comparada a você não é bela; quando você passa as flores se escondem, envergonhadas, e as mariposas escondem suas asas; os pavões reais não se atrevem mostrar-se; as pedras preciosas cessam de brilhar, e o ouro...

— O que você quer Tearle?— perguntou Anne retirando sua mão.—O que é que o induz a esconder-se no jardim de meu pai? Talvez esteja apaixonado por alguma de minhas damas?

—Fere-me — replicou ele, levando a mão à altura do coração e assim fazendo sentou-se em um banco de pedra e sorriu. — Vim somente para vê-la; perdorei suas acusações se sentar-se em meus joelhos, como fazia há algum tempo.

A severidade desapareceu dos olhos de Anne que sorriu: — Esqueci que é um ótimo orador. Não sabe que aqui na Inglaterra as pessoas são um pouco...obtusas?

— Muito obtusas. Meu irmão, por exemplo, é...— Interrompeu-se.

— Sei de tudo. Minha irmã me contou todas as intrigas locais. Ao que tudo indica, sua família está em luta com outra.

— Sim, os Peregrine.

— Ouvi falar deles— disse Anne. — Minha irmã estava presente no casamento do mais velho deles com Lady Liana — Estremeceu ligeiramente.

— Não são tão maus...— Tearle estava a ponto de falar de Zared à sua amiga, mas calou-se. Não queria revelar a ninguém o fato que ela era uma mulher. Se o povo não estava em condições de descobri-lo, não merecia ser informado. Em vez disso, disse: — O segundo irmão participará do torneio e pretende pedir sua mão.

Anne o olhou, surpreendida: — Pedir minha mão? Um Peregrine? Como suas famílias são inimigas você deveria conhecê-los bem. São toscos e ignorantes. O irmão mais velho nem sequer assistiu a festa organizada para seu matrimônio, estava mais ocupado em contar o dinheiro que sua esposa havia trazido como dote. A madrasta de Liana se zangou tanto ao ponto de voltar para casa com sua filha, mas ele pegou a sua esposa e a levou ao andar de cima onde ...onde...—Interrompeu e olhou para o outro lado. — É mais animal que homem.

— É o que me disseram — replicou Tearle. — Mas os vi lutar. O que fará aqui, se destacará durante o torneio.

— Você também pode ganhar?

Tearle sorriu. — Eu não participarei dos duelos. Preciso lhe pedir um favor.

— Ah, então não veio somente para ver as flores inclinarem suas cabeças por causa de minha beleza?

— Isto, naturalmente, é o primeiro motivo pelo qual estou aqui. - Tomou sua mão, mas a jovem a retirou.

— Acreditaria em seus galanteios se já não os tivesse ouvido quando tinha oito anos. Sinceramente, Tearle, é muito superficial. Necessita de uma mulher que seja capaz de resistir a suas frases galantes.

— Uma mulher como você? Poderia ser feliz se consentisse em casar-se comigo.

— Casarei com um homem que use o cérebro e não as armas. Um homem com o qual possa falar. Se falar somente sobre diferentes tipos de armaduras e lanças, eu dormiria.

Tearle sorriu com doçura. Se ela falava assim, Anne não o conhecia absolutamente.

—Se fosse seu marido, juro que não dormiria. E lhe daria bons motivos para fazer outras coisas, em vez de falar.

— Estou cansada de seus galanteios. Agora diga o que quer de mim.

— Desejo ajudar os Peregrine e não quero que saibam que sou um Howard. Portanto fingirei me chamar Smith.

Anne o olhou, severamente. Seus olhos escuros como seus cabelos, podiam queimar uma pessoa se decidisse fazê-lo.

— Está pedindo para pôr em perigo um homem que será hóspede na casa de meu pai?— Levantou-se, fitando-o. — Nunca teria esperado algo semelhante de sua parte.

Estava afastando-se, mas Tearle a deteve. — Disse que desejo ajudar os Peregrine, esta é a verdade. - Não falou mais nada e a olhou nos olhos, esperando ser acreditado.

— Porque — perguntou à jovem, — Por que quer ajudar aquela gente tão vulgar? Que afirmam que suas terras lhes pertencem? Quer me fazer acreditar que quer ajudar pessoas que estão decididas a empobrecê-lo?

— É difícil acreditar, mas é assim. Não conheço sequer os dois irmãos. Vi-os somente de longe, mas não os odeio como meu irmão. Só quero...— Não podia dizer mais, nem encontrar mais desculpa aceitáveis, a menos que contasse sobre Zared .

— Nesta história está envolvida uma mulher— afirmou Anne.

Tearle estremeceu, pensando que sua amiga era verdadeiramente muito inteligente. — Uma mulher? Porque nesta história deveria estar envolvida uma mulher, segundo você? Ao torneio virão dois dos irmãos: o primeiro para participar dos duelos e o segundo na qualidade de escudeiro. Meu irmão odeia estes Peregrine e estou cansado de escutar falar desse ódio. Meu amor pelo próximo me leva a tratar de pôr ponto final a esta guerra e voltar a encontrar a paz entre as duas famílias.

— Como se chama a moça?

Tearle entrecerrou os olhos— Retiro minha proposta de matrimônio. Conheço-a desde que nasceu e você duvida de minhas boas intenções.

Desonra a mim e a minha família.

Anne sorriu com o aspecto de alguém a quem nada escapa — Está apaixonado por ela como estava pela jovem esposa daquele conde?

— Tratava-se de uma história bem distinta. Era uma mulher casada com um moço. Mas como eu disse, neste caso não tem nada a ver com uma mulher. — Tearle esperava logo poder contar cada detalhe para sua amiga, mas prosseguiu— Estou ofendido e diria que não me estima muito.

— De acordo — disse Anne. — Ganhou. Saberei guardar seu segredo, mas prometo que se você tiver intenções de enganar esse Peregrine, eu o delatarei.

Tearle não replicou porque não era possível nenhuma réplica. Não sabia qual era seu interesse por essa jovem que se vestia de homem, e que pertencia a uma família que há muitos anos estava em guerra com a sua; muitos de seus membros tinham sido assassinados pelos irmãos dela. De fato, deveria odiá-la, deveria sentir-se contente quando os homens de Oliver a tinham capturado.

Mas assim não foi e mais tarde, quando ela enfaixou sua ferida, desejou segurá-la.

Olhou Anne e sorriu pensando que talvez houvesse reagido desse modo só porque Zared era uma mulher. Havia possuído muitas mulheres que se vestiam de forma elegante; talvez inconscientemente havia pensado que seria agradável deitar com uma mulher que de manhã trocaria a roupa com a dele.

— Não há nada que revelar — disse a amiga. — Só quero ajudar as pessoas infelizes, incompreendidas.

Anne lançou um olhar malicioso. — Faça o que quiser, mas mantenha os Peregrine longe de mim. Não penso cometer a mesma tolice que Lady Liana. E agora vá, antes que alguém o veja e corra para contar ao meu pai.

Tearle olhou preocupado em direção à casa dos Marshall. — Obrigado — disse beijando-lhe a mão depressa e pouco depois deixou o jardim saltando

para o lado oposto do muro.

Sozinha, Anne se sentou no banco sorrindo para si. Era agradável estar perto de alguém que sabia rir, que sabia levar a vida com leveza, como faziam as pessoas que tinha conhecido na França.

A mãe de Anne levava suas filhas para aquele país, que era o seu, quando Anne tinha cinco anos e sua irmã Catherine tinha seis, e as meninas haviam crescido com seus parentes, rodeadas de risada, cultura e beleza. Nessa casa eram livres para dizer o que queriam, estimuladas a usar seu espírito e sua inteligência. Tinham sido admiradas por sua beleza, pelo modo como sabiam jogar cartas, montar a cavalo e ler em voz alta.

Relembrando o passado, Anne se dava conta de não ter apreciado o suficiente esses anos de liberdade e felicidade, que agora pareciam longínquos.

Quando Catherine completara dezessete anos e Anne dezesseis, Hugo Marshall tinha pedido a sua esposa para retornar a Inglaterra com as filhas, dizendo que era hora de lhes encontrar um marido. Nem Anne, nem Catherine lembravam de seu pai, não o temiam e se prepararam com alegria para a viagem de volta à pátria, murmurando excitadas conversas a propósito de seus eventuais maridos.

Mas ante aquele pedido de Hugh, a saúde de sua esposa começou a definhar. Em pouco tempo seu rosto perdeu seu esplendor e o cabelo embranqueceu. No começo, as duas moças, muito imbuídas pelas mudanças que experimentavam em sua vida, não se deram conta da deterioração da mãe, mas quando subiram a bordo do navio que as levaria de volta à Inglaterra, notaram que sua mãe tinha emagrecido e envelhecido.

Para conhecer as causas deste estado de ânimo e das condições físicas, bastou às moças duas semanas de vida sob o teto paterno. Hugo Marshall era um homem sem sentimentos, sem nenhuma educação, que administrava suas riquezas com o terror e a força bruta; tratava de aplicar esse método também a sua mulher e as suas duas filhas.

Desde sua volta a Inglaterra, não estava rodeada de risadas e é obvio que ninguém tinha apreciado sua beleza. Hugo Marshall não fazia nada para esconder sua desilusão sobre o modo que a mãe criara às duas jovens.

— Só foi capaz de me dar filhas!— reprovava a sua mulher que continuava a definhar — e além disso, encheu suas cabeças de tolices, com todas essas leituras. Ambas procuram me contrariar, me desafiar!

Quando Catherine havia dito que não aprovava o homem que ele escolheu para ela como marido, esbofeteou-a e prendeu-a em seu quarto por duas semanas. Ao final, a pobrezinha, chorando amargamente, concordara em se casar com o odioso ancião. O homem escolhido por seu pai era rico, mas desejava mais riquezas, sobretudo ansiava pelo poder: tinha sonhos de grandeza, esperava sentar-se à direita do rei. Casar-se com a filha de um conde, que era parente distante do rei, faria com que fosse recebido na corte.

Seis meses depois de voltar à Inglaterra, a mãe das moças morreu. Hugo Marshall não manifestou a mínima dor por essa perda, dizendo que na realidade, essa senhora nunca tinha sido uma verdadeira esposa para ele, e que só tinha sido capaz de dar à luz a duas inúteis mulheres. Quando soube que não poderia lhe dar mais filhos, permitira que voltasse para a França, considerando-a como um objeto inútil. Imediatamente após sua morte, começou a fazer projetos para voltar a casar-se, para unir-se a outra mulher capaz de lhe dar pelo menos uma meia dúzia de filhos varões.

Anne, de pé diante da tumba de sua mãe, sentira nascer dentro de si um profundo ódio por seu pai, por ser ele o causador da morte dela.

Depois do funeral e do noivado de Catherine, Anne declarou guerra ao pai. Posto que, em certo aspecto, não dava muita importância ao que pudesse lhe acontecer, ousava desafiá-lo manifestando abertamente suas ideias.

Sabia que seu pai a teria usado como uma moeda no jogo de sua própria vida, assim como utilizou Catherine, mas esperava obter algo mais do que sua irmã. Usou todos seus conhecimentos, fazia uso de toda sua sabedoria para convencer o pai a realizar um torneio por ocasião do matrimônio da irmã. Pensava escolher um marido durante o torneio.

Porque não permitiria que seu pai a desse em matrimônio a um homem que ela não escolhesse, como estava fazendo com Catherine.

Olhou para a casa paterna e fechou os olhos. Desde aquele momento entre ela e seu pai, declarou-se uma guerra aberta e toda sua vida dependia do modo como iria lutar.

Se Hugo Marshall queria dá-la por esposa a um homem semelhante a ele, passaria o resto de seus dias de maneira mais triste do que viveu depois de voltar da França.

No torneio veria o que a Inglaterra tinha para oferecer e talvez conhecesse um homem que gostasse dela, como também seu pai.

Quando ouviu que suas damas estavam de volta, virou-se e nesse momento recordou a visita de Tearle. Estava contente que o jovem não participasse do torneio: seu pai teria gostado do jovem. Era o segundo na linha de sucessão de seu irmão duque e sua família era riquíssima.

Mas Anne não desejava casar-se com Tearle. Era jovem, atraente, rico e adequado, mas era superficial com respeito a ela e um pouco frouxo. Se tivessem se casado, provavelmente dentro de um ano teriam se destruído reciprocamente.

— Milady...é possível que tenha recebido más notícias?

Anne olhou sua acompanhante — Não, não soube nada que já não soubesse. Preciso caminhar para esclarecer minhas ideias.

Zared de longe, observava os homens de seu irmão que tentavam empurrar o carro fora do barro. Viajavam desde o dia anterior e estavam a poucas horas do final. A moça muito inquieta, foi incapaz de dormir e não deixou de atormentar Severn com centenas de perguntas.

Em qualquer outra ocasião Severn a teria ameaçado para que ficasse quieta, mas aparentemente, ele tampouco conseguia fechar os olhos. Em dado momento, Zared pensou que ele estava preocupado, mas sabia que não podia ser assim. Acaso ele não havia participado de outros torneios?

— Você sempre ganha?

— Ganho...o que?

— Nos torneios que participa. Ganhou todos os prêmios?

Severn observou o rosto ansioso de sua irmã refletido pela lua. Nunca em sua vida havia participado de nenhum torneio.

Passou sua adolescência lutando contra a família rival.

— Claro que não — respondeu e viu que no rosto dela refletia a desilusão.

— Rogan ganhou alguns.

Zared sorriu: — Devem ser esplêndidos esses cavalheiros com suas armaduras...sim devem ser maravilhosos.

— Não exagere— advertiu Severn. E depois, baixando a voz:— Como posso te proteger e impedir que outros descubram que é uma mulher, se olhar com olhos lânguidos para cada cavalheiro?

— Não sou uma boba — ela murmurou. — Não olharia jamais ...

— E o que me diz de Ralph?— interrompeu-a Severn em tom de brincadeira. — O pobrezinho acreditava estar a ponto de desejar o meu irmão .

— Desejar-me? Tem certeza? O que ele disse?— Ante a risada do irmão, parou e logo prosseguiu com altivez: — Seu desejo não me interessa. Esse jovem não representa nada para mim.

— Ehm...ehm.— replicou Severn. — No caso do torneio, sua conduta deverá ser irrepreensível, para não desonrar o nome dos Peregrine.

— Pense em honrar nosso nome na arena, que eu farei minha parte — exclamou um pouco ofendida ante a ideia de seu irmão a considerar capaz de desonrar o nome da família, mas logo relaxou. — Descreva-me um torneio. Muitas pessoas assistem? Liana me disse que todos vestem trajes

estupendos, que inclusive cobrem os cavalos com ricos drapeados. Talvez devêssemos ter trazido as coisas que ela havia preparado.

— Ora!— disse Severn. Quando Liana lhe mostrou um manto bordado de brocados que deveria cobrir seu cavalo, rira na cara dela. Que importância tinha o vestuário de um homem quando lutava? O que importava era ganhar e não impressionar o seu adversário.

— Quero que os assistentes vejam a mim e não o meu cavalo — ele rebatera sua cunhada e se afastara. Não permitiria que uma mulher lhe dissesse como deveria vestir-se e, nem tampouco deixar Liana saber que não tinha a mínima ideia do que um cavalheiro vestia em um torneio.

— Os homens que não sabem lutar se veem obrigados a adornar seus cavalos— afirmou em tom decidido. — Eu não necessito de um manto dourado para ser um homem — Respirou profundamente, expandindo o tórax: — Sei por experiência que, quanto melhor é o combatente, menos deve vestir-se como um pavão para impressionar os outros.

Zared refletiu um momento. Estava certa que seu irmão tinha razão (tanto ele como Rogan pareciam ter razão na maioria das coisas), mas ainda tinha alguma dúvida.

— Se os cavalos dos outros cavalheiros estão enfeitados, os cavalos dos Peregrine não parecerão muito ruins?

A ideia também passara pela mente de Severn e durante a viagem, perguntou-se mais de uma vez se não teria se equivocado repelindo a oferta de sua cunhada. O elmo com plumas ou a túnica de veludo negro cairiam bem. Mas não, ele era um lutador, não um ator de Londres.

— Os Peregrine se destacarão como uma fatia de porco sobre uma mesa coberta de pasteizinhos...— Ao pronunciar estas palavras sorriu, porque gostou da imagem. — verá que as pessoas se lembrarão de nós.

Zared sorriu na escuridão. — Para nós é suficiente sermos lembrados por Hugo Marshall, de modo que dê como prêmio sua rica filha. Acredita que sua esposa se comportará igual à de Rogan?— Seu tom traía a esperança

porque amava Liana e, em particular, gostava do modo como nos dois anos, ela havia transformado o horrível e velho castelo de Moray.

Ante suas palavras Severn fez uma careta. Pessoalmente não estava satisfeito pelo modo como Liana tinha transformado seu irmão. Não gostou do modo como o matrimônio adotou seu irmão mais velho. Antes de casar-se tinha sido um homem de fogo, sempre preparado para lutar, agora pregava a prudência. Em vez de lutar, preferia sentar-se ao lado de sua esposa e escutar o canto das damas. Agora achava os primeiros passos de seu filho mais agradáveis que os exercícios com as armas. Severn estava certo que um dia ou outro, os Howard os atacariam e assassinariam todos, enquanto Rogan estivesse no quarto de sua esposa.

— Minha esposa não será como a de Rogan!— balbuciou. — E agora me deixe dormir e não me aborreça mais com suas perguntas. Saberá o que é um torneio quando assistir.

Zared não perguntou mais nada, mas passou muito tempo antes que adormecesse.

No dia seguinte permaneceu observando os homens que se aproximavam para tirar as rodas da lama. Viajavam com quatro cavalheiros, quatro servidores e dois grandes carros cheios de armaduras e armas. Também havia algumas tendas. Ao pé das árvores pastavam os preciosos cavalos de Severn, atrás dos de seus cavalheiros.

Fazia uma hora que os homens estavam trabalhando e Zared os olhava impaciente.

Encontravam-se a pouca distância da propriedade dos Marshall; estava ansiosa para chegar ao local e montar as tendas no acampamento. Durante os três dias de torneio, a alimentação seria proporcionada por Hugo Marshall. De manhã aconteceria o desfile, todos os cavalheiros desfilariam diante da tribuna, montados em seus esplêndidos cavalos para saudar Hugo Marshall e suas filhas.

Zared se perguntava que aspecto teria Lady Anne e se combinaria com Rogan e sua esposa. Não pensava que Severn pudesse não obter a mão da

dama... estava convencida que o irmão sempre obtinha o que desejava.

Foi a primeira a ouvir o cavalo que se aproximava. Sabendo o que tinha que fazer, emitiu um baixo e penetrante assobio em direção a Severn, correu para a árvore mais próxima e segurando um ramo mais baixo, içou-se.

Não gostava muito do fato que seus irmãos a obrigassem a esconder-se ante o mínimo sinal de perigo, mas depois de seu recente encontro com a família inimiga, não pensava em desobedecer.

Quando o cavalo se aproximou, já próxima da árvore, viu que montada no cavalo havia uma dama que não estava em condições de dominar o animal. A moça quis deixar seu esconderijo, mas não se atreveu por temer seu irmão.

Olhou através dos ramos e viu Severn e seus homens com as espadas prontas para lutar.

Severn estava coberto de barro da cabeça aos pés, mas Zared percebeu a maneira como olhava a amazona que se aproximava cada vez mais. Esse olhar só podia significar que a mulher devia ser formosa. Levantou os olhos ao céu, pensando que provavelmente deveria ficar escondida durante a tarde toda, esperando que seu irmão parasse de admirar a desconhecida.

Por sua vez, Severn se lançou sobre o cavalo e lhe tirou as rédeas.

— Quer matar-se!

A voz que vinha de baixo assustou Zared de tal modo que esteve a ponto de cair.

Olhou em sua direção e viu três damas e dois cavalheiros vestidos de forma muito elegante. Estava tão preocupada em olhar Severn que não os tinha ouvido e nem os vistos chegar.

— O que importa?— perguntou um dos cavalheiros. — É somente um camponês.

Seu companheiro replicou: — Sua morte importará, pelo contrário...se o vestido de minha dama se manchar de sangue — Todos riram.

Sem refletir, Zared extraiu a arma que tinha escondida na bota e se preparou para saltar. No entanto, pensou e permaneceu imóvel onde estava, olhando para baixo, tentando ver os rostos dos desconhecidos.

— Oh, olhem — disse uma das damas — Esse homem conseguiu tomar as rédeas do cavalo. É valente para ser um camponês. Acreditam que Lady Anne o recompensará?

Através das folhas, Zared observou a mulher a cavalo, mas esta lhe dava as costas e não pôde ver seu rosto. O rosto de Severn no entanto, refletia a mesma tola expressão de minutos antes.

— Obrigado— disse Lady Anne.

— Foi um prazer salvar um pescoço tão belo...— replicou o jovem.

— Que insolência!— exclamou o homem ao pé da árvore. — Ensinarei...

— Não me parece o tipo que suportaria as chicotadas— interrompeu-o o segundo cavaleiro — e notou os quatro bufões que farejam entre as árvores?

— Bufões! - Pensou Zared. Gostaria que esse mequetrefe se encontrasse com Severn no torneio no dia seguinte...perceberiam que não era um camponês!

— Amanhã no torneio, apresente-se a mim — disse Lady Anne. — Eu o recompensarei.

— Certamente o farei e terei minha recompensa— replicou Severn, com os olhos brilhando.

A dama se afastou e Severn se virou para olhar seus homens.

Enquanto isso Lady Anne, chegando perto de seus companheiros, disse: — Deixaram-me sem defesa, à mercê desse...disso...

— Parecia muito interessado em você, Milady .

— Acredito que a teria tocado, se tivesse demonstrado mais interesse...farei com que limpem as rédeas onde colocou suas mãos...

— Mas... salvou-a, Milady— disse uma das damas em voz baixa.

— Sei — admitiu a jovem. — E agora deverei recompensá-lo. O que lhe darei?

— Um banho, talvez?— perguntou um dos cavalheiros, rindo.

Lady Anne não riu, mas replicou: — Talvez John, devesse pedir a você que o lave. Parece mais adequado para trabalhos femininos do que masculinos, pois não foi capaz de ajudar uma dama que corria o risco de ser desmontada e morrer...— Assim dizendo esporeou o cavalo e se afastou.

Zared permaneceu na árvore e observou longamente o grupo. Então, essa era Lady Anne, a mulher que chegaria a ser sua cunhada. Não parecia uma pessoa que faria mais fácil a vida dos Peregrine, como Liana tinha feito. Não, na realidade essa mulher parecia ter um péssimo caráter.

— Então, não me ouve?

Sobressaltada, Zared olhou para baixo e viu seu irmão que ria.

— Chamei-a, mas estava sentada imóvel e não me ouviu.

Assim dizendo o jovem se virou e Zared começou a descer da árvore.

— Viu-a?— É esplêndida...é bela como uma rosa.

— As rosas têm espinhos — disse Zared saltando ao seu lado.

— O que quer dizer?

— Estava fazendo uma constatação. Disse que é como uma rosa e repliquei que as rosas têm espinhos. Talvez essa mulher não seja somente bela.

— E conhece muito bem as mulheres e a vida?— perguntou Severn em tom irônico.

— Mais do que você, parece.

O homem esteve aponto de zangar-se, mas logo sorriu: — Eu a perdoo porque é jovem. Vamos, nos ajude, devemos pensar em acampar.

— Acampar? Mas esta noite devemos nos encontrar na zona do torneio e amanhã nos apresentaremos no desfile.

— Faremos como está previsto, mas não quero que Lady Anne me veja imediatamente. Surpreender-se-á quando se der conta que sou seu salvador.

— Então, espero que as rédeas de seus cavalos tenham sido limpas, — murmurou Zared; e em voz alta perguntou: — Talvez não fique muito contente ao vê-lo, ou pelo menos não tão contente como pensa.

Severn pôs suas mãos sobre os ombros da irmã e a olhou com expressão séria. — Não viu seu rosto e nem o modo como me olhou...— riu ligeiramente— Há certas coisas que um homem e uma mulher trocam: um olhar, um gesto... coisas que você não conhece, mas eu que tenho um pouco de experiência, conheço. Essa mulher...bem, como posso dizer? Essa mulher me quer.

— Para fazer o quê? Para que cuide de seus cavalos? Se enxergue... nem sequer pôde ver seu rosto porque está coberto de lodo. Nem te reconhecerá, quando estiver limpo.

Severn mudou de expressão: — Não fale de coisas que não entende. Sei o que li no rosto dessa mulher... era desejo. E agora se mova e nos ajude como já disse que fizesse.

Zared obedeceu, pensando que talvez seu irmão tivesse razão.

Talvez Lady Anne tenha realmente o olhado com desejo e dito aquelas palavras a seus companheiros para fazê-los acreditar que achou antipático o homem coberto de lodo. Sacudiu os ombros. Estava certa que Severn, a propósito de damas, torneios e desejos, sabia mais do que ela.

Capítulo Quatro

Zared montava seu cavalo com as costas rígidas, sabendo que de outra forma explodiria em lágrimas. Diante dela, sobre seu cavalo de batalha estava Severn, sob o peso de sua armadura, e ela não podia imaginar o que pensava ou quais eram suas emoções. Ao redor deles, os homens que os acompanhavam estavam silenciosos, mas fora do grupo a multidão ria trocando frases de escárnio.

Zared nessa manhã cavalgara orgulhosa ao lado de seu irmão, orgulhosa de levar o estandarte dos Peregrine, pararam a pouca distância da propriedade dos Marshall e do campo preparado para o torneio.

Na frente deles vinham fileiras de cavaleiros que vestiam armaduras ricamente adornadas, brilhantes ao sol, e usavam elmos adornados com plumas.

Zared os observou admirada e logo olhou o grupo dos Peregrine. A armadura de seu irmão estava embolorada e amassada, seu cavalo não estava coberto por mantos, só levava a sela. As armaduras de seus homens estavam em condições ainda piores e ela vestia uma túnica rasgada em diferentes pontos e coberta de manchas.

— Não podemos desfilar no cortejo — sussurrou ao irmão.

Este levantou a viseira de seu elmo: — Não é o belo vestuário o que faz de um homem um bom combatente. É uma Peregrine, lembre-se— E assim dizendo, baixou de novo a viseira e virou a cabeça.

Sim, sou uma Peregrine, pensou a jovem e endireitou ainda mais as costas. Severn abateria a todos esses cavaleiros, que importância poderia ter as vestimentas?

Severn levantou a mão e seus homens, reunidos ao seu redor, dirigiram-se ao terreno destinado ao torneio. Pelo caminho, camponeses que percorreram muitas milhas para assistirem ao espetáculo, admiravam imóveis os cavaleiros suntuosamente adornados, mas quando viram os Peregrine começaram a rir. — Que me importa? Pensou Zared. O que contava era o iminente êxito.

Ao entrar no terreno destinado ao torneio, todos os participantes pararam e um arauto dos Marshall gritou o nome do primeiro participante para que se apresentasse a família Marshall e ao rei.

Zared tinha pensado que o cortejo se reduzia a um desfile diante da tribuna, mas o que viu lhe fez ficar com a boca aberta: estava tão surpreendida como os camponeses presentes.

O primeiro cavaleiro a entrar no campo era um homem chamado Grenville. Vestia uma túnica de veludo negro e uma armadura dourada, estava rodeado de seis jovens pajens também vestidos de negro e ouro. Diante deles desfilavam quatro trompetistas, anunciando a chegada de Granville e atrás destes últimos, caminhavam quinze formosas jovens vestidas de amarelo, que pulverizavam sobre a terra pétalas de rosas.

— Os cavalos pisarão nas rosas— riu Severn e Zared o imitou. Procurava a maneira de sentir-se superior, mas quando olhou ao redor e viu que também os mercadores estavam mais bem vestidos que os Peregrine, preferiu que não tivessem permitido que assistisse o espetáculo de armas.

Enquanto o cortejo continuava a avançar, percebeu que o grupo de Granville era um dos mais modestos. Outros cavaleiros estavam precedidos por um número determinado de músicos e outros por verdadeiras orquestras. Viu uma carruagem puxada por seis esplêndidos cavalos negros; sobre o carro havia um homem vestido como São Jorge lutando contra os dragões.

A cada figura que passava, Zared se sentia cada vez mais inquieta. Talvez, ela pensou, se fechasse os olhos e expressasse um desejo, se encontraria em casa e em segurança, longe da humilhação que estava por enfrentar. Os ocupantes das tribunas aplaudiam a passagem de cada novo grupo: quando desfilassem os Peregrine, ririam?

Ouviu uma voz: — Ei você!

Zared se virou e viu que um jovem mais ou menos de sua idade a estava olhando, notou que lhe oferecia uma bela túnica de veludo vermelho. —O que significa isso?— perguntou.

— O meu patrão a envia— respondeu o moço em tom zangado. — Disse para entregar-lhe.

Por piedade, pensou Zared e de novo se sentiu humilhada. — Diga a seu patrão que não necessito de nada.

— Olhando-a diria que necessita de tudo — replicou o jovem.

Zared não pensou em comportar-se como uma vilã, mas foi mais forte que ela: tirou um pé do estribo e o golpeou no peito, fazendo-o cair no chão.

— Se comporte como deve!— gritou-lhe Severn, desafogando sua própria cólera sobre o cortejo.

— Mas ele me ofendeu...— ela começou a protestar, interrompendo-se quando viu que um homem se inclinava para levantar o moço. Era o homem mais belo que já tinha visto: loiro, com a pele clara e olhos azuis. Vestia uma armadura de prata coberta de malha com rosas bordadas com fio de prata.

Abriu a boca e o olhou fixamente.

— Perdoe o meu escudeiro — disse o homem e sua voz pareceu a Zared doce como o mel. — Efetivamente fui eu quem enviou a túnica, pensando que talvez, por causa de um incidente, tivesse perdido sua bagagem. O meu gesto foi somente de cortesia.

— Eu...nós...— Zared balbuciou. Nunca tinha pensado que os homens pudessem ser tão belos.

— Não necessitamos de caridade! — gritou Severn ao estranho. — Temos tudo o que necessitamos para lutar. Não sou um mequetrefe que precisa estar coberto de flores— prosseguiu zombeteiro.

O moço que Zared fez cair exclamou, raivoso: — Não sabe com quem está falando! Este cavaleiro é Colbrand; ele o desmontará antes que possa fazer seu ingresso.

— Jaime! — exclamou Colbrand, seco. — Deixe-os.

O moço lançou um olhar de desafio a Zared e se afastou.

— Pode perdoá-lo? — prosseguiu o cavaleiro voltando-se para Severn. — É jovem e é a primeira vez que assiste a um torneio.

Severn não respondeu, limitando-se a olhar zangado para o seu interlocutor.

Este sorriu para Zared que quase caiu do cavalo, tão emocionada que estava. Esse sorriso era como um raio de sol em um dia chuvoso.

— Não era minha intenção ofendê-los. Boa sorte a todos vocês.

A moça olhou ele se afastar. Cavalgava em um cavalo branco, coberto com um manto branco, também bordado com rosas de prata.

Tinha ainda a boca semiaberta e o queixo inclinado: Severn bateu em suas costas com força.

— Pare de olhá-lo desse modo! — balbuciou.

Zared tentou obedecer, mas não era fácil e continuou observando Colbrand que seguia o cortejo. Era antecedido por seis músicos de harpa e seis com trompetes. Seguiam seis cavaleiros montados em cavalos brancos que transportavam as armas de Colbrand.

Colbrand desfilava sozinho, seguido por seu escudeiro e alguns serventes.

Todos seus homens, dos músicos até os cavaleiros estavam vestidos de branco e prata, Zared pensou que certamente era o mais belo e suspirou, pensando que não só era muito belo, mas podia dizer o mesmo de seu cavalo, de suas vestimentas e...

— Vamos, volte conosco — disse Severn, e em sua voz havia cólera. A moça endireitou as costas, pensando que era melhor terminar com essa história.

Severn estava muito zangado. Foram os últimos a serem chamados para entrar no cortejo e viu que as pessoas nas tribunas começavam a afastar-se. Era quase hora de jantar, olharam a pista e ao se darem conta que os

Peregrine não tinham uma bagagem suntuosa como outros, decidiram que não valia à pena ficar.

Então era assim? As pessoas julgavam os homens pela beleza de seu vestuário e não pela sua capacidade no combate? Desde quando a capacidade de um homem era apreciada pelo que vestia em vez de seu modo de agir?

O gesto de caridade por parte desse homem, Colbrand, havia sido a gota que tinha transbordado o copo. Severn não via a hora de lançar-se contra esse efeminado e imaginou vê-lo cair, para em seguida rir e depois vencê-lo.

Fez um sinal para seus homens segui-lo e esperou que o arauto desse o sinal para que os Peregrine pudessem por fim apresentar-se ante as tribunas. Viu que olhou na direção destes últimos, esperando que a família Marshall se retirasse antes de dar o sinal.

Quando Severn viu que Lady Anne estava se levantando para ir embora, decidiu que não iria esperar mais. Se ninguém queria vê-lo, sabia que ela o desejava. Não lhe prometera uma recompensa por tê-la salvo?

Ignorando os gritos do arauto e as risadas das pessoas que o rodeava, atirou o elmo no chão e esporeou seu cavalo, concentrando-se no fato de alcançar a bela Lady Anne.

Ao som de trovão que faziam os cascos de seu cavalo de guerra, todos pararam virando-se para olharem. Severn pensou ter visto um homem de pé ao lado de Anne, mas não olhou em sua direção. Inclinou-se sobre a tribuna, agarrou a jovem pela cintura e a apoiou em sua própria sela. Tentou beijá-la, mas estava suado por ter passado horas ao sol com o elmo na cabeça e só conseguiu roçar sua bochecha.

Ao final do campo parou e a colocou no chão, triunfante. — Tomei minha recompensa! — disse em voz alta a todos os que estavam observando a cena.

Os olhos de Lady Anne brilhavam, parecia a ponto de dizer algo, mas Severn não deu a oportunidade porque partiu galopando, pensando que ela, mais tarde, teria todo o tempo para lhe sussurrar palavras de amor.

Afastou-se sem se virar para avaliar a impressão que provocara. Ninguém ria: deixara-os estáticos.

Zared observando seu irmão transgredindo as regras, partir a galope, agarrar Lady Anne arrancando-a literalmente do pai, rogou morrer imediatamente.

A prece não foi ouvida. Que se passava na mente de Severn? A moça conhecia muito pouco de etiqueta, mas se deu conta que seu irmão a quebrara.

Teriam que passar tranquilamente diante das tribunas e talvez suas vestimentas causassem algum pequeno comentário, mas depois...

Olhou Lady Anne, que estava de pé no mesmo lugar em que Severn a deixou, com as mãos apoiadas nos quadris, os olhos furiosos e percebeu que estava fora de si pela raiva.

Os presentes estavam atônitos para fazer o mínimo comentário. Calaram-se. Então, a direita, ao ouvido de Zared chegou o som de uma risada zombeteira. Virou-se e viu Jaime. Ali estava com sua túnica e meias brancas tão limpa, tão puro... e Zared foi atacada pela raiva. Esporeou o cavalo em direção ao menino, baixou o estandarte dos Peregrine como se fosse uma lança e atacou. Os olhos de Jaime se abriram pelo terror e ele começou a correr.

Zared não conseguiu alcançá-lo porque o estandarte se arrastava sobre a terra, entre as patas do cavalo, fazendo-a tropeçar. Inclinando-se na sela, a moça esporeou ainda mais o animal e voou sobre a cabeça deste, caindo e rolando no chão. Por alguns segundos não foi capaz de respirar e nem de pensar, permaneceu sobre o solo com o olhar no céu.

A primeira coisa que ouviu foi o riso.

Inclinado sobre ela estava Jaime, com as mãos nos joelhos... olhava e ria.

Estava muito confusa para se mover ou fazer algo mais.

Ouviu uma voz que dizia: — Pare! E viu Colbrand, semelhante a um anjo em sua túnica branca e prata.

— Está ferido, moço?

Zared conseguiu mover a cabeça e quando o cavalheiro estendeu a mão para ajudá-la, sorriu.

— Bem — disse Colbrand, devolvendo o sorriso.

Pôs as mãos em seus ombros e a ajudou a se levantar. Começou a limpar o pó de suas costas. Essa sensação fez Zared pensar que teria morrido de prazer. Olhou-o e sentiu que os joelhos tremiam.

— Acredito que está ferido— murmurou Colbrand e assim dizendo tomou-a nos braços.

Era muito para Zared, então perdeu os sentidos.

Anne Marshall lavou o rosto com água fresca e olhou sua própria imagem refletida no espelho da parede. Suas bochechas estavam ainda vermelhas devido ao roçar a que foi submetida e tratou de limpar o suor do homem. Sentia dor nas costelas, devido à força com que a tinha estreitado contra sua armadura, enquanto ele a colocava sobre o chão.

Por um momento ainda, pareceu ouvir as gargalhadas das pessoas depois que aquele...aquele...não podia encontrar um insulto adequado para esse homem. Ele a humilhou, colocando-a em ridículo diante de centenas de pessoas. Até o odioso indivíduo, que há poucas horas se convertera no marido de Catherine, riu dela.

Olhou-se de novo no espelho e viu que seus olhos já não brilhavam de raiva, mas sim de lágrimas. Se tivesse podido permanecer na França com sua mãe...se não tivesse vindo a esse país bárbaro onde os homens eram pouco mais que animais. Se só...

Não concluiu seu pensamento porque a porta se abriu com violência e seu pai entrou. Não se preocupava em bater antes de entrar, nunca se preocupava em demonstrar o mínimo de respeito por nenhuma de suas filhas.

— Os convidados estão na mesa e querem ver minha filha que ainda não está casada — informou.

— Não me sinto bem— disse Anne e era sincera. — Não posso comer.

— Comerá, ainda que tenha que obrigá-la. Não permito que uma filha minha se sinta mal porque um homem a tocou.

Anne se sentiu invadida pela cólera: — Um homem! Esse bárbaro, esse pagão! E o chama de homem? Encontrei cães dotados de maior sensibilidade.

— Não sabe distinguir um homem de um cão — ironizou Hugo — Vocês mulheres consideram os torneios, que são preparatórios para a guerra, como manifestações da moda. E quando assistem a um torneio, premiam o homem que se apresenta com o maior número de plumas ou de bordados...o moço é um Peregrine, não é...

— Peregrine!— interrompeu-o Anne. — É um Peregrine? Devia ter adivinhado. É o irmão do homem que se casou com a pobre Liana. Não é de se estranhar que...

— Está casada com ele faz dois anos, já lhe deu um filho e lhe dará um segundo em poucos dias. O pai desses Peregrine trouxe para o mundo só filhos varões.

— Na vida há muitas outras coisas, além de filhos varões!— gritou Anne.

Hugo Marshall deu um passo em direção à filha, que não se permitiu assustar.

— Se fosse você, não seria tão caprichosa. Quem sabe, tal como sua amiga Lady Liana, traga ao mundo filhos para os Peregrine.

— Não — murmurou para si — Pai, eu peço-lhe...— começou a dizer, mas parou.

Não rogaria ao seu pai. Endireitou os ombros lembrando a si mesmo que contra o poder dele devia usar o cérebro. Em vez de pedir, disse: — Se deseja netos estúpidos só terei que me casar com esse homem. Sem dúvida gostaria que o rei convidasse um dos Peregrine para sentar-se a sua mesa... pelo que vi hoje compreendi que essa gente não é adequada para viver na

corte... mas isso não significa nada para você. Estou certa que gostaria de ver seus netos feitos de bobo diante do rei...deve pedir à Sua Majestade se deseja de verdade que um Peregrine esteja sentado ao seu lado...

Hugo olhou sua filha. Detestava as mulheres inteligentes, detestava que uma mulher dissesse coisas que ele não tinha pensado. A mãe da moça era assim, sua língua se movia duas vezes mais depressa que o cérebro do marido. Quando pediu permissão para voltar à França com seus parentes, sentiu-se feliz em deixá-la ir.

Mas não permitiria que sua filha percebesse que suas palavras o confundiram.

— Se você não se comportar gentilmente com esse homem, eu a farei lamentar — disse abandonando o quarto, pensando que se não tivesse que considerar outros fatores, a daria em matrimônio ao mais tosco dos homens. Anne necessitava de um marido que freasse sua língua, mas sabia que necessitava de netos. Não tinha sido capaz de ter um filho varão, pelo menos queria ter netos varões. Incomodava reconhecer, mas a moça tinha razão. Não queria netos dos quais as pessoas zombassem nos torneios. Até o rei riu ante a vista dos esfarrapados Peregrine.

Fez uma careta de desgosto. Ao diabo sua filha, se havia algo que detestava mais que uma mulher inteligente, era... uma mulher que tinha razão. Desceu as escadas, jurando a si mesmo que dentro de três dias encontraria um marido para Anne e se livraria dela. Já não suportava mais sua língua afiada e seu cérebro agudo, deixaria para outro a tarefa de ocupar-se dela.

Depois que seu pai saiu, Anne suspirou com alívio. No momento tinha sido capaz de enfrentá-lo, mas enquanto terminava de vestir-se pensou que nem sempre seria assim.

Hugh era estúpido e mesquinho e não escutaria a razão, mas sim o instinto. Anne sabia que tinha que escolher um marido e arranjar um jeito de seu pai aprovar sua escolha.

Devia encontrar um homem que pudesse substituir o sujo Peregrine na mente de seu pai.

Pegou o formoso enfeite alto em forma de cone e o colocou na cabeça, arrumando o véu e pela última vez se olhou no espelho. Queria aparecer sob seu melhor aspecto, estava preparando-se para ir à caça. A caça de um homem.

Quando Zared recobrou os sentidos, estava deitada em uma das camas da tenda do irmão e através da abertura viu que o sol já estava se ocultando. Sentindo-se adormecida, não tentou se levantar. A última coisa que recordava claramente era de Colbrand que a estreitava entre seus braços fortes.

Sorriu e recordou seu aspecto, seu olhar, seu...

—Então, você despertou.

A moça virou lentamente a cabeça para olhar o homem inclinado sobre ela. Mas estava contra a luz e não pôde vê-lo muito bem.

— Há alguma coisa para comer? Tenho fome.

O homem riu. — Então terminou de fingir?

— Fingir?— Curiosa, entreabriu os olhos e olhou o desconhecido. Havia algo familiar nele...mas começou a pensar em Colbrand...havia sonhado? Talvez não existissem homens como ele.

— Tome — disse o homem colocando diante dela uma bandeja com carne e pão.

Zared pegou a comida, apoiou-se no cotovelo e começou a comer, enquanto o homem se sentou em um tamborete ao lado da cama. De fora vinha o som de armas que se entrecruzavam.

— Começou!— exclamou Zared sentando-se. — O torneio começou, Severn necessita de mim— Fez menção de levantar-se, mas uma grande mão pousou um pouco abaixo de sua garganta, obrigando-a a sentar-se de novo.

— O que pensa que vai fazer— começou a dizer, logo olhou o homem que estava na sua frente. Era o mais jovem dos Howard! — Você! - Balbuciou e

imediatamente tentou pegar a adaga que escondia em sua bota.

— Não está em seu lugar— disse o jovem com calma. — Privei-a de todas as armas e devo dizer que me diverti em procurá-las.

Zared inclinou a cabeça e o golpeou no peito. O homem emitiu um gemido e tomando-a nos braços a levantou.

— Severn!— gritou ela.

Pôs uma mão sobre sua boca. — Seu irmão está no campo, com o efeminado do Colbrand.

A moça parou de se mexer: — Colbrand não é efeminado.

— Conhece-o bem, certo? Viu-o combater muitas vezes?

— Deixe-me ir. Meu irmão o destroçará. O...

— Sim, sim, já me disse isso.

Zared percebeu que o homem estava brincando com ela, enquanto a balançava, como um pai brinca com seu filho, mas suas mãos deslizavam por seus quadris e coxas.

Com um puxão se soltou, levantou o queixo e o olhou.

— Faça-me prisioneira, mas deixe em paz o meu irmão. Se não fizer mal a ele, eu o seguirei. Farei tudo o que quiser, mas ordene a seus homens que não ataquem Severn.

Tearle a olhou longamente, sabendo que tinha falado sério. Estava penteada e vestida como um moço, mas era uma mulher, capaz de sacrificar tudo por amor.

— Não estou aqui para fazer lhe mal. Seu irmão acredita que me chamo Smith e fui enviado aqui por Lady Liana.

Zared o olhou fixo: — Liana o enviou?

— Naturalmente que não. Agora coma e logo contarei tudo.

— Não comerei nada que venha dos Howard.

— Como quiser, mas morrerá de inanição, pois pelos próximos três dias devo me encarregar de você e de seu irmão.

— Encarregar-se? Um Howard encarregar-se de um Peregrine? Quer dizer que deseja nos envenenar.— Começou a se levantar, mas o jovem a deteve novamente e ela não reagiu.

— Onde está Severn?— murmurou. — Se lhe fez algum mal, Rogan lhe...

— Está sedenta de sangue. Não machuquei ninguém. Seu irmão está no campo, esperando atirar no chão algum idiota...

— Como atirárá você— ela o interrompeu. — Sabe bem o que pode fazer a adaga de um Peregrine — disse referindo-se a ferida que lhe havia feito.

— Ainda dói. Ainda me deve isso.

— Nenhum Peregrine é devedor de um Howard — replicou. Ouviu-se um ruído vindo de fora e quando Tearle se virou, Zared aproveitou para saltar da cama e dirigir-se a porta. O jovem a deteve com o pé, mas a segurou antes que caísse.

— Aonde vai?

— Onde está meu irmão, para escapar de você, para advertir ao rei, para advertir a qualquer um!

— Se chamar o seu irmão, ele matará um homem desarmado, e então meu irmão assaltará aquele montão de pedras dos Peregrine e matará a todos. Vamos, é livre para chamar Severn. Diga-lhe que me mate, mas peça que o faça depressa. Não desejo uma morte lenta.

Zared entreceerrou os olhos e olhando-o teve a impressão de ter perdido sua primeira batalha. Tearle havia dito a verdade: se Severn o matasse, isso significaria a morte de todos os Peregrine.

Sentindo os membros cansados, sentou-se na cama e murmurou: — O que é que você quer? Por que está aqui?

— Vim ajudá-la— respondeu alegremente. — Pelo que ouvi de sua família, eu achei que viriam aqui cobertos de trapos.

— Não vestimos trapos!— exclamou Zared, indignada.

O jovem baixou o olhar para a túnica dela, cheia de manchas e graxa. — Trapos — repetiu. — Há alguns dias enviei um de meus homens para buscar algumas roupas. Sinto muito que não tenha chegado a tempo para evitar o desastre desta manhã, pois agora seu irmão vestiria roupas mais adequadas.

Zared só agora começava a se recuperar do duro golpe de ter visto um Howard inclinado sobre ela, quando retomou a consciência. Aproximou-se da abertura da tenda e observou o exterior.

Em um extremo do campo viu seu irmão, de pé. Sobre a armadura vestia uma túnica negra. Não estava certa, devido à distância, mas teve a impressão que a túnica estava bordada em ouro.

— Meu irmão...— murmurou — meu irmão veste uma túnica que foi dada por um Howard?

— Sim, mas não sabe. Acredita que a túnica foi enviada por sua preciosa cunhada.

Zared se sentou de novo. — Diga-me tudo — pediu-lhe.

— Depois que se comportou como uma tola com esse insignificante, tolo e efeminado Colbrand, eu...

— Quando desejar a opinião de um Howard, eu pedirei — interrompeu-o. — Agora me conte todo o engodo que organizou.

— Engodo? Eu? Fui generoso e gentil, enquanto que seu Colbrand...de acordo, contarei tudo. Quando perdeu os sentidos, eu vim salvá-la e a resgatei antes que aquele débil...

— Você me tocou? Um Howard me tocando?

— Eu a toquei desde que a encontrei.

— Tomarei um banho. Continue!

Sorriu. Como gostava de provocar-lhe a paixão! — Não havia uma tenda dos Peregrine, assim a levei para outra.

— A tenda de Colbrand?— perguntou esperançosa.

— Não, não nessa, teria preferido atirá-la a um poço cheio de víboras.

— Eu também teria preferido, em vez de permanecer com um Howard.

Tearle não fez caso de suas palavras: — Sabia que não seria fácil, que se rebelaria, portanto lhe fiz beber um gole de...

— Envenenou-me — murmurou ela. — Quanto tempo eu tenho de vida? Devo avisar meu irmão. Ele também morrerá!

Já estava quase fora da tenda, mas Tearle tomou-a pelos ombros e se inclinou sobre ela:

— Não quer entender? Ninguém foi ferido. Não vim aqui para lhe causar mal. Dei-lhe um sonífero para fazê-la dormir e assim poder fazer meu trabalho sem ser interrompido por você.

— Para que não desse o alarme — ela o interrompeu, escapando de seu abraço.

— Também por isso— replicou Tearle. Sua voz se adoçou : — Venha para cá, sente-se e coma.

— Nunca comerei o que foi tocado por um Howard.

Tearle pegou o prato, partiu pedaço um pedaço de pão e comeu, logo cortou um pedaço de carne. — A comida não está envenenada.

Zared ainda não estava convencida, embora tivesse muito apetite. — Por que está aqui?— repetiu.

— Vim...— o jovem vacilou, porque nem ele mesmo conhecia o motivo de sua presença. De um lado desejava o fim do ódio entre sua família e a dos Peregrine, mas por outro lado sabia que se não fosse por essa jovem tão zangada, não lhe importaria o que aconteceria entre seu próprio irmão e os irmãos dela. Não compreendia por que essa moça lhe interessava tanto... havia muitas mulheres mais formosas que ela, mais ricas que ela... e com um caráter mais maleável. Entretanto, ali estava, certamente não se encontrava em condições de ir embora, nem se o quisesse.

— Vim para pôr fim a esta luta entre nossas famílias — disse ao final.

— Para pôr fim...— Zared, atônita, sentou-se na cama.

— Veja, meu irmão está literalmente obcecado pelo ódio. Seus irmãos e você mesma não sabem pensar em outra coisa. Não, não o negue. Você também só fala deste ódio, e vi o modo que vocês são prisioneiros naquele castelo pestilento.

Zared achou absurda a ideia de que se pudesse pôr fim à luta. Sabia que Tearle era vil, um fraco, mas era também estúpido? — E como propõe fazê-lo? Quer restituir a terra que sua família nos roubou? Dará a meu irmão Rogan o título de duque que deveria ser seu por direito?

— Na realidade...— Tearle começou a dizer e nesse momento teve uma ideia. — Porei fim à luta fazendo com que um Howard e um Peregrine se casem. Isso unirá a nossas famílias.

— Tem alguma meio-irmã escondida em algum lugar e pretende dá-la por esposa a Severn? Uma irmã idiota que trataria de enganar o meu atraente irmão?

Sorriu-lhe: — Pensei que talvez pudesse me casar com você.

Zared tentou respirar e rir ao mesmo tempo: foi um engano porque esteve a ponto de se sufocar.

Tearle bateu com a mão em suas costas e lhe deu um copo de vinho misturado com água. A moça bebeu um gole, afastando-se dele.

— Comigo?— disse por fim. — Casar-se comigo? Eu me casar com um Howard?

Tearle ficou rígido. — Que coisa melhor poderia esperar uma Peregrine? Não tem dote.— Assim dizendo a olhou da cabeça aos pés. — Nem sequer é uma verdadeira mulher.

— Sou o suficiente para desejar um homem!— balbuciou ela. — Sabe o que meus irmãos fariam se falasse que desejo me casar com um Howard? Meu irmão Rogan...

— Entretanto pensei que Severn poderia casar-se com minha irmã, se tivesse uma, o que não é assim.— Tearle falou de matrimônio impulsivamente, mas desde que o fez considerou que não era uma questão para rir. Afinal, era uma ótima ideia e a melhor parte era que colocaria suas mãos no corpo miúdo dela.

Zared pensou que o homem, na realidade, era um tonto. — Se meu irmão se casasse com uma Howard, ela viveria conosco. Se me casasse com você, um simples segundo filho, deveria ir viver sob as ordens de seu irmão. Acredita verdadeiramente que Oliver Howard me trataria bem? Ou não acredita que seria feliz de ter uma Peregrine para submetê-la a suas torturas?

Tearle se sobressaltou. Imaginava muito bem a reação de seu irmão: ante a perspectiva de ter uma Peregrine sob seu próprio teto, ele riria. Pensou que fazer isso com Zared não cessaria a luta, ao contrário, a pioraria.

— Assim, veio para se casar comigo. — exclamou sem parar de rir. — Como fará para agradar meu irmão?

— Já falei. Trouxe-lhe os trajes — respondeu Tearle que já não estava contente.

Até agora nunca propusera matrimônio a nenhuma mulher, e nenhuma jamais o teria rechaçado. Que mais essa menina queria dele? Era o irmão de um duque, atraente, era...

— Não pensou que seria tão louca em aceitar ser sua esposa! — disse Zared.
— Seria como me transformar em uma prisioneira. Quero conhecer o verdadeiro motivo de sua presença neste lugar.

Tearle tratou de recuperar sua própria dignidade. Sorriu e sacudiu os ombros.
— Não pode me culpar por ter tentado. Não menti ao dizer que quero pôr fim à luta. Estou cansado de tanto ódio e pensei que talvez pudesse fazer amizade com seu irmão...

— Fazer amizade?— Como pode um Howard ser amigo de um Peregrine?

— Já fiz algum progresso. Trouxe os trajes, entreguei a Severn uma esplêndida armadura de prata. É a minha...temos mais ou menos a mesma altura.— Queria sublinhar o fato que ele também era forte, robusto e fazê-la entender que não era a mulherzinha que acreditava. Mas a moça parecia não compreender.

Zared se levantou e foi para uma esquina da grande tenda — Trouxe vestimentas e armadura, roupa e armadura de um Howard e meu irmão aceitou tudo sem perguntar?

Zared começava a ter dúvidas com respeito ao seu irmão. Havia declarado ter participado de vários torneios, demonstrando entretanto, não saber nada sobre os desfiles. Dissera que sabia tudo sobre mulheres, mas não tinha entendido que Lady Anne não desejou ser tratada daquele modo diante de todos.

— Foi mais fácil do que imaginei. Parecia que o seu irmão esperava esses trajes por parte de Lady Liana.

— Não, não os esperava, mas Liana...— Zared se calou. Não diria nada a esse homem, seu inimigo. Não era próprio de Severn acreditar em um estranho, mas talvez nessa manhã estivesse um pouco transtornado. — Assim realizará as funções de servente de meu irmão? É o que me disse, se não me equivoco. E se chamará Smith, e você um homem rico, injustamente rico porque suas terras pertencem a minha família, mas em todo caso rico, preocupa-se com a nossa comida? Esvaziará também os urinóis?

— Vigiarei esses frouxos que são seus serventes para que façam bem seu trabalho.

Zared não acreditou em nenhuma de suas palavras: — Agora que os Howards sabem que existe uma mulher Peregrine...que intenções têm?

— Não disse a ninguém que é uma mulher, como não disse que sou um Howard.

— Alguém o reconhecerá. Alguém o apontará como um Howard, e nesse momento Severn matará você, e seu irmão...

— Cale-se! — quase gritou. — Não sou o monstro que você imagina. Sou simplesmente um homem que não quer passar a vida com o ódio no coração. Pensei em um plano para chegar a ser amigo dos Peregrine e o pus em ação. Aqui ninguém me conhece, salvo Anne e ela...— Calou-se porque havia falado muito.

— Anne? Lady Anne? A mulher que Severn quer por esposa?

— Anne, casar-se com um homem tosco como seu irmão? Estou certo que antes...

Zared o esbofeteou.

— Bem, pequena...— disse aproximando-se dela.

— Então acordou!— exclamou nesse momento Severn, entrando na tenda.
— Conheceu Smith? Foi Liana que o enviou.— Alcançou a cama e pegou um pouco de comida da bandeja de Zared, mas antes que pudesse comer um bocado a irmã tirou de sua mão.

— É meu— disse. — Quero dizer que está destinado a mim.

Severn a olhou, estupefato: — De acordo. Smith, me traga um pouco de comida.

— Não!— gritou Zared deixando a bandeja cair. A comida se esparramou pelo chão enquanto ela se colocava entre o Tearle e a pequena mesa na qual

havia outra comida.

— O que está acontecendo?— perguntou Severn.

— Bom, eu...— Não estava em condições de pensar depressa.

— Acredito que o moço está preocupado com a ideia de que esta comida não seja boa como aquela proporcionada pelos Marshall. Está fria e com muita gordura, enquanto na casa estão servindo sopas quentes.

Severn pareceu ainda mais confuso. Quando sua irmã se preocupou com a comida?

Na realidade, na casa dos Peregrine ninguém fazia caso.

— Quero que você tenha...o melhor — disse Zared — para que conserve seu vigor para a batalha.

Severn coçou a cabeça: — Está bem, irei a casa, mas você permanecerá aqui com Smith e guarde os trajes que Liana nos enviou. Olhe se há algo que sirva para você.

— Os trajes que uso são mais do que adequados para um Peregrine, — replicou ela, observando a túnica de pesada seda negra de seu irmão; na arena ela ressaltava um bordado de dragões em ouro e prata, e prosseguiu: — Nem todos precisamos parecer pavões reais.

Severn lançou um olhar severo: — Não faça com que eu me zangue, e você, Smith, vigie meu escudeiro.— Dizendo assim saiu da tenda.

Zared girou e olhou Tearle: — Pela primeira vez em minha vida tenho a oportunidade de ver o mundo, e sou submetida à vigilância de um Howard. E deverei permanecer com você a cada instante para evitar que faça mal ao meu irmão.

— Em todo instante?— repetiu Tearle, e ante essa perspectiva sorriu.

Capítulo Cinco

Zared observou Tearle Howard sair da tenda e ir em direção ao carro buscar os trajes e as armas que havia trazido. Morria de fome e aguçou o ouvido ante o ruído de armas e os gritos da multidão que atiçavam e aplaudiam os duelistas. Severn já havia competido? Quem tinha sido seu rival? E Colbrand?

Não sabia nada do que acontecera, porque Howard a mantivera longe do campo de torneio e a fizera dormir o dia todo.

OceanofPDF.com

Olhando o homem, seus cabelos, suas vestes negras, pensou nele como um pesadelo. Os Howard pretendiam arruinar toda a sua vida? Alguma vez se libertaria deles?

Em sua terra não era livre para cavalgar sozinha sem ser detida por um deles, e pelo que parecia, não permitiriam sequer divertir-se no torneio...observou de novo seu inimigo: agora estava tirando do baú uma túnica de veludo vermelho rubi, com o cinto adornado com pele de raposa cinza.

Propusera-se casar com ela...uma união entre um Howard e uma Peregrine...que ideia absurda! Seus irmãos nunca permitiriam viver sob o domínio de Oliver Howard, sem contar que os Howards provavelmente a teriam enclausurado em uma torre, deixando-a morrer de fome.

Tearle não teria força suficiente para lutar contra seu irmão mais velho. Casar-se com ele significaria ser prisioneira de Oliver. Este homem débil quase fora morto por uma ferida leve e nada poderia fazer para defendê-la.

— Olhe para cá — disse entrando na tenda e estendendo-lhe uma túnica vermelha e meias da mesma cor.

— Eu não ...— Queria dizer que não colocaria nenhum objeto que pertencesse aos Howard, mas nesse momento Colbrand passou a cavalo. Era tão belo como recordava, talvez mais. Também estava vestido de branco. Uma túnica imaculada como o lago de uma montanha. E seus cabelos reluziam ao sol, que se refletia também sobre sua armadura. E seus olhos...

Tearle pôs os objetos no tórax dela, que retrocedeu um passo e disse em tom rude: — Ponha esta túnica.

A moça tocou o veludo e olhou a pele. Talvez a colocando, Colbrand a apreciaria mais.

— Eu vou, mas não por você — murmurou. — Saia, dando-me às costas — ordenou-lhe.

Sem deixar de observá-lo, trocou-se depressa. Estendeu uma perna, feliz por não ter furos na meia ou manchas de graxa. A pele era suave e esfregou o rosto nela.

— Está vestida?— perguntou Tearle do lado de fora, impaciente. — Seu irmão está lutando contra seu primeiro rival.

Zared saiu e ignorou o modo como ele a olhava.

— Venha, quero assistir o combate. Deve permanecer ao meu lado.

— Farei um esforço — replicou Tearle com uma risada.

Mas Zared nunca alcançou o campo de combate. Não muito longe da desarrumada tenda dos Peregrine viu uma tenda branca, no topo dela ondulava uma bandeira onde ressaltavam leopardos e uma coroa. Como se não controlasse seus próprios passos, a moça se encaminhou na mesma direção.

— Seu irmão...— disse Tearle as suas costas, mas ela não parou.

Diante da tenda estava sentado Jaime, o escudeiro de Colbrand, afiando uma espada.

— Você...— disse olhando-a. Jaime tinha decidido odiar o escudeiro dos Peregrine; Colbrand o recriminara asperamente. — O que quer?— perguntou zombeteiro.

Zared abriu a boca para responder, mas nesse momento Colbrand saiu da tenda. Já não vestia a armadura e seu corpo robusto e musculoso estava coberto por uma curta túnica branca e suas pernas estavam cobertas por meias cinza pálido. Só o que conseguiu foi olhá-lo, sem dizer uma palavra.

Colbrand, a princípio não viu o escudeiro dos Peregrine e se dirigiu a Jaime dizendo:

— Não é assim que se segura à espada. Está distraído...agora mostrarei como se faz.

— Posso fazê-lo — disse Zared aproximando-se do cavaleiro sem deixar de olhá-lo.

Colbrand sorriu. Estava acostumado com os moços que o adoravam, considerando-o um herói, e pensou que o recém-chegado não era exceção. Sempre era gentil com os moços, era possível acontecer que um dia ou outro os encontrasse no campo. Mas na realidade Colbrand era gentil com todos, uma vez que essa era sua natureza.

— Agradecerei se mostrar ao meu escudeiro como se faz — disse.

Zared deu um passo, mas uma grande mão pousou sobre seu ombro, enquanto a voz de Tearle dizia: — O moço deve assistir seu irmão.

— Então deve ir.

Zared se virou entrecerrando os olhos e disse — Meu irmão está em condições de cuidar de si mesmo. Todos os Peregrinos sabem cuidar de si mesmos, inclusive eu — Libertou-se de sua mão, virou-se e sorriu para Colbrand e pouco a pouco tirou a espada das mãos de Jaime, que sussurrou: — Você me pagará isso.

A jovem ignorou essas palavras e sentou em um tamborete diante da pedra afiadora. Enquanto crescia, seus irmãos tinham perdido a esperança que chegasse a ser forte como deveria ser um moço e assim, ensinaram muitas coisas secundárias, como afiar espadas e desamassar armaduras. Era muito hábil.

Portanto afiou a espada de Colbrand e quando terminou a estendeu, olhando-o como um cachorrinho olha seu amo para ser acariciado.

— Ótimo trabalho — disse o cavaleiro fazendo percorrer um dedo sobre o fio, e sorriu de um modo tão doce que Zared pensou estar de novo a ponto de desmaiar.

Nesse momento, se aproximou da tenda um mascate com doces em uma grande bandeja pendurada no pescoço.

— Um trabalho como este deve ser recompensado— disse Colbrand. — Meninos, estão com fome? Não...— perguntou rindo. — Na sua idade sempre se tem apetite— Deu uma moeda ao vendedor e disse para Zared e Jaime que escolhessem o que quisessem.

Zared indicou um pedaço de doce com cerejas e quando o teve entre suas mãos vacilou. Vinha de Colbrand e gostaria de conservá-lo, tê-lo para sempre. Entretanto, morria de fome e no final o comeu, mas lentamente.

— Já competiu?— perguntou.

— Uma vez— respondeu o cavaleiro sorrindo afetuosamente para o moço que o olhava com olhos adúladores. Devia ter ouvido falar dele, dos numerosos prêmios que tinha colecionado no transcurso dos anos.

— E ganhou — adicionou Jaime em tom belicoso. — Colbrand nunca foi desmontado em sua vida.

— Vamos, Jaime — disse Colbrand — não devemos tentar o destino. Talvez neste torneio me desmontem. Tem o seu irmão, por exemplo. É bom com a lança?

Zared mordeu o caroço da cereja e depois, em vez de cuspi-lo, secou-o e o pôs na ponta do nariz. — É muito bom — respondeu — mas com sua habilidade e sua prática também fará uma boa apresentação com ele.

— Uma boa apresentação! — exclamou Jaime. — Colbrand desmontará seu irmão.

Ao escudeiro não agradava o fato que seu patrão prestasse tanta atenção nesse moço de aspecto agradável, que sabia afiar a espada melhor que ele. Não gostava do modo que as pessoas andavam contando por aí, que os Peregrine, apesar de serem esfarrapados, eram ótimos combatentes. Sabia quanto Colbrand desejava dele um bom comportamento, mas as brincadeiras desse moço o incomodavam, e se lançou sobre ele.

O primeiro instinto de Tearle foi deixar que os dois fizessem as pazes. Zared se colocara em ridículo com Colbrand e não havia gostado do fato.

Como podia pôr olhos de cordeiro degolado em um homem tão idiota que não percebia que era uma moça? Como podia sentir-se atraída só por um belo rosto e uma bela armadura?

Nem ele nem Colbrand tiveram tempo de interromper a luta porque Severn chegou a galope, com a armadura e cabelos molhados de suor. Agarrou Zared e Jaime pela gola da túnica e os separou, atirando o segundo no chão de terra como se fosse um trapo, arrastando para a tenda a primeira, sem se importar com os olhares das pessoas. Tearle os seguiu.

A moça percebeu que estava zangado, e sabia que quando um de seus irmãos estavam nesse humor, convinha não abrir a boca.

— É meu escudeiro— disse em voz baixa, furioso. — Seu trabalho consiste em me passar as lanças, cuidar de meus cavalos e me dar de beber quando tenho sede. No entanto, passa o dia dormindo e quando desperta não aparece, mas se põe ridícula com esse mequetrefe, esse...

— Colbrand não é...— começou a dizer a moça, mas calou-se. Não era o momento de discutir com o irmão.

Este se aproximou, fazendo-a retroceder.

— Estou mortificada, Severn— murmurou.

— Sabe o que digo? Penso em mandá-la para casa.

— Ah, não, peço que não o faça. Ajudarei, juro.

— Como? Pondo olhos doces nesse Colbrand? Não entende que também é um pretendente à mão de Lady Anne? No jantar ouvi dizer que ela tem certo interesse por esse homem, como seu pai tem.

— Não queria fazer nada de mal. Seu escudeiro é um estúpido. Nem sequer sabe afiar uma espada, queria mostrar o que me ensinou e ...

— Afiaste sua espada?— Severn estava tão encolerizado que os olhos saíam das órbitas. — A espada que usará contra mim? Onde fica sua lealdade? Deseja que faça correr o meu sangue?

— Não, Severn, me acredite, não queria fazer nenhum mal, só ser útil. Como já disse, seu escudeiro não sabe sequer afiar uma espada.

— E nem mesmo sair de sua cama. É o que quer desse Colbrand? Que me derrote?

— Não, Severn, claro que não. Só...

— O quê?— trovejou o homem.

— Eu...— O que podia dizer? Que achava Colbrand atraente mais do que qualquer outro? Que quando estava ao lado de Colbrand tremia?

— Acredito que ela o quer em sua cama— disse Tearle calmamente às costas de Severn.

— Não!— gritou Zared. —O que sabe do que eu quero? O que sabe de... algo? É...

— Ela?— perguntou Severn. — Disse a alguém que é uma mulher?— sentou-se em um tamborete, tomando a cabeça com as mãos. — Liana tinha razão.

— Não disse nada!— balbuciou Zared. — Percebeu sozinho.

Severn olhou Tearle, com expressão interrogativa, mas o jovem permaneceu calmo e disse:

— Olhe-a. Sinceramente diria que é um homem? Esse Colbrand de quem gosta tanto que mal pode permanecer de pé quando está ao seu lado e, entretanto, esse tolo acredita que seja um moço. Discute como uma moça, fala como uma moça, sua voz é a de uma moça. Como podia não perceber?

Severn refletiu depressa. Se descobrissem que Zared era uma mulher, Oliver Howard também poderia saber. Havia jurado capturar todas as mulheres Peregrine e tentaria capturar Zared também. E como ele podia protegê-la se passava todo o tempo no campo de torneio? Nesse mesmo dia, em vez de estar com ele, ficou flertando com um homem que era seu rival. Quem podia dizer que Colbrand não fosse pago por Oliver Howard?

— Deve voltar para Rogan— disse por fim. — Aqui está em perigo.

— Não!— gritaram Zared e Tearle juntos.

Tearle sabia que se a jovem se fosse, não a veria nunca mais. — Cuidarei dela — apressou-se a dizer.

— Você?— perguntou Zared, zombeteira. — Você, um...

— Um o quê?— perguntou o jovem, desafiando-a a dizer a Severn que ele era um Howard.

Zared olhou seu irmão. — É um covarde, um fraco e não está em condições de cuidar de ninguém.

Em algum outro momento Severn ficaria surpreso com a animosidade de sua irmã para com esse estranho, mas agora tinha muitas coisas em que pensar. —Liana o enviou, ela o escolheu — disse. Sua estima por sua cunhada tinha aumentado. Deveria tê-la escutado, aceitado o que havia preparado para ele e deixado Zared em casa.

— Liana não sabia...

— Não sabia o que?— perguntou Severn.

— Não sabia que tipo era. Com efeito, ele é muito fraco para proteger qualquer um. Se Howard nos atacasse, provavelmente nos entregaria a eles.

Severn olhou o homem que Liana enviou e não pôde concordar com sua irmã. Smith era robusto e vigoroso. E Zared não o tinha visto trabalhar ao descarregar as armaduras. E no treinamento havia visto ele manejar a espada de modo tal que o fez pensar ter sido treinado para o combate.

— Jura que a protegerá?— perguntou-lhe.

— Juro — respondeu Tearle, e sua voz e olhar eram sinceros.

— Não! Severn, não pode fazer isto!

— Você pediu por isso — replicou Severn, levantando-se e sentindo-se muito melhor. Depois, voltando-se de novo para Tearle — Vigie-a de tal maneira que ninguém saiba que é uma moça. Mantenha-a longe da luta e das camas dos homens, prometi a Liana levá-la de volta para casa intacta.

— Protegê-la-ei a cada instante — disse Tearle. — Tem minha palavra.

— Bem— exclamou Severn. — Está em suas mãos. Faça de um modo que ninguém perceba a verdade sobre ela. Agora devo ir —e assim dizendo saiu da tenda.

Zared permaneceu onde estava, olhando seu irmão que se afastava. Era incrível...

Deixou-lhe sob o amparo de seu obstinado inimigo... um Howard devia protegê-la dos Howard!

— Não me olhe assim— disse Tearle. — Quantas vezes tenho que dizer que não seria capaz causar-lhe mal? Protegê-la-ei.

— Sua família tem matado os membros da minha por gerações. Como posso acreditar agora que um Howard seja meu amigo? No entanto, está aqui para casar-se comigo, não é certo?— concluiu em tom desafiante.

Ante essas palavras o jovem se sobressaltou, perguntando-se por que não ia embora e a abandonava ao seu destino. Talvez sentisse sobre seus ombros o peso dos pecados de seus antepassados...talvez eles realmente tenham roubado as terras dos Peregrine...

— É hora de jantar — disse — e deve ajudar seu irmão e seus homens.

— Devo ... fazer o quê?

Tearle sorriu. Levava o título de escudeiro, mas também o nome Peregrine.

Geralmente, quando um menino alcançava a idade de sete anos era afastado de casa, e permanecia um tempo junto a uma família que não era a sua. De fato os jovens aprendem com maior dedicação com estranhos do que com

seus familiares. Zared estava acostumada a jantar junto com Severn e agora deveria ir à procura de comida para ele.

— Disse ao seu irmão que a protegerei, mas encontrarei uma maneira que desempenhe suas tarefas de escudeiro. Se estiver ocupada, terá menos tempo para pôr os olhos doces em Colbrand.

— Já ouvi ordens suficiente de você — murmurou a moça, saindo da tenda e acrescentou: — Vou jantar por minha conta.

Zared teve que abrir caminho entre dois escudeiros para obter a carne que Severn havia dito que buscasse. Tentava controlar seu mau humor, mas não era fácil. Severn gostou muito da ideia de ser servido por sua irmã, e ao mesmo tempo queria castigá-la por não tê-lo atendido durante o dia. Ele indicou a carne que se encontrava nas mesas e ordenou que trouxesse uma porção.

— Leve também um guardanapo — sugeriu Tearle.

— Por quê? Não o usará— rebateu ela.

Naturalmente Severn decidiu precisamente o contrário e a moça teve que voltar para procurar um guardanapo.

A cada movimento que fazia, olhava em direção a Tearle. Severn o tinha feito sentar a sua direita e ante os olhos de todos pareciam dois ótimos amigos. Amigos que têm um inimigo comum, pensou a moça, e esse inimigo era ela.

O jantar durou muito tempo e Zared ocupadíssima, não teve tempo de olhar ao redor. Tinha sonhado tanto em assistir esse torneio com o irmão...mas até esse momento tudo tinha sido um desastre.

Finalmente a comida terminou e os homens, a família Marshall, o rei e os convidados começaram a sair do enorme salão. Alguns jovens propuseram a Zared ir “às mulheres” com eles, mas ela recusou. Serviu-se de um grosso pedaço de carne, pão e um copo de vinho e saiu do salão.

— Eu a esperava — disse Tearle quando a viu.

Por pouco não deixou cair o copo de vinho. Não conseguia libertar-se desse homem? — Me deixe em paz — disse-lhe.

— Jurei ao seu irmão protegê-la.

— Do que?— Não entende que não o quero ao meu lado? Vá procurar qualquer outro a quem impor sua presença. Deixe-me, quero estar sozinha.

Tearle a olhou e se perguntou por que insistia em permanecer ao seu lado, se não era bem-vindo. Enquanto ele estivesse presente no torneio, Oliver não poderia lhe causar mal. Olhou ao redor e viu centenas de pessoas que conversavam, divertiam-se, grupos de jovens que brincavam com grupos de moças. As elegantes damas estavam acompanhadas por impecáveis cavalheiros. Havia vendedores ambulantes, acrobatas que se exibiam, cantores e músicos.

— Está bem, vá — disse — mas não permaneça muito tempo longe da tenda, ou serei obrigado a procurá-la.

Zared se afastou quase correndo para afastar-se dele o mais rápido possível.

Comeu, vagou para cá e para lá, observou as mercadorias dos vendedores, admirou os acrobatas e um cão que latia para um urso encadeado. Para ela, todas as coisas representavam novidades e por um tempo atraíram sua atenção.

Mas sua alegria desapareceu quando uma formosa moça da aldeia começou a paquerá-la. Nem sequer lhe dirigiu um olhar, mas ela em vez de ir embora, pediu que a acompanhasse em um passeio. Zared deu a volta e a deixou ali mesmo.

Algumas outras moças, filhas de ricos mercadores, elegantes e com joias, passeavam conversando e Zared observou seus vestidos. Ela gostaria de se vestir como elas.

— Vem conosco? — gritou um moço, mas ela retrocedeu e negou com a cabeça.

— É um dos Peregrine— escutou dizer, virando-se para outros que caíram em risadas.

Zared se afastou com a sensação de não pertencer a nada e a ninguém. Não podia participar do grupo de moças e não podia estar com os moços. Seu ingresso no cortejo com seu irmão e seus homens resultou em brincadeira da multidão.

— Amanhã Severn demonstrará o que vale— disse a meia voz, prometendo ajudar seu irmão de qualquer modo. Não permitiria que aquele odioso Howard desse um sonífero para beber e fazê-la dormir o dia todo outra vez.

As pessoas e a confusão haviam perdido o interesse para ela, e de repente desejou estar em casa, vagar ao redor do castelo, ouvir os cantos das damas de Liana.

Perguntou-se onde estaria Severn. Provavelmente com alguma mulher, pensou desgostosa. Seu irmão, pelo que se via, sempre encontrava facilmente mulheres com as quais divertir-se.

Afastou-se da zona ruidosa e alcançou um arroio que corria perto da propriedade dos Marshall. Teve a impressão que cada arbusto dos arredores escondia um casal, e se sentiu mais só do que nunca. Caminhou pelo arroio; já era noite profunda e a lua brilhava.

E por um momento a moça parou, contendo a respiração.

De pé com a água chegando aos tornozelos, de costas estava Colbrand completamente nu. Ao olhá-lo sentiu invadir uma sensação de calor, olhou-o e os joelhos tremeram. De repente o homem se virou, viu-a e disse: — Ah, o jovem Peregrine. Venha me lavar as costas.

Zared tratou de controlar sua emoção; entrou na água sem se preocupar em tirar os sapatos, pelo simples fato que o tinha esquecido e continuou a olhar o corpo nu de Colbrand.

Tomou o pedaço de sabão que lhe estendia e começou a esfregar o seu dorso, os braços e as nádegas.

Colbrand riu: — Parece que é melhor que meu escudeiro em tudo. Como é que não foi atrás das moças como fez Jaime?

— Eu..— começou a dizer, o fato de tocá-lo a impedia de falar. Por um momento o pânico a assaltou. Colbrand teria se dado conta que era uma mulher? Ele a teria beijado?

— Vá procurar um balde para me enxaguar — disse-lhe e ela obedeceu.

Depois o homem se ajoelhou diante dela, de maneira que pudesse enxaguá-lo jogando a água com o balde e ao fazê-lo, a moça sentiu que o coração pulsava alucinadamente...Colbrand estava tão perto...

— Agradeço-lhe muito — disse, levantando-se e dirigindo-se para a borda, onde começou a secar-se.

Zared permaneceu na água sem deixar de olhá-lo, se perguntando se no mundo existia outro homem com um aspecto tão atraente.

— Quer permanecer na água a noite toda? — perguntou o homem sorrindo.

— Não, não. — apressou em alcançá-lo sem dar-se conta que seus pés estavam gelados, observando-o enquanto se vestia.

— Vai... se encontrar com alguém?— conseguiu perguntar, pensando que se fosse uma mulher seria capaz de lhe arrancar os olhos.

— Lady Anne — respondeu Colbrand. — Seu pai me convidou para uma conversa durante as justas amanhã e acredito que Lady Anne estará presente.

— É muito bela — replicou Zared em sua voz havia resignação.

— É rica — ele acrescentou rindo. — Agora devo ir. Se porventura ver meu escudeiro, diga que durma um pouco esta noite, desejo que amanhã esteja descansado porque necessitarei dele.

Fez um pequeno gesto de saudação com a mão e se afastou.

A moça permaneceu olhando-o enquanto se afastava, logo se sentou na borda fria olhando a água. Como podia esperar que Colbrand a amasse, se a sua rival era Lady Anne? Não podia oferecer nem mais beleza e nem mais dinheiro que ela. Não podia oferecer nada do que oferecia Lady Anne?

— Talvez um caráter mais doce — disse em voz alta, recordando o encontro de Severn com a mulher.

Permaneceu um longo tempo nessa posição, completamente perdida em seus pensamentos e não ouviu o homem que tinha chegado.

— Estive procurando-a — disse Tearle.

Zared estava tão abatida que nem sequer protestou e continuou a olhar o arroio.

Tearle tratara de se distrair durante a noite e ao contrário de Zared, participou de várias reuniões similares durante sua estadia na França e havia poucas coisas que podiam despertar seu interesse. Algumas mulheres lhe lançaram olhares lânguidos, mas não tinha feito o maior caso. Por razões que não compreendia, gostava somente de mulheres com os cabelos loiro-avermelhados...e sem dúvida gostava de Zared pela cor de seu cabelo. Depois de uma hora começara a procurá-la e preocupar-se porque não a encontrava.

Finalmente tropeçou em Colbrand e deixando de lado seu orgulho perguntou se porventura vira o jovem Peregrine. O cavalheiro havia dito que Zared o ajudara a tomar banho e ante aquela notícia, Tearle foi invadido pela raiva. Pouco depois a encontrou.

Poderia tê-la reprovado, dizer que era ridícula, mas nos olhos da moça havia um olhar que o impediu de fazê-lo.

— É hora de deitar-se — murmurou. — Amanhã de manhã seu irmão estará no campo muito cedo.

— Ali estarei — replicou Zared sem deixar de olhar a água.

— O que a atormenta?— perguntou-lhe em voz baixa.

Virou-se para olhá-lo com os olhos brilhantes e disse: — Você! Por que você se deu conta que sou uma mulher enquanto os outros não o fazem?

— Não sei. Se você está se referindo a Colbrand, não se dá conta porque é um parvo. É como um animal inteligente o suficiente para lutar, mas não para pensar.

— Por que o odeia? Por que sabe fazer coisas que você não sabe? Está com ciúmes de todos aqueles que são verdadeiros homens?

Fez menção de levantar-se, mas Tearle pegou-a por um braço e a obrigou a sentar-se de novo.

— Isso é o que faz um homem, um verdadeiro homem, aos seus olhos? A habilidade de lutar? Desmaiou por Colbrand antes de vê-lo em combate. Como sabe como é um verdadeiro homem? Entrou na água com ele, percorreu com suas mãos seu corpo nu e não foi inteligente o suficiente para captar que era uma mulher que o estava tocando, uma mulher que o deseja. É a estupidez que faz um homem, um verdadeiro homem, aos seus olhos?

— Está com ciúmes — replicou Zared, atônita. — Está com ciúme de Colbrand. Por quê? Porque pode ter todas as mulheres que deseja, enquanto você não pode ter nenhuma?

— Não posso ter nenhuma?— observou-a longamente, levantou-se e perguntou: — Não me vê? Não poderia esquecer por um momento que sou um Howard e me olhar?

Zared levantou os olhos...Tearle acaso teria razão? O fato de ser um Howard a impediria de pensar em qualquer outra coisa.

O jovem se afastou apertando os punhos porque percebeu que suas palavras não tiveram nenhum efeito sobre ela. Bem, não importava, disse pela

enésima vez. Deveria se importar pelo que uma garota pensava dele? Deveria ter ido se divertir como outros, rir, beber com uma mulher em seus joelhos e outra ao seu lado, e no entanto estava ali, na escuridão, tentando fazer uma jovem teimosa entender que ele era tão atraente como o idiota do Colbrand. Sim, ele era atraente, rico, forte, culto e no entanto, ela o tratava como se fosse o filho de um camponês.

Virou-se para ela: — Venha, voltemos para a tenda de seu irmão. Irá se preocupar se não vê-la voltar.

— Severn não passará a noite sozinho, a não ser com uma mulher.

Pronunciou aquelas palavras em um tom que fez Tearle sorrir, pois percebeu que permaneceu à beira do arroio pensando em sua própria tristeza, sem dúvida porque Colbrand não captou que ela era uma mulher.

Não suportava vê-la triste, sabia que nela o orgulho era mais forte que a autocompaixão. Então, com fingida severidade disse-lhe: — Peregrine, o fato é que...enfim, se vestisse um lindo vestido, Colbrand a notaria. Qualquer homem se apaixonaria por você.

Zared reagiu como Tearle esperava. Levantou-se de um salto parando na frente dele. — Poderia certamente ter qualquer homem. Liana diz que sou bonita.

— Quem disse isso foi uma mulher ou um homem?— perguntou rindo.

Mas Zared não se deu conta que ele brincava e estava a ponto de chorar. Estava dizendo as coisas que ela também pensava. — Um homem me diria isso, se soubesse que sou uma mulher. Poderia se fazer apaixonar muitos homens, se...

De repente o desejo de brincar abandonou Tearle. Certo, essa moça podia fazer qualquer homem se apaixonar, mas de quem gostaria?— Um homem como Colbrand?— perguntou zangado. — Não a notou nem sequer quando percorria seu corpo com suas mãos. Por que acredita que o contrário aconteceria se vestisse uma roupa diferente?

— Odeio-te — murmurou Zared. — Odeio-te — Afastou-se dele e começou a caminhar.

Tearle não tinha a intenção de fazê-la chorar, mas não conseguia suportar o interesse que demonstrava por Colbrand. — Gostaria que eu dissesse que é bonita e feminina mais do que qualquer outra mulher que já conheci?— perguntou em voz baixa depois de havê-la alcançado.

Zared virou a cabeça, não queria que visse suas lágrimas.

— Suas palavras não teriam nenhuma importância para mim.— Replicou e se afastou tentando manter os ombros rígidos.

Tearle a olhou enquanto se afastava e logo a seguiu em direção da tenda.

Criticando-a, somente tinha conseguido fazer mal a si mesmo.

Capítulo Seis

A tenda principal dos Peregrine continha três camas. Quando Tearle a alcançou, Zared estava deitada em uma delas, tampada até o queixo com uma ligeira manta. O homem nada disse, despiu-se e se deitou.

Não adormeceu imediatamente e permaneceu olhando o teto da tenda, refletindo.

Zared exercia sobre ele um efeito que não gostava, estava transformando-o em uma pessoa que não conhecia. Onde estava o homem que sabia beijar, acariciar uma mulher, o homem que cortejava as mulheres, brincando com elas? Zared o enraivecia.

Fechou os olhos com a intenção de dormir, prometendo a si mesmo não se zangar mais se Zared fizesse algo.

Despertou somente quando Severn entrou na tenda e se deitou em sua própria cama. Pouco depois teve a sensação de que algo não estava bem. Permaneceu deitado, em silêncio, com o ouvido atento, tentando perceber se havia algum perigo. De repente seu cérebro foi tomado pela ideia que

fora da tenda pudesse estar seu irmão, e sua mão tomou a espada que estava ao lado da cama.

Mas depois percebeu que “esse algo” estava acontecendo dentro da tenda.

Levantou-se e aproximando-se da cama de Zared, inclinou-se para observá-la. A moça estava deitada em silêncio, mas Tearle sabia que estava chorando. Sentou-se ao seu lado e a tomou entre seus braços, dando-se conta que dormia. Chorava sempre enquanto dormia? Chorava sempre de maneira tão silenciosa?

Manteve o corpo dela, coberto somente com um tecido de linho, contra seu próprio tórax e a balançou docemente. Ela se apegou a ele, continuando a chorar e verdadeiramente parecia uma menina. Estreitou-a mais para si, acariciando seu cabelo, e perguntando-se o que a fazia chorar.

Severn por sua vez também despertou. Sabia que sua irmã estava chorando porque o fazia com frequência no sonho, exatamente como tinha feito sua mãe, mas não se aproximou. Permaneceu deitado, em silêncio, preparado para ajudá-la caso necessitasse e não fez nada para que cessasse o pranto.

Mas quando viu que Smith se movia e se aproximava da cama de sua irmã, tomou a faca. Por que ele rondava durante a noite pela tenda? Esteve a ponto de lançar a faca, mas hesitou ao ver que Smith a tomava em seus braços. Severn ficou atônito. Como Smith deu-se conta que a moça chorava? Somente ele, Severn, sabia que a jovem chorava durante o sonho. Nenhum de seus outros irmãos percebeu suas lágrimas, entretanto, esse homem sim, tinha descoberto.

Severn relaxou, sem deixar de observar às duas figuras imóveis na sombra, e pensou em Liana. Sua cunhada estava mais louca do que pensava. Tinha eleito Smith, talvez pensando que fosse o homem adequado para Zared.

Severn, observando Smith que segurava sua irmã entre seus braços, recordou os anos em que a mãe de Zared estava viva. Seus irmãos não gostavam de ouvi-la chorar em sonhos e a seu modo tinham tentado reconfortá-la. Por quase um ano, tinham permitido que chorasse sem se

queixarem, mas durante o segundo ano de seu matrimônio com seu pai insistiram que parasse, e essas palavras a tinham feito chorar ainda mais.

Tinha sido Severn a frear essas lágrimas. Já era um robusto moço de dez anos, sua mãe havia falecido há muito tempo, mas as lágrimas da madrasta o tinham comovido. De noite subia as escadas, entrava no quarto da mulher e se deitava ao seu lado. Sua menina, Zared, havia sido arrebatada no momento do seu nascimento, e tomava em seus braços Severn, estreitando-o até que ambos dormiam.

Severn temera que seus irmãos e seu pai se zangassem se descobrissem que tinha ido consolar uma mulher chorando, mas sua madrasta não havia dito nada a ninguém e durante o dia, nas estranhas ocasiões que se encontravam, nunca falou sobre suas visitas noturnas.

Às vezes o moço encontrava uma fruta, ou um pedaço de doce perto de sua cama.

No ano de 1434, quando esteve muito doente, a mulher permanecera ao seu lado dia e noite, cuidando, fazendo-o beber caldo e subministrando remédios. Ainda não havia melhorado totalmente quando sua madrasta partiu com seu marido e o filho maior deste, William, para o castelo de Bevan.

Os Howard haviam assediado o castelo de Bevan e sua madrasta, seu pai e William tinham morrido pela mão deles.

Severn e seus irmãos sobreviventes decidiram criar Zared como um rapaz, para protegê-la dos Howard. Talvez influenciados pela lembrança da mulher chorando, que seus inimigos deixaram morrer de fome. Provavelmente foi o lindo rostinho de Zared, suas largas pestanas, seus belos cabelos e seu modo de sorrir os recordava do fato que era difícil proteger uma frágil mulher.

Por momentos pensavam que eram muito rudes com a menina, mas um ano depois da morte de sua mãe, homens tinham capturado a primeira mulher de Rogan. Na inútil tentativa por salvá-la, os Peregrine tinham perdido dois irmãos, Basil e James, e ante aquela recordação, Severn fechou os olhos.

Quanto aos homens Peregrine só restaram três, Rowland, que era o mais velho, redobrou a vigilância contra a família rival, e induziu os irmãos a treinar continuamente para a luta, obrigando Zared a fazer o mesmo.

Quatro anos antes, quando Rowland foi morto pelos homens de Howard, Rogan e Severn se desesperaram. Rowland era o guia, o melhor do que restou de sua família.

Zared tinha começado a chorar em sonhos, igual a sua mãe, depois da morte de Rowland. A primeira vez que a ouviu, Severn perguntou-se se no castelo de Moray não haveria um fantasma, mas a noite seguinte descobriu que Zared jazia semi adormecida com a cabeça sobre uma almofada molhada. Tinha treze anos, mas quando a tomou em seus braços pareceu-lhe tão pequena e frágil. Despertou e implorou que não dissesse nada do acontecido e ele prometeu não trair seu segredo, e manteve a promessa. Mas nunca deixou de perguntar o motivo do pranto de sua irmãzinha. Quem sabe, se nem ela mesma sabia.

Uma vez Severn havia dito a Rogan que talvez fosse melhor permitir que Zared se mostrasse como uma mulher. Mas enquanto Rogan refletia, Oliver Howard tinha raptado sua segunda mulher, Liana, e depois de havê-la salvado, os irmãos Peregrine haviam redobrado sua vigilância dizendo que Zared, por segurança, deveria continuar fazendo acreditar a todos que era um varão.

Olhando Smith ao lado de sua irmã, Severn sorriu. Para ele, Zared era tão obviamente feminina que custava pensar que outros não percebessem. Ele e Rogan a criticavam sempre porque se zangava facilmente e a comparavam com um gato selvagem, todo garras e grunhidos. Mas os homens que trabalhavam com eles nunca perceberam que Zared era uma mulher e até Liana, sua inteligente cunhada, teve que ser informada do fato.

Logo chegara Smith. O homem declarou ter percebido desde o começo que Zared era uma moça e Severn acreditou. Sabia que Liana não falaria disso, mais do que com suas damas, porque conhecia muito bem o perigo que Zared corria....mas esse homem adivinhara.

Viu que Smith recostava Zared na cama e voltava para a sua. Se Zared se casasse e se fosse com seu marido, estaria fora da guerra dos Peregrine-Howard, viveria longe, em paz e serena. Poderia usar lindos vestidos e ter seus cabelos soltos, como quando era menina. Severn pensou que gostaria muito de ver sua irmã com um menino em seus braços, sorridente e feliz.

Seria muito agradável vê-la comportar-se como uma verdadeira mulher, e não preocupada em treinar com a espada.

Sorriu de novo. Tinha a impressão que Liana tinha feito uma boa escolha.

Tearle despertou cedo, mas não tanto como os Peregrine, que se encontravam fora da tenda, porque se escutava suas vozes e o ruído de água. Este último recordou que Zared na noite anterior ajudou Colbrand a banhar-se, e imediatamente, ainda antes de estar completamente acordado, sentiu-se invadido pela cólera. Colocou as meias e tomou sua túnica de linho, mas parou. Talvez fizesse bem a Zared pôr seus olhos sobre outro homem, além de Colbrand.

Saiu da tenda, nu até a cintura, bocejando e estirando-se. Severn estava sentado em um tamborete, também nu até a cintura, e Zared estava lavando suas costas.

— Bom dia— disse Severn a Tearle e sorriu.

Tearle não olhou em direção de Zared, mas devolveu o sorriso ao homem.
— Está preparado para a luta?

— Temo que não trouxe comigo lanças suficientes para substituir todas as que romperei hoje.

Zared esvaziou o lavatório cheio de água fria sobre o dorso do irmão, depois este começou a secar-se com uma toalha não muito limpa.

— Sente-se, Smith — disse Severn, levantando-se e indicando o tamborete.
— Meu escudeiro o lavará.

— Não o farei! — exclamou Zared, mas olhando o irmão compreendeu que não podia desobedecer.

Enquanto seu inimigo se sentava, outra vez pensou que o melhor teria sido ficar em casa. Ensaboou as mãos e as fez percorrer o dorso do jovem sem deixar de praguejar contra si mesma, e contra todos os homens, por seu irmão ter imposto essa tarefa tão desagradável. E Tearle perguntou: — É tão agradável como lavar Colbrand? Soube que também o lavou.

— Sim, lavei-o e gostei — respondeu baixo.

— E não gosta de me tocar?

— Como poderia gostar? É meu inimigo.

Detestava seu modo de desafiá-la, mas na realidade detestava tudo dele... era um ser frágil...e, enquanto observava o corpo que estava lavando, percebeu que nele não havia nada de frágil. Mas Tearle não era robusto como Colbrand...ou era. Possivelmente até mais musculoso.

Endireitou-se, afastando-se ligeiramente dele. Talvez Tearle tivesse o aspecto de um homem, mas ela sabia bem que era um ser sem espinha dorsal, um..

— Então, está perdendo o tempo?— resmungou Severn. — Não tem alguma armadura para lustrar, algum cavalo para te ocupar? Ou você gosta somente de afiar as espadas de meu rival?

Zared esvaziou mais água fria sobre o dorso de Tearle, passou-lhe uma toalha suja e se dirigiu quase correndo para a tenda. Não imaginava que a acusasse de preguiça.

Depois de uma hora, Severn estava vestido com sua armadura e se encontrava montado em seu cavalo de combate, preparado para sair. Lutaria durante toda a manhã.

Diante das tribunas se levantava uma parede baixa de madeira e os duelistas deviam correr um em direção do outro, segurando uma lança, devendo

destróçar a do adversário. Não deveriam golpear debaixo da cintura e vencia o que despedaçasse o maior número de lanças.

Severn, cavalgando em direção ao seu rival, teve que se desviar para não ser golpeado, e ao mesmo tempo tentar golpeá-lo novamente. Com certeza a melhor tática consistia em manobrar de modo que a lança do adversário golpeasse sua sela ou seu cavalo, porque em tal caso os pontos contra o rival iriam aumentar.

Quando a primeira lança foi destroçada por Severn, no campo se elevou um aplauso. O homem voltou para seu posto, onde Zared o esperava com uma nova lança. O espetáculo se repetiu muitas vezes: Severn galopou, desmontou os rivais e destroçou muitas lanças contra suas armaduras.

— É hábil — disse Tearle a Zared. — Tem o favor do público.

— Sim — replicou a jovem com orgulho — O público não fez caso às plumas dos cascos, e esqueceu o cortejo. Agora Severn é o herói do dia.

Tearle tinha que admitir efetivamente, que cada encontro era favorável a Severn, este era saudado com um estrondoso aplauso. Somente a Colbrand haviam reservado as mesmas ovações.

Perguntou à jovem: — Para quem estará seu favor quando seu irmão lutar contra Colbrand?

— Para meu irmão, naturalmente — respondeu, embora depois de um pequeno vacilo, desviando o olhar.

Houve muitos duelos entre outros cavalheiros, durante os quais Severn permaneceu ao lado de sua irmã, observando as lutas e bebendo jarros de cerveja.

— Não obterá a mão de Lady Anne — disse uma voz de desprezo ao ouvido de Zared. Esta se virou e viu Jaime, o escudeiro de Colbrand, acalorado como ela pelo esforço de correr para entregar novas lanças a seu patrão.

— Pode ser que meu irmão não deseje a mão dessa dama— replicou orgulhosa, recordando muito bem as palavras de Lady Anne a propósito de Severn.

— O pai da dama está mais favorável ao meu patrão, não gosta da imundície dos Peregrine.

A cólera que Zared guardava por dias saltou fora. A espada de Severn estava apoiada em um pau não muito longe: tomou e se lançou sobre o moço, como se estivesse decidida a matá-lo.

Porém, Tearle a agarrou pela cintura levantando-a do chão, dizendo:— Solte essa espada.

— Já tenho o suficiente de suas insinuações! — gritou Zared — Quero calá-lo para sempre.

O jovem estreitou ainda mais sua cintura quase a impedindo de respirar e a desarmou, enquanto ordenava a Jaime — Vá até onde está o seu patrão!— e o moço foi correndo.

— Combate sempre a cólera com uma arma?— perguntou o jovem a Zared.
— Não é capaz de pensar?

— Faço justamente como você!— balbuciou ela. — Esse moleque...

— É um moleque — interrompeu-a o jovem e suspirando prosseguiu: — Deveria estar agradecida que não estivesse de acordo com ele, de esperar que Colbrand vença...

— Contra meu irmão? Colbrand poderá vencer sem dúvida todos outros, mas não vencerá um Peregrine.

Tearle estava contente em ouvir que a moça não teria traído o seu irmão por esse tolo do Colbrand. Não disse nada mais e voltou para o campo.

Ao meio-dia as lutas se interromperam; todos os participantes deixaram o campo para comer, e Zared sabia que teria outro longo almoço durante o qual teria que servir seu irmão. — Está preparado?— perguntou a Severn.

O irmão a olhou e logo olhou para Tearle às suas costas, e recordou o modo que na noite anterior o homem segurou em seus braços a sua irmã e se perguntou se Zared lembrava do acontecido. Passou uma mão entre os cabelos da moça, dizendo: — Vá com Smith ver o que oferecem os mercados.

— Quer que eu vá? Mas quem te servirá a comida?

— Não morrerei de fome. Vá, antes que mude de ideia.

Zared não o fez repetir duas vezes, deu a volta e se afastou do campo antes que Severn concluísse a frase, quase tropeçando num homem que vinha caminhando com dois porcos amarrados nas costas.

A mão de Tearle posou com firmeza em seu ombro.

— Me solte!— disse. — Não necessito de uma babá.

— Este passeio entre as pessoas será divertido como o de ontem? Afastou-se logo e foi se sentar sozinha no bosque.

— É o que eu desejava fazer! — Replicou ela levantando o queixo. — Estava cansada e a multidão e...e...

— Está bem, — interrompeu-a evidentemente incrédulo. Não necessitava de muito para adivinhar porque na noite anterior a jovem chorou. — Se permitir, eu a acompanharei.

Zared não estava entusiasmada ante a ideia de ir com ele, mas recordou quão só havia se sentido a noite passada. Possivelmente um Howard era melhor que nada; não muito melhor, mas melhor do que estar sozinha. — Está bem— disse — pode me acompanhar.

— É muito gentil, Lady Zared— disse Tearle em voz baixa.

— Lady — pensou Zared, e ao som dessas palavras se sentiu satisfeita.

Odiava admitir, sim odiava seriamente admitir que a companhia desse Howard não a desgostava. O jovem a escoltou entre as barracas do mercado

situadas um pouco mais longe e mostrou tudo o que teria que ver. A jovem parou diante de um banco que vendia objetos religiosos e admirou um belo crucifixo.

Logo a conduziu a um joalheiro e a um vendedor de brinquedos. As poucas horas que faltavam para o início do combate passaram depressa e Zared estava relutante em voltar.

— Certamente é uma mulher!— exclamou Tearle rindo. — Como resistiu à tentação de comprar essas coisas?— Se não para você, para sua deliciosa cunhada.

— Os Howards nos privaram de nossa riqueza — replicou ela, que odiava que lembrassem sua pobreza.

Tearle deixou de sorrir; não tinha a intenção de lembrá-la da pobreza de sua família, só quis brincar.

— Olhe — disse — olhe o que vende este homem.

Enquanto observava os objetos de uma bandeja que o homem segurava pendurado pelo pescoço, Zared sentiu desaparecer sua própria ira: tratava-se de luvas, maravilhosas luvas bordadas. Eram de tecido branco ou café, ou de seda pintada e seus bordados brilhavam ao sol.

— Pode tocá-los — disse Tearle — e também cheirá-los.

— Cheirá-los?— perguntou ela e levantando um belo par de luvas, levou-as ao nariz.

Cheirava a rosas! Olhou para Tearle contente e perguntou: — Como é possível?— Apenas sabia que das luvas sempre emanava aroma de cavalo ou a suor.

— Antes de cortar a pele do curtume, enfiavam-na sob pétalas de flores. Tem um par perfumado com jasmim?— perguntou ao vendedor.

O homem observando o estranho casal, procurou entre sua mercadoria e tirou um par de luvas amarelas bordadas com fios de ouro; enquanto

pensava que esses dois falavam como se fossem um homem e uma mulher, e no entanto se tratava de dois homens, um dos quais: alto, de aspecto aristocrático, e o outro um moço de cabelos avermelhados, com uma bochecha suja de lodo.

— Escolha um par para você e outro para Lady Liana, e talvez um par para cada uma de suas damas...

— Liana gostaria destes, — disse Zared observando as cores, avaliando a suavidade das luvas. Mas os devolveu retrocedendo.

— Faça sua escolha— ele a estimulou.

Olhou-o. Não queria admitir diante do vendedor que não tinha dinheiro e não podia se permitir um objeto frívolo como um par de luvas, e menos ainda comprá-los para dar de presente.

Tearle leu o seu pensamento e disse: — Pretendo pagar por tudo o que queira adquirir.

Zared apertou os punhos e a mandíbula. A raiva que a invadiu impedia que falasse, por isso deu meia volta e se afastou.

Tearle fez uma careta. Começava a entender o orgulho dos Peregrine. Levantou o tecido de sua túnica, procurou a bolsa que pendia de sua cintura e extraiu uma moeda de ouro. Colocou-a na bandeja do vendedor, que o olhava com a boca aberta, recolheu as luvas, todas as luvas, e seguiu Zared.

A moça caminhava depressa, mas a alcançou facilmente. Não tratou de fazê-la raciocinar, mas a puxou por um braço e a levou para uma muralha impedindo-a de mover-se.

Zared o olhou com os braços cruzados sobre o tórax e disse: — Os Peregrine não aceitam a caridade dos Howard. Não aceitamos a caridade de ninguém, embora nossas terras tenham sido roubadas, nós...

Viu-se obrigada a parar de falar porque Tearle a beijou. Não a tomou entre seus braços, limitou-se inclinar-se sobre ela beijando-a com força. Quando

levantou a cabeça, Zared só conseguiu olhá-lo piscando e antes que estivesse em condições de pensar, passaram vários minutos. Passou uma mão sobre a boca e continuou a olhá-lo.

— É agradável pensar que ficou sem palavras — disse Tearle.

— Tenho muitas, pelo contrário — replicou, tentando empurrá-lo. — Deixe-me passar.

— Não, até que me escute.

— Não escutarei nada.

— Então a beijarei de novo.

Zared se imobilizou. O beijo não tinha sido desagradável, produzira-lhe um estremecimento.

— Escutarei só para pôr fim a esta degradação.

Tearle sorriu e a olhou de um modo que a obrigou a olhá-lo.

— Diga o que tem que dizer.

— Antes de mais nada, olhe — murmurou, e extraiu da túnica um par de luvas de seda vermelhas, com bordados que representavam flores.

Embora ela pegasse as luvas pouco antes na frente ao vendedor, não podia prová-las, mas agora o fez.

Eram muito belas, suaves e lustrosas. — Nunca vi uma coisa mais bela que isto — murmurou.

— Nem como estas? Ou estas? — perguntou, extraindo outro pare outro mais.

Zared pegou as luvas, mas quando ele continuou a tirar mais luvas da túnica começou rir.

— O que fez? Roubou-as?

— Dei ao vendedor uma moeda de ouro dos Howard, — disse olhando-a fixamente.

A risada de Zared desapareceu.

— Tome-as, são suas— Dando-se conta que a moça estava por atirá-las ao chão, voltou a pegá-las.

— Não aceito caridade.

— Se a terra dos Howard pertence aos Peregrine, então a moeda de ouro que gastei seja, na realidade, dinheiro dos Peregrine. É como se você mesma tivesse adquirido as luvas.

Zared refletiu um momento. Estava zombando dela!

Entretanto, em suas palavras havia algo certo. As terras dos Howard pertenciam aos Peregrine. Moveu os braços, das luvas emanou um perfume delicioso e se sentiu invadida por uma onda de desejo.

Ela gostaria muitíssimo de possuir algo belo, alguma coisa feminina, como um par de luvas e também gostaria muito de dar um presente a Liana e a suas damas.

Estas últimas, muitas vezes a tinham olhado com uma expressão afetuosa porque sabiam que era uma mulher, embora os homens que dependiam de seus irmãos não soubessem. Se tivesse dado a elas essas belas luvas, sua expressão teria mudado.

De repente Tearle perguntou:— Qual prefere?

— Eu...não sei — respondeu ela, observando-as. O par acima dos demais era de cor branca, e seus bordados representavam mariposas amarelas.

— Provavelmente deva conservá-las todas. Adquiriremos outro presente para sua cunhada.

— Oh, não...um par é suficiente, porque não posso usá-las.

— Não pode...ah, claro, entendo. O que fará com suas luvas?

— Esconderei. Tenho um esconderijo...atrás de uma pedra móvel na parede. Porei quando estiver sozinha.

O jovem se afligiu e sentiu certa culpa. Era o ódio de seu irmão pelos Peregrine que obrigava uma moça a esconder um belo acessório. E teve uma ideia. Talvez mais tarde, durante o torneio, teria a oportunidade de lhe dar o que desejava.

Levantou uma mão para tocar sua face e percorreu o dedo até a parte inferior do rosto.

— Eu gostaria que pudesse usar as luvas livremente.

Zared pensou que poderia cuspir em seus olhos, mas não o fez. Sua imaginação pregava uma peça, ou esse homem parecia diferente do que quando o conheceu? Parecia mais atraente. Sempre tinha pensado que seus olhos eram pequenos...mas na realidade eram bem grandes e belos.

— Acredito...acredito que seja hora de voltar — disse em voz baixa. — Severn precisa de mim.

— Sim — concordou Tearle e depois de ter deslizado a mão da face até o ombro, se afastou.

Zared corou e abaixou a cabeça para que ele não percebesse.

— Deixe-me passar, Howard — Murmurou.

— Sim, Milady— replicou Tearle em voz baixa, e se inclinou para permitir que passasse.

Ao caminhar de volta para o acampamento, Zared foi na frente. Nas últimas horas tinha ocorrido algo, mas não conseguia entender o que era. Havia pensado que enterraria de boa vontade uma adaga no seu peito, mas agora não seria capaz de fazê-lo. Tinha sido muito gentil com ela mostrando todos

as barracas; tinha explicado cada uma delas, sem nunca demonstrar sinais de estar aborrecido ou impaciente ante sua ignorância.

Certamente era diferente de seus irmãos. Severn e Rogan sempre a tratavam com superioridade, tal como tinham feito seus outros irmãos. Uma vez, zombaram dela porque tinha trançado uma coroa de flores e a colocado na cabeça. Eram insuportáveis também, quando ela ficava muito lenta. Nunca tinham tempo para nada, a não ser para a guerra ou para o treinamento de guerra.

Desde que Liana tinha entrado em sua família, suas vidas se tornaram um pouco mais cômodas, mas Rogan e Severn não tinham conseguido encontrar tempo para ela.

Rogan passava suas horas livres com sua esposa, Severn com sua amante, e Zared sempre estava sozinha.

Voltou-se para olhar Tearle que caminhava atrás dela e perguntou: — Diga-me, na França as mulheres usam luvas como estas? É lá que soube que são perfumadas?

— Não sei. Nunca as tinha visto — Agora o olhava, não como um inimigo, mas sim como um homem. Para dizer a verdade já não parecia um fracote, mas como podia conhecer tantas coisas a respeito de vestuário feminino? Seus irmãos não sabiam nada disso.

— Quando estava na França passava muito tempo em companhias femininas? É por isso que sabe tantas coisas a respeito do vestuário feminino e nada a respeito de vestuário masculino?

— Conheço isso também — replicou Tearle ligeiramente perplexo e na defensiva.

Essa moça sempre lhe provocava a sensação de ter que defender sua masculinidade.

Zared se sentia confusa. Recordou que Liana tinha observado que nos homens não contava só sua habilidade para a luta, mas...era esse o tipo de

homem que se referia sua cunhada? Esse homem era perito em luvas femininas e desmaiava ante uma pequena ferida. Os homens então se dividiam em duas categorias? Homens como seu irmão Severn e homens como Tearle Howard?

— Por que me olha desse modo?— perguntou, não sem se sentir satisfeito pela atenção que lhe dispensava.

— Não é um homem, entretanto, parece sê-lo — respondeu, pensativa.

— Não sou um homem?— Estava atônito.

— Não. Não luta como fazem os homens. Desmaia com um só arranhão. É alto, concordo, mas eu que sou muito mais baixa, lutei com você e o venci.

— Venceu-me?— murmurou o jovem. Logo recordou seu primeiro encontro, quando ela o tinha ferido com a adaga e compreendeu finalmente do que estava falando.

Tinha decidido deixá-la ir, apenas porque percebeu que era uma mulher. E agora entendeu: Zared acreditava havê-lo “obrigado” a deixá-la ir.

— Sim, lutei com você. Se alguém tivesse ferido meu irmão, ele teria matado seu oponente.

— Se fosse uma pequena mulher também?

— Provavelmente não, mas não teria se deixado vencer tão facilmente. Não, meu irmão não se deixaria superar, nem tampouco Colbrand o faria — acrescentou depois de uma pequena dúvida.

— Mas Colbrand não teve a inteligência de perceber que não é um moço— rebateu Tearle, ressentido.

— Talvez. Você tem cérebro, vejo isso. Parece que sabe muitas coisas, como as luvas ou a qualidade das esmeraldas... mas não sabe nada do que os homens devem saber.

— Sinceramente?— Tearle tentava controlar sua própria ira. — E o que a faz pensar isso?

— Teria tomado parte no torneio, se não dedicasse seu tempo a ser babá e servente. Liana disse que Oliver Howard é rico a ponto de poder contratar homens para que lutem em seu nome. Talvez na França contratasse homens para que lutassem em seu lugar nos torneios, enquanto você permanecia tranquilamente sentado com as damas.— Seu rosto se iluminou. — Sim, deve ser assim, e é por isso que sabe tão pouco dos homens e tanto das mulheres.

Por alguns momentos o jovem foi incapaz de falar. Zared parecia uma menina, virava-se para olhá-lo e sorria como se houvesse resolvido um grande problema. Decidira que como ele sabia de tecidos, de joias e de vestidos femininos, não podia ser um homem.

Não lhe passava sequer pela mente que no mundo havia mais homens como ele do que como seus irmãos, os quais pensavam somente em guerra.

Abriu a boca para dizer o que pensava, mas de repente viu um homem que galopava de costas para o jovem, tentando controlar seu cavalo descontrolado. O animal avançava a toda velocidade. Tearle não hesitou, saltou sobre Zared, atirou-a no chão, cobrindo-a com seu próprio corpo. Quando o animal estava sobre ele, golpeando-o com os cascos, manteve a cabeça baixa, procurando protegê-la, encurvando os ombros.

Em poucos instantes foram rodeados por pessoas que gritavam, o cavalo foi detido, mas não antes que pisasse em Tearle. Este permaneceu imóvel, tratando respirar profundamente, não conseguia perceber se suas costelas estavam a salvo ou não.

Debaixo dele Zared começou a mover-se para liberá-lo do seu peso e por sua vez respirar.

— Está ferido?— gritou um homem, e virando-se para outros ordenou: — Vão procurar uma maca. Nós o levaremos.

Tearle se moveu com esforço e rodou para um lado, de modo a permitir que a jovem se levantasse e olhando-a, compreendeu que não podia permitir que o levassem para a tenda. Não podia dar a Zared outro motivo para pensar que não fosse grande coisa como homem. Respirou profundamente e rolou sobre um lado.

— Irei procurar Severn.— Exclamou a moça. Não conseguiu dizer mais, só podia pensar que um Howard provavelmente havia salvo a vida de uma Peregrine. Iria procurar Severn, ele saberia agir com um homem ferido.

— Estou bem — disse Tearle, falando com dificuldade. Tinha a impressão que o lado direito de seu corpo estava esmagado.

— Severn pode...

— Não!— interrompeu-a fechando os olhos para se defender da dor e fazendo um enorme esforço, conseguiu sentar-se.

— Está ferido— disse Zared. — Vou procurar ajuda e...

— Não!— interrompeu-a de novo.

Enquanto isso, ao seu redor se reuniu gente e todos estavam surpresos pelo fato que um homem que tinha sido golpeado de maneira tão brutal por um cavalo, pudesse comportar-se como se nada tivesse ocorrido.

Com grande esforço Tearle ficou de pé. Novamente respirou de forma profunda e lentamente, pensou que parecia que suas costelas estavam intactas. — Devemos voltar para acampamento— disse.

— Mas você deve...

— Devo o quê?— perguntou olhando-a fixamente.

— Nada — respondeu ela zangada. — Não quero que faça nada. Se estivesse ferido gritaria. Quanto a mim, devo voltar para o meu irmão.

Afastou-se o deixando livre para segui-la ou não. Não gostava do modo que seus joelhos tremiam depois do ocorrido. O corpo de Tearle havia protegido

completamente o dela e não tinha visto o cavalo, mas sentiu o impacto dos cascos quando o golpeará.

Protegera-a com o seu corpo, por quê? O que queria dela, esse Howard? Voltou a olhar para ver se a estava seguindo.

Tearle caminhava, mas rígido. Havia dito que não estava ferido, mas não podia ser assim. Devia pedir que a deixasse examinar suas feridas?

Ela, uma Peregrine, precisar de sua ajuda? Por outro lado a salvara. Por que a salvara? Por que não deixou que o cavalo a pisoteasse? Isso faria desaparecer um Peregrine da terra.

Devia querer algo dela. Devia ter um motivo para desejar que ela vivesse. Tinha falado de um matrimônio entre eles, um matrimônio que uniria suas famílias. Que aconteceria se encontrassem os documentos que comprovassem que os verdadeiros proprietários das terras dos Howard eram os Peregrine? Provavelmente Oliver Howard tinha encontrado esses documentos e enviou o irmão caçula para cortejar a única Peregrine de sexo feminino. Isto podia explicar o desejo de Tearle de que ela se mantivesse com vida. Se a única Peregrine tivesse morrido, as duas famílias não poderiam unir-se; se os documentos fossem encontrados, Oliver Howard perderia as terras pelas quais tinha assassinado.

Começou a sentir-se um pouco menos fraca, tudo começava a fazer sentido para ela. Esse Howard a queria viva e bem de saúde, e queria que ela consentisse em desposá-lo. Isso explicava o motivo pelo qual lhe deu às luvas...era uma tentativa de agradá-la.

Não conseguirá, pensou. Nunca será capaz de conseguir qualquer coisa que tramar.

Se está ferido, o que aconteceu foi por seus motivos egoístas. Endireitou os ombros e caminhou depressa para o terreno do torneio. Já não se sentia culpada porque um Howard a protegera.

Capítulo Sete

Tearle conseguiu caminhar em direção ao terreno do torneio com a cabeça erguida e mantendo as costas retas, perguntando-se ao mesmo tempo de que raça de mulher era Zared. Um homem tinha arriscado a vida para salvá-la e isso parecia deixá-la indiferente.

Parou na tenda para deixar as luvas, e logo a seguiu. No terreno do torneio, Severn estava preparado para lutar, evidentemente de péssimo humor por algo que devia ter acontecido durante a refeição. Repreendeu Zared por seu atraso e o primeiro homem que enfrentou foi abatido duramente por sua lança que caiu e rolou na poeira. A multidão aplaudiu, mas o mau humor persistiu.

Tearle, afastado, observava Zared que corria de um lado ao outro para levar as lanças ao irmão e fazia o que podia para ser útil. Fez uma única tentativa para falar com a moça, mas somente obteve uma resposta ácida.

— Acredita que pode me impressionar, Howard? - Murmurou. — Acredita que aceitarei me casar com você para unir nossas famílias? Espera com isso assegurar-se de ter as terras que pertencem a minha família?

A parte direita do corpo de Tearle doía de morrer por ter tentado salvá-la, e ela falava de terras, de propriedades.

Olhou-a atônito enquanto corria para ajudar Severn, que se preparava para lutar com Colbrand.

Viu-a sorrir com doçura para este último, inclusive enquanto ajudava o irmão, e pensou que se arriscou a morrer por essa menina que nem sequer o agradecera, enquanto Colbrand que não tinha feito nada, recebia sorrisos e gentilezas.

Continuou a manter-se afastado e olhou os dois combatentes que se colocavam um em direção ao outro. Ambos eram ótimos combatentes e a menos que um dos dois tivesse mais sorte que o outro, o duelo teria como resultado um empate. No quarto ataque, Tearle começou a sofrer observando que Zared retinha a respiração com os olhos fixos em Colbrand, temendo que pudesse ferir-se.

— Não se importa que os cascos do cavalo tenham me pisoteado, mas teme que uma simples lança de madeira golpeie o corpo de Colbrand, protegido pela armadura — murmurou.

Quando Severn rompeu a quarta lança contra Colbrand, exatamente como este despedaçou outras quatro contra seu adversário, Tearle fez com que Zared se movesse e ele mesmo levou água e lança para Severn. Enquanto este bebia disse: — Colbrand abaixa muito a lança e a coloca mais para a esquerda. Acredito que pode ganhar levantando a sua, desviando-se para a esquerda.

Severn o olhou zangado. — Minha irmã parece interessada nesse Colbrand. Deseja que o desmonte?

— Eu gostaria de vê-lo comer pó.

Severn sorriu e ao tomar a lança que o outro lhe estendia replicou: — De acordo, farei o melhor que puder.

Pouco depois rompeu uma lança contra a armadura de Colbrand que não conseguiu romper a sua, e Tearle não pôde deixar de dizer a Zared: — Pelo que se vê, seu invencível cavaleiro está perdendo.

— Só com meu irmão — rebateu ela. — Só contra um Peregrine. Ninguém mais pode vencê-lo. Nenhum outro homem da Inglaterra.

— Eu...— Tearle começou a dizer, mas parou.

— Você...o que?— Perguntou, olhando-o. — Não quer dizer que poderia vencê-lo. — Ela sorriu com brincadeira. — Os Howards não sabem combater nobremente.

Afastou-se dele e alcançou Severn que se dirigia para a tenda dos Peregrine. De repente Tearle sentiu que já tinha o suficiente. Sempre teve mais mulheres do que desejou. Nunca foi difícil obter seus favores e agora essa garotinha conseguia fazer com que duvidasse de si mesmo.

Parou um menino que passava, deu-lhe uma moeda de cobre e disse que levasse uma mensagem à Lady Anne, que estava sentada na tribuna. Pouco depois viu que Anne se inclinava para escutar o menino e logo disse algo ao seu pai, antes de afastar-se em direção ao castelo, e a seguiu a distância.

Quando a viu subir a escada, continuou a segui-la e no segundo andar entrou atrás dela em uma sala e fechou a porta.

— Está em perigo?— perguntou-lhe a jovem.

— Queria matar uma mulher— respondeu.

— E eu queria matar um homem — declarou Anne.

— Colbrand?

— Não, trata-se de seu inimigo, esse Peregrine.

— Severn?— perguntou Tearle começando a soltar o cinturão e tirar a túnica.

— O que aconteceu?

— Um cavalo passou em cima de meu corpo, quero que dê uma olhada na ferida. O que Severn tem feito a você?

Anne começou a ajudar seu amigo a despir-se e explicou:

— Sabe que pretende casar-se comigo? Está decidido a fazê-lo. Hoje durante a refeição, meu pai o fez sentar-se ao meu lado, e ele me disse que veio para obter minha mão. Parece estar convencido que se trata de uma grande honra para mim... e ao que parece, o mesmo pensa meu pai, agora que viu como combate.

Tearle sentiu compaixão por Anne...não era fácil entender os Peregrine. Quando se libertou da camisa de linho, Anne sufocou uma exclamação.

— Está cheio de machucados...Tearle, o cavalo não se limitou a passar em cima... ele o golpeou com seus cascos. Tem outros hematomas? Tire o resto

da roupa, quero ver.— Assim dizendo abriu a porta e pediu a um servente que passava, que trouxesse ataduras e água quente.

Tearle sorriu, pensando que as mulheres deveriam ser todas como Anne. As mulheres deviam ser doces e gentis criaturas capazes de consolar um homem. As mulheres deviam fazer coisas de mulheres e não afiar o fio de uma espada.

Tirou o resto das roupas ficando só com as meias postas, se deitou na cama e pouco depois Anne, a doce Anne, tão feminina, curava suas feridas com salvia.

— Fale-me dela—, disse a jovem.

Tearle começou a dizer que não podia, que seria perigoso, mas sabia que podia confiar em sua amiga. Depois de tudo, confiara sua própria vida; se houvesse dito a Severn quem era verdadeiramente o homem que se chamava Smith, o irmão de Zared certamente o teria assassinado.

Assim contou tudo desde o começo...de quando os homens de Oliver tinham capturado o mais jovem dos Peregrine e que ele percebeu que se tratava de uma jovem.

Contou que esta o detestava, que ele estava apaixonado e do que tinha planejado fazer para estar perto dela.

— Mas ela gosta de Colbrand — disse amargamente. — Para salvá-la a protegi com meu corpo, mas não consegue ver-me como um homem.

— Poderia combater com o Colbrand e vencê-lo, e também a Severn....como vê, gostaria de vê-lo derrubado na terra!— exclamou Anne com os olhos brilhantes . — Hoje, depois da refeição, tentou me beijar.

Sorriu: — Mas eu me defendi.

Tearle fez uma careta: — Pelo que vejo temos os mesmos objetivos. Seu pai não a obrigará a casar-se com um homem que não é capaz de vencer um

torneio...— Sorriu. — E eu gostaria de vencer Colbrand....gostaria de desmontá-lo.

— Se não tivesse decidido adotar este tolo disfarce, poderia combater contra eles e vencê-los. Vi-o combater e é melhor que esses dois.

— Sim—admitiu Tearle tristemente, sentando-se para que Anne pudesse enfaixá-lo. — Se não tivesse que continuar a fingir ser Smith....— Interrompeu-se e a olhou fixamente: — Poderia combater agora!

— Sim— exclamou Anne, vivamente. — Não há nenhuma razão para que não possa fazê-lo. Anuncie que é um Howard e participe dos duelos nos dois próximos dias. Os Peregrine não ousarão atacá-lo enquanto estiver sob o teto de meu pai.

— Não...— replicou Tearle, pensativo. — Não baixarei no mesmo nível que Oliver. Muita gente me viu com os Peregrine, serão considerados loucos por ter acolhido um Howard entre eles.

— Mas são uns loucos!— exclamou veemente a jovem.

Tearle olhou o delicado rosto dela. Não estava se queixando muito? E disse: — Não tenho a impressão que Severn desgoste às mulheres....

— É um mal-educado, um grande mal-educado; acredita que uma mulher pode ser possuída sem seu consentimento....como um objeto...

— Mas não é desagradável de olhar, — replicou Tearle. — Monta muito bem a cavalo.

— Queria vê-lo cair desse cavalo. Queria que fizesse um papelão, queria....

— Entendo—, interrompeu-a Tearle, incapaz de ocultar sua própria diversão.

— Se você se atrever a rir de mim, eu....

— Rir de você? — exclamou Tearle com falsa inocência. — Eu, um homem ferido por causa dos Peregrine, rir de uma pessoa que lhes deseja o pior?

A fisionomia de Anne relaxou e a jovem pensou que Tearle a conhecia há muito tempo para não entender imediatamente o que passava por sua mente. Quando esse homem fedendo a suor e cavalo a empurrou para um lugar escuro, num primeiro momento respondera ao seu beijo. Era estranho esse homem. Parecia dar por certo que ela estava contente, até impaciente para casar-se com ele. Durante a refeição seu pretendente falou com Hugo Marshall em tom confidencial, como se já fossem parentes, e Hugo respondera no mesmo tom enquanto Anne era ignorada, sentada entre os dois. Peregrine repetidamente estendeu o braço diante dela para servir-se de comida, e ela teve que lutar para que não a tocasse com os cotovelos. Tinha conversado com seu convidado exatamente como se ela não estivesse presente, discutindo naturalmente, sempre e só sobre armas.

Por isso sabia que nesse homem não havia nada refinado. Colbrand, o outro pretendente que não desgostava o seu pai, tinha boas maneiras e sabia conversar com ela.

Peregrine era incapaz disso. Estudou-a da cabeça aos pés, com uma expressão vulgarmente apreciativa e logo não a dignou com um só olhar.

Depois da refeição partiu com Hugo. Anne quis retirar-se mas seu pai ordenou que o acompanhasse, queria que mostrasse alguns falcões para Peregrine. Anne, obediente seguiu-os com duas de suas damas sem falar e sem lhe dirigir uma só palavra.

Perto dos estábulos, o homem a levou a um rincão e a beijou. Tinha respondido ao seu beijo, talvez porque estivesse muito zangada, mas se recompôs imediatamente.

Levantou um joelho e o jogou com força entre suas pernas. Ele a afastou de si, furioso.

Anne, não querendo que ele percebesse que estava assustada, permaneceu imóvel.

Depois de um breve silêncio Severn disse:— Volte com seu pai! — e a deixou ali mesmo. Tinha que admitir que aquela não era a reação que

esperava. Mas estava contente por deixá-lo zangado. Provavelmente renunciaria a aspirar sua mão.

— Tomarei parte do torneio, com um disfarce — Tearle estava dizendo.

— Um disfarce?

— Sim....como o Cavaleiro Negro. Pode me proporcionar uma armadura pintada de negro? Desafiarei os participantes que até hoje foram os melhores.

— Vale dizer a Colbrand e a esse Peregrine. Ninguém parece estar em condições de fazê-lo.

Tearle recordou o modo como Zared olhava para Colbrand cada vez que aparecia diante dela e sentiu que o invadia uma onda de orgulho. — Eu os vencerei— disse em voz baixa. — Por você vencerei Severn, e por mim mesmo farei com que Colbrand se arrependa de ter vindo ao mundo.

Anne sorriu. — Encontrarei a armadura. Espere-me no jardim a meia-noite, entregarei todo o necessário. E verei se consigo arrumar as coisas com meu pai...a ideia de um cavaleiro misterioso que lutará com seu campeão o agradará.

Tearle se levantou, agora as costelas doíam menos. — E se em prêmio me conceder sua mão?

Anne sentada na borda da cama, olhou-o: — Aceitarei— disse.

Tearle lhe devolveu o olhar. A jovem era tão formosa, tão fina e sabia que seu dote era vultoso. O fato de unir a família dos Howard a dos Marshall seria algo muito sábio; Oliver certamente aprovaria esse matrimônio....sem dúvida utilizaria o dote da cunhada para adquirir mais armas em sua obsessão de destruir os Peregrine.

Olhando o rosto de Anne, em seus olhos apareceu o de Zared. Era bela, mas é claro não podia competir com a beleza de Anne....entretanto tinha uma inocência que Anne nunca teria. Recordou a expressão da moça quando

provou uma das luvas. Desejava mostrar-lhe um mundo de coisas novas e distintas.

De repente pensou que talvez se sentisse fascinado precisamente pela falta de experiência dela. Talvez porque ele tenha vivido intensamente, a inocência de Zared lhe parecia deliciosa. Até os olhares de adoração que dirigia a Colbrand o deixavam perplexo.

Anne e as mulheres como ela estavam acostumadas a flertar com os homens, mas nunca deixavam vislumbrar seus sentimentos.

Tearle sabia que se Anne amasse um homem, não daria a entender, a menos que lhe fosse conveniente. Mas Zared...se Zared amasse um homem, o protegeria com sua própria vida.

— Em tal caso considerarei sua decisão como uma grande honra — disse, e ao pronunciar essa mentira, sorriu.

Anne também sorriu, sabendo que não foi sincero.

— Agora se vista. Sairei primeiro, de maneira que ninguém me veja perto de um homem semidesnudo, embora pudesse ser meu pai.— Tearle lhe lançou um olhar intenso. Depois de confrontar-se com Zared, era agradável ser observado como um homem.

— A meia-noite, então— disse enquanto ela alcançava a porta.

Anne assentiu e saiu da sala.

Zared deixou o campo mais confusa que nunca. Estavam acontecendo muitas coisas. Continuava a recordar, a sentir o corpo de Howard enquanto o cavalo o atropelava....enquanto a protegia: entretanto mais tarde tinha recusado qualquer ajuda da parte dela.

Salvara-a por alguma outra razão? Queria seriamente unir os Peregrine com os Howard? Se o seu irmão encontrou os documentos que comprovavam que os Peregrine eram os proprietários das terras nas mãos dos Howard,

Oliver Howard devia ter destruído todos eles. Não precisava enviar seu irmão ao torneio com a finalidade de unir ambas as famílias.

Colocou as mãos nos ouvidos, para deter o curso de seus pensamentos tumultuosos. O que esse homem queria dela?

Porque não ia e a deixava sozinha e Colbrand?

Pensando no cavalheiro, Zared decidiu vê-lo. Talvez a visão do homem loiro a faria esquecer o moreno que começava a obcecá-la. Diante da tenda de Colbrand foi recebida com desprezo por parte de Jaime, o escudeiro.

— Está aqui para nos insultar?— perguntou.

— Não, eu...— Refletiu por um momento. — Desejava somente....ver Colbrand.

— Seu irmão teve a sorte do seu lado. O cavalo do meu patrão patinou.

— Não foi assim!— protestou ela. — Severn lutou melhor, isso é tudo.

— Não supera em nada o meu patrão! — gritou Jaime. — Meu patrão combate muito melhor, é mais refinado que seu irmão; ao final vencerá e obterá a mão de Lady Anne.

Zared estava muito perturbada pelos acontecimentos do dia para conter sua língua e disse:

— Meu irmão desposará Lady Anne .

Jaime estalou em uma gargalhada zombeteira. — Lady Anne detesta o seu irmão. Faz caretas quando ele não a vê, mas outros a veem. Hoje depois da comida, golpeou-o.

Zared olhou o moço. Sabia que suas palavras correspondiam à verdade. Mas ao mesmo tempo o odiava por tê-las pronunciado. O escudeiro era de baixa estatura e magro, pensou que poderia esmagá-lo como se esmaga um inseto.

Deu um passo em sua direção, mas Colbrand chegou nesse momento, pondo uma mão no ombro.

— Estão brigando de novo, vocês dois?— perguntou divertido.

— Disse que você pretende casar-se com Lady Anne— Falou Jaime amuado.

— Ah, sim...a deliciosa Anne...seu pai deseja para ela um marido muito forte.

— E portanto dará preferência ao Peregrine!— exclamou Zared.

— E fará uma boa escolha — disse Colbrand.

Zared sorriu. Esse cavalheiro não só era belo e amável, mas também generoso.

Queria responder, mas nesse momento Severn chegou zangado, puxou-a pela orelha e a empurrou em direção a sua tenda.

— O que está fazendo?— perguntou assustada, sem obter resposta.

Soltou-a somente quando chegaram ao destino.

— Onde está Smith?— perguntou.

— Não sei — replicou Zared massageando o ouvido dolorido. — Ele é meu guardião, não eu o seu.

Severn se serviu de um pouco de vinho: — Me disseram o que aconteceu hoje. Salvou a sua vida e para protegê-la se deixou golpear por um cavalo.

Zared olhou para outro lado. — Tinha boas razões para fazê-lo.

— Sim ...creio que está apaixonado por ti.

A moça abriu os olhos, atônita : — Apaixonado? Por mim?

— Não está menos surpreendida que eu, mas ele te olha exatamente como Rogan olha para Liana. — E Severn pensou que ele nunca olharia para uma mulher desse modo.

— Equivoca-se — replicou Zared. — Esse homem não sente nenhum afeto por mim.

— Deu-se conta que é uma mulher, aproxima-se quando chora na noite e agora te salvou a vida.

Essa conversa enchia Zared de horror. Nunca tinha falado de amor, nem nenhuma emoção com seus irmãos. — É o que pensa?— perguntou, desconfiada.

— Acredito que Liana tenha em mente te casar com esse homem. Deve havê-lo enviado para que a corteje.

— Liana não o ...

— Não o terá... o que?

— Não pensa em fazer com que se case comigo — respondeu, incapaz de revelar algo mais. — O que importa com quem me case?

— Esse homem conhece as armas. Deu-me bons conselhos, graças aos quais pude vencer Colbrand.

— Entendo— disse friamente Zared. — Quer que me case com ele para ter alguém que o ajude a combater os outros homens nos torneios.

— Alguém que ajude a nossa família a vencer os Howard.

— Esse homem não o ajudará!— murmurou ela, e logo para defender-se atacou: — Porque não se casa você, para ajudar a nossa família? Está me empurrando para me casar porque acredita que não obterá a mão de Lady Anne? Soube que o feriu.

Severn se avermelhou de cólera: — O que eu faço com uma mulher não é coisa sua.

— E minha vida no entanto é sua?— Não consegue encontrar esposa e quer me dar por marido um homem do qual nada sabe?

— Sei que a quer, coisa que nenhum outro homem demonstrou desejar— soltou Severn.

Era certo, era dolorosamente certo, pensou a jovem. Só um homem a desejava e era o inimigo jurado de sua família. Afastou-se de seu irmão, escapulindo quando ele tentou agarrá-la, e saiu da tenda. Correu e só parou quando chegou ao arroio. Sentou-se na borda, inclinou a cabeça sobre seus braços e começou a chorar. Por que para ela a vida não era simples como parecia sê-lo para outros? Naturalmente outros sabiam que eram varões ou mulheres.

Não soube quanto tempo permaneceu ali chorando em silêncio, mas enquanto secava o nariz com sua manga, sobressaltou-se porque de pé ao seu lado viu o odioso Howard.

— Não tem nada para fazer?— balbuciou.

O jovem se sentou a seu lado — Não tenho nada para fazer...sou um dos Howard bons para nada, não se lembra?

Zared o olhou, pensando nas palavras de Severn....esse homem a desejava.

— Eu me lembro da maneira que seu irmão capturou Jeanne, a primeira esposa de Rogan e mais tarde também capturou Liana.

— Então devia ser só uma menina— disse. — Como pode se lembrar de Jeanne? Em todo caso é a melhor coisa que fez em sua vida.

Zared olhou a luz da lua refletida na água e disse: — Liana fala muita bem dela...— Baixou a voz: — Ama muito o seu irmão? - Nunca havia falado com ninguém, mas a história da primeira mulher de Rogan a fascinava; o irmão mais velho decidiu que Rogan se casaria porque a família necessitava do dote. Rogan havia desposado uma jovem mulher de nome Jeanne, e poucos meses depois do matrimônio Oliver Howard a raptara.

Os Peregrine tinham lutado por bastante tempo para libertá-la, e na luta tinham perdido dois irmãos. E em seguida descobriram que Jeanne se apaixonara por Oliver Howard e estava por lhe dar um filho.

Zared nessa época era uma menina, mas recordava a raiva silenciosa de seus irmãos sobreviventes. Seus pais e William, o primogênito, tinham morrido dois anos antes e a moça recordava de ter sido presa do terror cada vez que um de seus irmãos a deixava.

— Acredito que o amava— respondeu Tearle, levando-a de novo ao presente. — Não sei se o ama ainda, meu irmão está amargurado porque não tem um herdeiro a quem deixar sua riqueza.

— Rogan tem um filho— disse Zared sorrindo à lembrança do menino de cachos loiros.

Tearle permaneceu em silêncio por alguns momentos e depois, muito docemente perguntou: — Porque chora quando dorme e também agora, aqui sozinha?

Zared se levantou de um salto e se afastou dirigindo-se para o campo, mas ele a seguiu tomando-a pelos ombros.

— Solte-me ou farei com que se arrependa— disse ela libertando-se com um puxão.

— Seriamente?— perguntou-lhe rindo. — Quer me ferir de novo com sua adaga? Ou pedirá ajuda ao seu adorado Colbrand?

— Não é meu...— começou a dizer, tentando afastar-se para evitar que ele a puxasse de novo.

— É por ele que chora? Ignorou-a? Mostrou-se ridícula outra vez a seus olhos? Ainda não percebeu que é uma mulher?

A moça se soltou, mas Tearle, depois de agarrá-la de novo, não soltou à presa e então ela parou de lutar.

— O que quer de mim? Murmurou. — Por que não vai embora me deixando em paz? Não pode se interessar por outras mulheres? Nós dois somos inimigos, não quer entender? Ou como não pode nos vencer na batalha quer nos conquistar fingindo ser nosso amigo.

Seus olhos brilhavam, estava fora de si.

— Não ... não é amizade o que quero — disse Tearle com voz rouca antes de tomá-la em seus braços.

Primeiro Zared lutou contra os lábios dele que roçavam os seus. Lutou, tentou virar o rosto, mas ele a impedia de mover-se. Percebendo que a luta seria inútil, abandonou-se, pretendendo fugir quando ele deixasse de abraçá-la.

Porém, logo que deixou de lutar aconteceu algo muito estranho. Tearle soltou sua cabeça e os lábios dele ficaram suaves e Zared sentiu uma sensação nunca provada antes.

Permaneceu onde estava, com os olhos abertos, enquanto ele a beijava, e cada vez se sentia mais fraca. Sentiu que seus corpos se aderiam um ao outro, como se quisessem fundir-se, fechou os olhos enquanto ele a estreitava para si, beijando-a na face, nas têmporas e no pescoço, aproximando-se sempre mais.

Zared já estava totalmente nos braços do jovem. Sua vida tinha sido totalmente privada de afetos; o fato de sentir-se acariciada com doçura e beijada, provocava-lhe milhares de sensações que quase não podia suportar.

Tearle se afastou ligeiramente dela e a olhou. Parecia sem forças, se a soltasse cairia. Nenhuma mulher se abandonou tanto a ele, e sentiu que o invadia uma forte emoção. Tocou-lhe o cabelo, afastando-os da testa. Estava convencido que Zared, amando um homem, se entregaria com todo seu ser.... e ele pretendia ser esse homem.

— Meu nome é Tearle— murmurou beijando-a na testa.

— Tearle— sussurrou ela e o som desse nome pareceu uma carícia.

Sorriu: — Queria levá-la comigo — disse em voz baixa roçando o cabelo. — Queria amá-la durante toda a noite, até amanhã.

A jovem se aproximou ainda mais dele e estendeu o rosto para que a beijasse novamente. Tearle lhe deu um beijo inocente, dizendo logo: — E agora, meu amor, tenho que levá-la onde está seu irmão.

— Oh...— foi tudo o que Zared conseguiu dizer pousando o rosto no pescoço dele.

Nunca tinha pensado que o fato de tocar um homem pudesse ser tão agradável.

Tearle a afastou, sentindo-se invadir por uma onda de desejo. Poderia possuí-la em qualquer momento, sabia. — Devemos voltar— disse. Estava certo de que se a respeitasse o céu o compensaria. Tomou-lhe a mão e começaram a caminhar na direção das tendas.

Mas depois de ter percorrido uns passos, Zared começou a raciocinar. Moveu a cabeça para libertar a mente da raiva e de um puxão retirou sua mão da dele. Entregou-se ao inimigo. Em vez de lembrar que era uma Peregrine e que esse homem era o inimigo de sua família, perdeu o controle de si mesma e permitiu que a tocasse. Ela permitiu? Teria permitido muito mais se ele quisesse...o que não tinha acontecido. Separou-se dela justo quando estava por abandonar-se.

Extraiu a pequena adaga que levava na cintura, virou-se e a levantou como se quisesse golpeá-lo: — Se me tocar outra vez, eu o matarei — disse.

E ele, esse odioso e horrível homem sorriu.

Zared ficou pronta para atacá-lo e ele agarrou seu pulso e a arrastou para ele.

— Já tenho uma cicatriz que lembra a ferida que você me fez. Não desejo outras.

— Farei piores, se me obrigar de novo a...

— Obrigá-la?— exclamou Tearle sem deixar de sorrir, depois disso inclinou a cabeça como se quisesse beijá-la de novo.

Zared virou a cabeça: — Não...— murmurou.

Deixou-a ir e ela se afastou correndo, ouvindo que ele ria.

Capítulo Oito

Zared não parou de correr em direção a tenda e quando chegou suas pernas estavam tremendo tanto quanto os seus braços. Severn estava deitado em sua cama, comia uma maçã e quando ela entrou se virou para olhá-la.

— Alguém a persegue?— perguntou. — Trata-se ainda do escudeiro de Colbrand? Suspeito que esse moço desconfia de que seja uma mulher. Parece ter a inteligência que falta no seu patrão.

— Não tem nada para fazer?— balbuciou ela. — Nenhuma espada para afiar, nenhuma mulher para cortejar?

— Tive todas as mulheres que quis— respondeu ele amuado.

— Menos Lady Anne.

Severn terminou a maçã e se levantou da cama: — Onde está Smith? Talvez o tenha visto com alguma mulher e isso te pôs de mau humor? Cuidado irmãzinha, não se faça muito de difícil!

— Não entende nada! — gritou a jovem. — Nada!

Severn riu e saiu da tenda.

Zared se sentou em sua cama, rígida pela cólera. Estava furiosa com seu irmão que não compreendia nada, furiosa com esse Howard por ter entrado em sua vida, furiosa consigo mesma pelo modo que se comportou.

— Teria acontecido com qualquer homem que tivesse me beijado — murmurou. — Se Colbrand me beijasse, me deixaria meio doida...—

Recordou o modo como reagiu quando Howard a tocou. Justo ele, repetiu para si mesma. Teria reagido da mesma maneira com qualquer homem.

Levantou-se. Sim, era uma Peregrine. Como seus irmãos amavam muitas mulheres, ela amava muitos homens. Era vergonhoso, com toda a certeza, que o inimigo de sua família lhe provocasse sensações tão fortes, mas assim girava o mundo. Só devia controlar-se e não permitir que esse homem a fizesse perder o sentido. Era um Howard, e se havia se intrometido no campo dos Peregrine, devia ter um bom motivo. Como era a única a saber quem era de verdade, pretendia seduzi-la para que confiasse? Ainda não entendia bem por que se apresentara com nome falso, mas ela sentia o dever de proteger a sua família.

Isso não significava deixar-se fascinar por seus beijos. O fato não se repetiria, não mais permitiria que a tocasse e se ele o fizesse, não cairia em seus braços como qualquer boba. Levantou o queixo e prometeu a si mesma pegar sua adaga e golpeá-lo, se tentasse importuná-la novamente.

Algumas horas depois, quando seu irmão e seu inimigo entraram na tenda, encontraram-na deitada, com os olhos fechados. Entreabriu-os e viu que cambaleavam e da forma como riam, compreendeu que haviam bebido em abundância .

— Cala...— disse Severn em voz alta. — Não devemos despertar a minha irmãzinha.

— Levaria de volta para cama— disse Tearle em voz ainda mais alta, e ambos estalaram em risadas.

Zared golpeou com o punho o travesseiro e se virou para o lado. A cólera e a indignação a impediram de voltar a dormir, mas de qualquer modo não teria conseguido por causa dos roncos de seu irmão.

Estava quase dormindo quando ouviu que Tearle se levantava sem fazer ruído e saía da tenda. Olhou em direção de Severn e viu que dormia profundamente. Levantou-se também, colocou a túnica e seguiu o homem.

Mas Severn tinha despertado no mesmo momento que Tearle tinha posto os pés no chão, e o tinha observado enquanto tomava sua espada e saía da tenda. Ainda achava-o simpático, Severn era prudente e a constante animosidade de Zared fazia Smith menos confiável do quanto teria sido normalmente.

Embebedaram-se juntos, ou pelo menos Severn fingiu estar ébrio. Esperava fazê-lo falar, de saber onde tinha aprendido tantas coisas com em relação às armas, que lhe dissesse onde Liana o havia conhecido. Mas Smith foi muito hábil em não responder as perguntas e não revelou nada dele.

Quando viu que sua irmã deslizava para fora da tenda seguindo o homem, relaxou.

Estava contente que Zared gostasse de Smith e sabia que podia confiar nele para que a protegesse, como tinha acontecido com o cavalo descontrolado que esteve a ponto de atropelá-la. Deitou-se de novo e dormiu.

Zared seguiu Tearle que avançava devagar e com cautela, evidentemente desejando não ser visto, e por duas vezes se escondeu na sombra, para que não a descobrisse.

Depois de várias voltas, o homem entrou no portão que se abria na muralha de pedra que rodeava o castelo dos Marshall. Não podendo segui-lo sem ser vista, decidiu subir em uma árvore, de modo que pudesse observar o interior da propriedade. Para não ser ouvida, subiu muito devagar e quando estava no alto o suficiente, o que viu a fez abrir a boca de surpresa.

Howard estava abraçando Lady Anne, a fazia girar sobre si mesma, enquanto a bela saía dela girava ao seu redor. Logo a fez sentar-se e a beijou sonoramente em ambas as bochechas. Zared não queria ver mais, e desceu da árvore.

Por um momento, enquanto voltava para a tenda foi incapaz de pensar claramente.

Tinha descoberto o motivo do interesse por parte do membro da família Howard com respeito à família Peregrine: queria impedir que um deles se

apropriasse da riqueza dos Marshall. Queria se assegurar que os Peregrine nunca chegassem enriquecer o suficiente para vencer os Howard.

Deitou-se, mas não conseguiu dormir e quando por fim, o odioso Howard entrou na tenda, estava deitada tensa e permaneceu acordada a noite toda, cedendo ao sono somente ao amanhecer.

No curso da manhã ocorreram duas coisas: iniciou-se a última parte do torneio, aquela dedicada às brincadeiras, e o odioso Howard desapareceu de circulação.

Severn dormiu mais do que de costume e quando despertou viu que Zared dormia e a cama de Smith estava vazia; dirigiu seu mau humor para sua irmã, pensando o que teria feito para que o jovem se zangasse. Disse que necessitava de Smith para pedir conselhos sobre os duelos do dia e declarou que se o jovem se afastou, certamente foi por culpa de Zared.

Esta não teve como defender-se. Havia conservado para si segredos por muito tempo, para começar a revelá-los. Seu único consolo era pensar que ao voltar para casa, poderia contar toda a verdade ao seu irmão e esperava que Severn oferecesse suas desculpas por havê-la acusado injustamente. Entretanto, no momento só podia apertar os punhos e repetir que não tinha a mais brilhante ideia de onde estava Smith.

As “zombarias” ou “brincadeiras”, só se iniciaram pouco depois de sua chegada.

Severn, ao colocar o elmo, descobriu que o seu interior tinha sido recheado com lodo. E no primeiro ataque sua lança se despedaçou entre as mãos, ainda antes de golpear o seu rival. Alguém libertou abelhas de um favo e quando os presentes tentaram afastá-las, essas foram pousar sobre Severn porque algumas partes de sua armadura tinham sido pinceladas com mel. Quando o estandarte de Severn foi desenrolado, viu que o falcão branco sobre o campo vermelho foi substituído por uma malha no qual se desenhava um sátiro perseguindo uma virgem...e o sátiro se parecia muitíssimo com Severn.

Ao descobrir cada uma dessas brincadeiras as pessoas riam e as risadas aumentaram ao ponto que, por volta do meio-dia, só a visão de um Peregrine causava estrondosas gargalhadas.

Zared, olhando em direção às tribunas viu Lady Anne que, sentada ao lado de seu pai, ria e indicava o grupo de seu irmão e seus homens. Estava contente pelo rei ter partido no dia anterior, mas sem dúvida contariam o que estava acontecendo.

Severn ordenou a um de seus homens que vigiasse sua armadura para que ninguém preparasse outras brincadeiras. Zared foi pedir emprestada outras lanças a outros cavaleiros, porque durante a noite as de seu irmão tinha sido todas trocadas. Colbrand as mandou através de seu desprezível escudeiro, e a moça se viu obrigada a agradecer.

Severn tomou a coisa com calma e enquanto a irmã limpava o seu rosto e o elmo não disse uma palavra. Mas o fato de que não se inclinava para ela, obrigando-a a colocar-se sobre um baú para alcançá-lo, a fez compreender até que ponto estava furioso.

Tampouco falou quando limpou o mel da armadura, nem quando enrolava freneticamente o estandarte que deveria representar o orgulhoso falcão dos Peregrine.

À medida que a risada das pessoas aumentava, Zared estava cada vez mais segura de que nessas brincadeiras estava à mão do odioso Howard. Ela o faria pagar, pensou.

Parecia que esse homem passava a maior parte de seu tempo zombando dela, e procurava uma maneira que todos rissem de Severn.

E todas essas gargalhadas a convenciam que certamente Lady Anne não se casaria com um Peregrine. Era impossível que um velho cavaleiro de combate como Hugo Marshall, permitisse que a filha se casasse com um homem que era o alvo de tais brincadeiras.

— Obteve o que quis— murmurou para si mesmo observando Severn desmontar outro cavaleiro. Parecia que o odioso Howard conseguiria

impedir os Peregrine de fazer uso da riqueza dos Marshall para reconquistar suas terras.

Lady Anne se casaria com ele? Perguntou-se, recordando que os tinha visto enquanto trocavam um beijo. E o que teria feito Tearle se Zared aceitasse sua proposta de matrimônio? Teria mais outro motivo de brincadeira aos que já faziam rir dos Peregrine?

Teria sentado ao lado de seu gordo irmão e contado rindo que a mais nova dos Peregrine aceitou casar-se com ele? — Esta é uma satisfação que não lhe darei — disse para si.

Quando os jogos foram interrompidos para o almoço, Severn não foi ao castelo comer e proibiu Zared de fazê-lo. Mas não se importava, porque não poderia suportar mais risadas zombeteiras.

Seu irmão enviou um de seus homens para buscar alimentos e Zared se sentou só e silenciosa sobre um tamborete em um extremo da tenda.

A certa altura perguntou ao irmão quem podia ter sido, segundo ele, o autor das brincadeiras.

— Quem quer que tenha sido, eu o matarei — replicou Severn começando a comer tranquilamente.

Zared sabia. Se houvesse dito ao irmão estar certa que Smith, o homem a quem ele tinha em grande estima, era na realidade um Howard, que estava pondo em ridículo os Peregrine, ele o teria matado. E depois? Seria a sua vez de ser assassinado? Oliver Howard se vingaria assediando o castelo onde viviam Rogan, Liana e seus filhos? A jovem continuou comendo e nada disse.

Severn não voltou para o campo de torneio. Só tinha que apresentar-se no campo ao final da tarde e não lhe interessava encontrar-se com os homens que tinha vencido.

Entrou na tenda e ali permaneceu.

Zared, por sua vez decidiu observar os outros combatentes. Ao aproximar-se do campo endireitou os ombros, preparando-se para ser recebida por outra explosão de risadas.

Imediatamente percebeu que algo novo atraía a atenção do público, porque ninguém olhou para ela. Todos os olhos estavam dirigidos para o campo. Viu que os ocupantes das tribunas também abriam os olhos surpresos, olhando para o campo.

Abriu caminho entre a multidão, e num instante se encontrou ao lado de Jaime. Este apenas a olhou e não deu sinais de recordar a humilhação que os Peregrine tinham experimentado na manhã.

— O que há? — perguntou. As pessoas se calaram como se esperassem algo.

— Ali —, disse Jaime indicando o extremo do campo.

Zared olhou e viu um homem montado em um cavalo negro coberto com um manto de seda também negro. O cavaleiro vestia uma armadura negra, tinha o rosto coberto e na ponta de seu casco uma pluma negra. Não era estranho ver uma armadura dessa cor e o cavaleiro nada tinha de estranho.

— É ele que estão olhando?— perguntou.

Jaime lançou um olhar de desprezo, como se a considerasse muito burra para compreender até a coisa mais simples.

— É o Cavaleiro Negro. Ninguém sabe quem é, veio desafiar a todos os outros. Até este momento venceu cada homem com quem combateu.

— Meu irmão tem feito o mesmo! - Balbuciou Zared.

Jaime riu zombando : — Seu irmão...melhor não falar.

Zared levantou a mão para golpear o moço, mas Colbrand se interpôs entre os dois contendores e Zared, vendo que o cavaleiro lhe sorria, sentiu desvanecer sua cólera.

— Esse homem é um mistério — disse Colbrand.

— Quem é?— perguntou Zared sorrindo, pensando que seus cabelos eram maravilhosamente ondulados e que seus olhos nunca pareceram tão azuis.

— Já falei, o Cavaleiro Negro! — disse Jaime. — Em sua família são todos estúpidos, além de loucos? — sussurrou de modo que só a moça ouviria.

— Eu o farei engolir estas palavras— replicou ela e se preparou para golpeá-lo, mas sua atenção foi atraída pelos gritos das pessoas. O Cavaleiro Negro estava indo contra o seu adversário.

Seu cavalo galopou pesadamente sobre o terreno; o cavaleiro tinha seu corpo para frente, a lança muito baixa. Quando golpeou o homem na armadura, o golpe foi tão duro que este pareceu literalmente levantar-se de sua sela e caiu sobre a terra com um grande estrondo.

— É hábil — murmurou Zared.

— Melhor que qualquer um, além de Colbrand!— exclamou Jaime, mas em sua voz se notou um pouco de dúvida.

— Quem é? De onde vem? O que quer? - Perguntou Zared.

— Foi anunciado como o cavaleiro de Marshall para desafiar a todos outros, e sua identidade deve ser mantida em segredo.

— As pessoas têm seus motivos para serem misteriosas — disse Zared, mas bem amargamente. — O que quer?

— Ganhar a esmeralda como prêmio — respondeu Colbrand. — Que outra coisa pode querer?

— Tudo o que Lady Anne possui— disse ela. — O poder e a atenção do rei.

Colbrand a olhou com olhos inocentes que manifestou não estar seguro de haver entendido...e de repente Zared pensou que esses olhos, de certa forma não eram tão belos. Levantou os ombros e olhou para outro lado.

Tinha outras coisas em que pensar no momento, e o fato de que os olhos de Colbrand fossem belos ou não, estava em segundo lugar. Havia algo que não compreendia. Por que esse homem tinha esperado até o segundo dia para participar do torneio? Por que mantinha em segredo sua própria identidade?

Afastou-se de Colbrand e de Jaime e se dirigiu para um extremo do campo, onde se encontrava o Cavaleiro Negro. Estava rodeado por uma dúzia de garotos que lhe estendiam novas lanças, secavam o seu cavalo e admiravam o homem misterioso que sabia lutar tão bem.

Zared olhou o homem durante outros dois combates e ao final percebeu algo de familiar nele. Desde o início pensou que podia ser seu irmão mais velho. Tinha o mesmo porte de Rogan, mas não se movia como ele. Nem tampouco era um dos filhos ilegítimos de seu pai que ela conhecia muito bem.

Aproximou-se de uma parede baixa de madeira para observá-lo melhor e nesse momento o homem virou a cabeça em sua direção.

Através da tela de proteção da máscara que lhe cobria o rosto não podia ver nada, mas o modo como moveu a cabeça, embora estivesse encerrado no aço, fez parar a sua respiração.

— Howard! - Pensou e não teve nenhuma dúvida da identidade do misterioso cavaleiro.

Afastou-se antes que ele pudesse ver a expressão de seu rosto. Voltou para o lado de Colbrand e observou como o homem lutava, mas agora o fez com olhos distintos. Esse era o homem que quase tinha morrido quando a adaga dela tinha roçado suas costelas?

Estava quase morto ou teria sido uma simulação? Havia permanecido deitado no chão e disse que tinha medo de ficar sozinho e ela havia acreditado! Afastou-se e então voltou para o seu lado, temendo que estivesse morto.

Mentiras, pensou. Isso estava cheio de mentiras. Fingia ser pouco robusto, de ser quem não era, fingia querer casar-se com uma Peregrine e fingia ser seu amigo.

— Acredita que seu irmão seja capaz de vencê-lo?— Não compreendeu imediatamente o que Colbrand estava falando, nem tampouco percebeu que seu corpo não vibrava mais ao estar perto desse belo homem. Muito belo é claro, mas também eram belas as luvas que Tearle lhe dera, e os olhos de Colbrand não eram mais bonitos que essas luvas.

Ela gostaria de falar com alguém sobre o cavalheiro misterioso, mas quando olhou o belo rosto de Colbrand compreendeu que esse “alguém” não podia ser ele. Certamente não era de sua natureza seguir numa conversa que implicasse fazer uso da lógica e a dedução.

— Meu irmão o matará— disse em voz baixa.

— Com o lodo ou com o mel? — perguntou Jaime rindo.

Ante estas palavras não reagiu, mas olhou o moço com olhos de fogo: — Vá procurar meu irmão.

Jaime não vacilou, porque sabia reconhecer uma ordem. Virou-se e partiu correndo.

Zared, de pé perto do campo, observou o Cavalheiro Negro que desmontava atrás de outro. Em seus ouvidos ressoavam todas as palavras que ela havia dito a Howard, e recordava o modo que o acusara de ser fraco, de reconhecer muito bem o vestuário feminino mas de não entender nada de armas.

Como devia ter rido dela! Devia ter-se divertido ante cada uma de suas palavras. Riu dela também tendo em seus braços Lady Anne? Admitiu tê-la conhecido na França e talvez tivesse sido lá que planejaram seu matrimônio.

O que acontecera? O pai de Lady Anne não desejava um Howard como genro e tinha obrigado à filha a escolher outro homem? Talvez Hugo

Marshall escolhesse Severn?

Mas Howard havia eliminado Severn como pretendente a mão de Lady Anne. Agora as pessoas riam cada vez que um Peregrine aparecia, riam ante a vista de seu estandarte.

E agora Howard concentrava sobre si a curiosidade e a atenção das pessoas apresentando-se como um cavalheiro misterioso. Não lutava melhor do que Severn, mas ao final, quando revelasse sua identidade, as pessoas não ririam dele. No fim, Hugo Marshall lhe concederia a mão de sua filha.

Zared observava o homem que se fazia chamar Cavalheiro Negro com crescente atenção e pensou que Severn devia vencê-lo.

Não percebeu que seu irmão se encontrava as suas costas.

— O que pensas?— perguntou em voz baixa.

— Pode abatê-lo —respondeu ela. — Atemoriza os seus adversários....a metade dos rivais está convencido que será abatido....os assusta. É forte e pesado mas não é robusto nem forte como você.

— Parece muito segura do que diz.

Virou-se para olhá-lo: — Estou certa...— Pela expressão dos olhos de seu irmão, compreendeu que as brincadeiras das pessoas naquela manhã tinham-no ferido profundamente e disse: — Foi ele quem pôs o lodo em seu casco e que libertou as abelhas.

Severn a olhou: — Tem certeza?

— Sim — replicou convencida. — Esse homem não se vale só de sua habilidade, diverte-se ao assustar os outros. Porque se disfarçou, então? Sabia que não podia vencê-lo e sabia que não podia assustá-lo, assim tratou de minguar seu espírito com as pessoas zombando de você.

Poderia dizer ao seu irmão que esse homem era Smith, o mesmo que ele acreditava ser seu amigo, mas não o fez. Não sabia com exatidão porque não dissera a verdade a Severn; talvez porque temesse sua raiva frente à

tamanha traição, ou talvez porque se tivesse dado muita informação, ele teria feito outras perguntas até descobrir a verdadeira identidade de Tearle.

Severn endireitou-se, olhou o homem sobre o cavalo negro e Zared viu que a expressão de seus olhos mudou. Seu irmão voltara a ser ele mesmo, diante dela estava novamente um homem seguro de si mesmo e em seu olhar já não existia a mínima dúvida.

— Sim, posso vencê-lo — murmurou Severn.

Faça-o também por mim, pensou Zared. Faça-o por todas as humilhações que me causou. Pouco depois seguiu seu irmão em direção à tenda para ajudá-lo a colocar a armadura.

Uma hora mais tarde voltou com ele ao campo do torneio e ao vê-lo as pessoas começaram a sorrir e a golpear uns aos outros pelos cotovelos.

Zared soube que o Cavaleiro Negro havia desmontado Colbrand e logo o tinha desafiado para um duelo a pé; mas Colbrand não aceitou o desafio.

— Se o Cavaleiro Negro pode abater Colbrand, pode vencer qualquer um, — disse um dos presentes enquanto Severn passava.

— Lembre-se das abelhas — disse Zared estendendo a lança quando seu irmão estava montado em seu cavalo.

Ambos os combatentes destroçaram suas lanças no primeiro embate e o mesmo aconteceu durante a segunda. Estavam empatados.

— Lembre-se do lodo — disse Zared ao irmão, estendendo a terceira lança. No terceiro embate Severn rompeu sua própria lança contra o Cavaleiro Negro e ganhou um ponto.

— Acredito que pretende obter a mão de Lady Anne — disse Zared ao irmão, oferecendo um jarro com água. — Quer que as pessoas riem de você, assim obterá a mão e a riqueza da dama.

Os olhos de Severn brilharam de raiva e atacou o adversário como teria atacado um inimigo no campo de batalha. Estava sedento de sangue. Rígido

sobre a sela e inclinado para frente, levantou a lança e atacou. O que aconteceu mais adiante foi muito rápido para que Zared pudesse se dar conta. Um minuto antes seu irmão havia partido para o ataque...e imediatamente estava no chão. O grito de aprovação das pessoas com respeito ao Cavalheiro Negro foi ensurdecedor e a jovem correu para ajudar Severn. Este, humilhado até não poder mais, rechaçou-a e se dirigiu para a tenda, seguido por Zared que segurava seu elmo.

— O que aconteceu?— perguntou quando estavam a sós.

— Venceu-me, — respondeu Severn. — ganhou o melhor.

— Não acredito. É melhor que ele.

Severn pegou uma maçã da bandeja que estava sobre a mesa a pouca distância dele e a esmagou com seus dedos fortes. Depois de um momento olhou para olhar a sua irmã.

A expressão de seu rosto traía sua raiva. — A cilha de meus arreios escorregou. Esse homem não me tocou. Eu caí do cavalo.

Zared respirou fundo, Howard pagaria por isso. Ela o faria pagar, a custo de morrer.

Capítulo Nove

Tearle nadava sob a água e só voltou para a superfície do lago quando seus pulmões estavam a ponto de estalar. Nadou por alguns minutos de costas, sorrindo. Não se sentira tão bem em toda sua vida. Estava cansado, dolorido e faminto, mas se sentia bem.

Fez exatamente o que se propôs fazer: Tinha provado a Zared que era um homem.

Estava certo que o reconheceria porque a viu olhá-lo muito surpresa. Perguntava-se se o teria denunciado ao irmão, mas talvez se limitasse a descobrir quem era o Cavalheiro Negro, como ele tinha descoberto que ela pertencia ao sexo feminino na primeira vez que a viu.

Trocou novamente de posição e recomeçou a nadar. Agora Zared mudaria de atitude com ele. Nunca mais duvidaria dele, nunca mais pensaria que não era varonil.

Alcançou a borda do lago. Dois dos homens de seu irmão estavam escondidos entre as árvores. Durante o torneio se disfarçaram de comerciantes e Tearle os pagara muito bem para que mantivessem o segredo; ajudaram a prepará-lo para o duelo e sucessivamente esconderam seu cavalo e sua armadura.

Secou-se e começou a vestir-se, sem deixar de sorrir. Não tinha sido fácil vencer a todos os combatentes e quando enfrentou Severn, seu corpo estava muito dolorido. A dor provocada pelas feridas causadas no dia anterior pelos cascos do cavalo, unido ao contragolpe cada vez que sua lança se chocava com a armadura do adversário era insuportável.

Mas valeu a pena resistir, porque tinha derrotado todos. Colbrand deu trabalho e para desmontá-lo teve que recorrer a toda sua habilidade. Enfrentando Severn, tinha duvidado da vitória, mas no último ataque o homem escorregou de seus arreios e caíra por terra.

Para Tearle foi um triunfo doce-amargo, porque não pôde saboreá-lo, nem pode tirar o elmo e mostrar ao público quem era. Antes de ser rodeado pela multidão, mal teve tempo de ver Zared sair na direção do seu irmão. Todos queriam descobrir sua identidade: desviou sua montaria e se afastou a galope.

Tinha alcançado o bosque a umas quantas milhas de distância, onde os homens de seu irmão o esperavam e tiraram a sua armadura, logo alcançou a borda do lago, entrando na água.

Uma hora depois se sentia outro homem e estava ansioso para ver a carinha de Zared. A moça dava muita importância à habilidade de manejar as armas, não era como as demais mulheres que só amavam as histórias doces e as flores, e agora ele demonstrara que sabia combater até melhor que seu irmão.

Ao montar em sua sela ainda sorria. Finalmente Zared o olharia com uma expressão distinta da que se olha um inimigo.

Zared não sabia como consolar um homem triste....sempre vira seus irmãos cheios de ira. Tinha-os visto superar a dor quando o luto golpeava a sua família, mas também sua dor sempre estava misturada com a cólera, porque a maior parte dos lutos dos Peregrine foram causadas pelos Howard.

Mas agora a cólera de Severn tinha um motivo diferente; de fato parecia que seu irmão havia perdido a fé em si mesmo, enquanto ela sempre o via seguro de si. O fato de vê-lo sentado em silencio no interior da tenda e comendo sozinho, desejoso de não ver ninguém salvo ela, preocupava-a.

Quando ao entardecer, Howard entrou na tenda, olhou-o e por um momento não conseguiu dissimular sua expressão de ódio. Poderia matá-lo pelo que havia feito ao seu irmão. Olhou para outro lado. Não permitiria que percebesse o quanto que o odiava porque pensava numa grande vingança. Ela o faria pagar, embora ainda não soubesse como.

— Um membro de minha família adoeceu — disse Tearle para ambos os irmãos.

Havia pensado bem, uma desculpa por sua ausência, mas o olhar de Zared o fez esquecer o que havia decidido dizer. Se antes nos olhos da jovem tinha visto ressentimento, agora se deu conta que o odiava.

— Perdeu o espetáculo da humilhação final dos Peregrine — disse Severn sentando-se na cama.

O olhar de Tearle passou do rosto gasto do homem à nuca da moça, que lhe dava as costas e compreendeu que a situação era grave. Tão mal havia sido a derrota para Severn?

Tinha-o acreditado mais forte.

Encheu o prato de comida e sentando-se em um tamborete, começou a comer. — Ouvi dizer que houve certa comoção hoje — disse— A propósito de um cavalheiro misterioso.

Severn, depois de lhe devolver um olhar cheio de cólera, saiu da tenda. Zared contente por não ter revelado ao irmão a identidade do Cavaleiro Negro, seguiu-o.

— Volte para dentro — Severn disse quando chegaram ao limite do bosque.

— As pessoas deveriam saber— disse — Todos deveriam saber que esse homem que o desmontou...que se a cilha de seus arreios não tivessem cedido, teria vencido.

— Deveria me humilhar ainda mais? Não, faria com que aumentassem as risadas...olhou-a: Não entende? Falhei.

— Não! Não falhaste. Tem um inimigo neste torneio, um inimigo que o impediu de sair vitorioso.

— Sim, nós os Peregrine temos um inimigo, mas Oliver Howard não está aqui. Não entende que isto é o fim de nossas esperanças de reconquistar o que perdemos?

— O que quer dizer?— sussurrou ela.

— Tinha esperado sobressair neste torneio, de atrair a atenção de Hugh Marshall. Depois da humilhação que sofri hoje, nunca concederá sua filha a um Peregrine. Saberão o que aconteceu neste torneio em cada rincão da Inglaterra. Se não encontrar uma esposa rica, nunca teremos condições de procurar o que é necessário para vencer os Howard. Nunca nos devolverão o que nos arrebatarem.

Zared não suportava escutar essas palavras porque pensava que tudo ocorrera por culpa dela. Se desde o começo houvesse dito ao irmão que o homem em quem tinha depositado sua confiança, na realidade era um Howard, as coisas teriam acontecido de maneira diferente. Lembrava-se muito bem o encontro entre Tearle e Lady Anne.

— Você se casará com ela — disse em voz baixa. — Se casará com Lady Anne.

Assim dizendo se afastou do irmão. Tinha muitas coisas em que pensar.

Quando chegou à tenda dos Peregrine, abrindo caminho entre as pessoas, muitos sorriram, decididos a seguir zombando de sua família. Ao entrar na tenda viu Tearle dormindo em sua cama. Não vacilou e aferrando a espada de Severn levantou-a preparando-se para deixá-la cair sobre o pescoço do homem.

Tearle rolou para o chão enquanto a espada golpeava a cama. Levantou-se rapidamente e estendendo os braços, segurou a jovem fazendo-a cair e imobilizando-a no chão.

— Pensou que poderia me matar— disse.

— Queria fazê-lo— respondeu ela. — Se morresse e libertasse a terra de sua presença, seria feliz.

Observou sua expressão. Sempre o olhara com raiva, mas também com doçura.

Agora a doçura havia desaparecido...se estivesse dormindo profundamente quando ela levantou a espada, agora não estaria vivo porque sua cabeça estaria separada de seu pescoço.

— O que aconteceu?— perguntou em voz baixa, afastando-se levemente dela, sem deixar de tê-la apertada junto a si.

— Fez o que seu irmão não pôde fazer. Porém ele usa armas dignas de um homem, enquanto você usa a traição. Meu irmão acredita que é...um amigo...— Ao pronunciar esta última palavra Zared quase se sufocou.

— O que você sabe?— perguntou-lhe.

— Sei tudo. Quer Lady Anne para você e...

— Anne? Eu quero Anne?

— Conspira com ela. Você...

Tearle a olhou de novo. Estava dizendo que ele queria Anne. Se Anne estivesse zangada com um homem, não teria tomado a espada e tentado decapitá-lo. Teria colocado um lindo vestido e o induziria a fazer o que ela quisesse. Não...ele não queria Anne. Queria Zared, que falava e agia de forma sincera, sem intenções escondidas e sem traições.

— Porque diz que quero Anne?

— É uma esposa rica para um segundo filho.

— É certo — Assim dizendo pôs a mão no braço dela e a atraiu para si.

— Não me toque! — gritou Zared debatendo-se, mas ele a segurou.

— Não é Anne que eu quero — disse e pôs o rosto sobre seu pescoço.

Zared permaneceu tranquila por um momento e logo lhe deu um chute e se libertou.

Tearle gemeu e a agarrou de novo. — Sente-se!— ordenou indicando a cama.

Inclinou-se sobre ela, tentando dominar a dor física que o oprimia e disse: — Quero saber tudo. Quero saber tudo o que se passa pela sua mente.

— Não direi nada! — replicou ela, apertando as mandíbulas.

— Se não falar, direi ao seu irmão quem sou.

— Ele o matará!

— Como quase fez hoje? — perguntou irônico, mas se arrependeu porque não queria feri-la.

— Solto a cilha de seus arreios— jogou em seu rosto. — Humilhou-o! Porque quer Lady Anne!

Tearle estava atônito. Talvez não houvesse “magia” no fato de Severn ter caído do cavalo. Depois de tudo sua lança apenas o havia tocado.

— Alguém soltou a cilha dos arreios?— perguntou com voz muito baixa. A coisa poderia ter sido ordenada por Oliver. Depois da partida do rei, poderia ter ousado um ato de tal magnitude.

— Você deveria saber. Não foi você que pôs o lodo em seu elmo, as abelhas sobre...

— O quê? — Tearle se endireitou. — Eu coloquei lodo em seu elmo?— perguntou indignado.

— As pessoas riram de Severn — replicou ela e ante a lembrança se enfureceu. — Severn não poderá obter a mão de uma jovem rica e a culpa será minha. Se houvesse dito desde o começo quem você era, poderia tê-lo matado. O enforcamento seria preferível a tanta humilhação por parte do público.

Por um momento Tearle não conseguiu pensar. Quis colocar a armadura negra para impressionar a jovem que desejava, mas em vez de alcançar seu objetivo, causou desonra e humilhação à família dela.

— O que quer de mim?— perguntou em voz baixa. — Quer que eu vá? Que não apareça nunca mais?

— Sim — respondeu Zared escondendo o rosto entre as mãos. — Arruinou tudo. Severn nunca terá a esposa rica que sonhava.

Passou as mãos no cabelo: — Deve acreditar. Nunca tive a intenção de fazer mal a você e a seu irmão. Nunca hei....

Zared se retraiu: — Vá! Deixe-me, não quero vê-lo nunca mais. Arruinou a minha família.

Tearle se separou dela, surpreso pela dor que aparecia em sua voz. Deixou a tenda.

Iria, mas antes devia descobrir o que Zared quis dizer ao falar do lodo no elmo.

Não demorou muito tempo para saber da história, as pessoas gostavam de conversar. Assim soube também do mel sobre a armadura, das lanças serradas...e em sua mente começou a surgir uma suspeita.

— Hugo Marshall nunca daria por esposa sua bela filha a um Peregrine! - Disse rindo um homem a seu lado. — Não pode levar em conta um genro que é o bobo da corte.

— Marshall quer por genro o Cavaleiro Negro. Soube que oferece uma recompensa a quem puder revelar sua identidade — disse outro rindo a sua vez.

Tearle não permaneceu escutando mais e se afastou. Deu uma moeda a um moço para que levasse uma mensagem a Lady Anne: Queria se encontrar com ela essa mesma noite no jardim. Poucas horas depois quando foi ao encontro, Anne o esperava, e pela claridade da lua viu que seu rosto estava radiante.

— Esteve magnífico! — exclamou pondo as mãos nos ombros e beijando-o em ambas as bochechas.

— Magnífico, seriamente e ...Tearle, funcionou. Meu pai não fala mais desse Peregrine. Agora só fala do Cavaleiro Negro. Naturalmente não descobrirá nunca de quem se trata.

— E está contente que seu pai não leve mais em consideração a proposta de matrimônio de Severn?— perguntou-lhe em voz baixa.

— Estou muito contente. É um homem horrível, não poderia passar cinco minutos com ele.

— Fez isso? Passou cinco minutos com ele?

Anne deixou de sorrir e o olhou zangada: — O que está acontecendo? Não está satisfeito por sua vitória?

Tearle se afastou dela. Satisfeito? Quis demonstrar a Zared que não era um homem débil como ela acreditava, entretanto conseguiu que ela o odiasse e um nobre cavalheiro como Severn fosse humilhado.

Olhou a sua amiga: — Quem pôs lodo no elmo de Severn?

Anne se virou, mas não conseguiu esconder o sorriso. Tearle tomou-a pelos ombros e a obrigou a olhá-lo: — Quem foi, Anne? Quem foi que deu motivo para que as pessoas zombassem dele?

Anne se libertou, exclamando:— Não me casarei com ele. Humilhou-me em público. Você viu como me tratou durante o cortejo? Levantou-me da tribuna na frente de todos, beijou-me por duas vezes e...

— Não se parece com um mequetrefe da corte, certo? Não escreve poemas de amor exaltando sua beleza. Não sabe pronunciar um verso...é isso Anne?

— Eu não gosto de seu tom— disse a jovem e levantando a saia preparou-se para se afastar.

Tearle a agarrou por um braço: — Severn é um bom homem. Ama muito a sua família e dá muita importância a sua honra. É um homem muito orgulhoso.

Neste ponto Anne relaxou, cobriu os olhos com as mãos para esconder as lágrimas:

— E eu não tenho orgulho? — Olhou-o tentando controlar o pranto: — Sim, humilhei-o. Fiz com que as pessoas zombassem dele. Diga-me, que outra coisa podia fazer? Como podia lutar contra ele? Disse ao meu pai que

não quero me casar com esse homem. Também disse a ele que não quero me casar, mas ninguém me escuta. Não entende que devia fazer algo?

Tearle não respondeu. Suspirou e quando falou, fez em voz baixa:

— Agora que Severn é a brincadeira de todos qual é o pretendente preferido de seu pai?

— Meu pai escolheu o marido de minha irmã pelas relações que tem na corte.

— É um pai sábio —, murmurou Tearle.

— Agora suas preferências vão para Colbrand, ou a...

— Colbrand!— exclamou Tearle. — esse homem é um idiota!

— Mas tem boas maneiras e é bonito de se ver.

— E é fácil de manobrar — adicionou o jovem. — Se casar com Colbrand o comerá vivo. Não é adequado para você.

— E quem é adequado para mim? — disse ela replicando. — Esse sujo Peregrine?

— É o mais adequado a você, mais que qualquer outro que eu conheça. Severn certamente não se deixaria dirigir por você.

— Não desejo controlá-lo, nem olhá-lo! — Pôs uma mão no braço de Tearle. — Esse Peregrine não será meu amigo e segundo meu parecer é tosco. Não me dirige nunca a palavra e na mesa fala com meu pai, não comigo.

— Porque é sábio...deve cortejar seu pai e não você.

Anne o olhou, exasperada. Esse homem não entendia nada? Disse: — Colbrand no entanto fala comigo. E...

— Colbrand!— repetiu Tearle com os dentes apertados. — Não quero mais ouvir falar desse homem pelo resto de meus dias. É estúpido a ponto que não saber distinguir uma moça de um moço. Se casar com ele, dentro de um ano sentirá somente ódio dele.

Anne olhou colérica para seu amigo. — Não precisaria deixar passar um ano para odiar Peregrine. Se os ama tanto, case-se com uma dessa família, mas eu não o farei. Agradeço-lhe por ter ajudado a evitar que meu pai obrigasse a me casar com um deles, mas acredito que não lhe devo nenhuma recompensa. Obteve o que desejava.

— O que eu desejava? Diga-me, o que eu queria segundo você?

Olhou-o atônita: — Exatamente o que eu queria: humilhar os Peregrine. A partir de hoje toda a Inglaterra zomba deles, e quando souberem que um Peregrine foi vencido em um duelo por um Howard até os animais nos campos zombarão. Não deve preocupar-se com eles, estarão assustados a tal ponto que não porão nem sequer o nariz fora da porta. - Sorriu: — Juntos fizemos um bom trabalho, não é? Severn custará muito a encontrar uma esposa rica ou pobre.

Dizendo isso se afastou, deixando Tearle sozinho no jardim.

O jovem estava muito aturdido para afastar-se também.

Todas as palavras que Anne pronunciou ressonavam nos ouvidos. Só queria impressionar uma garotinha, mas em vez disso tinha contribuído para pôr em ridículo os Peregrine.

Sabia que Anne tinha razão, no final a identidade do Cavaleiro Negro seria descoberta, muitas pessoas sabiam... seus homens, Anne e Zared. Dentro de pouco tempo a verdade iria aflorar e como Anne havia dito, toda a Inglaterra saberia que um Howard vencera um Peregrine.

Pensou em seu irmão Oliver: informado de sua façanha, ficaria muito feliz que tudo fosse conhecido por todo o país.

Deixou-se cair pesadamente sobre um banco de pedra. Zared tinha razão: Tearle havia arruinado a família Peregrine. Suas intenções tinham sido boas, mas sem querer conseguiu o que três gerações de sua família não conseguiram com as armas. Deitou-se sobre o banco e olhou as estrelas. Existia no mundo um meio para reparar o mal que fizera?

Essa noite Zared não dormiu muito. Deitada na cama, pensou em uma maneira de manter a promessa feita a Severn de convencer Lady Anne a se casar com ele. Pensou em falar com a jovem dama, mas recordava bem sua reação quando Severn tinha tomado às rédeas de seu cavalo descontrolado. Pensou em ir onde estava Hugo Marshall para advogar pela causa de seu irmão, mas como este último havia dito, não ficaria bem humilhar-se e não serviria de nada. Ele não acreditaria.

Permaneceu imóvel, escutando Severn que se agitava em sua cama. Agora não passava a metade da noite cortejando mulheres, brincando com elas. Permanecia na tenda, longe também de seus homens e era melhor, porque a este ponto não estavam mais orgulhosos dele e do estandarte dos Peregrine.

Amanheceu e Zared foi procurar um pouco de comida. Severn não teria que ir ao campo até a tarde e certamente nenhum deles iria abandonar a tenda. Por volta da metade da manhã se afastou para ocupar-se de seu asseio matinal e enquanto voltava uma mão tampou sua boca.

Tentou se defender com arranhões e socos, mas não pôde libertar-se do abraço que a segurava. Quando pensou que iria morrer por falta de ar, a mão se separou de sua boca e ela a abriu para respirar. Nesse momento foi amordaçada e sobre ela foi colocada uma manta.

Foi erguida, posta sobre a sela de um cavalo e conduzida para longe. Imediatamente pensou nos Howard: uma vez mais a capturavam.

O raptor galopou algumas milhas e logo parou, colocou-a no chão e retirou a manta.

A moça não se surpreendeu ao ver Tearle.

— Não me olhe desse modo — disse. — Não quero lhe fazer mal.

A moça se afastou correndo enquanto tirava a mordação, mas ele a alcançou e caíram juntos no chão. Ele a estreitou com todas suas forças, enquanto ela lutava por libertar-se.

— Peço que não me chute desse modo — disse em tom cansado. — Apunhalou-me, esbofeteou-me, fui pisoteado por um cavalo enquanto a protegia e quase morri no campo, quase separou minha cabeça do pescoço e ontem à noite não dormi. Suplico que me conceda um momento de descanso.

Parecia tão sincero ao falar de seu cansaço que Zared esteve a ponto de rir. Não o fez e não se mexeu mais, tampouco ela tinha dormido por duas noites. — O que quer de mim?— perguntou.

Tearle pôs a cabeça dela contra seu peito. — Não lute, eu peço. Estou muito fraco para me proteger de suas adagas, de suas espadas e de seus pés.

— Frágil! — exclamou ela — desmontou Colbrand, o venceu.

— Foi fácil — replicou ele. — Foi fácilimo.

— Deixe-me ir — disse a moça, querendo que ele a soltasse, mas ele não fez caso. — Gritarei pedindo ajuda.

— E eu a beijarei.

— Não!

Tearle, vendo em seus olhos o temor, sorriu: — Se casaria comigo se conseguir convencer Lady Anne a se casar com seu irmão?

Zared começou outra vez a querer livrar-se, quando com um suspiro ele a deixou ir, mas conseguiu que se sentasse a seu lado.

— Não me casaria com você, embora fosse o último homem....

— Nem sequer se isso levasse a sua família a riqueza de Lady Anne?

— Não me casaria com você nem sequer....— Olhou-o e continuou: — Seu pai não permitirá que se case com um Peregrine. E você contribuiu com isso. Encontrou um modo de toda a Inglaterra rir de nós.

— Não fiz nada para que alguém risse de sua família. Não fui eu que colocou mel na armadura de Severn, nem tampouco arruinei seu estandarte. Quis vencer um homem e o fiz com minha espada ou com minha lança...— ele sorriu: — Você viu.

— Sei que não podia vencer meu irmão e para fazê-lo soltou a cilha de seus arreios.

— Poderia vencer seu irmão, embora tivesse que perder um braço.

O rosto de Zared se avermelhou de raiva e equilibrou-se sobre ele, pronta para estrangulá-lo.

Tearle riu e girou para um lado, inclinando a cabeça quando tentou arranhá-lo.

Depois de um momento, Zared se deu conta que estava brincando com ela e seu corpo ficou rígido, e quando as mãos do homem afrouxaram um pouco, separou-se dele.

— Não casarei com meu inimigo— disse sem olhá-lo.

— Acreditei que se preocupava com a reputação de sua família — disse-lhe — Acreditei que estava desgostosa porque o nome dos Peregrine causava risos. — Levantou-se e começou a caminhar em direção ao seu cavalo, mas Zared o alcançou e se colocou diante dele.

— Não sabe nada de orgulho familiar— murmurou — Vive em uma terra que roubou. Seu irmão é um louco. Se você for a um combate, deve disfarçar-se.

— Disfarcei-me para proteger a reputação de sua família — replicou ele cansado. — Não queria que os outros soubessem que um Howard vencia um Peregrine.

— Você venceria o meu irmão?— Você simplesmente soltou a

Tearle se inclinou e a beijou.

Zared inclinou a cabeça, detestando a sensação que aquele beijo provocava. — É precisamente porque amo a minha família que não me casarei com um Howard...— assegurou.

— Um matrimônio entre as duas famílias poria fim à luta.

— Seu irmão me...

— Eu estaria ao seu lado...onde queira. Estou disposto inclusive a ir viver com seus irmãos.

A moça entrecerrou os olhos: — Rogan o mataria — asseverou em voz baixa.

— Duvido que o faça.

— Você está louco.

— Provavelmente — ele admitiu, sacudindo os ombros. — É possível que esteja louco, mas não sou um homem sem honra. Não fiz nada à cilha... sou capaz de vencer Severn sem recorrer a truques tão mesquinhos.

— Não, não poderia...— Interrompeu-se, parecia que Tearle estava a ponto de beijá-la de novo. Virou à cabeça e disse: — Em todo caso não tem importância. Lady Anne não se casará com um homem que é motivo de risos.

— Assim, não fará o que poderia fazer cessar esta cadeia de violência, ou para ajudar seu irmão a casar-se com uma mulher rica...entendo — disse Tearle, tomando as rédeas de seu cavalo.

— Faria qualquer coisa para proteger a meus irmãos...qualquer coisa.

— Verdade?— perguntou, levantando uma sobrancelha. — Não me parece.

Olhou-o entrecerrando novamente os olhos: — Como pensa convencer Hugo Marshall a permitir que sua filha se case com um Peregrine?

— Deixe comigo.

Sorriu brevemente, mas com tristeza. — Você colocará uma manta em cima dela, vai amordaçá-la e raptá-la? Os Howard são professores em raptar mulheres indefesas. Obrigará, através da força, a casar-se com meu irmão? Ou quer começar uma luta entre os Peregrine e os Marshall? Quer unir-se aos Marshall para nos combater?

Tearle se calou por um instante, limitando-se a olhá-la. Logo disse: — Não sabe pensar em outra coisa a não ser a guerra? Não acredita que há outras coisas na vida, além da guerra? Não pretendo obrigar Anne Marshall a casar-se com ninguém. Seu pai a dará por esposa ao seu irmão.

— Tem certeza?

— Tão certo quanto se pode ser sobre o futuro...— Sorriu: — Porém, não me esforçarei para arranjar o matrimônio de seu irmão se não tiver a segurança de obter o que quero em troca.

— E quer uma Peregrine — balbuciou ela. — Não deverá viver na casa de meus irmãos, como disse. Obrigar-me-á a viver na casa dos Howard. E o que me fará? Irá me torturar ou me usará como refém para obrigar meus irmãos a fazer o que você quer?

— Disse que não a levarei para viver com meu irmão. Viverei com você e com seus irmãos, exatamente como faço agora, como Smith.

Zared só conseguia olhá-lo. Era tolo? — Os Howard nos espiam. Eles o verão com meus irmãos e o desmascararão. Quando meus irmãos souberem quem é, o matarão. E seu irmão...

— Sim, eu sei — replicou o jovem aborrecido. — Nossa conversa é inútil. Volte para o seu irmão. Peça que a proponha como esposa para Colbrand. Talvez, no transcurso da primeira noite de matrimônio, se de conta que é

uma mulher...— Assim dizendo montou na sela e concluiu: — Cumprimente Severn por mim.

Vendo que se afastava, Zared só conseguiu pensar que seus problemas terminariam...finalmente estava livre do horrível peso de ter secreta a identidade daquele odioso Howard.

Mas de repente o chamou: — Espere!

Tearle parou e inclinou a cabeça para olhá-la.

— Como fará para convencer Lady Anne a se casar com Severn?

— Seu irmão é objeto de zombaria, Hugh Marshall nunca permitirá que se case com ele.

— E você poderia fazê-lo mudar de ideia?— perguntou, venenosa.

Tearle fez o cavalo voltar mas não atirou as rédeas.

— Diga-me como fará! — insistiu. — Deve-me isso, por manter seu segredo.

— E você me deve por tê-la salvado dos homens de meu irmão e por tê-la salvado do cavalo e me deve....

— Diga-me — gritou Zared, golpeando-o na perna com o punho fechado.
— Para minha família significa tudo, para você não significa nada.

— Já conhece meu preço — replicou Tearle com calma.

A moça ficou na frente do pescoço do cavalo: — Não posso me casar com você — disse — Você é meu inimigo e eu o odeio.

— Se pensa que me odeia, seu ódio não será nada em comparação ao de Lady Anne quando for obrigada a casar-se com seu irmão.

Essas palavras a fizeram sorrir...olhou Tearle e disse: — Antes do início do torneio seu cavalo se descontrolou; Severn o bloqueou e apesar disso ela o

criticou. Disse que teria que lavar as rédeas, antes de poder tocá-las de novo.

— É uma frase que se adequa a Anne.

— Conhece-a bem?

Essa pergunta surpreendeu Tearle, mas seria esperar muito que nela houvesse um sinal de ciúmes...— Suficientemente bem — respondeu.

Respirou profundamente porque queria induzi-la a tomar uma decisão. Não podia suportar mais essa incerteza sobre seu futuro, e por esse ser o último dia de torneio, a decisão devia ser tomada nesse momento ou nunca mais .

— Darei ao seu irmão a esposa que deseja — disse. — Hugo Marshall concederá Lady Anne a Severn, mas não o farei e não direi como pretendo fazê-lo se antes não consentir em ser minha esposa.

— Não conseguirá —replicou Zared. — Hugo Marshall nunca aceitará...

— Então não se preocupe. Se falhar, não terá que se casar comigo. Não farei nada se não jurar o que eu quero que jure.

Zared se afastou e olhou para o bosque. Casar-se com ele? Casar-se com um Howard? Como reagiriam seus irmãos se descobrissem que seu novo cunhado era na realidade um Howard? Severn talvez vacilasse em matá-lo porque o achava simpático, mas Rogan não vacilaria nem um momento antes de fazê-lo. Depois disso Oliver chegaria com um exército para matar todos os Peregrine.

Por outro lado, toda a Inglaterra zombava de sua família.

Só o matrimônio de Severn com Lady Anne poria ponto final a essas brincadeiras.

Colocou as mãos nos ouvidos. Era como se o diabo a tentasse e de fato Tearle montado em seu cavalo, com o cabelo e os olhos negros, parecia-se com o diabo. Casar-se com ele? Casar-se e viver sempre sob o domínio de uma família que odiava a dela por gerações?

— Não posso — murmurou.

Tearle deu um puxão nas rédeas.

— Pare!— gritou ela. Sem olhá-lo e com os punhos fechados, disse: — De acordo.

— Não escutei bem.

Continuou a não olhá-lo e sempre murmurando muito baixo disse: — Casar-me-ei com você.

— Continuo sem ouvi-la muito bem.

Levantou os olhos, que cintilavam de cólera: — Casarei! — gritou. — Se conseguir convencer Lady Anne a se casar com Severn, casarei com você — Apertou os lábios e continuou: — Mas nunca irei viver na casa de seu irmão. Não me submeterei às ordens de Oliver Howard.

Tearle devolveu o olhar e seu rosto se adoçou: — Viverei onde você viver, até quando consentir em me seguir a qualquer lugar que eu vá.

— Ah!— disse ela.

Tearle se limitou a sorrir, esporeou o cavalo e se afastou galopando.

Capítulo Dez

Zared tremendo com todo seu corpo pela cólera e o medo, voltou para as tendas.

O que tinha feito?

— Esteve ausente muito tempo! - Repreendeu-a Severn.

Esteve a ponto de responder bruscamente. Como podia demonstrar seu mau humor depois do que tinha feito recentemente por ele? Ou melhor, aceito fazer por ele? Até esse momento nenhuma das terríveis coisas que podiam acontecer haviam acontecido.

Esse pensamento reconfortou um pouco. Talvez não acontecesse nada de terrível.

Talvez ela e Severn pudessem permanecer na tenda até o último combate no campo do torneio, e logo pudessem voltar para casa e fingir que nada aconteceu. Talvez as pessoas esquecessem o misterioso Cavaleiro Negro, o lodo no elmo de Severn e o estandarte com a representação do sátiro.

Severn deixou cair a espada e Zared sobressaltou-se.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Nada. Estou bem, não tenho nenhum problema. Minha vida é toda alegria.

Severn sorriu: — Tem saudades quando Smith se ausenta, certo?

— Estou contente que ele tenha ossos porque não possui cérebro para sustentar seu elmo.

— Não suporto tais insolências de sua parte — disse o irmão e imediatamente cruzou a tenda em sua direção. Zared não tentou fugir como geralmente fazia, porque desejava lutar, assim baixou a cabeça e o golpeou no estômago. O homem gemeu, puxou a borda da túnica e lhe deu um empurrão.

— O que te acontece? — perguntou antes que desse um soco. E imediatamente depois: — Pequena... — balbuciou e a fez cair sobre a cama. Estava decidido a lhe dar uma lição, mas nesse momento Smith entrou segurando por um braço uma mulher elegantemente vestida, chorando. Severn olhou a irmã e a obrigou a se levantar e depois perguntou — O que aconteceu?

Zared se afastou a um dos extremos da tenda e logo distinguiu Howard.

— Diga-lhe — ordenou Tearle à mulher. Esta começou a chorar e logo inclinou a cabeça, negando.

Tearle pôs um braço ao redor da cintura e disse ameaçador: — Quer que a entregue a ele?

A desconhecida olhou Severn e seus olhos se encheram de terror.

— Meu irmão não é um...— começou a dizer Zared, tentando assegurar que Severn não era um homem cruel, mas Tearle não permitiu que continuasse e repetiu à mulher: — Diga — Tearle não disse nada mais, porém não havia necessidade, sua expressão refletia claramente suas intenções.

A mulher murmurou: — Ela me matará!

Zared observou a cena, curiosa: a desconhecida chorou por alguns minutos mais e quando falou o fez com voz tão baixa que suas palavras apenas se ouviam: — Lady...lodo...armadura...estandarte.

Zared olhou seu irmão e viu que ele também se esforçava por entender o significado dessas palavras.

— Fale mais alto — disse Tearle.

A dama levantou o queixo e olhou Severn como se olhasse o diabo.

— Minha senhora não quer se casar com você. Foi ela quem fez colocarem lodo em seu elmo e o mel sobre sua armadura. Pagou um homem para que pintasse seu...

Interrompeu-se, porque Severn estava avançando para ela, mas Tearle se interpôs entre os dois.

— Não foi ela — disse. — Foi Lady Anne a causadora dessas brincadeiras.

— Anne? — perguntou Severn surpreso, e Zared compreendeu o que estava pensando.

Geralmente gostava das mulheres, elas faziam o que ele queria e o achavam atraente. Se não fosse seu irmão, Zared o acharia tão fascinante como

Colbrand; portanto agora, ao saber que Anne foi a responsável pelas brincadeiras, estava atônito.

— É verdade que foi Lady Anne? — perguntou Severn.

— Sim — respondeu Tearle. — Ela gostava de Colbrand, mas sabendo que seu pai preferia você, procurou uma maneira de que deixasse de ser um pretendente a sua mão e o ridicularizou ante os olhos de todos.

Severn olhou Tearle: — Uma mulher fez isto? — murmurou triste — Não foi um truque dos Howard.

— Posso garantir que não foram os Howard — respondeu Tearle dando uma olhada a Zared. — Talvez, Lady Anne pensasse que seria uma brincadeira divertida.

Zared viu que seu irmão empalidecia. — Uma brincadeira? — exclamou. — Tenho feito o pior dos papelões e ela acredita que seja uma brincadeira? Fez com que todos zombassem de mim, um Peregrine. Quem é ela? É somente a rica filha de um mercador, enquanto eu, eu... — Interrompeu, incapaz de continuar.

— Onde está agora? — conseguiu perguntar pouco depois.

— Jantando, acredito — respondeu Tearle em tom alegre. Solto a mulher, mas ela não se moveu.

— Demonstrarei o que significa ser alvo de brincadeiras — disse Severn.

— Milord! — implorou a mulher — não pode...

Mas Severn saiu precipitadamente da tenda e a mulher o seguiu, implorando que não fizesse mal à Lady Anne.

— O que você fez? — murmurou Zared a Tearle.

Sorriu com expressão alegre : — Ainda não sei o que fiz, porém a julgar pelo humor de seu irmão, posso adivinhá-lo.

Zared não perdeu mais tempo em conversar com ele e seguiu seu irmão. Talvez pudesse evitar o pior, algo que Severn quisesse fazer. Talvez pudesse evitar que caísse ainda mais em ridículo.

Começou a correr, seguida por Tearle: — Eu o matarei por isso — gritou voltando-se. Por que acreditou em suas palavras? Tinha afirmado que estava em condições de convencer Lady Anne a casar-se com um Peregrine....agora Severn acusaria Hugo Marshall e as pessoas zombariam ainda mais...

Entrou no grande salão justo no momento em que Severn alcançava a mesa onde estava sentado Hugo Marshall com suas filhas ao lado. Centenas de damas e cavalheiros comiam e bebiam sentados nas mesas servidas por comida.

Zared começou a correr para evitar que seu irmão cometesse uma loucura, mas Howard a puxou pela cintura, pôs-lhe uma mão na boca e a levou para um lugar na penumbra.

Ninguém percebeu, porque os olhos de todos os presentes estavam cravados em Severn e em seu belo rosto cheio de cólera, enquanto olhava fixamente para Anne.

Não olhava ninguém, salvo ela. Inclinou-se através da mesa, puxou-a pelos ombros e a obrigou a levantar-se.

Ela emitiu um grito e mais de uma dúzia de homens saltaram em pé e desembainharam suas espadas, mas Hugo Marshall levantou uma mão para detê-los.

Estava fascinado e ansioso para ver o que é que esse homem pretendia fazer a sua filha.

Quando Anne estava de pé, Severn pegou-a pela cintura e a arrastou através da mesa. Vendo que seu pai não permitia que ninguém interviesse para defendê-la, a jovem começou a lutar sozinha. Golpeou Severn com os punhos e o chutou tentando golpeá-lo, mas só conseguiu derramar jarros de vinho, taças e bandejas cheias de carne e legumes.

— Socorro! — gritou — Pai!

Quando os hóspedes deram conta que Hugo Marshall aprovava a cena, voltaram a sentar-se e começaram a gozar do espetáculo.

Quando Anne ficou do lado da mesa, onde se encontrava Severn, este começou remexê-la , enquanto ela gritava , chutava e o arranhava. Logo o homem se aproximou de um tamborete, colocou-o no espaço entre as mesas destinadas aos acrobatas e aos espetáculos e se sentou, sem deixar de soltar à mulher.

— Socorro! — gritava Anne — Alguém me ajude, por favor!

Severn a colocou atravessada em seus joelhos e depois de levantar as suas saias começou a surrá-la.

— Esta é pelo lodo em meu elmo, e esta pelo lodo em meu rosto, e esta...

Então os convidados começaram a entender o que estava acontecendo. Todos conheciam as maneiras rudes dos Peregrine e todos tiveram a oportunidade de observar a atitude distante da bela Anne...só restava tirarem suas próprias conclusões.

Hugh Marshall foi o primeiro a rir: Era uma alegria para ele, ver sua muito inteligente filha sofrer semelhante lição.

—E esta pelas lanças serradas, — continuava a dizer Severn — e pelo mel e pelo estandarte.

Anne deixou de lutar ante a primeira risada que ouviu e seu medo se transformou em cólera e ódio. Estreitou os punhos, apertou a mandíbula e se recusou a gritar sua própria humilhação. Porque se tratava de humilhação. O homem não batia com força, o que a punha mais furiosa.

Por fim Severn baixou o vestido de Anne e a colocou de pé enquanto ele continuava sentado no tamborete.

As pessoas se acalmaram e esperaram ouvir o que Severn falaria.

— Isto lhe ensinará a não maquinar brincadeiras nas costas dos homens! — exclamou com um olhar de triunfo e Anne, como resposta lhe cuspiu em cima.

Entre os presentes se ouviu uma grande exclamação de estupor. Depois de um momento de vacilação Severn tomou à mulher pelo pescoço, trouxe-a para si e a beijou.

Os convidados começaram a rir e aplaudir, e quando Severn interrompeu o longo e profundo beijo, começaram a sapatear em sinal de aprovação.

Anne tentava se libertar do abraço sem conseguir.

Soltando-a finalmente, Severn a tomou em seus braços, avançou para a mesa e a sentou em cima do prato com comida diante de Hugh Marshall.

— Aconselho a vigiar melhor sua filha — disse em voz alta e logo se virou e saiu do salão.

Os presentes riram de novo, mas agora, pensou, não riam dele.

Enquanto isso Tearle continuava a ter Zared contra si. Na realidade não foi necessário fazê-la se calar e tampouco mantê-la imóvel, mas se recusava a soltá-la.

Quando Severn estava a ponto de sair do salão deixando as suas costas a bela Lady Anne sentada sobre um grande prato de comida, a moça se separou dele dizendo: — Agora Hugo Marshall nunca permitirá que sua filha se case com um Peregrine. — Murmurou zangada.

Mas nesse momento Hugo Marshall gritou: — Alto! — e todos os presentes se calaram.

Severn parou de repente, com uma mão pronta para desembainhar sua espada para defender-se. Zared saiu da sombra, pronta para lutar ao lado de seu irmão, o qual se voltou lentamente para olhar o dono da casa.

Este se levantou e quando Anne tentou se afastar da mesa a obrigou a não se mover.

— Tenho algo para lhe dizer, Peregrine.

— Escuto-o.

No enorme salão não se ouvia nem o voar de uma mosca...todos os hóspedes continham a respiração. O feroz e velho Hugo talvez estivesse por declarar a guerra a esse insolente Peregrine, pelo modo que tinha humilhado a sua filha?

Anne se virou e lançou a Severn um olhar de triunfo, com os braços cruzados sobre seu peito, sentada em cima do assado de porco e os pés entre repolho cozido. Esperava que seu pai ordenasse a morte desse homem que a maltratara.

No silêncio geral Hugo declarou: — Meu desejo é...— Respirou fundo e olhou ao redor: — Será uma honra para mim, senhor, se aceitar casar-se com minha filha.

O estalo de risadas que seguiu quase fez cair o teto. Zared abriu a boca pelo estupor e observou que o peito de seu irmão se enchia de orgulho. Oscilando, o homem voltou para o centro do salão, inclinou-se sobre Anne como se não existisse, tomou um pedaço de assado e sentou-se à mesa perto da cabeça dela e começou a comer.

— Quanto ouro me dará para que o livre desta bruxa?

Os convidados riam tanto que não se mantinham quietos em seus assentos e Severn olhou feliz o espetáculo. Levaria tempo para negociar e agora gozava do fato que as pessoas já não zombavam de sua família.

Zared não se moveu, observando Severn que discutia com Hugo sobre o dote de Anne e entendeu que a reputação dos Peregrine não seria machada nesses entendimentos porque os homens meneavam a cabeça aprovando, enquanto Severn pedia ouro e mais ouro para libertar dos ombros do pai a carga que significava Anne.

Zared sentiu pena da jovem, mas logo recordou a maneira como todos tinham rido de Severn.

Porém, olhando o rosto avermelhado de ira de Anne, pensou que talvez Severn não continuasse a rir por muito, porque viver com sua futura esposa não seria muito fácil.

Pouco depois cansada de tanto ruído, a jovem saiu do salão pensando que teria muitas coisas que fazer para organizar o matrimônio de Severn.

Fora havia poucas pessoas: ouvindo o barulho, quase todos os participantes do torneio tinham entrado no salão para assistir a negociação entre Hugo e seu futuro genro.

Uma mão pousou com força em seu ombro: — Esqueceu nosso acordo?

— Que acordo? — replicou tentando ganhar tempo. Começava a sentir sua garganta seca.

Tearle lhe sorriu: — Consegui dar ao seu irmão a rica esposa que desejava.

— Você? — Não tem nada a ver com esta situação. Meu irmão obteve a sua mulher sozinho, fazendo... — Humilhando-a? Fazendo com que todos zombassem dela? — Você não tem nada a ver com isto — repetiu.

— Como? Fui eu quem disse ao seu irmão que a autora das brincadeiras tinha sido Anne.

— Sim, mas não foi isso que convenceu Hugh Marshall a entregar sua filha por esposa a Severn. Meu irmão obteve a mão dela sozinho, sem sua ajuda, assim entre nós não subsiste nenhum pacto — Assim dizendo se virou e se preparou para ir, mas Tearle a puxou pelos ombros e obrigou a olhá-lo.

— Fui eu quem organizou toda a situação. Conheço o caráter de seu irmão e sei que quando se encoleriza perde o controle de si e...

— Sabe controlar uma espada e se agora estivesse aqui você perceberia!

— Sério? — perguntou Tearle nem um pouco constrangido. — Se Anne tivesse um pai diferente de Hugo, que dá mais importância à força do que a inteligência, não teria dito a Severn o que ela fez. Mas com justa razão

imaginei que Severn se comportaria como fez e que Hugh se sentiria satisfeito. O matrimônio, minha esposa, foi planejado por mim.

— Minha esposa? — repetiu Zared em voz baixa. — Não sou sua esposa e nunca o serei. Não posso respeitar um pacto feito com você. Não podia predizer o que aconteceria.

Severn podia ter matado a jovem...estava suficientemente zangado para fazê-lo...e onde estaríamos agora? Ou seu pai haveria....

— Sei que Severn não mata mulheres. Se o fizesse, você teria sido a primeira...Ah! Nunca vi uma mulher que merece ser castigada como você.

— Não sabe de nada. Hugo Marshall poderia ordenar a execução de Severn pelo que...

— É triste mas certo, Hugh não suporta sua filha. Anne tem mais cérebro em um pé do que ele tem em todo o seu corpo e a coisa não o agrada. Entre outras coisas, corre o boato que ele não é seu verdadeiro pai...é o tipo de homem que quer fazer Anne pagar pelos rumores que ela não pode evitar.

— Quer me fazer acreditar que sabia tudo isto e que por isso irá fazer com que Anne se case com Severn?

— Não...o fiz para que Severn tivesse a esposa que sonhava e para eu mesmo ter a esposa que desejo.

Zared só conseguiu olhá-lo, incapaz de dizer uma palavra, mas pouco depois se recompôs e virou a cabeça:

— Não podia saber o que aconteceria e por conseguinte, a conclusão dos fatos não é por mérito seu.— Assim dizendo começou a se afastar.

Percorreu alguns passos e parou. Agora o que Tearle faria? Iria até seu irmão e organizaria um exército para atacar os Peregrine? Desafiaria Severn a um combate mortal? Revelaria a Severn sua verdadeira identidade, provocando a guerra?

Olhou atrás e viu que o jovem se afastava na direção oposta. Alcançou-o correndo e disse: — O quer vai fazer agora?

— Fazer? O que eu vou fazer? Disse que não sei fazer nada.

— O que nos fará? Perguntou com os dentes apertados.

— Fazer algo contra vocês? Por que o faria?

— Porque não respeitei o acordo. Quero dizer... — rapidamente corrigiu: — O que fará a minha família porque não quero me casar com você, por que nosso pacto é um pacto que por si só não é um pacto?

— Não farei nada — respondeu sorrindo.

— Entendo. Pelo visto irá até seu irmão. Irá onde ele está para juntos fazerem seus planos de guerra? Usará o que sabe contra nós?

Tearle abriu os grandes olhos: — Nunca diria ao meu irmão ou a qualquer outro que algum Peregrine recusou respeitar um pacto. Não quero que alguém pense que uma pessoa que responde ao orgulhoso e antigo nome de Peregrine se esqueceu do que é honra.

— Nós, os Peregrine, não esquecemos o que é a honra— murmurou ela.

— Sei que é assim para um dos seus irmãos, quanto a você...diga-me, seu irmão Rogan é como você ou como Severn?

A moça apertou os punhos com força: — Todos os Peregrine sabem o que é a honra e eu também sei.

— Se você diz, então deve ser verdade.

Queria matá-lo, transpassá-lo com a espada e ver seu sangue brotar de seu corpo, mas gritou: — Serei sua esposa.

— Não — rebateu Tearle, afastando-se.

Seguiu-o: — Não? Mas o pacto era que me casaria com você se conseguisse que Anne se casasse com Severn.

— Severn fez tudo sozinho: pessoalmente eu não tive o prazer de surrar Lady Anneele o fez.

— Mas foi você que disse que a autora das brincadeiras era Anne.

—E o que isso ter a ver com as palmadas?

Zared pensou que o homem era estúpido: — Se você não falasse, Severn não saberia, e sem ele saber não teria ido até Hugo Marshall, não teria batido em Lady Anne e ...— interrompeu-se.

— Se? — Está dizendo que se eu não tivesse informado Severn do acontecido, agora não estaria noivo de Anne?

Não respondeu.

— Consequentemente, se tenho algum mérito por este noivado, talvez tenha respeitado minha parte no pacto.

Zared não replicou, mas assentiu com um breve sinal da cabeça.

— Então, parece que respeitei o pacto, mas você não pretende fazê-lo. Agora tudo está claro. Desejo-lhe boa noite, Lady Zared.— Assim dizendo Tearle sorriu e começou a afastar-se.

Puxou-o pelo braço: — Onde está indo?

— Para casa, para meu irmão que tanto você teme.— Sorriu de novo. — Parece que está preocupada com a ideia que eu queira me vingar porque não manteve sua palavra. Penso que sua falta de sentido de honra seja para mim uma vingança suficiente. Viverá com este peso em sua consciência pelo resto de seus dias. Se me acontecesse algo similar, eu não poderia suportar, mas você é uma Peregrine, não é uma Howard, portanto seu nome tem menos importância para você quanto o meu tem para mim. Entretanto, você fez sua escolha. Não a obrigarei a respeitar sua honra. Uma pessoa sabe o que é honra ou não. Você não sabe, por conseguinte...

— Basta! — gritou Zared, tampando os ouvidos. — Casar-me-ei com você.

— Não quero porque parece que duvida do fato que eu tenha respeitado o pacto.

— Sim, manteve-o — murmurou ela. — Já disse. — Quer que eu grite aos ventos?

— Agradeceria se você mesma informasse ao seu irmão o fato que deseja se casar comigo.

— Que desejo me casar com você? Você é a última pessoa com quem desejo me casar.

Tearle começou a caminhar.

— Está bem! Direi a Severn que... — engoliu — que quero me casar com você, caso contrário ele suspeitaria.

— Muito gentil de sua parte — replicou Tearle, sorrindo. — Nos encontraremos na igreja em duas horas?

— Duas... duas horas?

— Claro que se não quiser manter sua palavra, irei agora. Se puder viver com sua desonra, estou certo de poder fazê-lo também.

— Estarei na igreja dentro duas horas — disse raivosa e se afastou.

Tearle sorriu de novo. Estava muito feliz.

Capítulo Onze

Zared estava rigidamente montada no cavalo, tentando não olhar para o homem que cavalgava ao seu lado, o homem que era seu marido. Estavam casados há dois dias e ela ainda era virgem. Estava contente, naturalmente, que Howard não a houvesse tocado, mas em seu íntimo estava ressentida pelo fato de que ele ainda não a tivesse feito sua mulher.

Talvez porque dissera algumas coisas que o fez ficar zangado.

Depois de ter aceitado ser sua esposa, não perdeu tempo e foi até Severn solicitar seu consentimento para as bodas. Severn, ainda ocupadíssimo com as negociações de seu próprio matrimônio, consentiu imediatamente. Tearle lhe era simpático e tinha sido enviado por Liana, portanto deu rapidamente seu consentimento. Zared havia se sentido ofendida ante a pouca atenção que o irmão recebeu a notícia. Severn a beijara apressadamente na testa e tornara a contar as moedas de ouro com Hugo Marshall.

Enquanto entravam na igreja, não havia dito uma palavra a Tearle e suas respostas às perguntas do sacerdote tinham sido só murmúrios, quase inaudíveis. Depois da cerimônia, quando Tearle se inclinou a beijá-la na bochecha, permaneceu rígida. Na igreja havia outras pessoas; sorriam porque parecia que um homem estava se casando com um moço. Zared de cabeça erguida e recusando o braço que Tearle oferecia na saída da igreja, se dirigiu para os cavalos que os esperavam.

Havia montado procurando dominar seu crescente temor. O que esse Howard pretendia fazer com ela?

Pretendia levá-la a propriedade de seu irmão, propriedade pela qual tantos Peregrine haviam morrido? Ele a entregaria a Oliver para que a usasse contra seus irmãos?

— Não sou o diabo —, disse Tearle montando em seu cavalo. — Não deveria me olhar como se quisesse torturá-la.

Não respondeu. Não perguntou para onde se dirigiam, nem o que pensava fazer com ela. Claro, havia dito que a levaria à casa de seus irmãos e que iria viver com os Peregrine, mas não estava certa de poder acreditar.

Tinham deixado às terras dos Marshall levando consigo só o que se podia carregar no cavalo e pouco depois tinham encontrado três homens, homens empregados dos Howard.

Neste ponto Zared percebeu ter sido traída por ele. Praguejou contra si mesma porque sabia que o matrimônio causaria a morte de seus dois irmãos

sobreviventes. Tinha cavalgado ao lado do homem que era seu marido sem lhe dirigir a palavra. Várias vezes Tearle tentou falar com ela sem obter resposta. Zared teve que recorrer a todo o seu esforço e a sua coragem para reter as lágrimas, pensando em como matar os três homens que cavalgavam em suas costas, mas sem conseguir. Devia enfrentar o que sabia que aconteceria.

Todos os temores e a tristeza de Zared afloraram durante a primeira noite de seu matrimônio. Howard tinha alugado um quarto em uma estalagem. Durante o jantar se sentou em silêncio na frente dele. Não falou e comeu muito pouco. Lançou um olhar em direção a Tearle e viu que a olhava com uma expressão gentil, quase como se compreendesse o que ela sentia, mas decidiu que não se deixaria enternecer no que dissesse respeito a ele.

Quando chegou a hora de se deitar, juntou todas suas forças para enfrentar a situação, mas Tearle com cortês preocupação a encaminhou para a proprietária da estalagem. Zared não se despiu, mas se sentou rígida na cama esperando-o.

Em pouco tempo o homem entrou no quarto, dirigiu-se para a parte do leito iluminado pela luz da vela e ela logo percebeu que ele estava se despindo. Sentiu o ruído da palha do colchão enquanto se deitava e pouco depois estirou uma mão para tocá-la.

Ante aquele toque todos os temores e toda a cólera de Zared afloraram. Mais tarde não pode repetir com exatidão tudo o que havia dito, mas tinha pronunciado palavras que se tivessem sido dirigidas aos seus irmãos, teriam significado uma surra. Disse o que pensava de sua baixeza e de suas mentiras. Disse que as almas dos defuntos Peregrine viriam para obsedá-lo. Ofendeu-o com todos os insultos que vinham a sua mente e adicionou que se ousasse tocá-la ela se suicidaria.

Tearle estava atônito por suas acusações, por seu ódio...desceu do leito e a olhou:

— Foi um engano, eu pensei que talvez...

— O que pensou? — resmungou Zared.

— Pensava que poderíamos nos comportar como se comportam um homem e uma mulher. Vejo que me equivoquei.

— Somos uma Peregrine e um Howard — disse. — Como poderíamos ser algo diferente? — Acredita que o amaria só porque um padre pronunciou algumas palavras? Crê que pode anular três gerações de ódio graças a alguns momentos passados em uma igreja? Disse que o odeio. Não acreditou.

Tearle a olhou em silêncio. — Não acredito. Eu... a amei desde o primeiro momento em que a vi. Foi tolo de minha parte pensar que esses sentimentos eram recíprocos.— Colocou a camisa, recolheu o resto de sua roupa e alcançou a porta. — Nos vemos amanhã de manhã — disse e deixou o quarto.

Por um momento Zared ficou muito aturdida para falar. Sentou-se na cama e ficou olhando a porta fechada. Que tipo de homem era aquele?

Se uma mulher tivesse falado assim com um Peregrine como ela falou com Tearle...bem...seus irmãos teriam reagido exatamente como Severn reagiu com Lady Anne...mas ele não a amaldiçoara, deixara-a sozinha na noite de núpcias.

Não dormiu muito e na manhã seguinte desceu até o salão da estalagem onde os homens a esperavam. Seu marido não a ajudou a montar como costumava fazer e durante todo o dia não lhe dirigiu a palavra.

A segunda noite descansaram em outra estalagem, mas ele não foi vê-la em seu quarto. Zared estava muito cansada para pensar, mas na manhã quando despertou, tentou dominar o ressentimento que a consumia. Cavalgando, pensou que o silêncio do homem era tão desagradável quanto tinha sido, por algum tempo, seu contínuo falar.

— Para onde nos dirigimos?— perguntou de repente e pronunciou essas palavras em um tom mais belicoso do que pretendia.

Tearle lançou-lhe um olhar severo e Zared se deu conta que havia sinais de cansaço em seus olhos e a barba estava grande. Se não estivesse tão

preocupada com sua própria tristeza ficaria preocupada com seu aspecto.

Não podia saber que Tearle passara as duas noites anteriores só e insone, bebendo e amaldiçoando a si mesmo. Congratulou-se consigo mesmo por ter sido inteligente a ponto de ter convencido a mulher a se casar com ele. Foi tolo ao pensar que as palavras pronunciadas durante a cerimônia fizessem com que ela o amasse. Não serviram de nada.

E conhecendo-a bem, não estava preparado ante a veemência com a qual o tinha atacado na noite do matrimônio. Casou-se com ela, mas o que tinha conquistado? Uma mulher que o odiava com toda a alma.

— Estou levando-a onde está meu irmão, de tal forma que possa lançá-la em uma cela e torturá-la. Permitirei que a use em sua guerra contra seus irmãos. Tanto ele como eu, estamos ávidos por possuir esse fantástico castelo. Desejo com todo o coração ver seu irmão Rogan morto e Severn casado com uma mulher que o odeia.

Zared desviou o olhar: — Para onde vamos? — repetiu em tom mais suave.

— Para a minha casa. Não vivo muito bem com meu irmão. A casa pertencia a minha mãe.

Olhou-o surpreendida.

— Surpreende o fato de eu ter tido uma mãe? Pensou que todos os Howard vieram diretamente do inferno?

— Nunca pensei em sua mãe. Seu irmão fez morrer de fome a minha mãe durante um assédio quando eu ainda era uma menina.

Tearle desviou o olhar: — Se é verdade.

Zared se calou por um momento e logo perguntou sobre sua mãe, dizendo que acreditava que ele crescera na França. Ele falou do período que havia passado na França com sua mãe, acrescentando que depois que ela voltou para a Inglaterra, vivia na casa que foi de seu pai para ocupar-se dos que trabalhavam em suas terras. Tearle sempre a acompanhara.

Fez-se outro longo silencio e em seguida o homem a olhou e perguntou:— Sabe por que desejava me casar com você?

— Não — respondeu sincera — Não sei.

— Em parte porque desejo pôr fim a esta guerra. Durou muito tempo. Ao contrário de você, não cresci no ódio. Sei que há uma controvérsia a propósito de quem deveria ter a terra e o título. Meu irmão não tem filhos e a julgar pelo estado de sua saúde não acredito que viva muito.

— Nesse caso você será o duque— disse Zared em voz baixa.

— Sim, terei o título de duque. Pensava que se me casasse com uma Peregrine e desta união nascesse um filho varão, este herdaria tanto o título como as terras.

— Não! — replicou Zared de forma seca. — Trata-se da terra dos Peregrine, sempre foi à terra dos Peregrine. O título de duque pertence ao meu irmão Rogan e depois ao seu filho. Nenhum Howard tem direito a essas terras e a esse título.

Tearle arqueou uma sobrancelha: — Não gostaria que seu filho fosse um duque?

Não havia nenhuma decisão a tomar: — Meu filho não mereceria esse título. Nem você o merece. Pertence ao meu irmão Rogan...olhou-o intensamente: — Se casou comigo para obter esse título e para que tivesse seu filho?

Tearle negou com a cabeça e suspirou: — Sempre pensará o pior de mim? Não sou meu irmão. Só encontrei em toda esta questão, o modo de pôr ponto final a esta cadeia de ódio e você pensa que só desejo o poder. Que devo fazer para demonstrar minha boa fé?

— Quando herdar o título entregue ao meu irmão.

Os olhos do Tearle se abriram: — Sua avó não estava legalmente casada com seu avô. Seu matrimônio é somente uma lenda. Sua família é composta

somente por um grupo de bastardos. O rei assim declarou.

— É falso!— gritou ela. — Minha família é legalmente a proprietária de tudo o que seu irmão possui! Por que acredita que ele luta dessa maneira contra nós se não fosse verdade?

— Provavelmente porque seus irmãos mataram aos nossos — respondeu Tearle em voz baixa e depois de uma breve pausa prosseguiu: — Se nosso matrimônio e um filho que nasceria de nossa união não terminar a guerra, qual seria a razão de permanecermos casados?

— Nem eu sei — replicou Zared olhando-o nos olhos.

Tearle devolveu o olhar e logo sorriu: — Cometi algumas loucuras em minha vida, mas nenhuma como esta, Lady Zared, — prosseguiu tirando o chapéu. — Desculpo-me por tê-la obrigado a casar-se comigo. Desculpo-me por ter pensado que de repente podia se interessar por mim. Dei-me conta que fui um tolo. Os Peregrine odeiam mais profundamente do que os Howard amam. Parece que não há maneira de encontrar uma via de solução para esta guerra porque ambas as partes querem a rendição da outra, sugiro pôr fim ao nosso matrimônio.

— Como como podemos fazê-lo?

— Apresentarei uma petição ao rei. Estou certo que fazendo a doação de umas terras, ele dará seu consentimento para a anulação de nosso matrimônio, depois disso cada um poderá voltar para o ponto de partida. Seus homens poderão voltar a espiar os meus e os meus aos seus. — Está de acordo?

— Não estou muito certa — respondeu vacilando.

— Não está certa? E qual alternativa propõe? Odeia-me e morreria antes de ser tocada por mim, portanto não há esperanças que de nós dois possa nascer um filho. Proponho permanecermos na casa de minha mãe até quando chegar a resposta do rei. Não acredito que gostaria de viver com você e seus irmãos, nem acredito que gostaria de viver sob o teto de meu irmão.

— Não! — replicou depressa ela. — Não quero viver com os Howard.

— Então está feito desde que esteja de acordo. Não quero ser acusado mais tarde de tê-la obrigadotê-la obrigado a casar-se comigo ou de ir para cama comigo. Como disse antes de unir-se a mim, preferiria fazê-lo com... como disse? Com um corcunda levando em sua bochecha a marca de Satanás. É isto o que disse?

Zared ruborizou-se e desviou o olhar. Na primeira noite de seu matrimônio havia dito muitas coisas, não se recordava de todas. Teria dito qualquer coisa nessa noite, contanto que ele não a tocasse. Assentiu.

— Muito bem, vejo que por fim estamos de acordo em algo. Quanto antes o matrimônio for anulado e possamos nos separar eu poderei encontrar mulheres complacentes. — Sorriu como Zared nunca o tinha visto sorrir... todo seu rosto se adoçou e disse: — No torneio estava aquela loira de olhos verde que eu nunca tinha visto antes. E seus cabelos...— Interrompeu-se, limpou a garganta. — Bem, tudo está definido. Quer que nos demos às mãos para confirmar este novo pacto?

Zared pegou a mão e a estreitou com força e logo olhou para outro lado, zangada.

Havia conseguido o que queria, mas por qualquer desconhecida razão não estava feliz.

A visão da casa que tinha pertencido à mãe de seu marido fez aumentar aquela sensação de infelicidade. Era uma casa, não uma fortaleza protegida por altas muralhas, era uma esplêndida casa construída em pedra rosa, rodeada de um grande parque, e entre as árvores divisou vários cervos. Tudo era ordenado, limpo e esplêndido.

Por dentro pensou que era uma casa sem defesas, qualquer um poderia assaltá-la, mas por outro lado estava fascinada por ela.

Quando os cascos de seus cavalos pisaram no cascalho do pátio, várias pessoas saíram da casa para recebê-los; Zared viu três mulheres elegantemente vestidas de brocado e com os cabelos adornados de joias.

Tearle apresentou Zared e as damas foram corteses e não demonstraram nenhuma reação ante seu vestuário masculino.

Zared tinha começado a desmontar do cavalo para saudá-las, mas mal teve tempo de inclinar-se, seu marido a puxou pelo braço e a levantou. Disse que essas mulheres seriam suas damas de companhia, como tinham sido de sua mãe. Devia segui-las ao andar de cima, eles se veriam no jantar.

Olhando as desconhecidas, Zared sentiu que a invadia um vago temor. Até esse momento nunca tinha pensado no fato que teria que se vestir como mulher. Estivera completamente absorvida pela cólera com respeito a Tearle, tanto que não tinha pensado em outra coisa. Por um lado, a ideia de vestir objetos femininos a entusiasmava e por outra a aterrorizava.

Os homens, enquanto isso, preparavam-se para ir embora; a jovem pensou que preferia segui-los e pela primeira vez olhou o seu marido sem animosidade: de todas as pessoas que a rodeavam era ele quem conhecia melhor, e não pôde evitar sorrir levemente. Isso pareceu surpreender o homem que não devolveu o sorriso.

— Por aqui, Lady Zared — disse uma das damas.

Zared olhou de novo seu marido para pedir ajuda, para que permitisse segui-lo.

Pareceu compreendê-la e finalmente sorriu dizendo : — Logo irei até você.

Essas palavras a fizeram ruborizar porque pareciam significar que ela não suportava estar separada dele.

Levantou o queixo e seguiu às damas...queria demonstrar que não precisava dele.

Quando chegou ao andar de cima, seu temor aumentou. As três damas pareciam pensar que usava roupa masculina com o objetivo de se proteger e que agora deveria usar um vestido de seda. Apressaram-se em se desculpar por não terem preparado seu quarto.

Zared olhou ao redor. O quarto, cujas paredes estavam forradas de madeira de carvalho, parecia em perfeita ordem. Não se lembrava de ter visto nada igual em sua casa.

Aproximou-se do enorme leito e tocou o colchão.

— Deseja que a ajudem durante seu banho e a vestir-se? — perguntou uma das damas.

Zared não queria demonstrar sua própria ignorância. — Não. Não...eu o farei sozinha.— Viu que as damas trocavam olhares e compreendeu que se equivocou.

— Neste caso prepararemos o banho.

Zared assentiu em silêncio e as damas abandonaram o quarto.

Depois de alguns minutos, quatro homens colocaram no quarto uma enorme banheira de madeira e atrás deles vieram algumas mulheres que traziam água quente, sabão e toalhas.

A água estava muito agradável e Zared estava contente que Liana a tivesse ensinado tantas coisas sobre limpeza pessoal, porque isso a fez parecer diante as damas dos Howard menos inexperiente do que realmente era. Ensaboou o corpo e o cabelo, logo se enxaguou jogando água por cima. Saindo da banheira, colocou os pés no piso frio de pedra e recolheu a toalha. Sua textura era a melhor que conhecia e havia sido aquecida ao lado do fogo. Cheirou-a, em sua casa a limpeza era feita regularmente, mas a roupa não era perfumada.

Quando estava seca, olhou ao redor em busca de sua roupa: não a encontrou, mas viu que sobre sua cama estava estendida uma suave bata de veludo. Era de cor azul profunda, bordada com pequenas flores de jacintos. Levantou-a e fechando os olhos inclinou a cabeça pousando a face sobre aquela suave malha.

Com uma suave batida na porta, uma das damas entrou; Zared lembrou que Tearle a apresentara como Margaret.

— Milady — disse a dama e Zared demorou alguns instantes para dar-se conta que se referia a ela. — Lorde Tearle pede que se reúna a ele para o jantar.

Zared abriu a boca para dizer que iria descer imediatamente porque tinha fome, mas pensou que não havia vestidos ao seu dispor. — Gostaria que devolvessem minha roupa — replicou em um tom altivo.

— Se tiver a bondade de me dizer onde se encontra sua bagagem, buscarei imediatamente.

Não havia o que responder pelo simples fato que não tinha bagagem.

— Diga... — não sabia como chamar seu marido... — Diga que não tenho apetite e que não jantarei com ele.

— Nesse caso ajudá-la-ei a vestir a camisa de dormir .

Zared sabia que não possuía nenhuma camisa de dormir; em sua família esse tipo de objeto era considerado supérfluo e caro: seu irmão comprava certo número de camisas e ela as usava de dia e de noite até que estragassem ou ficassem muito curtas porque ela crescia.

— Não — disse para mulher — Eu mesma me ocuparei disto — e quando a mulher a deixou sozinha, respirou aliviada.

Olhou a cama, nada mais restava do que deitar-se com o estômago vazio.

Sobressaltou-se quando os quatro homens que anteriormente haviam trazido a banheira entraram no quarto para buscá-la.

Pouco depois, enquanto estava de pé ao lado da lareira para esquentar as mãos, ouviu baterem na porta novamente. Antes que pudesse falar ela se abriu e seu marido entrou.

— Agora exagerou — disse. — Odeia-me a tal ponto que prefere a fome a minha companhia?

— Não — exclamou surpreendida. — Eu não...

— Pensa então jantar sozinha aqui no quarto?

— Não pedi que me trouxessem o jantar — replicou. De fato não sabia que podia dar essa ordem.

Na casa de seus irmãos tais coisas não eram permitidas.

Tearle se aproximou e pôs as mãos em seus ombros.

— Não pode se comportar assim. Não pode ficar com fome. Se minha companhia for tão odiosa, farei com que lhe sirvam aqui. Assim estará em paz, mas saiba que lá embaixo temos música e convidados. Não posso convencê-la a jantar ao meu lado?

Olhou-o com desgosto: — Não tenho vestidos, seu tonto. O que quer que eu vista para me sentar a sua mesa? Essas mulheres levaram minha roupa.

Pareceu-lhe que o homem demorou alguns minutos para compreender o que havia dito e logo sorriu. Afastou-se dela e se aproximou de um enorme baú apoiado na parede.

— Devia ter perguntado.... destinei-lhe este quarto porque era o de minha mãe. Este móvel contém seus vestidos.

Zared o olhou enquanto afundava as mãos no baú e tirava um vestido de veludo de cor vermelha escura, adornado com uma pele de um tom mais escuro. Sentiu um grande desejo de tocá-lo, mas parou e murmurou:

— Como podia pedir as suas damas que me dessem os vestidos, deixando-as perceberem que sou uma pobretona? Minha cunhada chegou na casa de meu irmão com caixas cheias de vestidos. Queria fazê-las entender que se não possuo vestidos adequados, pelo menos sei o que deveria possuir.

Tearle viu o orgulho em seu rosto e disse: — Direi que sua bagagem se perdeu durante uma inundação. Sim...direi que um carro a seguia cheio de caixas com esplêndidos vestidos provenientes da França, mas que desgraçadamente tudo se perdeu, por isso agora está obrigada a usar os vestidos de minha mãe.— Assim dizendo, estendeu-lhe o vestido,

acrescentando: — Não é novo, mas penso que pode servir e acredito que esta cor lhe cai bem.

Zared estendeu a mão para tocar a pele que adornava o decote do vestido: — Vison— disse e levantando a cabeça olhou seu marido e sorriu.

— Você o vestirá?

Só conseguiu assentir.

— Então chamarei uma das damas para que a ajude a vestir-se e arrumar o cabelo.

— Não! — exclamou ela e abaixou a cabeça. — Vestir-me-ei sozinha.

Não queria parecer ridícula diante daquelas estranhas...sabia que, percebendo que não sabia como colocar um vestido e pentear-se, ririam dela. Havia escutado as damas de Liana fazer centenas de perguntas a respeito de cintas, fitas, sutiãs e sabia que não era capaz de responder a nenhuma pergunta a respeito.

Tearle pôs o vestido na cama, tomou-a pela mão e a fez sentar-se em um banco em frente à pequena lareira.

Pegou um lindo pente de tartaruga que havia sobre uma mesinha e começou a pentear os cabelos da jovem.

— Posso fazê-lo sozinha — protestou Zared, mas ele afastou as mãos que ela tinha levantado, dizendo:

— Nós dois não estaremos juntos por muito tempo. Não me negue esta pequena graça.

A jovem não respondeu e enquanto ele a penteava com gestos suaves ela fechou os olhos. Desde menina nunca a haviam penteado. Mais tarde foi crescendo e começando a olhar os moços que estavam com seus irmãos, então passou a usar um pente tentando desfazer os nós de seus cabelos.

— Que linda cor tem seu cabelo — disse Tearle — e como é suave...parece de seda.

Quando terminou de penteá-la Zared abriu os olhos e viu Tearle ao lado da lareira.

Em seus olhos viu uma expressão doce que nunca tinha visto antes.

— São apenas cabelos — replicou num tom um pouco áspero, tentando esconder o fato que suas palavras a agradaram.

— E agora colocará o vestido?

Zared olhou o vestido estendido sobre a cama pensando que se arrumaria. Mas antes de decidir por onde começar, Tearle se aproximou e colocando as mãos nos ombros, começou a tirar sua bata. Instintivamente ela se agarrou a vestimenta.

— Esta noite serei sua criada — disse. — Ajudá-la-ei a se vestir ou prefere que chame Margaret?

— Não...eu...— balbuciou. — Talvez pudesse jantar aqui em cima.

— Zared — interrompeu-a em tom severo. — Agora ou depois deverá sair deste quarto. Não pode permanecer para sempre aqui, usando apenas uma bata. Se não quer que a ajude, chamarei uma das criadas.

Esse homem era seu inimigo, mas lhe era familiar, havia passado muitas horas em sua companhia, soltou o vestido e ele o tomou em suas mãos.

— E agora — disse em tom decidido — o colocará pela cabeça. — Não, não é assim...a frente é esta.— quando estava vestida, Tearle a olhou e disse: — Parece que ficou perfeito...devo dizer que minha mãe sempre foi muito magra.

Zared devolveu o olhar e em seus olhos ele viu uma insólita expressão de doçura, de admiração, que lhe fez um estranho efeito.

Depois de limpar a garganta, o homem olhou para o outro lado e oferecendo o braço perguntou:

— Descemos para jantar?

A jovem avançou, mas se ele não a tivesse segurado teria caído.

— Culpa da cauda— disse.

Zared olhou atrás de si e vendo a massa de malha que alargava o vestido, assustou-se. Como podia caminhar?

— Acredito que deva recolhê-lo e colocá-lo no braço — disse Tearle, e como o olhava de forma inquieta, tentou mostrar como devia ser feito: — Acredito que tem que fazer...assim.

Olhou-o enquanto dava alguns breves passos, logo se inclinava para recolher algo e colocava o objeto imaginário sobre seu próprio braço....ela conteve a vontade de rir.

Esse era o Cavaleiro Negro? O cavaleiro misterioso que havia abatido todos os seus rivais?

Franziu o sobrecenho ligeiramente e disse: — Contínuo sem entender... quer me mostrar outra vez?

— Não estou certo que deva proceder assim, mas parece que as senhoras o fazem com desenvoltura. E caminham...assim.

Olhou-o novamente enquanto imitava uma dama que caminhava com pequenos passos.

— Então se incline...tem que fazê-lo com graça...recolha a cauda e a coloque sobre o braço. Vamos, não é difícil, o que me diz?

— Tentarei fazer — Zared por sua vez deu dois passos tentando imitar Tearle, então se inclinou e fingiu não agarrar o vestido. Olhou Tearle: — Acredito que deva me mostrar de novo.

O homem suspirou: — Está bem...mas desta vez observe com atenção: caminhar, inclinar-se, levantar, colocar no braço— Acompanhou com um gesto demonstrativo cada uma de suas palavras e se dirigiu a ela:

— E agora tente fazê-lo você.

Uma vez mais Zared fingiu errar e vendo que ele estava incomodado conseguiu esconder seu sorriso.

Tearle se colocou atrás dela e pôs uma mão na cintura: — Caminhe — disse.

Inclinou-se para frente obrigando-a fazer o mesmo. Tomou a mão rígida dela: — E agora recolha o condenado tecido e coloque-o em seu braço.

Pela terceira vez Zared fingiu não acertar....deu um passo e olhando-o com expressão inocente disse: — Vejo que isso é verdadeiramente difícil. Talvez devesse colocar um vestido e me mostrar.

— Ah...pequena raposa! — exclamou Tearle compreendendo finalmente que estava brincando com ele, estendeu as mãos para agarrá-la.

Com um movimento quase perfeito, Zared recolheu a cauda e pôs em seu braço antes de afastar-se dele depressa. Alcançou a porta mas não pôde abri-la porque ele a alcançara e fechara a saída. Por um momento teve medo dele. Se tivesse brincado com seus irmãos zombando deles com respeito a suas habilidades masculinas, eles a teriam feito pagar...mas quando olhou o homem nos olhos, percebeu que o divertiu.

Separou-se dele, segurando a cauda com uma mão e o pilar da cama com a outra.

Correu para uma mesa, mas ele voltou a bloquear o caminho. Zared então riu e voltou a fugir, mas ele sempre a alcançava.

Quando saltou sobre a cama estava sem fôlego por ter rido e corrido, Tearle imediatamente estava ao seu lado e atraindo-a para si começou a lhe fazer cócegas, passando as mãos pelo seu corpo.

— Vai pedir perdão? — perguntou.

— Nunca! — respondeu ela, mas sorria. — Nunca pedirei perdão a um Howard.

Não tinha intenção de ofendê-lo, nem sequer tinha pensado no significado daquelas palavras, mas a expressão alegre desapareceu do rosto de Tearle que se separou dela.

Antes que descesse da cama, pegou seu braço: — Não pretendia....— Não sabia como concluir a frase.

Tearle se sentou por um momento na borda do leito, então se virou e Zared baixou o olhar, conteve o fôlego pensando que de fato esse homem era atraente. Sorriu e ele devolveu o sorriso.

— Será a minha morte —, murmurou e a tomou em seus braços.

Zared se agitou e então permaneceu imóvel e de novo o olhou.

A expressão de Tearle era doce e ela não a compreendeu.

— Sabe que é muito bela? — perguntou, roçando o seu cabelo.

— Não é verdade — replicou, — Pareço um moço.

O homem riu e se deitou ao seu lado: — Nunca vi ninguém que se pareça menos com um moço do que você.

— Mas ninguém deu sinais de perceber.

— O que demonstra até que ponto as pessoas são tolas.

A jovem relaxou. Ninguém jamais a tinha abraçado assim. Entre ela e seus irmãos nunca houve manifestações de afeto e em sua casa havia poucas mulheres. Uma parte dela queria se separar desse corpo masculino, mas se sentia tão bem assim que não se moveu.

A mão grande dele separou os cabelos ainda úmidos da testa e ela fechou os olhos por um instante.

— Não é bela como Anne Marshall — disse em voz baixa. — Você parece mais um potro ou um cachorrinho.

Tentou separar-se dele, mas não permitiu: — Um cavalo? Pareço-me com um cavalo ou um cão?

— Entendeu muito bem o que quis dizer — respondeu e afundou o rosto no cabelo dela, respirando seu perfume. Pousou os lábios no pescoço e a beijou várias vezes.

— Sim....entendi — murmurou Zared sem abrir os olhos.

— Os homens gostam de mulheres como Anne Marshall. Meu irmão a ama muito, apesar das coisas terríveis que tem feito.— Moveu a cabeça, de modo que não pudesse beijar seu pescoço. — Aposto que teria gostado de casar-se com ela.

— Pude fazê-lo, mas não o fiz.

— Bom, deveria ter feito. Lady Anne é bela e muito rica. Qualquer homem, tendo a possibilidade, deveria casar-se com ela.

— Eu tinha, porém não o fiz...— tocou seus cachos: — Como são belos...

Ela o interrompeu: — Porque não se casou com Lady Anne?

— Porque não a queria. Tem uma língua que alfineta e é muito inteligente.

— Mas que importância tem tudo isso? Severn não se importou, ele a fará ser obediente.

— Como seu outro irmão levou à obediência a sua esposa?

Estava por perguntar como conhecia tão bem a sua família, então lembrou que Tearle tinha saído várias vezes para beber com Severn e sabia que os

homens bêbados falavam entre si. Mas não se zangou e sorriu: — Severn falou de Rogan?

— Nos mínimos detalhes. Não sabe se odeia ou ama a sua cunhada.— Pouco depois, baixando os olhos sobre os seios dela, perguntou: — Como diabos tem feito para esconder os...debaixo da roupa masculina?

Zared olhou seus seios que se comprimiam contra o veludo do vestido. Cobriu-os com uma mão e ao mesmo tempo tentou se afastar, mas ele a estreitou ainda mais e tirou a mão dela dizendo: — Se não posso tocar....deixe ao menos que eu olhe.

Zared ruborizou-se e seu corpo tremeu: — Não...pode tocar?

— Se nosso casamento deve terminar, se pedir ao rei a anulação, penso que devo mantê-la intacta. Se casar com outro homem, este ficará feliz se lhe oferecer sua virgindade.

— Ah....— Replicou Zared.— Naturalmente. — Respirava com dificuldade porque a mão dele roçava seu seio.

— Espero que saiba ser um bom amante.

— Quem?

— O homem com quem se casará. O homem que terá o direito de lhe dar filhos. O homem que terá o direito de obter prazer de seu belo corpo.

— Não sou bela, você mesmo acabou de dizer e declarou que não sou inteligente.

— Mas nunca me ouviu dizer que é a mulher mais desejável que eu encontrei? Certo?

— Não, nunca o ouvi dizer coisa similar — murmurou Zared, enquanto os dedos dele se escorregavam para a parte da frente do vestido.

— Em toda a corte da França não vi uma mulher mais desejável que você.

— E... por que sou desejável? — perguntou Zared com os olhos fechados.

— Em você há uma inocência que outras não têm. Muitas mulheres sabem tudo o que há para saber sobre mulheres e homens antes de passarem uma noite juntos. Mas você é diferente...um homem pode lhe ensinar o que deseja que saiba.

Zared abriu os olhos e ficou rígida: — Sei como se concebem os filhos. — disse em tom ligeiramente zangado. — Não sou uma ignorante moça do campo. Talvez não seja inteligente como sua Lady Anne, mas sei muitas coisas sobre homens e mulheres.

— Sabe...só sobre o ato físico, mas não sabe nada do que acontece antes.

— Antes do que?

Tocou-lhe um ombro nu: — Uma coisa é o que acontece entre um homem e uma mulher para conceber filhos e outra coisa é o que acontece quando se faz amor. Entre as duas coisas há um abismo de diferença.

Ainda ofendida porque havia dito que não sabia nada, observou: — Talvez possa me mostrar a diferença e vou entender se tiver razão.

Tearle riu ligeiramente: — Ah, meu pequeno falcão, talvez pudesse mostrar a diferença, mas devo fazer uso do senso comum....acredito que discutimos o suficiente em relação a este assunto; será melhor descer para jantar.

Soltou-a e tentou se levantar da cama, mas ela o puxou pelo ombro: — Para Lady Anne você explicaria, certo? Ela seria suficientemente inteligente para compreender?

Olhou-a: — Suponho que Lady Anne saiba tudo o que deve saber sobre o que acontece entre um homem e uma mulher. Se o seu irmão não a satisfizer na primeira noite de núpcias, ela se queixará com ele e com quem estiver disposto a escutá-la.

Zared se separou dele e se recostou nas almofadas com os braços cruzados sobre o peito.

— Então eu também me queixarei. Se meu marido não me satisfizer, eu direi.

— E fará uma comparação entre ele e outros amantes?

— Eu....— Zared abriu os olhos. — Acredita que Lady Anne tenha tido outros amantes? Meu irmão não gostaria de sabê-lo.

— Seu irmão pode matá-la se não for virgem e Hugo Marshall sem dúvida, apreciaria tal ato.

Zared não entendia. Se Anne Marshall era virgem, como podia saber tantas coisas sobre o amor? Não entendia bem as palavras desse homem, mas se sentia insultada. Seus irmãos sempre a trataram como uma menina e o homem a seu lado fazia o mesmo. Virou a cabeça e começou a descer da cama. Não se humilharia mais fazendo outras perguntas.

— Zared...— murmurou Tearle atraindo-a para si. Começou a lutar. Não gostava do modo como se comportava com ela, falando sobre outras mulheres.

Ele a abraçou, mas os braços dela estavam livres e começou a golpeá-lo nas costas e ombros: — Deixe-me ir — gritou. — Detesto-o, detesto seu abraço.

O homem tomou a cabeça dela entre as mãos e começou a beijá-la nos lábios. No início ela os apertou, mas logo achou a sensação muito agradável e não resistiu mais. Era como se ninguém a houvesse tocado, e de fato isso ocorria raramente e estava faminta de contato físico. Esqueceu que na realidade esse homem era seu inimigo e abriu os lábios.

Seus braços cessaram de golpeá-lo e rodearam-lhe o pescoço.

Sempre viveu ao ar livre fazendo muitos exercícios. Não era daquelas jovens que passavam sua juventude atrás de um tear de bordados. Havia cavalgado sempre com a espada na mão, estava acostumada à ação, ao movimento.

Quando sentiu invadir-lhe o desejo, recebeu-o e agiu com o entusiasmo que sempre manifestava em qualquer situação. Apertou-se contra ele, devolveu o beijo e envolveu suas pernas ao redor dos quadris dele, unindo os tornozelos.

Quando o homem quis separar-se dela, segurou-o agarrando-se a ele e de repente rolou sobre ele.

Tearle teve que tomá-la pelos ombros e separá-la de si. Deitado de costas, olhou-a com assombro: — Onde aprendeu estas coisas? — perguntou e sua voz estava cheia de cólera reprimida.

Zared demorou alguns minutos para recordar quem era, onde estava e quem era o homem que estava a seu lado. — Aprendido... que coisa? — perguntou sorrindo.

Mas ele não sorria, rechaçou-a e desceu da cama. — Estes gestos devem ter sido ensinados por um homem. Foi Colbrand? Quando estava com ele no arroio realmente só se limitou a ajudá-lo enquanto se lavava?

Essas palavras a deixaram atônita e a moça sentiu que a invadia a ira, mas se recostou de novo nas almofadas: — Não me ensinou nada. Sei o que sei.

Ante essas palavras Tearle tomou-a pela cintura, tirou-a da cama e a colocou diante dele: — Não é minha esposa, concordo, mas se a surpreender olhando para outro homem, eu...— Interrompeu-se.

— Você o que? — murmurou Zared.

Soltou-a e a olhou fixo por um instante. — Coloque os sapatos e siga-me. O jantar vai esfriar.

Sozinha, Zared se arrumou e quando andou pelo quarto a pesada saia de veludo girou ao seu redor.

— Quer que lhe sirva o jantar, Milord?

Tearle se sobressaltou e levantou o olhar do copo de vinho: — Oh, Margaret, não a tinha visto. Ainda não desceu?

— Não — respondeu Margaret em voz baixa. — Imagino que tenha dificuldade em vestir-se sozinha.

— É o que parece? — Sorriu para a mulher que havia chegado a essa casa com sua mãe quando ambas eram muito jovens. A mãe de Tearle tinha morrido nos braços de Margaret.

— Não posso deixar de ver que está muito apaixonado por ela.

— Odeia-me — replicou o homem em tom amargo.

Margaret não pôde deixar de rir. — A moça que o olhou no pátio não o odeia.

— Não ouviu como fala comigo. Ah...em certos momentos me deseja se a beijo e digo que é bela, mas gostaria de ouvir de qualquer outro....— Fez uma careta. — Gosta que falem, inclusive eu, embora não creia que seja bom...— Olhou a velha mulher: — É uma Peregrine.

Margaret voltou a rir. Aproximou-se de Tearle e pôs uma mão em seu ombro: — Sempre foi um bom moço. Foi nobre de sua parte casar-se com essa moça-garoto para pôr fim a uma guerra entre suas famílias.

— Não, enganei-a! — balbuciou ele. — Não me casei com ela para pôr fim à guerra, mas sim porque a desejava.

— Não pôde levá-la simplesmente a sua cama?

Tearle calou por um instante e disse:— Talvez —Não falou mais nada, contentando-se em olhar no fundo de seu copo.

Margaret se sentou em uma cadeira ao lado dele. Amava-o como a um filho. — Ouvi falar destes Peregrine. São tão duros como dizem?

— Pior.

— Em todo caso um pouco de doçura fará bem a essa moça. Talvez com um pouco de música e de palavras ternas você a conquistará. Talvez se permitir que o veja como realmente é, conseguira amá-lo.

— Disse que enviarei uma petição ao rei para que o matrimônio seja anulado. Pretendo fazê-lo.

— Disse quando enviará o mensageiro?

Tearle sorriu: — Não, não disse, mas disse que desejo a anulação, o que significa que não a tocarei.

Margaret riu: — Não sabe que existe um prazer sensual além do que acontece em uma cama?

Tearle a olhou como se estivesse louca.

— Quando toquei em um braço se afastou de mim com um salto, - disse Margaret. — E olhou meu vestido com olhos de ânsia. Sempre vestiu roupa masculinas, acredito que gosta do que uma mulher tem e veste. Acredito que poderia conquistá-la com rosas.

— Com rosas?

— E com música, histórias de amor, a seda e beijos ligeiros no ouvido.

Tearle olhou longamente à mulher e em sua mente afloraram milhares de pensamentos. Recordou o modo como Zared tinha reagido a seus beijos. Talvez Zared não o odiasse como dizia. Se ele não houvesse sentido ciúmes, o que teria acontecido? Talvez pudesse conquistá-la fazendo-lhe a corte. Sorriu para Margaret.

Capítulo Doze

A maneira que Zared tinha vivido até agora certamente não a preparara para a existência que levava agora na casa de Tearle. Durante o jantar se sentava em uma mesa servida com capricho, comia pratos deliciosos e seu marido a tratava como se fosse frágil e preciosa.

A calma da dependência, a paz que reinava ao redor dela eram para a jovem coisas novas e interessantes. Em sua casa, frequentemente acontecia de um dos homens de seu irmão entrar precipitadamente na sala pedindo que

alguém o seguisse para preparar um ataque ao inimigo. Seu irmão Rogan, para que ela o ouvisse, batia na mesa com a espada.

Ao invés disso Tearle perguntava se o vinho que os criados tinham servido era suficiente ou se havia suficiente sopa em seu prato.

Depois do jantar, um jovem de aspecto atraente entrou na sala e tocou o alaúde contemplando Zared com um olhar cheio de admiração e então cantou.

— O que ele diz? — perguntou ela, porque a canção era em francês.

Tearle a olhou. A luz da chaminé dava um quente reflexo em toda a sala: — Canta a sua graça, beleza e o modo como move suas mãos.

Zared pareceu surpresa: — Minhas mãos?— Seus irmãos sempre se queixaram do fato que não tinha força suficiente em suas mãos...agora não conseguia pronunciar nenhuma palavra. Levantou as mãos e as olhou.

Tearle tomou uma entre as próprias e beijou os dedos dizendo: — São muito belas.

— Que mais diz?— ela perguntou desviando o olhar do músico.

— Diz só o que lhe ensinei, pois fui eu quem escreveu a canção, — replicou Tearle em tom vagamente orgulhoso.

Olhou-o surpreendida: — Você? É capaz de escrever canções em outro idioma?

— Sim...canções, poemas e também posso tocar. Quer que demonstre?

— Mas...se sabe escrever....também sabe ler? Liana sabe ler. Leria-me uma história?

Tearle deixou de beijar sua mão e sorriu, então fez um sinal ao músico para deixá-los sozinhos. A outro sinal uma mulher trouxe cinco livros: — E agora...o que quer escutar?

Quando o olhou envergonhada, o homem sorriu e acrescentou: — Encontrei... vou ler Abelardo e Eloísa. Acredito que gostará.

Uma hora depois, Zared sentada em frente à lareira lutava contra as lágrimas porque o que Tearle tinha lido era muito triste.

— Vamos...são coisas que aconteceram há muito tempo e não é o caso de se comover.— E como ela continuava a ter os olhos cheios de lágrimas ele a colocou em seus joelhos e acariciou seu cabelo: — Não sabia que tinha um coração tão sensível.

— Acredito que você não tem um coração — falou ela.

Beijou-a na testa e sempre com ela em seus braços começou a levá-la para o andar superior dizendo: — Acredito que é hora de ir para a cama.

Zared se apoiou em seu ombro. Era seu inimigo natural, entretanto ante a ideia de passar a noite com ele a fez tremer. Mas quando entraram no quarto Tearle a beijou e a deixou sozinha.

Não sabia se estava contente ou furiosa....ou tudo junto, percebeu que estava somente perplexa. Despiu-se, deitou-se e permaneceu acordada por muito tempo, pensando em seu estranho marido. Sabia que estava decidido que ela permanecesse virgem até quando tivesse enviado ao rei a petição relativa à anulação, mas como podia manter a palavra a aquela promessa? Seus irmãos certamente não teriam permitido uma mulher conservar sua virgindade, independente do que fizesse ou dissesse. Esse Howard era diferente de todos os homens que havia conhecido anteriormente.

Quando na manhã seguinte despertou, viu que ele estava em seu quarto e que tinha deixado uma rosa na almofada ao seu lado. Ajudou-a a colocar uma túnica curta e a roupa adequada para sair a cavalo, mas se limitou a beijá-la na nuca ao levantar o cabelo para abotoar a parte superior do corpete.

Desceram ao primeiro andar onde os esperavam os cavalos e serventes com bandejas de pão fresco, queijo e copos de vinho. Afastaram-se cavalgando um ao lado do outro e Tearle não falou de guerra ou de armas, mas sim da

beleza do dia, fazendo-a notar o voo dos pássaros, chegando inclusive a imitar o canto de um deles.

Pararam na beira de um lago e ele pediu que entrasse na água para nadar com ele.

Respondeu que não gostava de nadar e ainda menos gostava de água, sentou-se aos pés de uma árvore, observando enquanto ele se despia, entrava na água e começava a nadar.

No transcurso da semana passada ele havia parecido mais robusto e recordou que há um tempo atrás o considerou um homem sem força. Quando o encontrou a primeira vez pensou que era o tipo de homem incapaz de sobreviver a uma leve ferida...então pensou que era um fraco. Mas agora o observando, viu que os seus ombros eram muito largos e as pernas musculosas. Seu corpo estava coberto por cicatrizes, exatamente como o de seus irmãos, cicatrizes que eram testemunha de feridas.

Apoiou-se no tronco da árvore e continuou a observá-lo. Estava ociosa é claro, deveria treinar para o combate como antes, mas ante esse pensamento sorriu. Sempre havia treinado para combater os Howard, mas se casou com um e agora estava observando-o enquanto nadava no lago .

Tearle estava deitado de costas e ela não pôde evitar notar os músculos do tórax.

Não era tão robusto como seus irmãos, mas certamente era mais do que Colbrand.

Em um momento o homem levantou um braço para saudá-la. Sorriu e depois viu que afundava na água.

Esperou alguns minutos para que voltasse até a superfície e como não o via reaparecer se levantou chamando-o. Gritou mais forte: — Howard! — mas não o via.

Sem pensar no que fazia entrou na água. Sabia nadar, seus irmãos a ensinaram, nunca gostou, mas nesse momento não pensou. Aspirou fundo e

afundou na água com os olhos abertos em busca dele e pouco depois o viu. Estava dobrado sobre si mesmo, com o rosto entre os joelhos.

Sentiu que seus pulmões estavam cansados, mas tentou levá-lo para a superfície da água sustentando-o com um braço. Quando subiram à superfície teve a sensação que não respirava; de fato estava pálido como um morto.

Nadou segurando-o e o arrastou para a borda com grande esforço porque era muito pesado. A parte inferior do corpo do homem estava na água. Olhou-o perguntando-se o que deveria fazer. — Howard!— gritou. — Howard!

Não respondeu. Comprimiu-lhe o estômago e começou a esbofeteá-lo sem obter nenhum efeito. — Maldição, Tearle! — exclamou preocupada e em seus olhos brilhavam lágrimas de frustração. — Não se permita morrer justo quando começo a pensar que...que vale algo.

Ajoelhou-se e se inclinou sobre ele, pôs as mãos nas bochechas e começou a sacudir a cabeça. Neste momento, da boca do homem saiu um jorro de água e Zared com o rosto molhado inclinou-se novamente e o olhou atônita.

Tearle abriu os olhos e sorriu: — Sou melhor que qualquer outro em segurar a respiração.

Compreendeu que havia zombado dela. — É um indivíduo horrível!— gritou e começou a bater em seu peito com os punhos fechados. Tearle pegou-lhe pulsos e rodeou sobre o corpo dela: — Estava preocupada comigo...

—Não...só me preocupava ante a ideia que sua morte provocasse uma nova guerra entre sua família e a minha. Preocupo-me só por meus irmãos, por Liana e pelo filho de Rogan, mas não por você...— O homem a imobilizava no chão, sua cabeça sobre a sua e em um momento Zared compreendeu que desejava um beijo... efetivamente se preocupou muito por ele, mas não queria admitir. Sentiu a face fria e molhada dele contra a própria e quando soltou suas mãos rodeou-lhe o pescoço e neste momento ele se separou dela.

A jovem se perturbou, porquê de certo modo se sentiu rechaçada.

— Se não se secar ficará resfriada — disse seu marido e em seu tom havia certa distância que a encolerizou.

O homem se levantou, ajudou-a a se levantar e como não o olhasse pôs a mão sob o queixo: — Seria tão terrível se algum Peregrine se preocupasse com um Howard?

— Não pode acontecer — respondeu ela com toda a sinceridade que era capaz, mas foi a primeira a constatar que aquelas palavras eram totalmente falsas.

Tearle riu e levantando-a em seus braços, abraçou-a fazendo-a girar até que ela riu por sua vez.

— Venha, minha pequena inimiga, nos sequemos. A pouca distância daqui está a cabana de um fabricante de queijo, talvez nos possam dar algo para comer.

Permaneceu de pé enquanto ele se vestia e depois deixou que a ajudasse a montar.

Enquanto se afastavam do lago, estranhamente algo começou a mudar. Sem compreender a razão, nesse dia percebeu que em sua mente Tearle havia começado a mudar e ela começava a compreender quem realmente era o homem.

Era diferente de seus irmãos como o dia da noite: Severn e Rogan pensavam exclusivamente no dever, Tearle parecia querer extrair o máximo de prazer a cada dia que vivia. Quando podia ria, brincava e fazia apostas com seus homens e quando perdia pagava regularmente.

No começo essas atitudes não lhe agradaram, não admitia que ele não treinasse o uso das armas, achava-o frívolo. Quando ambos lutavam, zombava dela, fazendo-a acreditar que estava derrotado, mas não era assim...

— Espero que tenha aprendido a manter o sangue-frio, deve pensar melhor quando se está zangado. — havia dito um dia após lutarem. A situação a envergonhara, mas pensou que apesar de tudo, viver ao seu lado não era desagradável.

No dia seguinte Tearle a conduziu a uma feira que havia na cidade a dez milhas de distância.

Estava encantada. Nunca tinha visto nada igual, porque seus irmãos nunca permitiram que se afastasse do castelo, e além disto não eram aficionados a tais frivolidades. Observando as bancas de vendedores nos arredores do torneio, não se divertiu muito porque seu inimigo estava ao seu lado, mas agora as coisas eram diferentes...não muito na realidade, porque ainda estava com seu inimigo, mas...o olhou: montado em seu enorme cavalo, de fato não parecia um inimigo e começou a pensar que talvez fosse mais atraente e robusto que seus irmãos.

O dia passado na feira foi maravilhoso. Todos os vendedores acolheram com um sorriso o senhor acompanhado por sua bela dama. A atmosfera era distinta do torneio onde ela havia sofrido porque as pessoas zombavam dos Peregrine.

Tearle adquiriu para ela toda sorte de coisas. Depois de ter crescido em uma casa onde cada moedinha de cobre era tratada como se fosse ouro, era muito agradável poder adquirir coisas lindas. Zared provou cada comida e doces até que Tearle a advertiu dos perigos de uma indigestão. Quando o suco de cerejas escorreu pelo queixo, ele se inclinou e lambeu o delicioso suco. Ela ruborizou-se, mas Tearle se limitou a rir dela.

Quando viu que seguia as evoluções de um lutador que se vangloriava de poder abater qualquer um, lançou-se a combatê-lo e quando venceu, Zared estreitou em seu peito o prêmio, um horrível objeto adornado com cintas, como se fosse coberto de joias e Tearle a observou rir feliz.

Pararam diante de uma banca onde um homem vendia objetos provenientes da Itália e Zared admirou extasiada uma peça de tecido de brocado verde. Tearle pediu ao vendedor para desdobrá-lo. Era muito cara e Zared pediu

para não fazê-lo, mas seu marido comprou toda a peça. — Pode fazer uma colcha para a cama.

Uma parte dela queria recordar que aquele dinheiro gasto com tanta facilidade pertencia a sua própria família. Mas toda essa história parecia tão longínqua...

Tearle pegou o pacote e se preparou para levá-lo.

— Não deveria — disse — Eu levarei...— Seguiu-se uma luta e para convencê-lo teve que dizer que era o cavaleiro mais importante e mais forte do reino. Perguntou se acreditava que ele estava em condições de vencer Rogan e ela respondeu que ele podia fazê-lo. Então perguntou se, segundo ela, poderia vencer Colbrand e ela admitiu que sua valentia superava também a do belo cavaleiro.

Ao cair da tarde disse que era hora de voltar para casa, não queria que corresse riscos. Protestou, mas na realidade estava cansada. Tearle montou o cavalo, um dos homens a levantou e seu marido a segurou e a jovem percorreu todo o caminho em seus braços.

Em sua casa se despiu e o esperou: estava certa que essa noite a visitaria. Mas não o fez: desejou-lhe boa noite com um beijo na testa e a deixou.

Zared estava cansada, mas não conseguindo dormir se levantou e se sentou no banco em frente à lareira, onde se esquentou com o calor das chamas. Estava certa que Tearle viria, mas não veio. Nada acontecia como supunha que aconteceria. Sempre soube quem era amigo e quem era inimigo. Tinha crescido aprendendo a odiar os Howard, entretanto agora sua mente estava confusa. Recordou Tearle sob o papel do Cavaleiro Negro, recordou como o tinha visto combater e depois rir, brincando com ela. Recordou o modo que leu para ela e os sorrisos que lhe dirigiu.

Levou as mãos à cabeça. Esse homem era então um amigo ou um inimigo? Era um Howard, não podia ser seu amigo, entretanto...

Durante as duas semanas anteriores estiveram juntos quase constantemente e falou como nunca falara com alguém. Em sua família todas as conversas

que não concerniam à guerra contra os Howard sempre eram consideradas como uma perda de tempo.

Mas Tearle e Zared tinham falado de coisas que aconteceram quando meninos, do que amavam, do que não gostavam, do que esperavam que acontecesse no futuro.

Sempre conseguiam evitar falar do ódio existente entre seus respectivos irmãos.

Tearle mostrou os planos relativos a reforma da casa e a levou para conhecer alguns de seus arrendatários. Na casa de seus irmãos o nome de seus arrendatários era desconhecido, Rogan e Severn tinham como dignos de respeito só os homens em condições de lutar. Mas durante as numerosas viagens que Tearle e sua mãe fizeram na Inglaterra, o jovem aprendeu a conhecer os homens que cultivavam suas terras e pedia notícias de suas famílias, e quando adoeciam se assegurava que fossem atendidos e curados.

Como podia odiar um homem tão gentil e que ria tão frequentemente? Os meninos corriam ao seu encontro, esperando que tirasse de seus bolsos doces para distribuir.

Tinha começado a fazer outras perguntas a propósito de sua mãe, a propósito de suas viagens a terra natal: — Em suas viagens a Inglaterra se encontrava com seus irmãos?

— Não — respondeu — Minha mãe pensava que cumprira com o seu dever dando ao marido filhos varões; ele podia ir para matar os Peregrine e ela não devia lhe dedicar mais seu tempo. Eu fui o último a nascer, e me levou com ela para França. Vivi com ela e me encontrei raramente com meu pai e meus irmãos.

Para Zared foi difícil compreender que não tinha sido criado para lutar na guerra, que o ódio entre os Peregrine e os Howard não significava nada para ele.

Agora, sentada em frente ao fogo continuou a refletir, mas se sentia confusa mais do que nunca. Mas se não sentia esse ódio, por que então se casou com

ela? Quando havia dito que não queria ser tocada, ele imediatamente falou em anular o matrimônio, mas parecia que a apreciava muito.

Aconchegou-se ao fogo. E ela gostava dele o suficiente? Fechou os olhos por um instante e tentou pensar na casa de seus irmãos.

Teria que voltar para um lugar onde ninguém ria, ninguém brincava, onde cada coisa parecia sempre e sobretudo séria.

Pensou no irmão mais velho, Rogan, e o modo que devia lutar para obter a pouca liberdade que gozava. Rogan amava Liana, mas o amor não autorizava a sua mulher dizer ou fazer o que queria! Depois havia Severn, que se casara com a bela Lady Anne, se perguntava se esta já não teria sido assassinada por seu marido por causa de seu caráter.

Voltou para o banco e de novo se sentou com as mãos unidas. Não queria voltar para sua casa. Queria permanecer com Tearle, o homem que era seu inimigo e que os Peregrine odiavam. A luta entre ele e sua família havia privado os Peregrine de cada um de seus bens....teria que odiá-lo mas não conseguia.

Na mesa estava o objeto adornado de cintas que seu marido ganhara para ela, recordou a onda de orgulho que sentiu ao observá-lo enquanto lutava e vencia, e o levou até a face.

— O que havia feito? Por que não podia ter sua própria família e também esse homem?

Deitou-se, mas passou uma noite insone e na manhã se sentiu nervosa e irritável.

Quando Tearle se juntou a ela já estava na mesa e ela notou que tinha o rosto descansado, certamente não lhe faltou sono.

Saudou-a alegremente, sorridente e feliz.

Zared o olhou por cima de sua taça: — Quando terá notícias do rei?

Tearle se sentou à cabeceira da mesa e serviu-se de queijo e pão: — Está ansiosa para pôr fim ao nosso matrimônio?

Olhou-o e então desviou o olhar: — Seria melhor terminar com este assunto.

O homem se calou por um momento e seu rosto não demonstrava nenhuma expressão. Refletindo que era um rosto atraente, Zared pensou que quanto antes “o assunto” terminasse, melhor seria. Não podia permitir-se sentir maior afeto por ele do que já sentia.

Por fim Tearle sacudiu os ombros: — Quem sabe o que o rei decidirá? Estou certo que necessitará de um pouco de tempo. Também poderia opor-se a minha petição.

— Negá-la?— Zared reteve o fôlego. — Por que...por que o faria?

— Por tudo, eu diria que o nosso é um bom matrimônio, unimos a duas famílias...talvez não consinta em separá-las novamente.

O primeiro impulso de Zared foi sorrir. Talvez pudesse permanecer nessa casa para sempre. Talvez pudesse ter filhos. Controlou-se e fingiu franzir as sobrancelhas.

— Talvez devesse voltar para onde estão meus irmãos. Pode ser que desta maneira o rei consinta mais facilmente com a separação.

Esperava que dissesse que a queria com ele para sempre, que não permitiria que o deixasse. Em troca disse: — Como quiser. Deseja ser acompanhada por um de meus homens?

Teve vontade de jogar-lhe o conteúdo do prato: — Se meus irmãos me vissem chegar em casa escoltada por um de seus homens, atacariam sem perda de tempo.

— Neste caso — replicou — seria melhor que permanecesse aqui até a resposta do rei chegar.

Demorou um segundo para entender, então sorriu: — Sim, esta seria a melhor solução.

Nesse dia saíram a cavalo, afastando-se bastante da casa e deixando os homens da escolta as suas costas.

Tearle a levou para ver rochas horizontais, uma sobre outras, colocadas assim por antigas tribos. Contou-lhe que sobre aquelas rochas se realizavam sacrifícios humanos.

Estendeu as mãos para ela e depois de levantá-la a fez sentar sobre uma dessas rochas, afirmando que queria sacrificá-la. Ela gritou e se soltou, mas quando a apoiou na rocha e inclinou seu corpo sobre o dela, deixou de lutar. Pensou que estava a ponto de beijá-la, que esquecera a petição da anulação do matrimônio e a conservaria junto a ele para sempre.

Mas não o fez. Separou-se dela e se afastou, e quando ela desceu da rocha, olhou-a dizendo: — Está chegando à noite. Seria melhor retornar.

A partir desse dia começou a manter-se longe. Agora estava acostumada à sua presença e o fato começou a pesar. Uma manhã viu que estava treinando com seus homens no pátio, pediu emprestado roupas masculinas ao cozinheiro e colocando-as foi unir-se a ele .

Sorriu, mas ele não devolveu o sorriso. — É minha esposa. Não quero que de espetáculo diante de meus homens — disse olhando as estreitas calças que envolviam suas pernas.

— O que deveria fazer durante o dia todo, segundo você? Afinal, não sou sua esposa.

Pretendia dizer que só era sua esposa de nome, mas ele não compreendeu: — Logo será livre — ele disse e o tom de sua voz era duro.

Zared se afastou dele e dos homens que o rodeavam e que os olhavam curiosos, voltando para o segundo andar da casa, o seu solitário quarto. Muitas vezes esteve sozinha, mas porque agora esse fato doía tanto? Era como se tivesse perdido um amigo recém-encontrado.

Atirou-se sobre a cama desejando chorar, mas sem conseguir e pensou que estaria melhor longe dele. Não desejava por nada a companhia de um Howard. Ela era uma Peregrine e odiava todos os Howard, não era assim?

Pensou no que Rogan diria ante a notícia que sua irmãzinha estava casada com um Howard. Dirigir-se-ia ao rei para que concedesse rapidamente a anulação. Rogan não confiava em ninguém, provavelmente pediria à parteira que examinasse Zared para se assegurar que ainda era virgem e que ninguém a havia tocado.

— Ainda sou virgem — murmurou — Pura, intacta como o dia que nasci... uma vez obtida a anulação, Rogan certamente odiaria ainda mais os Howard, e provavelmente pensaria que sua irmã foi rechaçada por um deles.

— Deve haver algo que eu possa fazer — pensou — Algo para evitar mais ódio.

— Milord — disse Margaret a Tearle, falando em voz baixa.

O homem estava secando o suor devido ao treinamento.

— Sim? — perguntou brusco. Nos últimos dias estava de mau humor, as preocupações o tinham obcecado dia e noite. Estava apaixonando-se pela sua atrevida mulher. Na realidade, estava apaixonado por ela desde a primeira vez que a vira, quando percebeu que era uma mulher. Mas seus sentimentos não eram correspondidos, Zared continuava a falar em voltar para seus irmãos e de pôr fim a sua união. Pensou que deveria mandar uma mensagem ao rei pedindo a anulação de verdade.

— O que está acontecendo? — perguntou a Margaret.

— Lady Zared foi à aldeia.

Seu semblante se fez mais sério: — Não é uma prisioneira. Alguém a escoltou?

— Sim, mas deixou à escolta para trás.

Tearle se alarmou. Zared provavelmente teria voltado para sua casa?

Antes que se movesse, Margaret pôs uma mão em seu ombro: — Sabemos onde está. Um dos homens a viu entrar na casa de Hebe.

— Por que iria a casa dessa anciã?

— Dizem que é uma bruxa — respondeu Margaret baixando a voz. Sabia mais coisas que os outros habitantes da casa, sabia o que acontecia entre seus patrões.

— Por que iria à casa de uma bruxa?

Margaret vacilou: — Dizem que livra as mulheres de meninos não desejados.

Tearle empalideceu e ordenou: — Diga a John que sele meu cavalo.

Uma hora depois entrava furioso na suja e fumegante cabana da anciã. Seu primeiro impulso foi de matá-la e imediatamente matar a mulher com quem se casou. Não tinha dúvidas que Zared levava em seu ventre um filho de Colbrand. Por isso é que queria voltar para onde estavam seus irmãos.

Contaria que o menino era um Howard e possivelmente o usaria para voltar a possuir as terras de seus inimigos. Amaldiçoou-a e a todas as mulheres, o matrimônio e tudo o que se relacionava com as mulheres e com os homens.

— Minha esposa esteve aqui — disse para a anciã que o olhava aterrorizada. — Livrou-a de um filho?

— Não, Milord — respondeu ela com voz tremente. — Não espera nenhum filho.

— Não minta, neste caso poderia enviá-la à fogueira.

A anciã retrocedeu: — Não menti. Rogo-lhe Milord, não quero morrer.

De repente a ira abandonou Tearle e ele se sentou em um tamborete. Se sua mulher queria se livrar do filho, não poderia imputar a culpa a anciã. E ele

deveria estar contente pelo fato de Zared agir assim, em vez de fazer vir ao mundo uma criatura indesejada. Por causa do que Zared sentia por Colbrand, era surpreendente que não tivesse aspirado que o menino se sentasse no trono da Inglaterra!

— O que minha esposa queria?

— Um filtro de amor.

Tearle levantou a cabeça: — O quê?

— Sua esposa me pediu para fazer uma poção de amor. Uma poção que fizesse um homem enlouquecer.

— Quem é esse homem? — foi tudo o que conseguiu dizer. Nos últimos dias tinha dado pouco tempo a Zared para encontrar outro homem, mas possivelmente pensava em se encontrar com Colbrand depois de....

— É você, Milord. Queria uma poção de amor para seu marido .

Tearle piscou várias vezes porque não compreendia.

A anciã viu que o homem relaxava e começou a contar, endireitou-se e apoiando-se na parede disse: — Lady Zared me pediu uma poção para pôr em seu vinho de modo que não lhe resista.

Tearle olhou fixamente à anciã: — Está certa disso? — perguntou em voz baixa — Disse que a poção era para seu marido?

A mulher conseguiu sorrir — Sou velha, mas não sou tola. Nunca teria dado uma poção se não estivesse certa de que estava destinado a você. Em todo caso disse que se a usasse em outro homem, a má sorte a perseguiria pelo resto de seus dias. Replicou que ...

— O que ela replicou?

— Disse que seu marido, quer dizer você, Milord, considerava-a uma menina. Queria um modo de fazer com que finalmente a considerasse uma mulher .

Tearle se levantou, deu as costas para a mulher e chegando a porta da cabana sorriu. Zared pensava que ele não a desejava...e ele tinha pensado que a poção estava destinada a Colbrand... se ela se entregasse a ele voluntariamente... isto seria o primeiro passo para que ela admitisse seus sentimentos.

— O que você deu a ela? — perguntou para a mulher.

Ela percebeu que Tearle se divertia. Conhecia-o desde menino e sabia que não era violento.

— Minhas poções são um segredo que somente eu conheço...— E quando viu que Tearle mudou de expressão continuou: — Disse que teria que pedir ao seu marido que jantasse no seu quarto à luz de velas. Teria que ferver algumas ervas, colocar uma túnica curta e colocar a infusão em seu vinho...imediatamente após beber a poção, seu marido não estaria mais em condições de controlar seu desejo.

Neste ponto Tearle não pôde conter a risada: — E o efeito desta poção deve ser sentido imediatamente?

A mulher pareceu se ofender: — Nunca engano meus clientes! A poção fará seu efeito.

— Posso garantir — exclamou Tearle alegre. — Serei o mais feroso dos amantes — Tirou da túnica uma pequena bolsa que continha dinheiro e deu algumas moedas à mulher, pensando melhor deu toda a bolsa. A anciã que não devia ter ganho tanto dinheiro em toda sua vida e incapaz de falar, agarrou a bolsa e quando Tearle deixou a cabana começou a assobiar.

Zared encontrou um pouco de dificuldade em conseguir que Margaret fizesse o que pedia: Pela primeira vez desde que a conheceu, a mulher parecia pouco propensa a obedecer e respondia em tom seco as perguntas de sua patroa.

Zared queria um vestido especial e teve que se dirigir a várias pessoas para saber onde se guardavam os vestidos da mãe de Tearle. A mulher vacilava, mas quando percebeu que Zared começava a ficar com raiva ela a levou a

um quarto onde, entre vários tecidos que esperavam para serem cortados e costurados, havia um enorme baú de madeira. Temerosa e com expressão severa, Margaret abriu o baú: continha um vestido que na penumbra do quarto brilhava. O tecido com que fora confeccionado estava entrelaçado com fios de ouro.

Zared nunca tinha visto algo parecido. Levantou o vestido e colocou-o contra a luz perguntando com um murmúrio: — O que é?

Quase de má vontade, Margaret respondeu que o tecido desse vestido tinha chegado da Itália; o tecido havia sido confeccionado com fios de seda e ouro e havia custado mais de trinta e oito esterlinos a jarda.

Zared tocou o vestido. Respirou fundo e embora estivesse temerosa, tirou-o do baú.

Evitaria que sua família se voltasse com hostilidades contra os Howard. Talvez seu marido fosse gentil com ela e possivelmente pudessem ter um filho. Se esse filho herdasse as terras que deveriam pertencer a Rogan, teria uma parte do sangue dos Peregrine.

— Usarei este vestido — disse. O vestido era muito pesado e duro. Sorriu: os homens pensavam que as mulheres eram seres frágeis. Seus irmãos diziam que uma mulher jamais seria capaz de vestir uma armadura, mas esse duro e pesado vestido se parecia muito com uma armadura.

— Ficou bom? — perguntou a Margaret encontrando no olhar da anciã um pouco de alegria, como se tivesse lido o pensamento.

Uma hora mais tarde tinha feito tudo o que anciã havia sugerido. O quarto estava iluminado pela luz das velas e perfumado pelas ervas que ferviam em uma panela. Sobre a mesa havia deliciosos manjares. A preparação não foi fácil porque Margaret se opusera a tudo o que ela dizia ou fazia e de vez em quando perguntava à jovem patroa se ela se sentia bem.

Todas essas perguntas haviam-na aborrecido, mas com a esperança de agradar Margaret, respondeu com gentileza.

Finalmente estava pronta: — Estou bem?— perguntou tocando o tecido do vestido.

Margaret a olhou e sorriu.

Não sabia por que Zared tinha ido à casa da velha bruxa, mas estava certa que não o tinha feito para se livrar do filho de um homem que não fosse seu marido. Todos os habitantes do castelo e a metade dos habitantes da aldeia sabiam que, depois do matrimônio, seu senhor não tinha dormido com a jovem esposa.

— Está muito formosa—, disse.

— E...não pareço com um moço?

Margaret não pôde deixar de rir e olhou os cabelos de Zared, penteados para trás, recolhidos por um lenço branco e brilhante adornado de rubis. — De maneira nenhuma poderia se parecer com um moço — disse e impulsivamente a beijou, afastando-se imediatamente.

Poucos minutos depois Tearle entrou no quarto e ela percebeu que estava de péssimo humor.

—O que aconteceu?— perguntou.

O homem se sentou diante do fogo. — Meu cavalo me derrubou. Um de meus homens se feriu durante o treinamento e quando voltei e estava a ponto de me sentar à mesa, disseram-me que deveria vir ao seu quarto. O que é que você quer comigo, Zared? Talvez seus irmãos venham te buscar? Seria um digno final para um dia como este.

Quis mandá-lo ao diabo, no entanto disse: — Coloquei um vestido de sua mãe.

Tearle se virou, mas apenas a olhou e bocejou. — Sim, sim, eu vi — Depois olhou a comida da mesa e disse: — Chame alguém para me servir a comida. Tenho fome e estou cansado.

— Eu mesma servirei —replicou Zared depressa. — Não necessitamos de ninguém. — Dizendo isto se aproximou da mesa e começou a encher um prato, levou até ele e se sentou em um tamborete a seus pés.

Tearle começou a comer e em dado momento, levantando a colher, perguntou: — O que queria me dizer?

— Nada. Não estou acostumada aos criados e não queria que estivessem presentes.

— Não sabe mentir. Diga-me, recebeu uma mensagem de seus irmãos? É por isso que foi a anciã da aldeia?

Zared abriu muito os olhos.

— Como vê, minha gente é leal a mim. Sempre me dizem o que você faz.

— Não recebi nenhuma mensagem de meus irmãos e não o convidei para falar de guerra.

— E de que outra coisa poderíamos falar? Por qual outro motivo foi à velha bruxa? Ela ajuda as mulheres a livrarem-se de filhos não desejados.

— Eu não espero nenhum filho, se é isso o que quer falar.

— Tampouco um filho de Colbrand?

— Você é um homem odioso — disse levantando-se.

— Sou um Howard. Como posso saber o que fez com outro? Parecia que se encontrava muito com Colbrand e o achava muito agradável. Não o considerava o mais forte, o mais valente e o melhor paladino de toda a Inglaterra?

— Você o venceu — replicou ela em tom irritado: — Venceu todos os cavalheiros que participavam do torneio organizado pelos Marshall.

Tearle se apoiou no respaldo da cadeira e sorriu: — Está dizendo que Colbrand já não é o mais valente cavalheiro da Inglaterra?

OceanofPDF.com

Deu-se conta que zombava dela: — Você é um homem detestável. Alguma vez pode falar sério?

Estendeu-lhe o prato vazio: — Sou sério ao afirmar que necessito descansar. Nunca me senti mais cansado em minha vida... - levantou-se e bocejou novamente. — Esta noite nada poderia me tirar de minha cama, nem sequer uma convocação do rei.

Zared não queria ver-se obrigada a fazer uso da poção que a anciã lhe havia dado.

Teria preferido induzir seu marido a deitar-se com ela. — Não me disse se gosta do vestido que estou vestindo, o vestido de sua mãe.

Tearle bocejou novamente: — Eu sempre gostei. Usava-o quando estávamos na França...até o rei notou e lhe deu seus cumprimentos.

— É pesado. Toque a saia.

— Já vi muitos tecidos com fios de ouro e também de prata. Na corte até despi mulheres que usavam vestidos como este...— Se aproximou de Zared e prosseguiu indiferente: — Agora eu realmente devo ir para a cama.

A jovem não sabia o que fazer para obrigá-lo a olhá-la, entretanto sabia que a roupa lhe caia muito bem. O corpete deixava seus seios descobertos, mas ele parecia não ter percebido.

— Fica um pouco estreito no busto — disse — Sua mãe devia ser menos... abundante que eu.— Conteve o fôlego, esperando uma resposta a esta observação.

—Não acredito ter reparado em minha mãe desta maneira — replicou ele como se o tivesse ofendido.

— Não pretendia...

— Sim, sim, aceito as desculpas. E agora...está certa de que não tem mais nada para me dizer? Além do fato de que minha mãe era mais magra e

portanto mais feia que você?

— Eu nunca disse...— Zared se interrompeu e lhe deu as costas. — Está bem, vá para cama. O que tinha para lhe dizer já não tem importância. Está cansado e deve descansar.

Esperou ouvir a porta se abrir e fechar, mas como isso não aconteceu, se virou para olhá-lo: — Vá, não quero segurá-lo mais.

Tearle se sentou novamente: — Esta zangada por alguma coisa. Talvez tenha chegado a mensagem do rei? É por isso que pôs o vestido de minha mãe e organizou este jantar? Quer festejar a boa notícia?

— Não recebi nenhuma notícia. Nem do rei e nem de meus irmãos. Hoje não falei com ninguém.

Sorriu com uma expressão de cumplicidade: — Ah, então é assim. Se desejar companhia, então fale. Tentarei permanecer acordado o suficiente para escutá-la.

Separou-se dele:

— Quando você chegou, eu tinha algo em mente que agora não me recordo — murmurou.

Tearle estava atrás dela, tão silencioso que ela se virou para olhá-lo. Estava novamente apoiando a cabeça no respaldo da cadeira e dormia. Foi possuída ao mesmo tempo pela cólera e o desejo de chorar. Porque outras mulheres eram capazes de provocá-lo, de fazer-se cortejar, e ela não conseguia?

Ela se aproximou e pôs uma mão em sua face. Era mais atraente que seus irmãos, mais atraente que Colbrand, mais atraente do que qualquer homem da terra.

O homem despertou com um sobressalto: — Estava sonhando — disse.

Sorriu:

— O que estava sonhando?

— Que estava na corte e que Lady Catherine entrava em meu quarto. Deve ter sido seu vestido...ela vestia uma malha azul com fios de ouro.

Zared ficou rígida e disse:

— Agora agradeceria se fosse embora.

Viu que se levantava e passava as mãos nos olhos:

— Sim, devo ir ao meu quarto e terminar esse sonho...

Mas antes de ir se aproximou da mesa e levantou uma taça de prata. Continha vinho sobre o qual flutuavam algumas ervas.

— Morro de sede— disse esvaziando a taça.

— Não tinha que beber esse vinho!— gritou Zared.

Olhou-a, surpreso:

— Negaria o que beber quando estou sedento? Bem, tinha outra opinião a respeito dos Peregrine, para não falar de minha esposa...parou: — Ou melhor, de uma dama que gritou na presença de meus homens que não é minha esposa. Por que me olha dessa forma tão estranha?

— Não estou olhando para nada— respondeu em voz baixa, mas na verdade o encarava.

— Agora devo ir — disse Tearle. Dissimulou um bocejo, inclinou-se sobre ela e a beijou na testa com a mais casta das maneiras: — O vestido fica muito bem em você. Ousaria dizer que fica melhor do que na minha mãe. Agora peço que me desculpe.— se virou se dirigindo à porta e Zared o seguiu com o olhar. Tinha bebido a poção e não acontecera nada! No dia seguinte iria a bruxa para que devolvesse seu dinheiro.

Não pretendia pagar por um feitiço que não era efetivo!

Enquanto isso, Tearle ao chegar na porta parou. Por um longo momento permaneceu imóvel e depois lentamente, muito lentamente, virou-se para olhá-la. Seus olhos muito abertos como se tivesse sido atacado por uma revelação. Olhou-a da cabeça aos pés longamente com uma expressão aprovadora e seu olhar parou em seus seios que ela instintivamente cobriu com as mãos, retrocedendo. Tearle deu um passo para sua esposa, seu olhar era ardente e cheio de desejo.

O coração de Zared começou a pulsar de forma tumultuada.

Era...era assim que desejava que a olhasse! Para isto pediu a poção. Mas começou a ter medo.

Seu marido sempre tinha sido cortês e doce com ela...a poção o teria transformado em um monstro? Teria transformado em uma pessoa diferente da que conhecia?

Retrocedeu ainda mais até que chegou à cama. Tearle se aproximava lentamente, como um animal que persegue a presa, consciente do fato de que ela não pode escapar.

— Acredito...acredito que...

Não pôde terminar a frase porque ele a alcançou e pôs uma mão em sua face, murmurando: — Nunca estive tão bela. Nunca conheci uma mulher mais desejável que você. Eu a desejo como a nenhuma outra.

Zared o olhou e piscou. Tinha ouvido as palavras que queria escutar, as palavras pelas quais tinha adquirido a poção do amor.

Beijou-a nos lábios com doçura e ela sentiu que seus joelhos tremiam. Segurou-a pela cintura e a levantou, colocando-a no leito. Inclinou-se sobre ela e a beijou no rosto, no pescoço e no seio. Zared fechou os olhos e por um momento saboreou esse instante, reabriu-os e olhou seu cabelo...eram espessos, escuros...que não pôde deixar de tocá-los com a mão e afundar seus dedos neles.

O homem se apoiou sobre um cotovelo e começou a acariciá-la murmurando: — Não sei o que acontece... não posso me controlar...é como se uma força sobrenatural me empurrasse. Devo possuí-la ou morrer.

Fez com que ela se deitasse e começou a desabotoar a parte posterior do corpete, fazendo a mão deslizar dentro dele. Zared fechou de novo os olhos, abandonando-se as sensações....era o que sempre desejara. Que pena que para induzi-lo a desejá-la tivera que recorrer a esse truque.

Com facilidade e mais rapidamente do que ela mesma poderia fazer, ele desabotoou lhe o vestido e o tirou. Agora estava vestida somente com as roupas íntimas e muito em breve estava só com as meias, presas nos joelhos por graciosas ligas com cintas.

Por um momento o homem não falou, sentou-se e a olhou intensamente a ponto de alarmá-la.

— Não gosta?

— Nunca vi uma mulher como você— disse docemente e pensava isso de verdade.

Realmente tinha visto muitas mulheres nuas que, com exceção das jovens camponesas, levavam uma vida fácil. Zared no entanto era dura. Sempre fez caminhadas e a ensinaram a segurar uma espada e a usá-la, o treinamento havia modelado seu corpo que era firme e musculoso.

A jovem era muito inexperiente no que se referia a homens para saber que Tearle a estava olhando com desejo. Tentou separar-se dele, mas ele a segurou e começou a beijá-la ardentemente.

Zared era dotada de uma natureza entusiasta e devolveu os beijos com paixão. Sem separar-se dela o homem começou a despir-se e seus lábios beijaram seus seios provocando nela uma rigidez e logo uma sensação de desejo. De novo afundou as mãos entre os cabelos dele e arqueou as costas de modo a permitir melhor acesso ao seu corpo.

— É a mulher mais deliciosa que já conheci. Se soubesse o que escondia debaixo da roupa teria agido mais cedo para tirá-la, - disse enquanto seus lábios desciam para o ventre dela.

Essas palavras fizeram com que Zared abrisse os olhos e pensasse que se não tivesse bebido a poção de amor, Tearle não a teria despido. Sua atitude era o resultado do feitiço da bruxa.

Rechaçou-o:

— Deixe-me! — Porém Tearle não se moveu. Continuou a beijá-la, acariciando seus quadris, mas Zared levantou uma perna, pôs o pé no ombro dele e o empurrou com força.

Surpreso, Tearle olhou como a mulher se retraía colocando-se ao extremo do leito e perguntou:

— Eu a ofendi?

— Você não me quer.

Tearle estava atordoado demais para compreender essas palavras. Não conseguia desviar os olhos do corpo dela. Era uma mulher, mas parecia um animal jovem e ágil.

Estendeu a mão para tocá-la, mas Zared se encolheu mais ainda: — Não sou eu a quem deseja. Está sob o efeito da poção preparada por uma bruxa.

— Sim...sei, — interrompeu-a e assim dizendo estendeu de novo a mão, mas Zared o rechaçou e se cobriu com as cobertas da cama. — Não me deseja. Nunca me desejou...mente...vá onde está sua Catherine.

Agora que o corpo de Zared estava parcialmente coberto com as cobertas, Tearle recuperara parte de seu próprio controle, pelo menos para entender o que ela estava dizendo:

— Não a desejo?— Demonstrarei até que ponto a desejo...

— Não! — gritou ela e desta vez se cobriu com uma almofada.

Tearle conhecia as mulheres o suficiente para saber que antes de obter o que queria, teria que falar bastante: — Quer que diga que a amo?— perguntou — Quer que componha um poema para elogiar sua beleza? — Faria qualquer coisa para atingir seu objetivo.— Quer que jure que darei minhas propriedades ao seu irmão?

Zared desceu da cama e foi se sentar perto da janela pensando que para pronunciar tais palavras, ele devia estar de verdade sob o efeito da poção e que esta devia ser muito potente:— Cometi um ato reprovável — disse rápida.

Tearle se sentou por sua vez: — Se existe outro homem em sua vida, eu o mato. Ninguém pode ter o que é meu.

— Quer me deixar falar? — gritou ela. — Não entende que o que diz não corresponde ao que pensa? É a poção da bruxa que o faz falar assim.

A atenção de Tearle estava centrada no corpo dela, era por isso que pouco entendia suas palavras.

—Você é uma bruxa—, disse descendo da cama para aproximar-se dela.

A jovem deu um salto dirigindo-se ao outro extremo do quarto. No chão perto das roupas de Tearle estava sua adaga. Pegou-a para se proteger: — Não se aproxime. — advertiu.

Tearle pensou que em certos momentos um homem poderia chorar e olhou sua cabeleira avermelhada que caía pelas costas. Aos seus olhos, essa atitude belicosa fazia com que ela fosse mais fascinante do que nunca. — Zared, — disse — dar-lhe-ei qualquer coisa. Diga o que quer. Joias? Terras? O que quer?

Olhou-o. Estava nu e assim era ainda mais atraente. Desejava que a beijasse, que a tocasse, mas não queria que tal coisa ocorresse sob o efeito de uma poção mágica. E de repente deixou a adaga cair... a atitude de Tearle se devia à poção, mas certamente não era um homem violento e não a estava obrigando a deitar-se com ele.

A visita a casa da bruxa não tinha sido uma boa ideia de sua parte, mas salvaria sua própria honra tentando desempenhar o papel que ela desempenharia durante o feitiço.

Passou diante dele e subiu na cama. Deitou-se e permaneceu imóvel com as mãos ao longo do corpo e as pernas fechadas e disse em tom convincente: — Faça de mim o que quiser.

Tearle nunca teria pensado que sua paixão pudesse ser sufocada, mas aconteceu.

Há homens que gostam de possuir as mulheres contra sua vontade, mas ele não pertencia a essa categoria. Permaneceu de pé ao lado da cama e a olhou duramente: — Você é uma mulher insuportável que me deixa irritado. Deseja-me a tal ponto de correr o risco de me envenenar com um filtro preparado por uma velha bruxa, e quando a procuro me ameaça com uma adaga. Como devo interpretar sua atitude? - Levantou os braços em sinal de impotência. — Alguém poderia me explicar com o que se parece as mulheres. Ou só minha esposa é uma mulher que não consigo entender?

Zared perguntou:

— Sabe da poção?

Tearle fez uma careta, inclinou-se procurando entre sua roupa e tirou uma caixa que atirou em cima da cama:

— Tome sua poção.

Zared tomou a caixa e disse:

— Esvaziei em um copo de vinho....não pode ser esta.

— Nunca teria tomado essa porcaria, pois isso contém olhos de sapo secos ou algo pior.

Zared abriu a caixinha, olhou dentro e aspirou. O conteúdo tinha o mesmo aroma desagradável que recordava.

Olhou Tearle:

— Mas esta é a poção que comprei... o que bebeu?

—Uma infusão de hortelã, creio, e não o recomendaria a ninguém...não combina com o vinho, mas estou convencido que o seu sabor é melhor do que aquele que queria me dar.

Zared apertou a caixinha entre as mãos:

— Mas...se não bebeu a porção...o que provocou sua nova atitude em relação a mim?

Neste ponto Tearle não soube se ria ou se zangava com ela. Não fez nem um nem o outro. Limitou-se a sentar-se na cama e falou em tom doce: — Não sei como chegou à conclusão que não a amo. Eu te amei no primeiro dia que a vi...por qual outro motivo acredita que tenha me rebaixado a ser o servo de seu irmão? Acredita que me diverti enchendo-me de lodo até os joelhos para passar-lhe as lanças? Acredita que permaneci com ele porque me agradava sua companhia? Ou a sua? Durante o torneio você me dirigiu uma só palavra de cortesia?

Zared se sentou na cama, sem perceber o modo como Tearle a olhava: — Mas...acreditava que me achava antipática. Pensava que queria ... que queria...

— Colocar as mãos na riqueza dos Peregrine? — inclinou-se sobre ela, seus narizes quase se tocando. — Sempre tive um só objetivo ... pôr minhas mãos sobre a filha dos Peregrine.

Zared piscou: — Sério? Não acredita que eu me pareço com um rapaz?

Ele baixou o olhar sobre o corpo dela e então a olhou nos olhos: — Sou o único que descobri desde o começo que não era um rapaz.

Tearle teve que controlar-se para não gritar: — Não percebeu que a estive cortejando?

— Cortejando?

— Sim, cortejando. Depois de ter passado um pouco de tempo com seu irmão, percebo que de acordo com os Peregrine, cortejar uma mulher significa pô-la em seus joelhos e bater nela....mas em outras famílias se faz a corte a uma mulher de maneira muito diferente. Por exemplo, acompanhando-a a uma feira.

— Mas...e a anulação de nosso matrimônio? A mensagem ao rei?

Ele sorriu : — Qual mensagem? Que anulação?

— Que... — Devolveu o sorriso: — Então não enviou nenhuma mensagem ao rei? Disse-lhe coisas terríveis.

— Compreendi que não as pensava, ou que as pensava somente nesse momento. Sabia que se conseguisse mantê-la longe de seu irmão, perceberia que eu não era o monstro do qual lhe falaram.— Tomou-lhe a mão e a beijou.

Tearle, que no passado fazia amor geralmente em segredo, estava fascinado pela liberdade que Zared demonstrava em seus atos: estava feliz de poder possuí-la cada vez que quisesse.

Estava fascinado pelo modo de Zared se comportar. Ninguém a ensinara que as “damas” deviam ou não deviam fazer e adorava cada tipo de experiência. Além disso era atleta, inclusive o fazia sentir-se velho. Subia em árvores com a agilidade de uma lagartixa, ele a seguia e faziam amor entre os ramos.

Não manifestava nenhum tipo dos temores típicos das mulheres. Não temia a altura ou as armas. Uma noite, enquanto deitavam um ao lado do outro saciados, perguntou o motivo de sua exuberância.

— Não vê que sou livre? — respondeu. — Nunca tinha sido tão livre. Você teve uma vida fácil, não pode compreender o que significa estar prisioneira. Você é tão maleável.

— Possivelmente eu seja agora, mas não sou sempre — replicou ele levemente ofendido.

— Não, tolo, não quis dizer o que pensa. Quero dizer que é doce interiormente. É cortês e gentil, não é levado pelo ódio.

— Faz-me sentir como...como se não fosse um homem. Entretanto, olhe meu corpo que está coberto de cicatrizes. Sei lutar, sabe?

— Sabe lutar em batalhas de torneios...mas saberia matar? Saberia olhar um homem nos olhos e matá-lo?

Tomou sua mão e a olhou: — Mataria qualquer um que ousasse tocá-la.

— Sim, provavelmente o faria. — Suspirou porque ele não a compreendia. Tearle não entendia de ódio. Não tinha ideia do que significava ser alimentado pelo ódio, viver entre pessoas cujas almas estavam impregnadas desse sentimento.

— E você poderia olhar nos olhos de um homem e matá-lo? — perguntou.

— Se fosse um Howard —disse sem refletir e então o olhou horrorizada.

— Sou um Howard — replicou ele em voz baixa. — Poderia me olhar nos olhos e me matar?

Não sabia o que responder. Sabia que nunca seria capaz de matá-lo. Ou poderia fazê-lo? Como se comportaria se ele ameaçasse um de seus irmãos?

Estremeceu e o olhou: — Olhei em seus olhos e o matei muitas vezes...não tem resistência. É um homem débil que grita “basta” depois de umas poucas horas de amor. Nós os Peregrine, no entanto....— Não pôde dizer mais nada porque Tearle recomeçou a beijá-la.

Por volta do final da terceira semana, a felicidade de Zared literalmente caiu sobre ela. Já estava quase amanhecendo e desde que vivia com Tearle havia sido negligente e quando a porta se abriu, ambos estavam na cama.

Um dos homens de Tearle se precipitou no quarto, vermelho de excitação, com os olhos fora de órbitas disse: — Estão chegando.

Zared esfregou os olhos. Tinha permanecido segura por tanto tempo que o perigo lhe parecia agora como uma experiência longínqua.

Viu que seu marido assentia.

— Quantos são? — perguntou Tearle.

— Centenas. Estão armados para a guerra.

Tearle assentiu de novo. — Prepare os homens, mas que seja de uma maneira que não ataquem primeiro. Esses homens agora são meus parentes. Não quero um derramamento de sangue.

Ante essas palavras Zared despertou completamente e cobrindo-se com a coberta perguntou: — O que está acontecendo?

Tearle despediu o homem e olhou sua esposa: — Seu irmão está vindo para cá com seus homens. Acredito que pretende me matar e levá-la de volta para a sua casa.

Zared não replicou, mas se sentiu desfalecer. Preparou-se para descer da cama, mas Tearle a deteve: — Pare, o que pretende fazer?

— Irei ao encontro de meu irmão. Não permitirei que o mate. Você foi bom comigo.

Tearle a estreitou ainda mais. — Fui bom apesar de ser um Howard. — Sua voz estava cheia de sarcasmo e prosseguiu: — E agora deseja me abandonar.

— Pretendo evitar uma luta!— gritou ela.

— Você quer fazer tal coisa?

— Sim — Seus pensamentos se amontoavam em seu cérebro — Direi que fui eu que quis me casar com você— Direi que meu desejo foi mais forte que tudo. Deverá compreender. Embora..... Rogan é um homem de honranunca me permitiria fazer o que fiz...antes de casar-me com um

inimigo, ele teria preferido morrer. Nunca teria se apaixonado por um inimigo.

Enquanto falava, Tearle não havia deixado de olhá-la em silêncio.

— Pretende ficar aqui o dia todo?— balbuciou ela. Recusava-se a pensar que provavelmente o via pela última vez. Não tinha dúvidas; seu irmão nunca permitiria que permanecesse ao lado de um Howard. Rogan tentaria anular seu matrimônio, afirmando que ela se casou sem seu consentimento.

— Por que me olha desse modo tão estranho? — perguntou de repente.

— Continua a ver-me como um Howard e não como o homem que sou. Continua a me considerar um fraco e a considerar que seu irmão é muito mais forte do que eu. Não percebe que nem sempre a violência pode ser uma boa reação?

Moveu a cabeça: — Sinto curiosidade por saber se ainda falará assim quando a espada de meu irmão pender sobre a sua cabeça — Se aproximou da arca que estava ao lado da janela, extraiu a roupa que um dia tinha pedido emprestada ao cozinheiro e começou a se vestir.

— Não! — exclamou Tearle saltando da cama. — Já não é mais um moço, nenhuma Peregrine, a não ser uma mulher e uma Howard.

— Não! — gritou ela por sua vez, atirando a roupa ao chão. — Nunca, mas nunca serei uma Howard. Os Howard são meus inimigos.

Tearle tomou-a em seus braços: — Cale-se, meu amor. Acalme-se. Não é necessário que se assuste. Seu irmão não pode afastar você de mim.

Rechaçou-o:

— Ele o atacará. Não entende? Meu irmão odeia os Howard. Rogan morrerá no intento de matá-lo. Não o atacará se eu for com ele.

Sorriu:

— Nesse caso terá que segui-lo, mas não colocará essa roupa de moço. Esses dias passaram. Usará o vestido de ouro...terá que demonstrar ao seu irmão que agora é uma mulher.

— Mostrarei que o dinheiro dos Howard pode adquirir vestidos que valem mais que tudo o que possuem os Peregrine — Murmurou. Estava ofendida, profundamente ofendida pelo fato dele não se mostrar preocupado por não ficarem mais juntos. Se fosse o seu irmão, seu irmão...céus, seu irmão a teria castigado pelo que tinha feito.

— O que devo vestir?— perguntou Tearle.

— O que me importa? - Não estarei presente para vê-lo, pensou. Não aprenderei a ler, não terei filhos e não terei um marido que me faça rir.

— O que impressionaria seu irmão? Acredita que seria melhor que usasse um luxuoso traje árabe ou uma armadura? Se usasse uma túnica de prata e você usasse seu vestido de ouro faríamos um lindo casal, não acha? Mas temo que seu irmão queira lutar e talvez para isso a túnica de prata seja um pouco frágil.

Pôs as mãos nas têmporas:

— Meu irmão está vindo para cá com as armas e você fala de vestidos. Não percebe que não o verei mais? - Lutava contra as lágrimas: — Sabia que esta existência não podia durar....sabia que para mim não podia haver uma vida como esta...sabia que tudo terminaria.

Diante destas palavras Tearle a puxou pelos pulsos: — Olhe-me e escute o que tenho para lhe dizer. Pode pensar que seu irmão é o homem mais forte da terra, mas não é assim. Como você vê, parece esquecer que sou um Howard. Disponho de homens e meios que podem superar seu irmão em qualquer momento.

Os olhos de Zared se dilataram de horror e retrocedeu, mas Tearle a aproximou outra vez para si.

— Estou dizendo o que poderia fazer, não o que pretendo fazer. O que pretendo fazer é me entregar ao seu irmão.

— Não pode fazê-lo— murmurou. — Ele o matará.

— Sério? Disse que é um homem de honra. Acredita que mataria um homem que não só é seu primo por sangue, mas agora é seu irmão por nosso matrimônio? Mataria um homem que se rende?

— Não pode entregar-se a ele. Irei ao seu encontro. Quer que volte para casa....não conhece Rogan. Para ele a família é tudo.

Seu marido tomou o rosto entre as mãos e o aproximou do próprio: — E você é tudo para mim. Acredita que deixarei que parta? Acredita que permitirei que se vá, depois de ter lutado tanto para tê-la?

—Eu... eu não sei. Não sei o que pensar. Só sei que meu irmão o matará.

— Seu irmão encontrará algumas dificuldades para matar um Howard.— disse Tearle, e ante o olhar dela riu. — Esta é a mulher que conheço. Agora se vista ou seu irmão chegará e nos encontrará nus. Porei a túnica tecida de prata. Devido ao seu caráter, poderia pensar que um Howard com armadura desejaria lutar e hoje estou muito cansado depois da noite passada na cama com você para lutar com outro Peregrine.

— Não conseguirá vencer Rogan. O...

— Sim, sim, economize os detalhes relativos às glórias de Rogan. Se vista e prepare-se para receber o seu irmão com a graça digna de uma Howard.

Cada vez que recordava o fato de que era uma Howard seu coração pesava.

Percebeu quando ele abandonou o quarto e Margaret entrou para ajudá-la a se vestir.

Pouco depois Tearle veio para procurá-la, esplêndido em sua túnica...nunca parecera tão belo.

Vendo a expressão de seu olhar, sorriu: Pelo que parece está satisfeita comigo....— E pegando seu braço, perguntou:

— Vamos receber seu irmão?

Descendo as escadas ao seu lado, Zared percebeu que pela primeira vez pensou na casa, não em sua beleza, mas sim como algo que teria que defender. E defendê-la não era fácil...não havia fortificações contra os intrusos. Em parte estava construída de madeira e uma só flecha com fogo poderia incendiá-la. De repente o edifício já não lhe pareceu tão belo...mas sim inútil.

Parou no final da escala.

— Deixe-me agora e direi ao meu irmão que irei com ele com a condição de que não lhe faça mal.

Beijou-a na boca e disse em voz baixa:

— Não...embora esteja convencida que sou um covarde...não sou — Rodeou lhe a cintura com um braço e começaram a caminhar juntos. Tearle prosseguiu: — E embora esteja convencida que seu irmão seja um deus, não o é. É um homem como todos outros. Tente não parecer assustada. Seu irmão pensará que tenho o costume de espancá-la.

Sim, seria melhor que levantasse o queixo. Rogan a aterrorizava...não tinha que dar mais razões para a cólera.

Quando percebeu o que seu marido pretendia fazer, pensou que desmaiaria de medo. Pensava que Tearle e seus homens iriam se encontrar com o exército de seu irmão, mas avançou com ela só até a parte dianteira do castelo, até o jardim florido. Permaneceu assim, rodeando-a com um braço, sustentando-a enquanto o sol fazia brilhar a malha de suas roupas.

— Não pode comportar-se deste modo — disse frenética, ouvindo o rressonar dos cascos dos cavalos. — Rogan o pisoteará.

— Não acredito que seu irmão seja tão tolo. O rei faria justiça. Agora sorria. Honestamente esta contente em vê-lo?

Zared pensou que esse homem estava louco, absolutamente louco. Se tivesse força suficiente, o teria levado para um lugar seguro, mas só podia permanecer ao seu lado com o coração agitado, o corpo tremente, as mãos e os pés gelados pelo terror e ...olhar seu irmão que se aproximava.

Rogan cavalgava a frente de uns cem homens e se perguntou de onde vinham.

Reconheceu alguns, mas os outros eram desconhecidos. Tratou de endireitar as costas, mas estas pareciam de gelatina.

O grupo chegou à parte dianteira do edifício e os cavalos pisaram nos atalhos de pedra e nas flores. Não obstante a gravidade do momento, Zared não pôde deixar de zangar-se, pensando que para Rogan as flores não tinham nenhuma importância.

— Bom dia, irmão — disse Tearle em tom alegre. — Quer entrar e compartilhar conosco nossa comida?

Rogan montado em seu cavalo parecia mais forte e sério do que nunca. — Só vim por minha irmã — respondeu no tom de voz que sempre induziu a jovem à obediência.

Zared começou a empurrar Tearle para longe de si, mas ele a estreitou com mais força.

— Estaremos preparados dentro de pouco tempo — disse Tearle. — A bagagem está quase preparada. Mas enquanto isso entre e descanse. Ordenei que cozinhassem dois bezerros e logo estarão assados. E seus cavalos também deveriam comer.

Zared olhou seu irmão e compreendeu que ele também pensava que Tearle estava completamente louco. O homem ignorou o cunhado e ordenou a sua irmã: — Monte o cavalo e vamos.

Zared tentou obedecer, mas Tearle a deteve, o que fez Rogan desembainhar a espada. — Quer forçá-la a permanecer aqui? Matá-lo-ei imediatamente.

Neste ponto Tearle soltou sua esposa, colocando-a as suas costas e ao mesmo tempo extraindo a adaga de sua cintura. Zared se colocou entre os dois.

— Ele não me prende — disse falando em voz alta. — Nenhum homem pode me prender. Sou livre. Oh Rogan, não o mate. Segui-o por minha própria vontade. Não lhe faça mal.

Olhou primeiro para um e depois para o outro homem e nesse momento compreendeu que insultara ambos. Sabia que Rogan a considerava uma mulher de honra e pensava que teria seguido um Howard somente porque foi obrigada a fazê-lo. Agora já não a estimava porque tinha traído o antigo nome dos Peregrine...e havia insultado seu marido, afirmando que uma mulher devia lutar em seu lugar.

Quem deu o primeiro passo para fazer as pazes foi precisamente Tearle: — Não quero lutar com você. Agora somos parentes e desejo pôr ponto final à guerra entre nossas famílias. Tem que entrar em minha casa comigo...logo discutiremos o futuro.

Rogan fez uma careta: — Quantos homens tem escondido no interior da casa, Howard? Tem intenção de nos embebedar com vinho para poder nos capturar mais facilmente?

— Pode beber água, se quiser— replicou Tearle.

Ante estas palavras, os homens as suas costas protestaram.

— Não o atacará — disse Zared — Acredita na paz — Pronunciou essas palavras com voz incerta....como se pode pensar na paz olhando trezentos homens armados?

Tearle pôs uma mão em seu ombro. — Acredito que deva nos deixar. Seu irmão e eu devemos conversar.

Zared empalideceu: — Não posso deixá-los sozinhos.

Tearle olhou Rogan, imóvel sobre seu cavalo.

— Rogan pode me odiar, mas não é um tolo. Sabe que se me matar e a levar consigo, agora que é legalmente minha esposa, Oliver destruiria o que fica de sua família. Não é assim, irmão?

— Não sou seu irmão — balbuciou Rogan, mas olhou para Zared. — Vá então. Não o matarei, não agora. Vá preparar-se para voltar para casa conosco.

A jovem assentiu e olhou mais uma vez seu irmão e entrou na casa.

— E agora o que estão fazendo? — perguntou Zared a Margaret.

— Os homens comem, seu irmão está sentado à mesa em silêncio e escuta Tearle falar.

— Sim, sim, sei que é um bom orador. Poderia falar por muito tempo. — Rogan entretanto, ao falar com ela, sempre tinha sido capaz de virar qualquer coisa ao seu favor. — Rogan não se deixa enganar facilmente — disse. — Não estará de acordo com o que Tearle diz.

— Sim, Lady Howard — disse Margaret em voz baixa e Zared fez uma careta.

Sentou-se perto da janela e olhou a bela campina inglesa: — Rogan não permitirá que eu fique aqui — murmurou — Deverei voltar para casa com ele, deverei deixar esta bela casa e meu belo marido. Deverei voltar para um lugar onde só se fala de ódio e de guerra.

Quando Tearle voltou para a casa, o sol estava se pondo. Zared se levantou e perguntou — Quando partirei?

— Amanhã ao amanhecer — respondeu — Os homens ainda estão comendo. Não me assombra que seu irmão deseje possuir o título e as terras. Dar de comer a essa gente deve custar muito caro.

— Brinca sobre tudo o que para os Peregrine é uma questão de vida ou morte?

Sorriu: — Brinco sobre tudo. Ainda não percebeu? Estou convencido de que quem ri vive mais tempo. Diga-me, viu seu irmão rir frequentemente?

— Liana consegue fazê-lo sorrir —replicou ela com impaciência, virou-se e desviou o olhar. — Assim nos resta uma última noite.

Tearle se sentou na cama e começou a tirar as botas.

— Quando estivermos na casa de seu irmão não ousará dormir comigo?

Zared demorou uns instantes para compreender o que estava dizendo e aproximando-se dele disse: — Não pode vir conosco .

Sorriu com a mesma expressão brincalhona de sempre: — Você pode suportar essa casa...mas acredita que eu não serei capaz de fazê-lo. Isso significa que talvez seja mais forte que eu.

Zared caiu de joelhos diante dele: — Não brinque com estas coisas. Meu irmão o matará. Se não o fizer diretamente, haverá uma rocha que cairá, uma faca que escorregará, uma tocha que....

— Também pensei e falei isso com seu irmão. Se não temesse pela vida daqueles que ama, teria me matado esta manhã ou pelo menos tentar me matar lhe proporcionaria um grande prazer. Nunca vi tanto ódio em um homem.

— Ele o matara na primeira ocasião, não pode pensar em ir com ele impunemente a lugar nenhum.

Colocou uma mão em seu queixo: — Não sou frágil, obtuso ou crédulo como parece acreditar, nem seu irmão é forte como pensa. Quando era menino estava convencido que meu irmão Oliver era o mais forte, o mais valente...

— Oliver é gordo, fraco e ...— se interrompeu, sabendo onde seu marido queria chegar: — Não deve acreditar que eu veja meu irmão de forma

diferente do que é. Rogan não é gordo nem fraco.

Inclinou-se sobre ela: — Nem eu o sou.

Zared permaneceu no chão. Por que todo homem acreditava ser invencível?

— A que acordo chegou com meu irmão? - Perguntou-lhe com os olhos dilatados pela angústia. — De que o convenceu?

— Finalmente admite que posso convencer seu irmão a propósito de alguma coisa...

— Diga-me — suplicou.

— Aceitou o plano que planejei. Seguirei-a até sua casa. Seu irmão nunca acreditará que eu quero sua irmã por um motivo que não seja a guerra. Disse que a quero por você mesma, mas nem sequer isso o fez sorrir.

Zared fez uma careta. Claro, uma frase como essa não podia fazer Rogan sorrir.

— Por que quer deixar a comodidade desta casa para viver naquela tão desconfortável de meu irmão?

Tearle permaneceu em silêncio um bom momento e ela levantou os olhos para olhá-lo, e a ternura da expressão de seu marido fez com que a jovem desviasse o olhar.

Sabia que tomara essa decisão para permanecer ao seu lado. Porém Rogan era obstinado e nunca acreditaria em nenhuma das palavras que a irmã usasse para explicar que estava com um Howard porque o queria; Rogan continuaria a pensar que ela fora obrigada, e faria o impossível para levá-la dali. Ela devia ir espontaneamente com seu irmão.

— Não deve vir comigo — sussurrou — Talvez possa voltar para você... depois.

— Seu irmão é pior do que você o descreveu ... não escuta a razão. Sabe que lhe ofereci esta casa com a condição de que esta guerra entre nossas

famílias termine? Ofereci a metade das propriedades dos Howard após a morte de meu irmão.

— Recusou. Tudo o que os Howard têm pertence aos Peregrine.

Sorriu: — Mais do que as propriedades, ele queria você de volta — disse e como Zared o olhasse surpreendida assentiu: — É verdade. Disse-me que perdeu muitas pessoas queridas e que não suportaria perder outras. Não a trocaria por nenhuma riqueza do mundo.

Zared olhou ao longe para esconder o sorriso. O fato de saber que seu irmão a amava lhe dava tanto prazer. Olhou de novo seu marido: — Percebe então que devo segui-lo.

— Entendo perfeitamente, mas também sei que não a deixarei partir. Quem esquentará minha cama à noite se você for embora?

— Encontrará outras mulheres — replicou ela evitando olhá-lo. — Os homens sempre o fazem.

— Não poderei encontrar mulheres capazes de me seguir em cima das árvores, capazes de manejar uma espada. Nenhuma mulher é como você.

Zared escondeu o rosto entre as mãos: — Não pode vir comigo.

— Posso e o farei. Seu irmão, embora tenha a cabeça dura não poderá impedir. Viverei e permanecerei com você e sua família até que se convença que me casei por uma razão diferente da guerra que existe entre nós. — Calou-se por um momento e então prosseguiu: — Se a ouvisse gritar de noite pensará que a torturo... e teria medo por minha vida.

— Não grito de noite.

Sorriu: — Venha para cá e me dê um beijo. Amanhã seguiremos seu irmão até sua casa. Não pode ser tão desconfortável como diz.

— É pior do que a descrevi. Não suportará viver lá.

Acariciou-a afetuosamente: — Sou mais resistente do que crê e pensa... e mais, pensando bem, acredito que sou feito de aço.

— Oh Tearle, seu tolo — disse lhe rodeando o pescoço com os braços e começando a beijá-lo.

Capítulo Treze

Liana, a mulher de Rogan, recostou-se nas almofadas da cama e fechou os olhos como se estivesse se defendendo contra o sofrimento físico. Dois dias antes tinha dado à luz a um robusto varão de cabelos negros e durante o parto quase morreu.

— Como estão as coisas? — sussurrou a Joice, a mulher que estava limpando o quarto.

—Não houve nenhuma mudança— respondeu Joice em tom solene e olhando sua patroa, acrescentou: — Não pode continuar deste modo.

Liana assentiu com um sinal de cabeça. Desde que Zared voltara para casa acompanhada de seu marido Howard, tinha transcorrido um mês. Depois disso, no castelo dos Peregrine a atmosfera era cada vez mais tensa e o aborrecimento mais profundo.

Liana não conseguia fazer entrar a razão em seu marido, o ódio de Rogan permanecia intacto como antes, como sempre.

— É o marido de sua irmã agora, — havia dito, mas o homem continuava a ver em Tearle só o que queria ver, vale dizer, um inimigo.

Nas últimas quatro semanas Rogan tinha feito o impossível para destruir esse Howard. Ele o treinara com as armas até que os ombros do homem se dobrassem pelo cansaço. Tinham-no submetido a enormes fadigas, obrigando-o a lutar com seis cavalheiros simultaneamente.

Mas Howard suportou tudo e nunca se queixou. Liana o vira olhar para Rogan com expressão decidida, como se quisesse dizer que sobreviveria a qualquer maldade por parte dele.

Liana que estava por dar à luz, movia-se com dificuldade e tinha tido que contentar-se em permanecer sentada costurando ou bordando e observando o que acontecia e viu mais do que queria ver.

Quando chegou a notícia que Zared se casara com um Howard, no primeiro momento temeu que seu marido sucumbisse a uma crise de apoplexia. Alguns anos antes, quando Oliver Howard a raptou, Rogan reagiu desse mesmo modo: disseram que temeram por sua saúde mental.

Não obstante os protestos de Liana, Rogan decidiu reunir um exército e ir à casa dos Howard para procurar sua irmã .

— Provavelmente se casou com ele porque o amava — dissera Liana. — Talvez o tenha escolhido como eu escolhi você.

Rogan não a escutava e ela tinha pensado que esse encontro com os Howard poderia significar a morte de toda a família.

Havia passado muitas horas na capela, orando pela segurança de seu marido, convencida que lhe restariam poucos dias de vida. O exército dos Peregrine, em outro tempo muito poderoso, agora não poderia vencer o dos Howard. Rogan mandou chamar Severn e o obrigou a levar sua jovem esposa ao castelo de Bevan. Severn se enfureceu quando o irmão contou o engodo forjado por Tearle.

Para preparar a expedição foram necessários alguns dias e no último momento Rogan insistiu que o irmão mais novo permanecesse no castelo, certo de que Oliver Howard os atacaria.

Liana não estava preparada para ver como Rogan tinha voltado para casa... viu quando chegava ao castelo, cavalgando ao lado de um belo homem que vestia roupas que não via há alguns anos. E a seu lado cavalgava Zared, mas uma Zared muito diferente da moça que há poucas semanas partira para assistir o torneio dos Marshall.

Havia observado o grupo que desmontava dos cavalos e por um segundo esperou que um matrimônio entre um Peregrine e um Howard houvesse

realmente terminado com a guerra entre as duas famílias. Mas no rosto de seu marido não viu nem alegria e nem perdão, mas sim o ódio de sempre.

Zared, chamada por Liana, ao estar a sós com ela prostrou-se a seus pés, colocando a cabeça sobre o ventre inchado de sua cunhada. Esta pediu com doçura que contasse cada detalhe e Zared o fez. Havia contado do pacto feito com Tearle, sua promessa de casar-se com ele se conseguisse que Lady Anne se casasse com Severn.

— Não pensei que conseguiria! — exclamara.

Em suas palavras, não obstante a jovem deixar entrever ter sido enganada, Liana percebeu uma entonação que explicava muitas coisas.

— Fale-me de quando se encontrou a sós com ele — murmurou acariciando lhe os cabelos.

— Sua casa não tem defesas — replicou Zared...— Um punhado de homens poderia apropriar-se com facilidade...mas é muito bela...— e depois começou a descrever o castelo de Tearle, contando tudo o que tinha feito.

— E o Howard que a desposou... é um inimigo para você, como o é para Rogan?

Zared lutara para conter as lágrimas. — Não sei... não o compreendo. É tão doce, tão gentil. Acaricia-me, canta para mim, me dá presentes e lê para mim; há momentos que tenho a impressão que sem ele morreria, mas...

— Mas... o que?

— Mas não sei o que acontece em sua mente. Não sei se posso confiar nele. É diferente de todos os homens que conheci. Diz que não quer a guerra, mas e se não disser a verdade? O que aconteceria se, confiando nele, permito que me traia e traia a minha família? — Escondeu o rosto entre as mãos. — Como posso esquecer o rancor e o ódio só porque durante algumas semanas foi tão gentil comigo? Devo ser forte, não posso permitir

que meu amor por ele me converta em cega e me faça esquecer que é um Howard.

Depois disso a jovem começou a chorar e Liana pensou que sua cunhada estava confusa, mas ao mesmo tempo profundamente apaixonada pelo homem que havia desposado. E Zared continuou com voz angustiada:

— Começava a confiar nele, mas não sei por que se casou comigo. Alguns momentos acredito no que me disse, em outros só tenho acreditado que me assusta. Diz que deseja pôr fim à guerra, mas temo ter conduzido um inimigo a nossa casa. Se ele conquista nossa confiança, uma noite poderia abrir os portões ao exército de seu irmão e nos matar a todos durante o sono.

— Mas o que ganharia com isso?

Zared olhou a sua cunhada como se fosse uma louca: — Poderia adotar o título de duque e as terras. Não existiria nenhum Peregrine para declarar que essas terras e esse título não pertencem aos Howard.

A resposta de Zared assustou Liana que pensou ter preferido não ouvir falar nunca desse horrível Howard. Começou a temer pela vida de seus seres queridos: seu filho, o menino recém-nascido, seu marido...tinha começado a perguntar a Rogan o que pretendia fazer com seu cunhado, ficando atenta para que não o perdesse de vista.

Um dia levou seu filho ao pátio para que visse os cachorrinhos recém-nascidos de uma cadela. Howard passou a seu lado sorrindo para o menino de cabelos loiros avermelhados que levantava um dos cachorrinhos. Então, encontrando o olhar severo de Liana suspirou e se afastou.

A jovem também se preocupava com Severn. Este se comportava como se tudo o que aconteceu fosse sua culpa e tentava se justificar, sem conseguir. Nunca abandonava a parte de treinamentos e sofria muito pela falta de sua jovem esposa que deixou na relativa segurança do castelo de Bevan.

Rogan estava mais inquieto a cada dia temendo um iminente ataque, já não dormia.

Porém a mais atormentada era Zared, Liana tinha a impressão que enfraquecia a olhos vistos.

No começo da segunda semana, observando a cunhada e vendo-a tão angustiada não pôde deixar de perguntar:

— Ama-o, não é verdade?

Zared reagiu como se aquelas palavras fossem privadas de algum significado:

— Que importância tem o amor? É nosso inimigo.

— Mas não é seu inimigo, certo?

— Eu faço parte da família...devo pensar em toda minha família.

Liana não sabia o que dizer, mas às vezes era necessário confiar no próprio julgamento e não no dos outros. Falava por experiência porque alguns anos atrás, ao decidir casar-se com Rogan, tinha seguido seu próprio instinto. Haviam-lhe dito que era um homem incapaz de sentir amor, mas ela tinha razão porque soube entender que Rogan era sensível, embora o dissimulasse por anos.

O nascimento de seu segundo filho a fez sofrer por três longos dias e logo se viu obrigada a ficar de cama, mas continuava a acompanhar os acontecimentos o mais atentamente que podia.

— Zared — disse Tearle — Olhe-me.

Estavam deitados em sua cama e a jovem tentava ficar o mais longe possível dele, para não tocá-lo e para não ser tocada. Entretanto desejava ambas as coisas.

— Estou cansada — desculpou-se.

— Isso se vê, sempre está cansada — disse em tom severo. Calou-se por um momento e então continuou: — Não posso continuar esta luta sozinho.

Zared sabia ao que seu marido se referia, mas não sabia o que replicar. A vida no castelo se transformou em um inferno. Cada vez que seus irmãos estavam a sós com ela, mostravam os crânios de cavalos pendurados nas paredes. Anos antes, os Howard tinham assediado um castelo dos Peregrine e entre os ocupantes estava mãe de Zared; eles foram deixados para morrer de fome e antes de morrer tinham se alimentado de carne de cavalo: os crânios desses animais estavam cravados nas paredes como lembrança da crueldade dos Howard.

— Foi sua decisão vir para cá — disse finalmente.

— Não — replicou ele em voz baixa. — Não desejava vir a esta casa cheia de ódio. O que desejava e sempre desejei é que a mulher que amo correspondesse ao meu amor.

— Acreditava que queria pôr fim à guerra — disse Zared amargamente. Dias atrás assistiu as humilhações que seus irmãos infligiam ao seu marido. Eram coisas que teriam destruído qualquer homem, mas Tearle não dava sinais de ceder. — Que tipo de homem você é? — quase gritou. — Não sabe que todos zombam de você? Suporta tudo o que Rogan lhe faz sem sequer piscar. Todos apostam qual a próxima humilhação que deverá suportar. Aceitará esvaziar os baldes de imundície também?

Tearle a olhou e sua expressão era furiosa.

— Se me rebelasse, um de nós morreria. É isto o que quer? Uma luta? Gostaria de ver um de nós morrer? Isso a faria pensar finalmente que sou um verdadeiro homem como seu irmão? - Apoiou-se em um cotovelo: — Diga-me, Zared, é isto o que quer? É esta a prova que devo lhe oferecer? Não lhe parece ser suficiente que por causa de nosso matrimônio eu corra o risco de ser deserdado. O fato que a tenha cortejado não significa nada para você. O fato que eu, um Howard, tenha vindo à casa de seus irmãos, admitindo que este lugar de ódio seja uma casa, só e disposto a enfrentar seus parentes não significa nada para você. Nada do que eu faça parece ser suficiente para você, sempre quer mais. Segundo você, não teria condições de suportar o que seu irmão pretendia me fazer...suportei muito mais. Agora estou exausto e ferido. Estou cansado de ser odiado, estou cansado do modo como as pessoas daqui me olham — Desceu da cama e ficou

olhando-a: — Entretanto, valeria a pena sofrer tanto se pudesse fazer mudar de ideia apenas uma pessoa: você. Se pudesse convencê-la a me conceder a confiança que mereço, valeria a pena.

Interrompeu-se e passou a mão sobre os olhos: — Não lutarei contra os seus irmãos, não quero que entre nossas famílias corra mais sangue e ... pode dizer a sua cunhada que não costumo fazer mal aos meninos.

Vestiu-se depressa e saiu do quarto. Zared queria chamá-lo e dizer alguma coisa ... mas o que?

Podia por acaso dizer que todos os dias alguém procurava uma maneira de lhe recordar que seu marido era um Howard? Que quando o via perto de Rogan e de Severn sentia o impulso de correr para ele, de protegê-lo, de achar um modo para que os homens não zombassem dele?

Pior era não poder intervir no que seus irmãos decidiram lhe impor. Ela sempre foi uma Peregrine e ele um inimigo de sua família.

Nessa noite Tearle não voltou e ela não conseguiu dormir.

Três dias mais tarde reparou que Tearle e o filho mais velho de Rogan de três anos, haviam desaparecido.

Capítulo Quatorze

A primeira a perceber o desaparecimento do menino foi Liana. Por mais que tentasse educá-lo com maneiras civilizadas, era um Peregrine. Em seu terceiro aniversário recebeu de presente do seu pai uma espada de madeira e de seu tio um capacete de couro. Rogan o colocou com ele na sela de montar desde que tinha dois anos; crescera entre cavalos e os homens que treinavam o uso das armas. Sempre seguia o pai e imitava tanto ele como o seu tio no modo como seguravam a lança.

Não conhecia o medo; Liana havia suplicado ao seu marido que o vigiasse, que não permitisse que corresse tão livremente no pátio onde os homens ébrios ou exaustos pelo treino pudessem pisoteá-lo.

Mas Rogan havia dito que ela era somente uma mulher temerosa e que todos os Peregrine tinham crescido desse modo e que pretendia fazer de seu filho um verdadeiro homem e não uma meia mulherzinha.

Portanto quando Joice foi procurar o menino e não o encontrou em seu quarto, não se preocupou porque tinha que despertar a sua patroa e se ocupar do recém-nascido.

Tampouco Liana se preocupou com a ausência do pequeno porque ela também estava convencida de que ele estava com seu pai. Ele estava furioso pela manhã porque Howard havia desaparecido.

— Onde ele está? — tinha perguntado para a irmã aos gritos.

Zared imóvel na sela não respondeu, havia feito essa pergunta pelo menos uma centena de vezes. Não sabia onde Tearle estava. Passou a noite com ela, levantou-se muito cedo, deixou o quarto e ela não o seguiu.

Não disse ao seu furioso irmão que haviam brigado pelo mesmo motivo de sempre: Tearle reprovava pela milésima vez a falta de confiança dela, confiança que ele merecia.

Tentou explicar que, ainda que não sentisse confiança, sentia-se dividida entre ele e seus irmãos. Em vez de acalmá-lo, essas palavras o encolerizaram ainda mais.

— Assim como seu irmão não aceita somente a metade do que pertence aos Howard, eu não aceitarei somente a metade do que me pertence — Tinha saído do quarto e depois disso não mais o viu.

Severn disse que Howard não suportava o estilo de vida dos Peregrine, mas Rogan rebateu que provavelmente ele teria ido até o seu irmão para falar de suas vulneráveis defesas.

— Basta, vocês dois! — gritou Zared. — Suportou todas suas humilhações, fez tudo o que pediam que fizessem sem nunca dar-se por vencido. E poderia suportar ainda mais...

— Então onde ele está neste momento?

Zared não sabia o que responder. Tearle já tivera o suficiente do ódio dos Peregrine e partira?

Abandonara-a sem lhe dizer uma palavra? Ele realmente teria ido até seu irmão? A guerra então era iminente? E sua família seria destruída por causa do que ela havia feito?

Começava a pensar que não poderia suportar mais esta angústia quando sua cunhada percebeu a ausência de seu filho.

— Howard raptou o meu filho...— murmurou a Rogan.

Zared não estava certa de ter entendido bem e por sua vez sussurrou: — Não! — e depois gritou com força: — Não! Nunca faria uma coisa assim.

Rogan a olhou enfurecido, exatamente como teria olhado para um Howard.

A jovem se sentou enquanto seus irmãos, seguidos por seus homens, foram em busca do menino.

Liana sugeriu a hipótese de que o pequeno tivesse seguido um dos camponeses a aldeia. Procuraram-no por muito tempo sem encontrá-lo e nem encontraram rastro de Howard.... parecia que ambos haviam sido tragados pela terra.

Ao entardecer Rogan estava preparado para atacar os Howard, mas Liana e Zared suplicaram que esperasse, era possível que o desaparecimento do menino não tivesse nada a ver com o de Tearle.

Inclusive dragaram o lago sem encontrar o pequeno e Liana gritou de alívio. Zared ao lado da janela olhava o horizonte com a esperança de ver aparecer o seu marido.

Talvez ele tenha decidido afastar-se por um dia do castelo dos Peregrine para descansar ao sol e repousar admirando as flores. Não podia dizer nada parecido aos seus irmãos que não concebiam que um homem pudesse amar as flores.

Ao pôr do sol, os homens armados de tochas penetraram nos bosques dos arredores para prosseguir com a busca. Encontraram um caçador que lhes disse ter visto um homem alto e moreno cavalgar. Na sela, atrás dele, havia um menino com os cabelos loiro-avermelhados.

Rogan e Severn o interrogaram longamente e chegaram à conclusão que esse homem e o menino deviam ser Tearle e o pequeno Peregrine.

Os homens voltaram ao castelo decididos a declarar a guerra aos Howard.

—Não acredito — disse Zared— Não pode ter raptado o menino...nunca o faria.

Rogan começou a gritar furioso com ela, dizendo que todas essas desgraças haviam acontecido por causa dela, por seu desejo por aquele homem e que agora a família Peregrine seria destruída.

— Se por acaso levar em seu seio um filho desse homem, matá-lo-ei logo que nasça! — gritou.

Zared não pode reagir ante a raiva de seu irmão e teve que admitir a sua lógica. O

caçador havia descrito o cavaleiro que encontrou: a cor da roupa correspondia a dele, assim como o brasão do punho de sua espada.

Zared queria confiar em seu marido, dizer que o cavaleiro se equivocara, mas não conseguia encontrar uma explicação. Tearle tinha sido visto cavalgando com o filho de Rogan em sua própria sela, em direção ao castelo dos Howard. O caçador também havia dito que três cavaleiros o seguiam.

Na manhã seguinte Rogan e Severn se afastaram a cavalo com uma centena de homens. Zared pediu para segui-los, porém seu irmão mais velho se limitou a lançar lhe um olhar de fogo...já sabia que ele a considerava uma inimiga.

— As mulheres esperam enquanto os homens vão morrer — havia murmurado Liana olhando o grupo que se afastava. Mas Zared era incapaz de esperar sem fazer nada.

Por horas não deixou de percorrer os terraços, observando o horizonte.

Por dois dias perdeu a fé em seu marido, dizendo a si mesma que não era possível que a tivesse traído e também a sua família. Continuou a repetir que Tearle não podia ter raptado o menino, tentou recordar os doces momentos passados com ele e o que sempre havia dito a propósito de seu desejo de pôr fim à guerra entre os Peregrine e os Howard.

Por volta da metade do terceiro dia Rogan enviou uma mensagem a sua família e com ele chegou um homem que declarou ter visto quatro homens que levavam um menino em direção à propriedade dos Howard; e que reconheceu Tearle como sendo um deles.

Neste ponto Zared deixou de ter fé em seu marido.

Permaneceu silenciosa mas os pensamentos se amontoavam na mente e não conseguiu enganar a sua cunhada que quando a viu sair da casa, seguiu-a e descobriu que colocava a armadura que seus irmãos lhe deram.

— Não vá atrás deles — disse.

— Foi eu quem o trouxe para cá e serei eu quem o encontrarei. Eu o encontrarei e o matarei. Receber-me-á com alegria e uma vez a seu lado, eu o matarei.

Estava decidida e não permitiria que ninguém a detivesse.

Porém Liana chamou três homens e ordenou que impedissem sua cunhada de sair e que a mantivessem sobre estrita vigilância, e a jovem nada pode fazer a não ser se resignar.

Dois dias depois foi anunciado que seus irmãos estavam retornando.

Zared desceu as escadas correndo e viu seu marido cavalgar junto a Rogan e Severn.

Tinha a cabeça inclinada, as mãos amarradas nas costas.

Observou-os enquanto se aproximavam e percebeu que Tearle tinha sido golpeado.

Por um momento, só por um momento, sentiu que a dor a invadia recordando suas mãos, lembrando-se do seu sorriso. Porém se obrigou a lembrar do modo como havia traído os Peregrine.

Desceu a escada e quando chegou, ele estava no pátio com Liana em suas costas; quando viu o rosto machucado de Tearle abriu a boca, espantada.

Os olhos de Zared se encheram de lágrimas, mas corajosamente se dominou e não permitiu que corressem pela face. Perguntou-se por que Rogan não matou o culpado, e compreendeu que o trouxera para o castelo para uma execução pública, a qual ela teria que assistir.

Viu que o faziam desmontar do cavalo, viu que caía e que se levantava com dificuldade por estar com suas mãos amarradas. Quando um dos homens fez um gesto para ajudá-lo, rechaçou a ajuda com um olhar de desprezo. Zared estava parada a três passos dele que lutava para endireitar as costas e ao fazê-lo a viu. Seu rosto era quase irreconhecível e a jovem se sobressaltou mas sustentou o olhar. Não permitiria que sua debilidade feminina a traísse novamente. Levantou-se e lançou-lhe um olhar que dizia que não esperasse nada dela, que houve um tempo o amara, mas que agora não mais o amava.

O homem a olhou a sua vez longamente e logo começou a subir os degraus, tropeçando em cada um.

—Venha conosco — disse Rogan. — Tem que escutar a sentença.

Zared recuperou o controle de si mesma para olhar ao redor. Atrás de Tearle viu alguns homens de Rogan, seguidos por ele e por Liana que estreitava seu filho no peito, e outros homens Peregrine.

— Onde ... onde ele estava? — perguntou Zared.

— Nós o capturamos antes que pudesse alcançar as terras que os Howard nos roubaram. Estava sozinho com o menino — Dizendo isto, também começou a subir a escada e a jovem o seguiu.

A cena que viu era pior do que esperava, Tearle quase incapaz de permanecer em pé, com a roupa feita em trapos e manchada de sangue, estava rodeado pelos homens de Rogan. Liana com o menino dormindo em seus braços, sentava-se ao lado de seu marido e em seu rosto havia uma evidente expressão de alívio.

— O que tem a dizer em seu favor, Howard? — perguntou Rogan em tom furioso.

Tearle levantou a cabeça e mirando fixamente o seu cunhado conseguiu responder:

— Já disse tudo. Não falarei mais.

— Peguem e matem-no — ordenou Rogan.

Neste ponto Liana protestou, não pelo desejo de proteger Tearle, mas sim pelo temor de uma vingança por parte dos Howard: — Não podem fazer algo assim; seu irmão é um duque...— Nesse momento o menino despertou e começou a chutar e Liana se inclinou para sentá-lo no chão e endireitando-se, disse a seu marido: — Tem que enviá-lo a Londres, será julgado pelo rei.

Rogan olhou o prisioneiro com desprezo: — O rei não fará justiça. Este homem afirma não ter raptado o menino, mas sim de havê-lo salvo. O rei acreditará em um Howard, porque os Howard são ricos e podem comprar até um rei.

— Não raptou o menino? Que significa isso?

— Não sei — replicou Rogan — este homem tem tal lábia...

Ante um só pensamento de que Tearle não tivesse raptado o filho de Rogan, o coração de Zared começou a pulsar tumultuosamente, mas ela

permaneceu imóvel.

Houve um momento em que acreditara, mas agora nunca mais o faria. Permaneceu em silêncio, rígida, percebendo que o prisioneiro tinha dificuldade para manter-se de pé.

Desde o momento que abandonara o pátio, não a olhara nenhuma só vez.

— Rogan — disse Liana — quero escutar o que este homem tem para dizer.

— Não — replicou seu marido.— Eu não quero escutar outras mentiras....

— Então se virou para seus homens dizendo: — Levem-no para baixo.

Zared viu que os homens colocavam suas mãos nos ombros de Tearle e nesse momento o filho de Rogan se levantou e começou a segui-los. Só Liana percebeu e gritou de terror ante a ideia que de novo estivesse em perigo. Na realidade ao se virar, um dos homens esteve a ponto de golpear o pequeno na cabeça com o forte punho, por engano.

Tearle se moveu para evitar que acontecesse o pior. Recebeu o golpe e caiu. Por um segundo o silêncio foi total. Tearle jazia em terra e seu corpo protegia o do menino.

Liana se precipitou para levantá-lo, mas o pequeno rodeou com seus bracinhos o pescoço de Tearle, apertando-se contra ele.

Zared incapaz de mover-se, olhava a cena com os olhos dilatados. Tearle girou lentamente sobre si mesmo e tomou o menino entre seus braços. Então levantou a cabeça e olhou para Liana que tremia, sabendo que sem a intervenção de Tearle o punho do homem certamente teria matado seu filho.

— Nos últimos dias ficamos amigos.— Conseguiu dizer Tearle, com evidente esforço.

Rogan se aproximou do homem e do menino, porém sua mulher levantou uma mão e o deteve, perguntando a Tearle em um sussurro: — O que aconteceu?

Os presentes perceberam que Tearle falava com dificuldade e que o peso do menino sobre seu tórax lhe causava um grande sofrimento. Com grande esforço se moveu para se separar do menino, mas este começou a mover-se para rechaçar os braços da mãe.

— Não podia dormir....— Tearle começou a dizer com uma voz apenas compreensível. — Desci...o pequeno estava ali. Por um momento brincamos juntos...então adormeci. Quando despertei, o menino tinha desaparecido...a grade estava aberta....

O filho de Rogan continuava a agitar-se entre seus braços, levantou-o com doçura e o deu à mãe e depois de ter respirado profundamente prosseguiu: — Me aproximei da grade e vi que o menino se dirigia para o bosque.....os homens de meu irmão espiam constantemente este lugar...

— Isso nós sabemos! — gritou Rogan. — Não quero escutar mais.

Liana se interpôs entre o marido e o prisioneiro: ela não podia fazer menos do que escutar um homem que protegera seu filho e perguntou: — E o que você fez?

—Selei meu cavalo e segui o menino — prosseguiu Tearle olhando o menino com afeto....— Os homens de meu irmão o capturaram como eu temia.

— Não quero escutar mais mentiras. — disse Rogan. — Este homem é mais perigoso que uma serpente.

Liana disse a seu marido: — Acredita então que seu filho é tão tolo de não reconhecer um inimigo? Estava assim tranquilo quando estava com esses homens?

— Não, não o estava —admitiu Severn. — Lembra-se, Rogan? Quando um deles chegava perto, ele gritava.

— Não, não me lembro de nada—rebateu Rogan, mas não se dirigiu a Tearle.

Este olhou de novo ao menino: — Os homens de meu irmão são bárbaros — disse. — Eles o matariam pelo prazer de matar e não podia permitir.

Zared não havia falado, mas nesse momento percebeu que seu marido estava dizendo a verdade: tinha seguido o menino e ficou com ele para protegê-lo.

— É sincero. — sussurrou ao irmão e sentiu sobre ela o olhar de Tearle.

— Um Howard não sabe o que é a sinceridade— balbuciou Rogan.

— Mas ele sabe— respondeu a jovem apertando a mandíbula. — Não raptou seu filho— Olhou seu irmão e continuou: — Onde encontrou meu marido?

Como Rogan não respondia, compreendeu que Tearle era sincero e de repente se sentiu aliviada como nunca se sentira em sua vida — Onde o encontrou?— repetiu quase gritando.

— Estava voltando — respondeu Severn.

— Retornando? Quer dizer que estava voltando para cá? Tinha consigo o menino e estava voltando? Mas ... e os outros homens dos Howard?

Parecia que Rogan não queria responder, porque olhou para Severn.

— Estavam seguindo-o — disse em voz baixa.

Neste ponto tanto Zared como Liana começaram a reprovar e admoestar ambos os irmãos Peregrine:

— Estava fugindo dos homens de Howard? Golpearam o homem que estava salvando seu filho? - Gritou Liana.

A mulher se aproximou de seu marido e o olhou: — Seu ódio é tão profundo que o faz cego? Por semanas infligi a este homem as piores humilhações que suportou com valor e deduzi que não era o monstro que me havia descrito. Olhe o seu filho: tem melhor senso do que você, porque sabe distinguir um amigo de um inimigo.

Inclinou-se para Tearle e disse: — É um Howard, mas deu fé que é um amigo e eu lhe agradeço por ter salvado meu filho— Beijou o prisioneiro na face, tomou seu filho em braços e depois de levantar-se acrescentou: - Este homem deve ser tratado com todo o respeito e cuidados de que somos capazes de oferecer.

Tearle rechaçou as mãos que se estendiam para ajudá-lo a levantar-se ... eram mãos que pouco antes tinham tentado matá-lo. Levantou-se com dificuldade e disse:

— Não ficarei aqui nem mais um segundo. Voltarei para minha casa.

Liana o olhou e assentiu. Sentia-se culpada por tê-lo tratado com desprezo no transcurso das últimas semanas e compreendia seu desejo de não ver mais nenhum Peregrine em sua vida.

Zared se aproximou de seu marido e lançou um olhar desafiante ao seu irmão, dizendo: — Vou com ele.

Mas antes que Rogan pudesse responder, Tearle virou-se e replicou: — Não.

— Mas... quero ir com você— disse Zared. — Quero segui-lo onde quer que vá.

O rosto inchado dele tomou uma expressão fria e dura: — Não, não a quero.

A jovem sentiu que gelava: — Mas... tenho fé em você. Sei que não é um inimigo.

A expressão do homem não se adoçou: — Não acreditou em mim. Vi ódio em seus olhos. Pensou que eu era culpado, exatamente como seus irmãos.— Desviou o olhar e se dirigiu a Liana: — Posso ter meu cavalo? Quero ir em seguida.

Liana abriu os olhos: — Não está em condições de cavalgar. Está ferido e não dispõe de nenhuma escolta.

—Irei imediatamente — insistiu Tearle, sempre falando com dificuldade.

Todos abriram espaço, ninguém tentou persuadi-lo a permanecer no castelo dos Peregrine. Até Zared se afastou para o lado enquanto ele saía da casa e de sua vida.

Olhou-o se afastar e quis segui-lo, mas seu orgulho a reteve. Se ele não a queria, bem nem ela o queria.

— Siga-o—disse Liana. Porém a jovem balançou a cabeça e se dirigiu para seu próprio quarto, procurando caminhar ereta, negando-se a pensar. Se pensasse não poderia deixar de recordar todos os detalhes amáveis de Tearle para com ela. Havia sido tão bom com ela. Desde o começo...a protegera do cavalo descontrolado, e agora estava certa que salvara a vida do filho de Rogan.

E no entanto havia duvidado dele, sem escutar Liana que a aconselhara a seguir seu próprio impulso, porque foi influenciada por gerações de ódio e julgou Tearle não pelo que via, mas sim pelo que contaram dele. Ela não estava obcecada pelo ódio como Rogan ou Severn e Tearle era diferente de Oliver.

Por um momento parou com a sensação que no ar havia algo de diferente. Virou-se lentamente e viu que a porta do que eles chamavam de “a habitação dos fantasmas” estava aberta. Antes sempre ficava fechada, ela nunca havia entrado nesse lugar. Inclusive antes do matrimônio de Rogan nunca o havia usado, porque todos tinham medo: segundo a lenda, essa porta seria aberta no caso de se necessitar que a dama que ali estava presa... Zared olhou ao redor: estava sozinha...se a porta estava aberta, devia ter sido aberta para ela.

Deu um passo nessa direção, mas teve a impressão que seus pés eram de pedra.

Podia levantá-los com muita dificuldade. Fez um esforço e continuou a caminhar, segurando a respiração. O que veria nesse local? Monstros, fantasmas?

Quando entrou, tremia e estava pálida. Esteve a ponto de gritar de terror e fugir, mas voltou a respirar normalmente. O lugar, além de algumas selas

cobertas de belas almofadas, um tear com uma tapeçaria inacabada e tapetes no piso, estava vazia. Apesar de permanecer fechada por tanto tempo, tinha um aspecto limpo como se estivesse habitada. Mas Zared não viu ninguém.

Aproximou-se do tear, tocou o desenho que representava uma dama e um unicórnio e nesse momento uma folha de papel voou pelo ar.

Suas mãos gelaram e permaneceu imóvel contendo a respiração, tremendo enquanto olhava a folha de papel. Estava aterrorizada ante a ideia de se virar, aterrorizada com o que iria ver. A suas costas encontraria um fantasma?

Antes que pudesse se mover transcorreram alguns minutos.

Na sala reinava o silêncio e de fora também não provinha nenhum ruído, embora a porta estivesse totalmente aberta.

Recorrendo a toda coragem que era capaz, se virou de repente.

Não havia ninguém. A sala que deveria estar poeirenta não hospedava uma alma viva. Olhou a folha de papel caída no chão e com as pernas tremulas se inclinou e a recolheu.

Não tivera suficientes lições de Tearle para conseguir decifrar completamente a mensagem, mas não precisava saber ler para saber o conteúdo. Sabia exatamente o número de palavras, eram as mesmas que estavam escritas sobre a lareira biblioteca de Rogan. Conhecia-as de memória, como todos os Peregrine as conheciam.

Quando o vermelho e o branco ficarem negro

Quando o negro e o ouro se unirem

Quando o único e o vermelho se unirem

Saberão

Era um enigma cuja fórmula era conhecida por sua família há muitos séculos, e provinha desde muito antes que a guerra entre os Howard e os

Peregrine comesse.

Desde menina Zared tinha transcorrido noites inteiras tentando compreender o significado. Às vezes tinha pensado que se conseguisse, poderia salvar seus irmãos da morte. Mas havia desistido, vira seus irmãos morrerem, seu pai e sua mãe. Em alguns momentos de sua vida havia sentido uma irrefreável necessidade de decifrar essas palavras, acreditando que a tarefa de salvar a sua família pertencia a ela.

Saiu do aposento com o papel em suas mãos e ouviu a suas costas o ruído da porta que se fechava. Recusando-se a pensar em outra coisa, murmurou para si mesma que devia ter sido o vento e percorreu o corredor o mais de pressa que pode.

Talvez, se pudesse resolver o enigma, entendesse o que a vida reservara para ela e possivelmente pudesse encontrar o amor de seu marido novamente.

Capítulo Quinze

Tearle, mordendo uma maçã, observou os homens de seu irmão que estavam treinando. Pensou que talvez devesse acreditar que esses homens eram dele, pois seu irmão estava muito doente. Sabia que devia estar triste, mas não podia; compreendia que Oliver estava morrendo.... de ódio.

Até em seu leito de morte falava somente de seu ódio pelos Peregrine.

— Procurarão nos tirar o que nós conseguimos com tanto esforço.— Murmurava dia e noite. — Deve tentar mantê-los longe do que nos pertence, saberão que não estarei aqui para defender nossos bens.

Tearle não respondia ao seu irmão. Parecia que todos o consideravam um fraco. Até Oliver pensava que não tinha força suficiente para defender as terras dos Howard. Os Peregrine pensavam que não era forte... até sua esposa.

Tentou se concentrar em outros pensamentos. Deixou de pensar nela. De fato, nos três meses sucessivos a sua volta do castelo dos Peregrine tinha feito todo o possível para não pensar na mulher que tão bobamente tinha feito sua esposa. Por semanas permaneceu na cama, ardendo de febre, lutando contra as feridas e os golpes que os Peregrine lhe fizeram quando o julgaram sem um processo.

Esse dia, três meses atrás, depois dos golpes e ao fazer a longa e dolorosa cavalgada para casa, teve constantemente diante de si a imagem dela. Pensou que se enfureceria com seus irmãos pelo que lhe haviam feito. Mesmo sabendo que às vezes não o compreendia, iludiu-se que o conhecia bastante para não acreditar que teria sido capaz de raptar um menino. Entretanto quando desmontou do cavalo e a olhou nos olhos compreendeu que pensava o pior que pudesse pensar dele, e acreditava que havia cometido o delito de qual era acusado.

Inclusive depois de ter vivido com ele, acreditou que seria capaz de um ato tão malvado. Acreditava que se casou com ela para continuar a guerra entre suas famílias.

Olhando-a nos olhos, Tearle compreendeu que nela o ódio era mais forte do que qualquer sentimento que pudesse sentir por ele.

Por um momento, dolorido no físico e na alma, não deu importância ao que os Peregrine lhe faziam. Somente o instinto o levou a salvar o menino quando esteve a ponto de ser golpeado na cabeça. Essa ação lhe provocou um enorme sofrimento físico, mas definitivamente tinha salvado sua vida....e nesse momento seu rancor pelos Peregrine se igualou ao que eles sentiam pelos Howard.

Havia respondido as perguntas de Liana, porque pela primeira vez um Peregrine não se dirigia a ele com expressões de ódio e tinha visto a determinação que a levou a interpor-se entre ele e seu marido.

Zared se dirigiu a ele somente mais tarde, depois que sua inocência foi comprovada.

Havia declarado que partiria com ele depois de ter tido a prova que não era o monstro que acreditava. Mas não a quis ao seu lado porque ela não acreditou em sua inocência sem as provas, não acreditou quando dizia que a amava. Acreditara somente em seus irmãos e seu ódio, esse ódio que para ela era mais importante que o amor.

Havia conseguido montar em seu cavalo e permanecer na sela até que chegou ao acampamento dos homens de Howard que o levaram para casa em uma maca, sem sentidos. Mais tarde Oliver e sua esposa Jeanne curaram sua febre e sua raiva.

Agora estava quase são, necessitava do sol, do ar e de boa comida para recuperar o peso perdido nos três meses que passou na cama. Jeanne dizia que em poucas semanas se recuperaria totalmente, mas sabia que nunca se recuperaria de tudo o que lhe havia acontecido. Casando-se com aquela “mulherzinha” Peregrine havia sido ingênuo; acreditou que o amor podia vencer o ódio, mas equivocou-se e o ódio superou o amor.

Estava apoiado no muro do jardim aproveitando o sol ainda fraco, quando notou em um dos homens de seu irmão algo insólito. Sim, no modo como segurava a espada havia algo familiar. O moço não era robusto, mas sim muito ágil, o que lhe permitia evitar com facilidade as estocadas.

Tearle se levantou de um salto: esse não era um moço, era sua esposa!

Seu primeiro impulso foi correr para ela e jogá-la no campo de treinamento, mas imediatamente pensou que os homens dariam conta que entre eles havia uma Peregrine e a teriam matado sem esperar o consentimento de Oliver.

Apoiou-se no muro e começou a pensar. Como Zared havia feito para introduzir-se no castelo de seus inimigos? Como pode esconder seu sexo? Certamente vivia com os homens, certamente dormia com eles.

Outra vez ficou tentado a se aproximar dela. Porém decidiu deixá-la onde estava. Ao diabo com ela e toda sua família, pensou e continuou a observá-la enquanto lutava com seu adversário.

Quando este conseguiu desarmá-la pensou em intervir, mas se obrigou a não se mover. Olhou com desgosto a maça que tinha na mão: a esmigalhara.

Observou Zared que se inclinava para recolher a espada e viu que enquanto fazia isso, sorria. Sabia desde o começo que a reconheceria, que estava observando-a, percebia que sua presença o perturbava.

Tearle olhou para outro lado, não permitiria que percebesse que estava preocupado com sua segurança. Não queria nunca mais se interessar por ela, nem por nenhum Peregrine.

Mas quando se virou viu que Zared havia caído no chão e que seu adversário apontava a espada contra sua garganta com uma expressão de triunfo. Levantou-se de um salto e aproximando-se dos dois deu um empurrão no vencedor que o fez rodar pelo pasto.

Zared ainda no chão, sorriu-lhe: — Melhorou— disse em voz baixa.

— Não graças à ajuda de sua família— replicou ele olhando-a nos olhos e tentando reencontrar a cólera e o rancor que o invadiu ao deixar o castelo dos Peregrine. Mas só conseguiu pensar que belo era o seu rosto e notou que tinha um arranhão na bochecha.

— Vim para ficar com você...eu...tenho sentido muito sua falta. Não ... eu não gosto de estar sem você.

Tearle abriu a boca para dizer que também tinha sentido falta dela. O som de suas risadas, as horas que havia passado com ela ensinando-lhe tantas coisas do mundo. Sentia falta de seu entusiasmo e sua espontaneidade. Havia desejado sua presença quando estava doente. Jeanne tinha sido uma boa enfermeira, mas Oliver apagou toda alegria nela. Sua convalescença havia sido muito triste.

— Não lembrei de você nenhuma só vez— replicou altivo.

Sorriu e pela enésima vez Tearle se perguntou como ninguém percebia que era uma mulher. Era tão feminina.

Zared começou a se levantar, mas ele colocou um pé em seu ventre, embora ligeiramente.

— Poderia dizer aos homens quem é a matariam— disse em voz baixa.

Ela pôs a mão no seu tornozelo, perguntando: — Cócegas nos pés sempre o fazem rir?

— Não - respondeu sério, sem tirar o pé. — Tem que ir. Não a quero aqui, não a quero.

— Mas eu o quero. Fui infeliz nos últimos meses.

— Não reagiu de maneira nenhuma quando fui embora. Acreditou que raptei o menino, que seria capaz de lhe fazer mal.

—Estão nos olhando — murmurou ela, mas Tearle não permitiu que se levantasse e então ficou onde estava pondo uma mão debaixo da cabeça.

Suspirou e disse: — Sim, pensei que podia ser culpado. Pode me censurar? Afinal, afastou-se com o menino. Como podia saber que não lhe causaria nenhum mal?

— Viveu comigo, deveria saber.

— Como se pode saber o que há no coração de um homem?

— Teria que saber, teria que...

— Você deveria ter me levado consigo quando se foi. Você deveria saber o que há em meu coração agora— gritou.

Neste momento Tearle se virou e olhou para trás. Todos os presentes no campo de treinamento os estavam observando consternados, e o homem teve a certeza que dentro de poucos minutos alguém iria dizer ao seu irmão que estava acontecendo algo insólito.

— Venha comigo— disse depressa a Zared, levantando o pé do ventre dela.

A jovem se levantou, limpou o pó e replicou com tom provocador: — Com muito prazer.

Ao precedê-la para dentro do edifício principal, fingiu ignorá-la e pôde descobrir o olhar estupefato dela ante a vista das riquezas do castelo dos Howard.

Na propriedade dos Marshall tinha admirado muitas coisas belas, mas nenhuma se comparava ao que agora via. Todas as paredes estavam cobertas de esplêndidas tapeçarias; onde pusesse os olhos via brilhar objetos de ouro e prata, e os pisos estavam cobertos de grossos tapetes.

Finalmente chegaram ao quarto dele, fechando a porta.

— Agora me diga o que faz neste lugar. Seus irmãos a enviaram para me persuadir a lhes ceder a propriedade? Souberam que meu irmão está moribundo? Souberam...

Parou porque Zared tinha começado a tirar a roupa. Poderia falar, dizer que tinha vindo espontaneamente, que para obter sua liberdade discutira asperamente com Rogan, mas sabia que com Tearle não conseguiria algo melhor. Com sua dialética sempre conseguia convencê-la a fazer o que ele queria. A única coisa que podia fazer era impedi-lo de falar.

Tearle a olhou enquanto a roupa dela caía no chão. Desde que voltou para casa não tinha estado com nenhuma mulher. Quando o desejo chegou, escolheu uma das moças para levá-la à cama consigo. Essa moça lhe dera algumas horas agradáveis, mas sabia que concordara em lhe fazer companhia só pelas moedas de ouro que receberia em troca. E não pode deixar de lembrar de Zared que não esteve com ele por dinheiro. Esteve com ele somente por amá-lo. Veio quando percebeu que ele não era um inimigo.

— Não... — murmurou.

Zared tirou a última peça de lingerie. Olhou seu marido e se jogou em seus braços.

Tearle a estreitou e começou a beijá-la com paixão e pouco a pouco se amaram, arrastados pelo desejo, com todo o ardor de seus corpos jovens. Quando tudo terminou, Zared semideitada sobre um baú de madeira apoiado na parede, sentiu que Tearle a levantava e a levava para a cama enquanto dizia: — Matou-me...

Permaneceu imóvel por alguns minutos com os olhos fechados, feliz e assustada ao mesmo tempo. Encontrava-se no castelo dos Howard há quatro dias, durante os quais tinha visto e seguido seu marido, mas ele só percebera nesse dia e estava atormentada pela ideia de que não a amasse mais. Mas quando seus olhares se cruzaram compreendeu que esse homem ainda era dela.

Levantou a cabeça e beijou-o no queixo perguntando:

— Perdoa-me?

— Não — Seus lábios diziam não, mas não cessava de acariciá-la e em seus olhos havia amor.

— Então terei que reconquistá-lo. Quando estiver completamente são, pensarei em algo novo para experimentar no seu corpo.

— Verdade? — ele perguntou, interessado. Tomou-lhe a cabeça entre as mãos e prosseguiu: — O que está fazendo nesta cama? Acaso seu irmão espera a pouca distância daqui para que abra os portões de minha propriedade?

—Pode permanecer acordado toda a noite e me vigiar — respondeu-lhe aconchegando-se contra seu tórax.

Estreitou-a contra si com força. — Você é minha perdição. Queria não tê-la visto nunca entre os homens de meu irmão....teria sido muito melhor.

— Estou certa de que não pensa dessa maneira— murmurou Zared. — Não vim aqui para enganá-lo, mas sim para amá-lo. Teria vindo antes, mas Liana pediu que não o fizesse. Havia conseguido não sei como, notícias sua. Eu... — Calou-se, vacilante.

— Não pensou que eu mandava mensagens a você?

— Não. Acredito que tenha sido a esposa de seu irmão que a fazia saber que você estava se recuperando. Quando sua situação estava grave, Liana e eu passamos muitas horas na capela rezando por sua melhora, e Anne Marshall veio ao castelo e rezou conosco.

Tearle assentiu pensando que essas preces deviam tê-lo ajudado, mas disse:

— Entretanto, estou certo que seus irmãos não rezaram por um Howard.

—Equivoca-se — replicou Zared. — Rogan mudou. Não estou muito certa, mas está diferente. O risco de perder seu filho e de estar a ponto de matar o homem que o salvara deve tê-lo afetado profundamente. Talvez as coisas que Liana venha lhe dizendo há muitos anos tenha finalmente um significado para ele. Não acredito que queira criar filhos para mandá-los ao matadouro. Acredito que quer vê-los chegar à fase adulta e gerar por sua vez, seus próprios filhos.

— Em quais terras?

— Não sei. Liana diz que graças ao seu dote e ao de Anne, poderiam aumentar o castelo de Moray e adquirir outras terras. Acredito que Rogan está pensando sobre esta possibilidade.

Tearle pensou que esse modo de pensar, da parte de um homem que sempre se alimentou de ódio como Rogan, parecia pouco mais que revolucionário.

— O que o seu irmão fará quando já não se alimentar de ódio?

— Você só conhece o pior lado de meu irmão. Na intimidade é um homem bom e generoso...e agora não deseja a morte de mais ninguém. Foi duro com você porque acreditava que queria fazer mal a sua família. Se estivesse em seu lugar, teria sido duro?

— Duro? Pensa que eu sou um tipo duro? — Tearle tentava dominar a ira que o invadia ante a lembrança das injustiças suportadas, mas não foi fácil

— O que a fez vir até aqui?

Beijou-o no pescoço: — Já disse, vim porque eu não gosto de viver longe de você... você me faz rir.

— Também a fiz rir quando seus irmãos me golpeavam?

— Não, esse dia não eu ri, mas disse imediatamente que queria estar com você, que queria viver com você.

— Até o dia em que acreditaria que sou culpado de outras coisas com respeito a seus adorados irmãos.

— Não, agora me colocaria do seu lado, contra eles se fosse necessário.

Por um momento Tearle permaneceu imóvel, então levantou a cabeça dela e a olhou longa e intensamente, e compreendeu que dizia a verdade.

— E agora o que faremos? — perguntou — Não pode permanecer aqui.

— Ficarei com você onde estiver. Quer brigar? Segui-lo-ei.

Ante essas palavras o homem sorriu. — Não acredito que seja necessário lutar. Mas será se ficar. Meu irmão saberá o que aconteceu hoje e vai querer uma explicação.

— Diga que descobriu que prefere os moços às donzelas e...

— Quem lhe ensinou semelhantes coisas? — Tearle estava escandalizado.

— Anne Marshall— ela respondeu candidamente e continuou: — Oh Tearle, Anne é uma mulher maravilhosa. Sabe muitíssimas coisas, é fascinante e quando fala, Liana e eu prestamos muita atenção.

— Essa mulher deveria manter a boca fechada.

— Sua boca tão formosa? Não acha que é bonita?

— Sim, como a de uma pequena serpente venenosa. Diga-me, como estão as coisas entre ela e seu irmão?

Zared soltou uma gargalhada: — Acredito que Severn gosta dela. Não acredito que ele a compreenda como Liana e eu podemos entendê-la. Porém quando a beija ou se afasta com ela, tenho a impressão que às vezes o provoca precisamente para segui-la até seu quarto.

Neste ponto Tearle riu. Talvez seu engano consistira em escutar as mulheres. Talvez devesse ter se comportado como Severn: quando uma mulher fala é necessário levá-la para a cama.

— O que mais Anne lhe ensinou?— perguntou.

— Resolveu o enigma — respondeu Zared.

— Estou certo que Anne seja hábil em resolver enigmas porque é inteligente — disse Tearle. — De que enigma se trata?

Apesar do propósito de ser uma esposa perfeita, Zared o olhou desgostosa por sua ignorância: — O enigma dos Peregrine.

— Perdoe minha estupidez, mas não conheço sua família como você conhece.

— Aposto que seu irmão conhece muito bem o enigma dos Peregrine.

Tearle não replicou e esperou que explicasse melhor.

Repetiu o enigma. — Anne me disse que quando veio ao castelo de Moray não tinha nada para fazer. Acredito que Severn temia uma fuga, assim...

— Fazia bem em se preocupar — murmurou Tearle.

Zared ignorou a interrupção.

— Anne disse que o vermelho, era pela cor do cabelo— já que Tearle parecia não compreender, seguiu: — O vermelho e o branco, as cores do cabelo. O primogênito de Rogan e Liana tem o cabelo...

— O menino que salvei?

— Esse menino tem o cabelo avermelhado como seu pai, mas o segundo tem o cabelo negro, como a mãe de Rogan. O enigma especifica: — Quando o vermelho e o branco ficarem negro...entende agora? O cabelo de Rogan é avermelhado, o de Liana é muito loiro, quase branco.

Tearle sorriu: — E a segunda estrofe?

— Quando o negro e o ouro se unirem...

— O cabelo de Severn é loiro e o de Anne é escuro.

Zared o olhou com admiração pensando que seu marido era verdadeiramente muito inteligente: — A terceira estrofe se refere a você e a mim: — Quando o único e o vermelho se unirão.

Tearle de novo sorriu: — Certo, seu cabelo é avermelhado e portanto eu seria o único....mas não entendo, eu não sou o único, admitindo que — único— signifique ser único filho Howard. Qual é a última estrofe do enigma?

— Eles saberão.

— O quê?

Antes de responder Zared esperou um momento e então explicou :

— Liana e Anne acreditam que a estrofe significa: — Saberão de quem são as propriedades.

Não ousava olhá-lo; se os seus irmãos ganhassem, seu marido perderia todos os seus bens. Não era fanática por possuir essas terras, mas doeria se Tearle as perdesse.

Assim como doeria se os seus irmãos perdessem algo que era seu por direito.

Tearle leu o seu pensamento: — É um verdadeiro dilema, certo?

Ele não disse que estava contente com a ideia de que para ela esta situação se transformara em um dilema. Até poucos meses atrás Zared não teria dúvidas sobre quem tinha direito a propriedade... estava convencida que as terras pertenciam a seus irmãos e que o homem com quem se casou, poderia ir ao diabo, no que lhe dizia respeito. E agora Tearle estava feliz ao ver que a jovem tinha dúvidas.

Abraçou-a com força: — Não se preocupe, meu amor. No momento oportuno saberá o que tem que fazer.

— Sei distinguir as coisas corretas das incorretas! - Exclamou ela com desdém, mas o jovem a sossegou com um beijo.

Nesse momento a porta se abriu e entraram quatro de seus homens, e se horrorizaram com o que viram: seu patrão estava beijando um moço....tudo o que viam de Zared na verdade, era seu cabelo curto que aparecia pela coberta.

Tearle percebeu seus olhares e começou a explicar, mas percebeu que não sabia o que dizer. Não podia apresentar Zared como sua esposa, uma Peregrine, nem podia levantar o manto e mostrar que era uma mulher.

Pela primeira vez Zared viu seu marido sem palavras e não perdeu a ocasião para divertir-se.

Enrouqueceu a voz e disse a Tearle: — Milord... dará de presente a armadura que me prometeu, agora que tenho feito ... isto por você?

Tearle a olhou atônito, enquanto seus homens tossiam perturbados. Olhou-os e perguntou em tom brusco: — O que querem?

— Lady Jeanne quer que se encontre com ela porque seu irmão está morrendo.

Enquanto Tearle descia da cama e começava a se vestir, Zared não disse nada. O enigma dizia que quando o único e o vermelho se unissem saberiam. Se o irmão de seu marido morresse, Tearle seria o único Howard vivo.

Quando terminou de vestir-se, Tearle virou para olhá-la e disse: — Permaneça aqui, não abandone o quarto. — Fez uma pausa, logo acrescentou: — Posso confiar em você, ou devo fazer com que a vigiem?

Era suficientemente inteligente para saber o que poderia acontecer se Oliver Howard soubesse de sua presença no castelo. Enquanto esse homem estivesse vivo, também estaria vivo seu ódio pelos Peregrine.

—Não me moverei — assegurou ignorando os olhares dos homens as costas de Tearle. Teria tempo mais tarde, para demonstrar a eles quem era realmente.

Tearle se inclinou para beijá-la, mas ergueu-se imediatamente, consciente da presença de estranhos.

— Espero que você mantenha sua promessa — disse e depois saiu.

Ao ficar sozinha Zared se recostou sobre as almofadas olhando ao seu redor. Por essa casa, sua família e a de Tearle haviam lutado e pago com a morte, odiando-se.

Deitou-se de barriga para baixo e fechou os olhos. Seu marido já não a odiava, e esta era a única coisa que lhe importava no mundo.... poucos minutos depois, dormiu.

Capítulo Dezesseis

Zared não podia explicar o que a despertou. Não foi um ruído, porque quando abriu os olhos não escutou nada. Era noite, por isso o quarto estava mergulhado em sombras; olhou ao redor mas não viu nada estranho. Estava por fechar de novo os olhos, quando de repente se sentou, cobrindo-se com a manta.

Aos pés da cama havia uma mulher, uma bela mulher velha que usava um singelo vestido parecido com aquele que Zared vira sua mãe usar. A mulher a olhou e sorriu docemente.

Queria devolver o sorriso, mas se conteve: a mulher era transparente. Sim, através de seu corpo Zared podia ver as tapeçarias penduradas na parede à esquerda da porta!

Começou a rezar, enquanto o sorriso abandonava o rosto da mulher, que olhava Zared como se estivesse perturbada por tê-la assustado. Dirigiu-se para a porta, virou-se e depois de ter feito um sinal a Zared para segui-la, desapareceu atrás da parede de carvalho.

Zared permaneceu onde estava, paralisada, sem nenhuma intenção de mover-se, na realidade pensava que nunca conseguiria fazê-lo.

Ainda estava tremendo quando a mulher reapareceu aos pés da cama. Esta vez em seu olhar havia impaciência, e de novo fez um gesto para Zared segui-la.

A jovem moveu a cabeça negando; certamente se encontrava frente ao fantasma de uma Howard, ela tinha que saber que era uma Peregrine. Definitivamente não a seguiria.

A desconhecida abriu a boca e Zared levantou as mãos como se quisesse proteger o rosto. Daquela boca saíam chamas?

Pouco depois baixou as mãos e viu que a mulher ainda estava aos pés da cama, e que em seu rosto havia uma expressão doce, paciente e em um momento também levantou suas mãos, mas seu gesto era de súplica.

— Não! - murmurou Zared — Não quero ir com você.

O olhar da mulher era implorante, mas Zared gritou: — Não! Não irei com você.

Neste ponto a mulher olhou ao redor como se procurasse algo. Zared temia enlouquecer, mas ao mesmo tempo começava a acostumar-se a aquela presença e conseguiu perguntar: — O que procura?

Ela indicou os cabelos de Zared.

—Sim, são curtos... cortei de novo para poder me reunir com meu marido. Voltarão a crescer.

A mulher voltou a indicar os cabelos de Zared, sem que esta conseguisse entendê-la, embora tentasse imaginar o que queria dela, porque alguma coisa queria.

- Esta situação é pior que um enigma — murmurou Zared, e diante daquelas palavras a mulher assentiu com um rápido movimento da cabeça.

—O enigma?— replicou Zared e a outra assentiu de novo. — Tem algo a ver com o enigma? — perguntou à jovem e o fantasma assentiu pela terceira vez.

Zared repetiu em voz baixa as palavras do enigma e quando chegou à última estrofe olhou a mulher, vendo através dela a mesa de madeira de carvalho.

— Então... sabe algo — disse e seu rosto se animou. — O irmão de meu marido morreu, e ele agora é o “único Howard”.

A mulher assentiu e em seu rosto apareceu uma expressão de alívio porque Zared tinha entendido.

— Portanto está aqui para me explicar...

A mulher outra vez assentiu.

Zared se recostou nas almofadas e fechou os olhos. A solução do enigma estava ao alcance de sua mão... finalmente saberia a quem pertenciam às propriedades... e dirigindo-se a Deus perguntou por que seria precisamente ela. Se a solução tivesse sido transmitida a Rogan ou a Severn, teriam sabido o que fazer... mas ela? Havia dito a Tearle que Rogan havia mudado, que parte de seu ódio tinha desaparecido, mas era verdade? Se Rogan tivesse tido a prova do fato que as terras lhe pertenciam, a teria tirado de Tearle, transformando este último em um mendigo?

Abriu os olhos e viu que a mulher não se movia e parecia esperar pacientemente que Zared tomasse uma decisão.

Zared suspirou, pensando que era inútil divagar... tinha sido escolhida para receber a explicação do enigma.

Desceu lentamente da cama e começou a vestir suas roupas masculinas... talvez fosse melhor saber. Logo olhou para a mulher e disse: — Estou preparada.

A mulher devolveu o olhar e Zared pensou a princípio que não aprovava seu vestuário, mas logo compreendeu que provavelmente a mulher era uma parente dela e de Tearle, uma vez que ambos eram primos... pelo que observou de sua descendência. Zared estava contente que a mulher nunca a houvesse visto antes, porque significava que nunca a espiara.

A mulher deslizou através da parede, mas Zared abriu a porta e olhou para o corredor. Estava deserto, mas iluminado por tochas nas paredes. Seguiu na ponta dos pés o fantasma que a precedia como se flutuasse.

Percebeu que a seguiu através dos corredores do castelo por horas. De repente se assustou: quatro cães saíram precipitadamente de uma sala, mostrando os dentes e dirigindo-se para ela. Antes que pudesse fugir apareceu a mulher que se interpôs entre ela e os animais, que se afastaram. Por um momento Zared sentiu que os joelhos tremiam muito para que pudesse caminhar, mas a mulher lhe deu um olhar impaciente e finalmente conseguiu segui-la.

Percorreram largos corredores, passando diante de salas iluminadas, e chegaram na parte antiga do castelo. Ali reinava a escuridão e a julgar pelo pó e as teias de aranhas não devia ser usado. Um camundongo passou sobre os pés de Zared, mas a jovem nem percebeu. Que importância podia ter um camundongo quando seguia um fantasma?

Finalmente a mulher parou e com um gesto da mão indicou o que Zared acreditou ser uma porta, mas não conseguiu distinguir nada. Entretanto abriu a boca de terror, enquanto a mulher começava a girar sobre si mesma,

sempre mais depressa e seu corpo parecia cada vez mais luminoso. Quando parou resplandecia o sol.

Olhou Zared que tremia, estendeu uma mão, tocou seu braço e com um gesto decidido indicou a portinha que agora era visível.

Zared fez o possível por controlar-se e estendeu a mão para a maçaneta da porta.

Esta se abriu facilmente e Zared, tremendo, obrigou-se a entrar.

Era um aposento feio, parecia que ninguém havia entrado por anos, as cortinas estavam cobertas de teias de aranhas e no canto viu alguns morcegos, enquanto o vento entrava pelos vidros quebrados de uma enorme janela.

Zared olhou à mulher, cujo corpo agora brilhava menos; não estava certa... mas pareceu que tinha os olhos cheios de lágrimas. Então os fantasmas choravam?

A mulher pareceu apertar os lábios. Agitou uma mão e outra vez para o horror de Zared o aposento se transformou. Não estava mais sujo e escuro, tinha retomado seu antigo aspecto. As cortinas da cama eram de uma bela cor nata, o piso brilhante e as tapeçarias das paredes como novos.

O primeiro instinto de Zared foi subir na cama e esconder-se sob as mantas, mas algo lhe disse que o que via era só uma ilusão, que as cortinas ainda estavam cobertas de teias de aranhas.

Respirou profundamente e olhou à mulher: — O que quer me mostrar?

Ela se aproximou de uma das paredes e indicou a tapeçaria... Zared compreendeu que a mulher queria que ela a levantasse... apenas tocou e a tapeçaria se soltou da parede.

Parecia limpa e resistente, mas na realidade estava corroída pela umidade.

Zared a levantou e deu um passo para trás; a mulher se dirigiu para a parede e estendeu uma mão. Zared seguiu com o olhar a direção que essa mão

indicava... mas só viu um muro.

— Há algo lá embaixo? — perguntou.

A mulher assentiu.

— Não vejo nada.

Neste ponto a mulher voltou a girar sobre si mesma e Zared, assustada, exclamou:

— Não ... por favor... olharei.

Ela pareceu compreender e parou, enquanto Zared percorria a mão sobre o muro, procurando. Finalmente seus dedos pousaram numa pequena ranhura.

— Preciso voltar para procurar uma ferramenta... não posso mover a pedra.

Parecia que o pânico se apoderava da mulher. Moveu-se em direção da porta, apoiou-se nela para bloquear os passos de Zared.

Ela compreendeu que o fantasma tinha razão. Havia demorado muito tempo para chegar até aquele aposento, logo Tearle a procuraria, percebendo que não o obedeceu; iria se zangar e provavelmente poria um sentinela para impedir que se afastasse novamente.

— Tem razão— disse. — Não posso ir. Há alguma ferramenta aqui?

A mulher pareceu refletir uns minutos, então se dirigiu a um baú encostado na parede e o indicou. Zared se inclinou, abriu e viu que só continha um novelo de lã e agulhas para tecer. Levantou um par:

— Quer que mova a pedra com estas agulhas para tecer?

A única resposta que recebeu foi um sorriso e o sorriso dessa mulher era tão humano que não pôde deixar de devolvê-lo e perguntar:

— Talvez seja minha avó? — A mulher assentiu e Zared sorriu de novo: — Parece com o filho mais velho de Rogan...— Teve de novo a impressão que

os olhos da mulher se enchiam de lágrimas, mas não soube dizer com certeza porque nesse instante a mulher havia desviado o olhar.

Aproximou-se da parede e usando duas agulhas de tecer, começou a escavar. Estava tão compenetrada em seu trabalho, que não ouviu o ruído da porta que se abria. Nem tampouco os passos que se aproximavam dela, e ante as palavras de Tearle sobressaltou:

— Posso saber o que está fazendo?

Virou-se e o olhou: — Deu-me um susto de morte. Está vagando para me espiar?

—Espiondo, você diz? Em minha casa? Prometeu não abandonar meu quarto. Como pode encontrá-la?

— Deve ter me seguido. Seu irmão está...?

— Está morto.

— Assim agora possui todas estas riquezas.

—Manchadas de sangue — ele interrompeu em tom de amargura.

Zared, não sabendo o que dizer, olhou ao redor e viu que o aposento estava sujo novamente, como o viu quando entrou, o fantasma desaparecera, mas na parede ardiam duas tochas.

— O que faz neste aposento? — Tearle perguntou.

— A pessoa que me seguiu não disse?

O homem sorriu: — Não podia ver nada na escuridão, enquanto você tem os olhos de um gato.

Zared compreendeu que o homem não tinha visto o fantasma.

— Como pôde encontrar este aposento? Dizem que está habitada por um fantasma. Quando meninos nos desafiávamos... perguntando-nos um aos

outros se teríamos coragem de entrar.

— Viu o fantasma?

Antes de responder, Tearle a olhou de forma estranha:— Um dia tive a impressão de ter visto uma mulher neste aposento. Olhava-me com muito interesse.

Talvez quisesse ver que aspecto tinha seu descendente, pensou Zared, mas não disse nada e respirou profundamente :

— Não estou certa, mas talvez os documentos que provam a legitimidade do matrimônio de minha avó estejam escondidos atrás desta pedra.

O homem abriu a boca para perguntar como sabia, mas a fechou e depois de um minuto de silêncio disse: — Veio para minha.... para estar perto deste aposento? Para poder encontrar os documentos graças aos quais pode provar que as terras pertencem ao seu irmão?

— Não — respondeu com voz muito baixa. — Voltei porque queria viver com você. Não sabia da existência deste aposento. Esta noite fui ... conduzida até aqui.

Olhou-a intensamente, não perguntou quem a tinha conduzido ao aposento ou o que queria dizer com essas palavras, mas sabia que Zared havia dito a verdade. Extraiu a adaga de sua cintura e começou a remover o cimento da pedra e depois de um momento, unindo suas forças, conseguiram movê-la.

Tearle levantou a pedra e a colocou no chão, então pegou uma das tochas e levantando-a viu dois grandes livros de registros. Estendeu a mão para tomar um, mas Zared quase gritou:

— Não! Volte a pôr a pedra onde estava. Não quero saber.

— Não quer saber ... o que? — perguntou em voz baixa.

— Não quero saber quem é o legítimo proprietário. Este castelo deveria... tudo isto deve permanecer com você.

— Não. Se os registros demonstrarem que seus avós estavam legalmente casados, tudo deve pertencer ao seu irmão e não a mim.

Levantou uma sobrancelha e prosseguiu:— Não me quer dizer que é uma mulher ávida de riquezas.

— Não quero esta riqueza para mim... que fariam meus irmãos com uma propriedade como esta? Só sabem de guerra. Devia ter visto como estava descuidado o Castelo de Moray antes da chegada de Liana. Rogan descuidaria e arruinaria este belo lugar.

— Privá-lo-ia do que lhe pertence legitimamente por um pouco de sujeira?

— Não... isso não tem importância. Eu temo o que Rogan pode fazer a você. Poderia jogá-lo daqui, poderia proibi-lo para sempre de voltar a pôr um pé entre estas muralhas.

Tearle colocou uma mão debaixo do queixo.

— Tenho a casa de minha mãe. Viverá lá comigo?

— Sim...— sussurrou ela. — Irei com você, a qualquer lugar que vá, mas...

— Mas o que?

— Perderá seu título. Não será duque. É algo que um homem dá muita importância.

— Provavelmente é algo a que o seu irmão deseja muito, e meu irmão dava tal importância a ponto de matar por isso. Eu sou diferente. Ainda não entendeu que eu sou acomodado? — Sorriu. — Desejo só uma bela casa onde possa viver comodamente e uma esposa que me ame. Nunca desejei outra coisa. Eu gostaria de ter filhos com os quais pudesse ir caçar um dia, e de filhas que tocariam para mim quando estivesse muito velho para tocar eu mesmo. Eu gostaria de viver o suficiente para conhecer meus netos.... não desejo outra coisa da vida.

Zared o olhou e compreendeu que dizia a verdade. Nunca quis participar da guerra, nem das matanças, nem do ódio... e de repente sentiu que ela pensava igual a ele. Queria afastar-se desse enorme castelo, das riquezas que continha, porque como Tearle havia dito, estavam manchadas de sangue... só queria viver na casa de Tearle. O breve período que tinha vivido nessa casa tinha sido o mais feliz de sua vida.

Pensou nos filhos que trariam ao mundo e cresceriam, as moças que não teriam que vestir-se de homem para salvar sua vida e os moços que não morreriam em batalha, ainda antes de converter-se em homens.

— É o que eu também desejo — disse em voz baixa. Deu um passo para trás enquanto ele extraía o primeiro registro da cavidade do muro.

Quando Tearle o abriu e começou a folhear as páginas amareladas, Zared conteve a respiração, observou-o enquanto lia e quando terminou esperou. Finalmente Tearle a olhou e em voz baixa disse: — O título de duque é de seu irmão.

Zared respirou mais tranquila e sorriu: — Quer que voltemos para casa?

Devolveu o sorriso. Não eram muitas as mulheres que amavam um homem o suficiente para renunciar a ser duquesa. Rodeou-a com os braços e a atraiu para si.

Olhando por cima do ombro de Tearle, Zared viu o fantasma de sua avó e sorriu. A mulher devolveu o sorriso e assentiu com a cabeça, como se estivesse satisfeita e então desapareceu.

Tearle afastou-se um pouco de sua mulher e pegou uma de suas mãos entre as suas:

— Sim, voltemos para casa e comecemos a pensar nesses meninos.

Ela sorriu radiante e juntos deixaram o aposento com as mãos entrelaçadas.

Fim

Série Peregrine

1 – O Amor de Lady Liana

2 – A Conquista



Sobre a autora

Jude Deveraux é autora de mais de quarenta novelas - de ambientação tão histórica como contemporânea - que figuraram nas listas de livros mais vendidos do New York Times, muitas delas publicadas pela Vergara, tais como: O cavaleiro da brilhante armadura, A sedutora, O corsário, Não esqueça o passado, Tentação, O refúgio e A árvore das Amoras, as duas últimas na coleção Seda. Jude começou a escrever em 1976 e na atualidade tem publicados mais de quarenta e cinco milhões de exemplares de seus livros, em numerosos idiomas.

Vive com seu filho Sam, de cinco anos, na Carolina do Norte. Criou uma tradição de best sellers com cada uma de suas novelas, sendo que cada novela supera a anterior em reconhecimento e em vendas. GANHOU notoriedade na década de oitenta narrando a vida dos irmãos Montgomery com o que ganhou numerosos prêmios, entre eles o prêmio Romantic Teme pela melhor saga romântica histórica. Jude nasceu em Fairdale, Kentucky. Sua família se mudou quando ela tinha 7 anos e sempre sentiu falta da numerosa família que deixou para trás. Felizmente para sua família, descobriu a arte de contar histórias e começou a criar seu próprio e popular mundo através de histórias ambientadas na época medieval e também em lugares fantásticos. Esta vivida imaginação catapultou a esta talentosa autora, convertendo-a em uma das escritoras que mais prêmios ganhou e cujos livros estão continuamente nas listas dos bestsellers.



GRH

Grupo de Romances Históricos

Para entrar neste grupo, enviar e-mail para moderacaogrh@yahoo.com.br

Todos os livros deste Grupo foram encontrados na web e traduzidos sem fins lucrativos de fãs para fãs.

A comercialização deste produto é estritamente proibida.

OceanofPDF.com

Table of Contents

[Grupo de Romances Históricos](#)

[OceanofPDF.com](#)